



**UNIVERSIDADE
DO SUL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
SÍLVIA RÉGIA CHAVES DE FREITAS SIMÕES**

**VIDA CIGANA: ASPECTOS QUE CONFIGURAM AS ATUAIS DINÂMICAS DAS
MUDANÇAS DOS CIGANOS BRASILEIROS**

**Palhoça
2014**

SÍLVIA RÉGIA CHAVES DE FREITAS SIMÕES

**VIDA CIGANA: ASPECTOS QUE CONFIGURAM AS ATUAIS DINÂMICAS DAS
MUDANÇAS DOS CIGANOS BRASILEIROS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, da Universidade do Sul de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Ciências da Linguagem.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Dilma Beatriz Rocha Juliano.

Palhoça

2014

S61 Simões, Sílvia Régia Chaves de Freitas, 1960-
Vida cigana : aspectos que configuram as atuais dinâmicas das mudanças
dos ciganos brasileiros / Sílvia Régia Chaves de Freitas Simões. – 2014.
290 f. : il. color. ; 30 cm

Tese (Doutorado) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Pós-
graduação em Ciências da Linguagem.

Orientação: Prof^a. Dra. Dilma Beatriz Rocha Juliano

1. Identidade. 2. Cultura. 3. Ciganos. I. Juliano, Dilma Beatriz Rocha,
1960-. II. Universidade do Sul de Santa Catarina. III. Título.

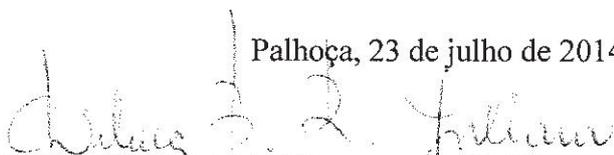
CDD (21. ed.) 301

SÍLVIA RÉGIA CHAVES DE FREITAS SIMÕES

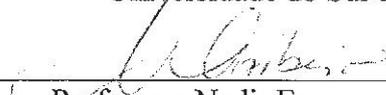
**VIDA CIGANA: ASPECTOS QUE CONFIGURAM AS ATUAIS DINÂMICAS DE
MUDANÇAS DOS CIGANOS BRASILEIROS**

Esta Tese foi julgada adequada à obtenção do título de Doutor em Ciências da Linguagem e aprovada em sua forma final pelo Curso de Doutorado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina.

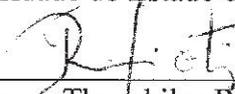
Palhoça, 23 de julho de 2014.



Professora e orientadora Dilma Beatriz Rocha Juliano, Doutora.
Universidade do Sul de Santa Catarina



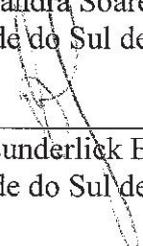
Professora Nadir Esperança Azibeiro, Doutora.
Universidade do Estado de Santa Catarina



Professor Theophilos Rifiotis, Doutor.
Universidade Federal de Santa Catarina



Professora Alessandra Soares Brandão, Doutora.
Universidade do Sul de Santa Catarina



Professora Deisi Scunderlick Eloy de Farias, Doutora.
Universidade do Sul de Santa Catarina

*Dedico esta pesquisa
ao Povo Cigano*

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente a todos que deram voz e sentido à pesquisa. Em Sousa, a Pedro Maia, Francisco Soares Figueiredo, Francisco Vidal Pereira, Luiz Costa, José de Maris e Pollyana Figueiredo. Em Trindade, a Jesus Cigano, Índio Rufino e esposa, Minervina Machado, Sandra. E em Brasília a Elias Alves.

Também agradeço aos jornalistas da Rádio Senado, Celso Cavalcante e Larissa Bortoni.

Gratidão à amiga Sônia Magalhães de Goiânia e ao jornalista da Rádio Progresso de Sousa, Mario Gibson Barbosa de Lima por terem feito as pontes para o encontro com os sujeitos.

Um agradecimento especial a Francisco Vidal Pereira, o Nestor Cigano pela generosidade e pelo exemplo de humildade e dedicação.

Agradeço à Prof.^a Dr.^a Dilma Beatriz Juliano, por seu compromisso intelectual e pelas contribuições com o meu projeto, e em seu nome agradeço a todos os professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Aos colegas da turma 2009 da linha dos Estudos Culturais, sou grata pelos momentos de descontração, de risos, e de amizade. Um agradecimento especial ao colega da linha Texto e Discurso, Flávio Lucio Giovanella.

Agradeço à Universidade do Sul de Santa Catarina na pessoa do coordenador do curso Prof. Dr. Fábio José Rauén.

Outras pessoas contribuíram ainda nessa caminhada, por isso sou grata à Prof.^a Dr.^a Rosângela Azevedo Corrêa, da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília; a Luciano von der Goltz Vianna, Fred Stapazzoli e Sarah Cartagena, pelo trabalho atento no texto; ao Walmir pelo apoio tecnológico; à Gerci Scobar. E a Cristina De Lucia e David De Bella pelas boas energias.

Agradeço por fim, à minha família por compreender as ausências e os silêncios. À Clara pela disponibilidade e generosidade constante e incansável. À Beatriz pelo apoio nos momentos em que o tempo era o maior inimigo. Ao Anand, que do seu jeito torcia para que tudo desse certo. E ao Paulo, por compartilhar angústias e obstáculos e principalmente, por seu exemplo de alegria e de entusiasmo com a vida.

*Aqui, corre nas veias da gente tudo um sangue só.
Eu gosto muito dos ciganos, de todos, de todo canto. Porque todos nós somos irmãos.*
Luiz Costa

*O mais importante e bonito, do mundo, é isto:
que as pessoas não estão sempre iguais,
ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre
mudando.*
Guimarães Rosa

*Onde quer que eu vá, com quem quer que eu vá,
possa eu ver a mim mesmo como menos que os outros,
e do fundo de meu coração possa eu considerá-los supremamente preciosos.*
Dalai Lama

RESUMO

A pesquisa problematiza as configurações da identidade cigana brasileira contemporânea, com o propósito de compreender possíveis alterações em seu modo de vida. A vida cigana, nesse sentido, é entendida nos aspectos culturais da origem, tendo o nomadismo como elemento principal. São observadas também questões relacionadas à educação formal, à espiritualidade e à relação dos jovens com as mídias. Essas configurações são as narrativas de vida de ciganos situados em Sousa na Paraíba, na cidade goiana de Trindade e em Brasília, DF. Na metodologia para coleta e análise das narrativas buscou-se inspiração na história oral. Isso fez com que a identidade étnica fosse percebida por meio de articulações da memória, onde o movimento de voltar ao passado fez emergir elementos da tradição ancestral que, confrontados com aspectos contemporâneos, permitiu identificar deslocamentos e rasuras na identidade tradicional. Nessa compreensão a identidade cigana é traduzida em multiplicidade constitutiva, forjada por relações conflitantes que demandaram reelaborações constantes no modo de vida cigana.

Palavras-chave: Vida cigana. Ciganos. Pós-modernidade. Cultura.

ABSTRACT

The research discusses the settings of contemporary Brazilian Gypsy identity, in order to understand possible changes in your way of life. The Gypsy life in this sense is understood in the cultural aspects of the origin, having nomadism as the main element. Issues related to formal education, spirituality and the relationship of youth with the media are also observed. These settings are the life narratives of Gypsy located in the Sousa (state of Paraíba, Brazil), in the city of Trinity (state of Goiás, Brazil) and Brasília (Federal District in Brazil). For the methodology to collect and analyze the narratives, it has been inspired in the oral history. This meant that ethnic identity was perceived by the memory joints where movement of return to the past sprouted elements of ancestral tradition. That faced with contemporary aspects allowed us to identify displacements and erasures in traditional identity. That understanding the Gypsy identity is translated into constitutive multiplicity forged by conflicting relationships that required re-elaborations constant mode gypsy life.

Keywords: Gypsy life. Gypsies. Postmodernity. Culture.

LISTA DE SIGLAS

EC	Estudos Culturais
DAP	Declaração de Aptidão ao PRONAF.
DHNET	Direitos Humanos na Internet.
CCDI	Centro <i>Calón</i> de Desenvolvimento Integral.
CNPIR	Conselho Nacional de Promoção da Igualdade Racial.
CONAPPIR	Conferencia Nacional de Políticas de Promoção da Igualdade Racial.
MACI	Missão Amigos dos Ciganos de Curitiba.
MEC	Ministério da Educação.
MERCOSUL	Mercado Comum do Sul.
MINC	Ministério da Cultura.
MMA	Ministérios do Meio Ambiente.
PAA	Programa de Aquisição de Alimentos.
PNAE	Programa Nacional de Alimentação Escolar.
PPGL-UNISUL	Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem.
PRONAF	Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar.
RENECI	Rede Nacional para Evangelização de Ciganos.
SECAD	Secretaria de Diversidade Identidade.
SEHAP	Secretaria Estadual de Habitação Popular.
SID/MinC	Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural.
SEPPIR	Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial
UNISUL	Universidade do Sul de Santa Catarina.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - “Nestor Cigano” e sua esposa Wigna. Sousa/PB, (2013).....	87
Figura 2 - Casa de taipa de um morador de <i>Rancho</i> , comunidade cigana de Sousa, PB, (2013).	91
Figura 3 - Sr Francisco Soares de Figueiredo ao lado de sua casa no <i>Rancho de cima</i> , em Sousa, PB, falando sobre as carências da comunidade e de planos para o futuro (2013).	93
Figura 4 - Centro <i>Calón</i> de Desenvolvimento e Integração em Sousa, PB (2013).	94
Figura 5 - Sr. Luiz Costa, rezando em uma criança cigana.....	99
Figura 6 - Sr. Luiz Costa, rezando em uma mulher no <i>Rancho de baixo</i> ,.....	99
Figura 7 - Sr. Pedro Maia. O patriarca mais velho da comunidade.....	109
Figura 8 - Crianças ciganas brincando no quintal de casa,.....	112
Figura 9 - Precariedade das habitações do <i>Rancho</i> , Sousa, PB (2013).	114
Figura 10 - Abraão Amarante e Mundico.....	115
Figura 11 - Minervina Machado e sua filha, em sua casa,	130
Figura 12 - Lançamento do Programa “DF Alfabetizado” em 2011.....	139
Figura 13 - Entrega de certificados da 1ª turma	140
Figura 14 - Alunos ciganos da Escola Municipal Dom Veloso.....	140
Figura 15 - Pais ciganos, levando os filhos para a escola.	141
Figura 16 - Elias Alves, de chapéu, sua esposa e ciganos da comunidade cigana do Distrito Federal. Momento em que participavam da III CONAPIR, Conferência Nacional de Promoção e Igualdade Racial em Brasília, DF. Novembro de 2013.....	144

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES COM O PROBLEMA/OBJETO	16
1.2 DELIMITAÇÕES DO PROBLEMA/OBJETO	18
1.2.1 Contribuições dos Estudos Culturais como aporte teórico	19
1.2.2 A opção metodológica e a abordagem qualitativa	24
1.3 A REPORTAGEM	26
1.4 TRILHAS QUE LEVAM AO PASSADO	29
1.5 IDENTIDADE CIGANA ATRIBUÍDA	34
2 CIGANOS DO BRASIL	39
2.1 CULTURA E IDENTIDADE NA PÓS-MODERNIDADE	39
2.1.1 Pós-modernidade: algumas percepções	40
2.2 NOMADISMO E SEDENTARIZAÇÃO.....	44
2.2.1 Nomadismo e território	44
2.2.2 Nomadismo cigano e capitalismo	50
2.3 A FÉ QUE REMOVE CULTURA.....	54
2.3.1 Religiosidade: ritos e mitos	54
2.3.2 Os mitos dos filhos do vento	58
2.4 JOVENS@CIGANOS.COM.BR	65
2.4.1 Jovens e mídias	65
2.5 EDUCAÇÃO CIGANA	74
3 CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA DO SUJEITO	83
3.1 A CONDIÇÃO <i>SUBALTERNA</i> E A <i>AUTORREPRESENTAÇÃO</i>	83
3.2 ACIONANDO A REDE DE RELAÇÕES.....	84
3.3 <i>PELAS LINHAS DA MÃO</i> : CARTOGRAFANDO A FALA E A VIDA DOS SUJEITOS	86
3.3.1 A história do grupo	88
3.4 CIGANOS DE SOUSA: DEMANDAS E CONQUISTAS	112
3.5 OS CALÓNS DE TRINDADE	119
3.5.1 A História do grupo	120
3.5.2 Situando a Comunidade	121
3.5.3 Cada um por si e Deus por todos	129
3.6 POLÍTICAS PÚBLICAS: DEMANDAS E AÇÕES	134

3.6.1 Conferência Nacional de Promoção da Igualdade Racial	143
4 MARCAS E SINAIS PARA TRADUZIR AS DINÂMICAS DE MUDANÇA..	149
4.1 VIDA CIGANA: UM OLHAR COMPARTILHADO.....	149
4.2 BRASIL: UM PAÍS DE TODOS	154
REFERÊNCIAS	158
APÊNDICES	170
APÊNDICE A - Roteiro exploratório dos ciganos de Sousa, PB	171
APÊNDICE B - Roteiro exploratório dos ciganos de Trindade, GO.....	172
ANEXOS	173
ANEXO A - Transcrição de áudio do Radiodocumentário: "O Povo Cigano do Brasil".....	174
ANEXO B - Carta de Brasília	272
ANEXO C - Guia Cigano.....	274

1 INTRODUÇÃO

Esta tese está inscrita na Linha de Pesquisa Linguagem e Cultura, do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, da Universidade do Sul de Santa Catarina (PPGL-UNISUL). Seu percurso é feito a partir da investigação de alguns aspectos que caracterizam essa minoria étnica e suas relações com os processos contemporâneos, procurando identificar os possíveis efeitos da pós-modernidade sobre o coletivo cigano brasileiro. A análise da relação entre cultura e sociedade surgiu a partir da necessidade de aprofundar o trabalho que vem sendo realizado desde o mestrado¹, intitulado: *Educação cigana: Entre-lugares entre a escola formal e comunidade étnica*. Ele traz uma análise sobre as ideias de educação representadas pela comunidade cigana² – residente no município de Palhoça, SC – focalizando os significados e ambivalências emergentes na relação entre educação formal e comunidade étnica.

Na pesquisa percebeu-se que os ciganos, por ser uma etnia ágrafa, possuem um conjunto de elementos culturais que vão sendo reproduzidos por meio da tradução oral e que se trata, portanto, de um processo contínuo de educação. Esses elementos, no entanto, não fornecem os aportes suficientes para que eles consigam efetivar sua relação com a sociedade não-cigana quando precisam fazer, em direção à mesma, os *deslizamentos* necessários à sua sobrevivência. No que diz respeito a sua relação especificamente com a escola observou-se tratar-se de uma relação que precisa ser trabalhada e aprofundada. Ficou evidente que, mesmo diante dos *obstáculos* impostos – de um lado pelos componentes étnicos e de outro pela burocracia educacional brasileira – os ciganos vêm estabelecendo, mesmo que de forma fragilizada e fragmentada, uma relação com a mesma.

Foi possível identificar também que essa relação tem produzido diferentes discursos nos quais se busca atribuir responsabilidades pelas dificuldades e impossibilidades que a permeiam. Dessa forma procura-se justificar que essas dificuldades advêm das orientações que os ciganos recebem de seus familiares, no sentido de que ler e escrever, além de saber contar, é suficiente. Por outro lado,

¹ Educação Cigana: Entre-lugares entre Escola e Comunidade Étnica. Dissertação de mestrado em Ciências da Educação. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2007.

² Cabe ressaltar que na tese usa-se ciganos para se referir à generalidade étnica, porque assim eles se autodenominam. No entanto, há especificidades relativas a origem, assim os grupos ciganos mais conhecidos no Brasil são: Os Kalon, os Rom, os Kalderash, os Matchuaya entre outros.

verificam-se as falas daqueles que atribuem ao despreparo da escola, o fato de ela não conseguir fazer os *deslizamentos* necessários para o interior das culturas, na busca de possíveis espaços de mediações.

No que se refere à relação dos ciganos com os processos de aprendizagem intraétnico, observou-se que eles ocorrem desde cedo, a caracterizar-se, a princípio, na relação mãe-filho. É da mãe que a criança cigana recebe as primeiras noções sobre os elementos que compõem sua etnia. São eles: a língua, os ritos e os mitos. Numa fase seguinte surgem outras orientações, dessa vez com recorte de gênero. Isso implica que os conteúdos das meninas irão se diferenciar dos conteúdos dos meninos, em que para elas elementos como obediência e submissão³ serão preponderantes.

Nesse período surge também, a aproximação com a escola. O termo aproximação é usado aqui por ser o que melhor expressa a relação dos ciganos com a mesma. Além do pouco tempo que a frequentam, eles não conseguem aprofundar seus laços, por motivos de ordem cultural, social e histórico.

Sobre os valores que atribuem à escola, observou-se que reconhecem a sua importância, e que da maneira como está constituída, a escola atende às suas necessidades. Entretanto, compreendem que o tratamento que recebem diferencia-se dos demais. Nesse sentido é que reivindicam, não que sejam tratados de maneira igual, já que são diferentes mas, que a equidade ocorra na forma respeitosa com a qual todas as pessoas devem ser tratadas.

Por fim, percebeu-se a complexidade que permeia a relação dos ciganos com as sociedades não-ciganas, e que para entendê-la é importante conhecer os aspectos que a constituem. Nesse sentido foi que, usando o nomadismo como fio condutor, buscou-se conhecer o universo cigano e suas dinâmicas atuais de identidade.

No conjunto das representações sobre ciganos é possível identificar sentimentos que vão do fascínio que exercem por seu estilo livre de viver, por seu aspecto exótico e misterioso; ao temor e desconfiança, fruto dos estigmas construídos a partir do desconhecimento e da intolerância. Isso denota o lugar que as sociedades ocupam, enquanto elemento constituidor de sentidos sobre identidades culturais. Portanto, investigar os contextos dessas sociedades, suas questões e seus efeitos na forma como os ciganos são representados e se representam, significa situar a pesquisa em um terreno incerto, fluido, escorregadio.

³ Historicamente a posição das mulheres nos grupos ciganos é hierarquicamente inferior à dos homens.

A pesquisa pretende, portanto, conhecer elementos que compõem o universo cigano, mas busca compreender, também, em que consistem as sociedades ditas pós-modernas, no intuito de perceber como se dão as relações dos ciganos com os indivíduos e ambientes não-ciganos. O termo pós-moderno será utilizado para se referir às sociedades contemporâneas. A esse respeito, Melucci (1996) observa que essa variação refere-se a uma questão linguística, oriunda de uma indecisão teórica que não se restringe somente à nomeação. Essa indefinição linguística surgiu na medida em que os paradigmas usados na compreensão da sociedade não possibilitaram mais interpretar as mudanças pelas quais ela vinha passando.

Investigar a relação dos ciganos com questões contemporâneas constituintes das sociedades pós-modernas torna essa pesquisa relevante uma vez que fornece elementos que permitem melhor compreensão desse contexto. Bem como, das transformações pelas quais vêm passando, em decorrência das relações com as demais sociedades não-ciganas, que sofrem transformações tão profundas e aceleradas. Nessa perspectiva, a pesquisa se justifica por sua especificidade e pelas contribuições que pretende fornecer à formulação teórica e metodológica das pesquisas sobre ciganos.

Os ciganos, por muito tempo, foram mantidos e mantiveram-se à sombra de sociedades que se negavam a percebê-los. O termo perceber, nesse caso, possui uma dimensão mais ampla do que uma mera constatação visual. Trata-se do estranhamento das sociedades em relação ao diferente, de uma minoria cidadã que historicamente vem sendo subtraída de seus direitos. Mesmo com o passar do tempo, os ciganos continuam sendo considerados pelos não-ciganos como pessoas estranhas, diferentes, esquisitas e, principalmente, não confiáveis.

Bauman (1999a), em *Modernidade e Ambivalência*, observa que as comunidades socialmente estruturadas têm dificuldades em compreender pessoas que estejam deslocadas, que não possuem lar, raízes. É o caso dos ciganos, que por serem, em sua maioria, nômades enquadram-se naquilo que o autor chama de *estranho*. O *estranho* em questão difere tanto do forasteiro quanto do estrangeiro, já que ambos, mesmo fazendo constantes deslocamentos, têm um local de origem, uma comunidade com a qual estarão para sempre ligados por meio de representações simbólicas, elementos culturais definidos pela origem, etc.

O *estranho* é visto com desconfiança que, ao ser transformada em receio, exige que se criem algumas estratégias que minimamente possam proteger os ditos *normais*. Desse modo, é que se ergue o que Bauman (1999a) intitula de cercas culturais.

Essas cercas, portanto, têm a tarefa de manter o *estranho* a certa distância mental. Para tanto é também criada a *concha de exotismo*, que nada mais é do que um lugar imaginado, instituído, onde são presos, enclausurados, todos aqueles que apresentem *sinais ocultos* indecifráveis. Sobre os *estranhos* muitas coisas são ditas, falsas verdades são erigidas, criando, dessa forma, o *estigma*.

Bauman enfatiza por fim que a instituição do estigma “[...] serve eminentemente à tarefa de imobilizar o estranho na sua identidade de outro excluído”. (BAUMAN, 1999a, p. 78). Observando as colocações do autor, percebe-se como a figura do *estranho*, e todo o processo que disso decorre, cai como uma luva nas representações historicamente construídas sobre os ciganos.

No entanto, cabe a ressalva de que os ciganos mesmo sofrendo todas as consequências do *estigma* criado em seu entorno conseguiram utilizar isso em benefício próprio. Foi exatamente em sentimentos como medo, desconfiança e nojo, que os ciganos se ancoraram para estabelecer uma *distância saudável* em relação às outras culturas. Pode ser que essa minoria étnica seja uma das poucas que conseguiu converter o *estigma* em aliado.

Apesar de não se referir aos ciganos, essa estratégia é percebida por Levi-Strauss (1978) como uma capacidade desenvolvida pelos chamados *povos primitivos*, que ele prefere chamar de “povos sem escrita”. Essa capacidade, segundo o autor, emerge quando eles se confrontam com condições materiais adversas. Quando isso ocorre, os povos sem escrita buscam compreender o mundo que os envolve, a natureza, bem como a sociedade em que vivem. Essa percepção e leitura da realidade é o que possibilitará que elaborem suas estratégias de sobrevivência (LEVI-STRAUSS, 1978, p. 26).

Por muito tempo, os ciganos se habituaram a lidar com situações de discriminação, perseguição e violência. Com o processo de globalização e seus efeitos sobre as identidades, também os ciganos têm sido atravessados por outras modalidades de questões que estão fora do seu contexto étnico, mas que, ao mesmo tempo, fazem parte de suas vidas por estarem inseridos numa dinâmica maior que é a dinâmica das sociedades pós-modernas. Uma das questões que mais tem se destacado nas discussões sobre os efeitos da pós-modernidade sobre o coletivo cigano é o nomadismo. No contexto social e histórico que situa a presença cigana nos espaços rural e urbano, o nomadismo era praticado em diversos locais do país. Esses locais eram usados como

espaço temporário, como parte de uma territorialidade específica dos grupos de determinada região.

Entretanto, contrariando essa forte característica, os ciganos estão cada vez mais se sedentarizando, ou por que não dizer, sendo sedentarizados pelos processos assimiladores dessa sociedade de *iguais*, apesar dos processos desiguais que a constituem. A sedentarização, nesse sentido, é apenas uma das transformações pelas quais os ciganos pós-modernos estão passando. Presume-se que outros elementos constituintes dessa etnia podem estar se modificando, diante dos complexos desafios presentes nas sociedades contemporâneas.

Partindo dessa hipótese é que esta tese começou a ser tecida, tendo como *objetivo geral* compreender as configurações sociais, culturais e históricas de ciganos brasileiros contemporâneos, situados em algumas regiões do país, e a partir daí investigar: *Quais seriam os fatores que estão implicados nas possíveis alterações, de costumes e hábitos desse coletivo*. Nesse intuito, definiu-se como objetivos específicos:

- Investigar e sistematizar aspectos sociais, culturais e históricos que constituem os ciganos brasileiros.
- Conhecer e caracterizar em que se constituem os debates contemporâneos sobre pós-modernidade; cultura; identidade; etnicidade.
- Identificar e interpretar questões emergidas a partir do intercruzamento de aspectos sociais e históricos dos ciganos brasileiros com as sociedades pós-modernas.

A tese está estruturada em quatro capítulos. Na *Introdução*, apresenta os sujeitos, objeto dessa investigação, explicitando aspectos culturais, sociais e históricos que permitem pensar a etnia cigana situada na formação da nação brasileira e nas transformações da referida cultura na sua dinâmica histórica.

Em *Ciganos do Brasil* é o lugar da ancoragem teórica para pensar os ciganos em sua dimensão cultural e histórica. Evidenciam-se elementos fundantes do ser cigano como o nomadismo, território, religiosidade (mitos e ritos). Bem como, aborda questões mais contemporâneas como a relação dos jovens ciganos com as mídias e uma nova percepção da educação. Essa análise teve como base os episódios da radioreportagem *O povo cigano no Brasil*.

No capítulo *Constituição identitária do sujeito* apresenta-se, na primeira parte, uma discussão sobre a condição subalterna e a autorrepresentatividade. Na segunda parte explicitam-se as narrativas dos ciganos entrevistados, situados nos municípios de Sousa na Paraíba e de Trindade em Goiás. Discutem-se também demandas e ações no contexto da relação dos ciganos com as políticas públicas brasileiras.

No último capítulo, *Marcas e sinais para traduzir as dinâmicas de mudança*, são apresentadas sistematizações e interpretações emergidas das reflexões da pesquisadora no processo de elaboração da pesquisa. Discutem-se ainda, demandas e ações no contexto da relação dos ciganos com as políticas públicas brasileiras. Os elementos dessa análise são oriundos da pesquisa de campo realizada pela pesquisadora.

Por compreender a relevância das falas que deram sentido e contribuíram para a construção da pesquisa, constam em anexo dois relatos narrativos coletados pela pesquisadora. Além disso, apresenta-se a transcrição de seis episódios da radioreportagem *O povo cigano do Brasil*, que constituiu parte da base de dados da pesquisa, e que estão disponíveis na íntegra em áudio no site da Rádio Senado. Nos anexos também constam documentos e registros que têm relação com as políticas públicas para ciganos do Brasil.

1.1 PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES COM O PROBLEMA/OBJETO

Como primeiro movimento de aproximação com o problema/objeto, escolheu-se como material de análise uma radioreportagem sobre ciganos do Brasil, realizada pela Rádio Senado em 2010, e ganhadora do prêmio Roquete Pinto de rádio. A radioreportagem nos foi sugerida por Flávio Lucio Giovanella⁴, que se deparou com ela em suas buscas na internet e prontamente nos repassou o site da Rádio Senado. A reportagem é constituída de doze episódios nos quais se evidenciam aspectos históricos, sociais, culturais e políticos da cultura cigana. Os diversos olhares presentes na radioreportagem possibilitam ao ouvinte conhecer os diferentes significados atribuídos a essa cultura. Permitem também que os próprios ciganos falem de sua tradição e principalmente exponham suas dificuldades e seus temores, contribuindo, dessa forma, com a percepção e problematização das múltiplas configurações dos ciganos brasileiros.

⁴ Lúcio Flávio Giovanella é fotógrafo, e colega do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina/UNISUL.

A radioreportagem *O povo cigano no Brasil* é relevante na medida em que reflete o papel da mídia nas sociedades contemporâneas. Mesmo se tratando de material midiático (editado) – cujos efeitos de sentido foram elaborados a partir das condições de produção em que foram gerados – a reportagem serve para pensar uma identidade cigana mais humana, mais real, em outra configuração⁵.

No conjunto de episódios que compõem a reportagem é possível identificar elementos que confluem com questões propostas para a pesquisa. Dessa forma, selecionaram-se num primeiro momento alguns aspectos da cultura cigana na contemporaneidade que sinalizavam possíveis pontos de conflito com as características ciganas ancestrais. Considerou-se significativo para a pesquisa, em princípio, conhecer os responsáveis pela radioreportagem e assim conhecer aspectos que constituíram o seu contexto de produção, e que provavelmente não apareceriam no produto final.

Nesse sentido, os jornalistas foram contatados por *e-mail* e telefone, e assim realizou-se a primeira entrevista, por *e-mail*, com o jornalista Celso Cavalcante. Na referida entrevista, Celso disse que a escolha em fazer uma radioreportagem com ciganos tinha como objetivo mostrar a realidade de um povo que ao mesmo tempo em que é tão discriminado, exerce um enorme fascínio sobre as pessoas. Explicou também que um dos papéis da Rádio Senado é dar voz às diversas parcelas da população, inclusive para as menos favorecidas. Por fim, o jornalista enfatizou que apesar da estimativa de existência de um milhão de ciganos no Brasil, havia a perspectiva de realizar uma matéria inédita, pois não se tinha conhecimento de nada parecido em termos de trabalho jornalístico no país.

Por sugestão e a convite de Celso, em 2011, realizou-se uma entrevista na Rádio Senado, em Brasília, com Larissa Bortoni, uma dos cinco jornalistas responsáveis pela reportagem. Com essa visita da pesquisadora à Rádio Senado tiveram início as entrevistas exploratórias para esta tese. Na ocasião, repetiu-se a pergunta feita a Celso: “Como surgiu a ideia de realizar uma reportagem com ciganos?” Larissa explicou:

A gente viu o edital do prêmio e foi procurar um tema não muito abordado na mídia. Como atuamos na esfera pública temos muita vocação para fazermos reportagens com essas questões sociais, e procuramos muito a questão das pessoas à margem da sociedade. Chegamos então aos ciganos, e resolvemos ir conhecer. Estive em acampamentos ciganos no Espírito Santo e em Porto Seguro. Em Espírito Santo estivemos no Fundão e na Bahia em Porto Seguro.

⁵ Registra-se, ainda, que nas entrevistas do trabalho de campo foi possível perceber ressonâncias entre o contato direto e as falas dos mesmos na radioreportagem.

[...] Escolhemos esse tema, para mostrar à sociedade essa população brasileira tão à margem da cidadania a qual o governo deveria oportunizar, a qual não só eles, mas outros pobres do Brasil são privados. (BORTONI, 2011).

Outro contexto de aproximação com o universo cigano se abriria a partir de mediações com pesquisadores, lideranças ciganas e interessados nessa temática. Esses espaços ocorreram em seminários, congressos e encontros onde foi possível conhecer e refletir sobre a compreensão que indivíduos de tão diferentes áreas têm da cultura cigana. Nesse sentido, a ocasião que mais representou o exposto anteriormente foi o seminário *Ciganos: uma história invisível*, realizado pela Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UNB), em abril de 2012.⁶ Esses momentos marcam também a troca de experiências, o fortalecimento de propósitos, e propostas dessa pesquisa de doutoramento.

1.2 DELIMITAÇÕES DO PROBLEMA/OBJETO

O primeiro contato com as informações obtidas na reportagem da Rádio Senado permitiu delimitar com mais propriedade o recorte da pesquisa. No processo de aproximação com os conteúdos dos episódios que compõem a radioreportagem, percebeu-se que algumas delas convergiam para questões que começaram a ser tecidas na pesquisa de mestrado e incorporadas na investigação atual, como ponto de partida do conhecimento já obtido. Essa identificação de questões colocava o desafio de analisá-las a partir de outras epistemes. Cabe ressaltar, que os dados apresentados na radioreportagem são de extrema relevância por terem sido coletados em diferentes regiões do país, e por terem possibilitado que os próprios ciganos falassem sobre sua tradição e suas vidas. Isso é muito importante à medida que se compreende que, por muito tempo, a história dos ciganos foi contada por outras vozes, nem sempre pautadas pela veracidade e pelo respeito.

Disso resulta que, ainda nos dias atuais, muitos ciganos acreditam que algumas vozes continuam fortalecendo estigmas e cristalizando preconceitos. Essas percepções reforçam a necessidade de que ocorram outras angulações sobre esse

⁶ I Conferência Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário. Sousa, PB, 2013. Simpósio sobre Formação de Professores, V SIMFOP-UNISUL, Tubarão, SC, 2013. Seminário Nacional Discurso Cultura e Mídia - Jornada de Pesquisas em Curso, UNISUL, Palhoça, SC, 2012. Ciclos de debates Faculdade de Educação da UNB, Brasília, DF, 2012; VI Seminário Integrado e Interinstitucional Ciência e Cultura. UNISUL, Palhoça, SC, 2011; II Congresso Internacional de Letras PPGL, UNESP, São José do Rio Preto, SP, 2011.

universo tão rico, mas ao mesmo tempo tão calejado pelas marcas do tempo. Nesse sentido, as entrevistas configuram-se como espaços privilegiados para se refletir sobre as concepções que os próprios ciganos têm de si mesmos, como ocorreu no caso da radioreportagem. Isso leva a imaginar o processo de pesquisa (entrevistas, análise, etc.) como uma oportunidade de atribuição de sentidos, da possibilidade de investigação de nomeações, de construções sociais equivocadas.

Nessa perspectiva, a pesquisa buscou situar as falas num contexto que contribuísse para a desmistificação de visões estereotipadas, e para a ampliação da compreensão das expressões que caracterizam os ciganos. A demarcação do problema/objeto desta tese, portanto, é fruto de percepções emergidas de aproximações com grupos ciganos de duas regiões do Brasil: Centro-Oeste e Nordeste, e com pesquisadores e interessados na temática.

1.2.1 Contribuições dos Estudos Culturais como aporte teórico

Os Estudos Culturais surgiram na Inglaterra, tendo como um de seus principais protagonistas Raymond Williams e Edward P. Thompson. O surgimento dos Estudos Culturais teve dois fatores determinantes. O primeiro foi a nova organização do campo das relações sociais, a partir dos efeitos do capitalismo nas formas culturais que surgiam, enfraquecendo com isso o poder cultural das elites (SCHWARZ, 2000).

O segundo fator foi supostamente, a falência do império britânico que em 1956, após uma guerra contra o Egito, viu diminuir drasticamente seu poderio territorial. Isso fez com que grandes contingentes de imigrantes das colônias fossem para a Inglaterra, gerando muitas questões de ordem social e política. A efervescência social e suas questões passariam a ser o centro das discussões de um coletivo de intelectuais britânicos. Estes passariam a perceber as relações sociais vigentes, a partir de outra perspectiva. Foi desse movimento que surgiu o que Stuart Hall chama de Nova Esquerda, “de fato a Nova Esquerda britânica emergiu em 1956 no momento do desmantelamento de todo um projeto histórico-político” (HALL, 2013, p. 223).

As questões que emergiam a partir do colapso do império britânico foi o que, de acordo com Cevalco (2003), levou Raymond Williams a dar os primeiros passos na direção da materialização dos Estudos Culturais, enquanto campo de pesquisa. Foi mais precisamente a constatação da inexistência, naquele momento histórico, de formações teóricas que se debruçassem sobre questões relevantes na

relação entre cultura e sociedade. Ele percebeu que as reflexões existentes apresentavam a cultura como algo à parte da sociedade.

Os Estudos Culturais nasceram, portanto, com a proposta de instituir uma nova maneira de lidar e de falar sobre as novas complexidades da vida cultural (CEVASCO, 2003). Williams de fato atribuía outra dimensão à noção de cultura vigente na época. Em *The Long Revolution*, ele conceitua cultura de duas formas. Na primeira, a cultura é concebida como um conjunto de descrições pelas quais as sociedades expressam suas vivências comuns. Nessa formulação a cultura é definida como um processo social, onde ocorrem as trocas de significados e assim, é percebida como algo *comum*, ordinário (HALL, 2013). Na segunda definição, a cultura assume um caráter mais antropológico, Williams a vê como prática social, como processo. A esse respeito Stuart Hall (2013) coloca que, apesar de certos tipos de antropologia perceberem a cultura como uma prática, como a soma descritiva dos costumes, para ele é o resultado de inter-relacionamentos culturais, e não de práticas isoladas. O que se dá pelo fato de ela estar perpassada por distintas práticas sociais.

Nesse sentido, Hall (2013) ressalta que o paradigma dominante dos Estudos Culturais, se opõe ao paradigma marxista, ao perceber a cultura como sentidos e valores que emergem das relações e *entendimentos* que se dão entre as classes e grupos sociais. Pensar essas relações, a partir de uma perspectiva ampliada de cultura constituir-se-ia no primeiro projeto dos Estudos Culturais britânicos.

Os Estudos Culturais britânicos buscaram evidenciar a relação entre formações sociais e investigação, e como isso ocorre. Questões como essas iriam configurar os Estudos Culturais como um espaço político, legitimado por sua proposta político-pedagógica fundada a partir de um processo oriundo de um momento histórico específico protagonizado pelos movimentos sociais. Em uma mobilização a favor de direitos à cidadania e à democracia, particularmente no âmbito do acesso aos espaços de formação.

O campo dos Estudos Culturais surge de forma institucionalizada com o Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS). Fundado em 1964 na Inglaterra por Richard Hoggart, o Centro seria um espaço de pesquisa de pós-graduação, vinculado ao English Department da Universidade de Birmingham.

O trabalho teórico do Centre for Contemporary Cultural Studies era mais apropriadamente chamado de “ruído teórico”, sendo acompanhado por uma

quantidade razoável de sentimentos negativos, discussões, ansiedades instáveis, e silêncios irados (HALL, 2013, p. 221).

As pesquisas girariam em torno de questões já mencionadas no projeto político-pedagógico. Essas questões estão presentes em três livros, que são referência sobre os Estudos Culturais, são eles: *The Uses of Literacy* (1957), escrito por Richard Hoggart; *Culture and Society* (1958) de Raymond Williams; *The Making of the English Working-class* (1963) de Edward P. Thompson.

Em relação a essas obras, cabe ressaltar que, apesar de todas tratarem da mesma temática, no caso da cultura, cada uma a aborda de maneira distinta. Hoggart por exemplo, faz um trabalho de caráter relativamente autobiográfico, apesar de apresentar a trajetória histórica da cultura de meados do século XX. O inusitado no livro do autor é a atenção que ele dá aos elementos culturais advindos das camadas populares. Ele inova ainda ao abordar os meios de comunicação de massa em uma perspectiva de resistência, em lugar de submissão e recepção passiva. Posteriormente esse aspecto seria investigado por autores como Martín-Barbero, Beatriz Sarlo, Canclini, dentre outros.

Já Williams, apresenta uma espécie de mapa, no qual é possível perceber as mudanças da vida social e política. *Cultura e Sociedade*, como observa Hall (2013) criou uma tradição, “cultura-e-sociedade” que para Williams era mais do que um mapa, era um registro histórico. Edward Thompson por sua vez, poria em evidencia aspectos da historiografia marxista inglesa, a história do trabalho e da economia. Sobre esse livro, Hall, (2013) fala de sua relevância, na medida em que, ao apontar questões relativas à consciência, à cultura e à experiência, causou um tipo de ruptura com a forma de “evolucionismo tecnológico”, com o “economicismo reducionista”, e com o “determinismo organizacional” (HALL, 2013).

Outra contribuição fundamental para os Estudos Culturais está em *The Long Revolution* (1961). Nessa obra Raymond Williams avança na demonstração da intensidade do debate contemporâneo sobre o impacto cultural dos meios massivos, mostrando certo pessimismo em relação à cultura popular e aos próprios meios de comunicação. Stuart Hall, ao se referir a esses livros fundantes dos Estudos Culturais, explica que eles não foram elaborados para se tornarem livros didáticos. Coloca que esses livros, particularmente os três primeiros, foram respostas às questões sociais que eclodiam de todas as direções.

Eram, claro, textos seminiais e de formação. Não eram em caso algum, ‘livros-textos’ para a fundação de uma nova sub-disciplina acadêmica: nada poderia estar mais distante de seu impulso intrínseco. Quer fossem históricos ou contemporâneos em seu foco, eles próprios, constituíam às pressões imediatas do tempo e da sociedade em que foram escritos, ou eram focalizados ou organizados por tais respostas (HALL, 2013, p. 145-146).

Nessas obras, ressalta Hall (2013), os autores pensaram a *cultura* a partir de outra perspectiva, ao redimensionarem as relações dessa com a sociedade e com a história. Foi por meio dessa expansão, que os Estudos Culturais adentraram nas ciências humanas, naturais e tecnológicas, amparados em campos teóricos da antropologia, da linguística, da filosofia, da literatura, dentre outras. Esse movimento dos Estudos Culturais em direção às distintas áreas denota o caráter interdisciplinar de sua constituição o que não significa, como observam Sardar e Van Loon (1998), que “qualquer coisa pode ser estudos culturais, ou que estudos culturais podem ser qualquer coisa” (SARDAR; VAN LOON, 1998, p. 09).

Ainda sobre a perspectiva da interdisciplinaridade, cabe ressaltar que é por causa dela que os Estudos Culturais não adotam nenhum método específico. Eles se apropriam daquele(s) que melhor respondam às suas questões. Ao comentar sobre a abrangência dos Estudos Culturais, Stuart Hall (2013) explica que essa amplitude é o que permite que os mesmos coloquem em tensão permanente questões políticas e teóricas.

Essas questões circunscrevem-se em temáticas relacionadas às culturas populares, à comunicação de massa, bem como, às questões de gênero, de identidade, geracionais, étnicas e de classe, etc. Elas podem ser identificadas na trajetória histórica desse campo de estudos e de outros também, como relata Hall (2003):

Os Estudos Culturais não começaram sozinhos. Surgiram relacionados a outros movimentos da época como as políticas de cultura, o feminismo, os estudos multiculturais, sobretudo aos estudos pós-coloniais, enfim, a uma enorme gama de novos trabalhos críticos nas ciências humanas. Vejo os Estudos Culturais como um poderoso fio nessa trama (HALL, 2003).

Os Estudos Culturais expandiram-se mundo afora e, por conta de uma suposta *dispersão teórica*, passaram a ser criticados. Talvez por esse motivo, alguns intelectuais tenham tido problemas de se auto identificarem com eles. Como foi o caso dos autores latino-americanos. Na América Latina, Néstor García Canclini, e Jesús Martín-Barbero foram os precursores dos Estudos Culturais, mesmo não assumindo

nenhuma filiação a eles, como afirma Martín-Barbero (1997) ao dar uma entrevista a Ellen Spielmann:

Nós tínhamos estudos culturais há muito tempo. Na América Latina - no campo da comunicação a partir do livro de Pascuali nos anos 60 - existe uma percepção de que os processos de comunicação eram processos culturais. Houve um momento em que Althusser e todas essas coisas apareciam na América Latina, e os percebemos de maneira muito obscura. Esse foi meu caso. Eu não comecei a falar de cultura porque me chegaram coisas de fora. Foi lendo Martí e Arguedas que eu a descobri e com ela os processos de comunicação que deveria compreender. Nenhum se ocupava dos meios: estavam na festa, na casa, na cantina, no estádio. O primeiro que me mostrou certa contextualização foi Gramsci, e logo descobri em uma viagem de estudos, Thompson, Raymond Williams, William Hogarth, os três pais dos Estudos Culturais ingleses. Os conheci no final dos anos 1970 (MARTÍN-BARBERO, 1997, tradução nossa).

De fato, foi somente a partir dos anos 1990 que alguns pesquisadores latino-americanos iriam se identificar com os Estudos Culturais, dentre eles, Beatriz Sarlo, Yúdice, e Renato Ortiz. Mesmo com algumas especificidades e apesar das crises de negação de identificações, os Estudos Culturais latino-americanos identificar-se-iam com os britânicos. É que, respeitando as devidas diferenças, os objetos que compõem suas análises eram muito semelhantes. Questões como, identidade, tradição e modernidade, consumo cultural, eram recorrentes nesses estudos. No que se refere às especificidades dos estudos latino-americanos, pode-se citar questões relativas à democratização e abertura política, à comunicação e ao surgimento do Mercosul como bloco econômico. Questões de gênero, geracionais e étnicas também marcaram fortemente o debate dos Estudos Culturais da América.

Mas, os embates dos Estudos Culturais também ocorreram a nível interno e foram pautados por discussões sobre o lugar da mulher nos espaços políticos, por questões raciais e por questões linguísticas. Stuart Hall (2013) conta que, a “virada linguística” (descoberta da discursividade, da textualidade) provocou disputas teóricas acirradas no Centre for Contemporary Cultural. Ele diz que, apesar dessas disputas terem causado a saída de alguns estudiosos do Centro, elas foram importantes para a compreensão dos novos conceitos.

Os ganhos decorrentes desses conceitos são decisivos para compreender como a teoria veio a ser desenvolvida nesse trabalho. [...] os progressos teóricos decorrentes dos encontros do trabalho estruturalista, semiótico e pós-estruturalista: a importância crucial da linguagem e da metáfora linguística para *qualquer* estudo da cultura [...] são enormes avanços teóricos (HALL, 2013, p. 233).

Stuart Hall (2013), apesar de reconhecer as contribuições da reconfiguração da teoria linguística para os estudos da cultura reconhece que qualquer trabalho nesse âmbito vai se desenvolver de forma descentrada, numa área de deslocamentos constantes.

1.2.2 A opção metodológica e a abordagem qualitativa

Por se tratar de uma pesquisa com uma minoria étnica ágrafa, cuja oralidade continua sendo um de seus mais fortes aspectos, percebeu-se que as referências conceituais da *história oral* poderiam contribuir com a pesquisa diante da possibilidade de captar a experiência dos sujeitos (narradores), e de evidenciar seus mitos, tradições, crenças, lendas, etc. (QUEIROZ, 1987). Thompson (1992) enfatiza que, “a evidência oral, transformando os ‘objetos’ em ‘sujeitos’, contribui para uma história, que não é só mais rica, mais viva e comovente, mas também *mais verdadeira*” (THOMPSON, 1992). A história oral⁷ tem contribuído muito com a história dos ciganos, que, por se tratar de uma minoria historicamente perseguida, teve sua história relatada de maneira equivocada.

O termo história oral, como explica Queiroz (1987), “é termo amplo que recobre uma quantidade de relatos a respeito de fatos não registrados por outro tipo de documentação, ou cuja documentação se quer completar” (QUEIROZ, 1987, p. 272).

O surgimento da história oral, como atividade organizada, deu-se em 1948, com o *Oral History Project*, da Universidade de Columbia, idealizado pelo professor Allan Neves. Posteriormente, nos anos de 1950, ela foi utilizada por sociólogos como W. I. Thomas (1863-1947) e F. Znaniecki (1882-1958), como também por antropólogos, como Frans Vilas Boas (1858-1942) (QUEIROZ, 1987). Mais adiante, nos anos de 1960 e 1970, a história oral difundiu-se particularmente nos Estados Unidos, onde foram abertos vários programas, centros de pesquisas e institutos, consolidando assim esse campo.

Ela cresceu, deixando de ser desenvolvida somente por historiadores americanos, e expandiu-se para diversos países europeus – onde as questões sociais

⁷ “A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. [...] Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. [...]. Em suma, contribui para seres humanos mais completos”. Cf. THOMPSON, 1992, p. 44.

estavam em efervescência – e principalmente para onde havia recursos disponíveis para que ela fosse aplicada. Nesse processo de expansão, a história oral deixou de ser uma metodologia exclusiva da história e passou a ser incorporada por outros campos, como enfatiza Thompson (1992): “O método da história oral é utilizado também por muitos estudiosos, particularmente sociólogos e antropólogos, que não se consideram historiadores orais” (THOMPSON, 1992, p. 104).

No Brasil, a história oral foi apresentada oficialmente em São Paulo em 1971, durante um evento realizado no Museu da Imagem e do Som (MIS), que tinha por objetivo apresentá-la e discuti-la. O texto mais conhecido desse período é *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*, de Ecléia Bosí. Posteriormente, outras obras surgiram, bem como outras universidades, como as federais de Londrina, PR e de Santa Catarina, que passaram a fazer experiências com essa metodologia (THOMPSON, 1992).

A importância da história oral é percebida por Queiroz (1987) como sendo a maior fonte humana de conservação e difusão do saber. A perspectiva da história oral apresenta as histórias de vida por meio dos depoimentos orais, diferenciando dados coletados de técnica com o procedimento. Apesar de ter sido proposta como um recurso que permitisse realizar a investigação da vida social, o que se discute ainda hoje é se a história oral é uma técnica, um método ou uma metodologia.

Nessa direção as discussões sobre a estrutura dessa metodologia ou campo, convergem para aspectos que dizem respeito aos usos do passado, isto é, da memória coletiva. Para Montenegro (1992) os depoimentos orais, histórias de vida ou biografias são formas distintas de um método/metodologia. Dessa forma, é que, em virtude do grande leque de possibilidades e de ferramentas, a história oral pode ser concebida tanto como método, quanto como metodologia. Como metodologia a história oral preconiza como importante, além dos relatos, o contexto. Nesse sentido, a escolha da história oral como metodologia foi feita com o intuito de coletar relatos pertinentes às histórias de vida dos grupos ciganos pesquisados.

Investigar e refletir sobre as configurações e dinâmicas de grupos ciganos brasileiros implicou em romper com os olhares estereotipados, com representações compartilhadas, com os pré-construídos (BOURDIEU, 1983a). Para Bourdieu (2010), como também para alguns autores dos Estudos Culturais, uma das formas mais eficazes para promover essa ruptura é buscar conhecer a história social dos problemas, dos objetos e dos instrumentos do pensamento. É a observação criteriosa da emergência

desses problemas, bem como da constituição progressiva dos mesmos que, após um trabalho coletivo, conferiu-lhes legitimidade (BOURDIEU, 1983a).

A ruptura epistemológica se resume, portanto, em pôr em suspenso as pré-construções vulgares e os princípios utilizados na realização das mesmas. Isso pressupõe uma ruptura com distintos modos de pensamento, sejam estes provenientes do “bom senso comum vulgar” ou do “bom senso comum da ciência” (BOURDIEU, 2010). Para tanto, é importante que ocorra a conversão do pensamento, a revolução do olhar e a ruptura com o pré-construído. O pré-construído muitas vezes surge como um anexo do verdadeiro objeto. Isso não significa ignorar sua existência, muito pelo contrário, é fundamental reconhecer sua presença. Esse reconhecimento é o “ponto de ruptura” (BOURDIEU, 2010), é onde começa a elaboração do *novo* objeto. A elaboração do objeto, nessa perspectiva, pressupõe um conjunto de princípios práticos que irão orientar o trabalho do pesquisador.

Nesse sentido, optou-se em fazer uma pesquisa qualitativa, que contou com recursos metodológicos, tais como estudos teóricos, contatos, observações e entrevistas. Os roteiros das entrevistas com questões norteadoras previamente elaboradas serviram apenas como recurso metodológico. Dessa forma é que nas entrevistas não houve nenhuma preocupação em caracterizar os entrevistados quanto à idade, sexo, ocupação. A liberdade e o respeito pelos entrevistados são pressupostos dos Estudos Culturais, por percebê-los livres para conduzir suas falas ou até mesmo para não falar. Para esse campo teórico, os elementos emergem naturalmente no decorrer da conversa e isso é o que irá evidenciar a relevância que atribuem a eles. A pesquisa consistiu, portanto, em identificar as configurações e as dinâmicas dos grupos ciganos pesquisados, cotejá-las com as falas dos sujeitos das entrevistas da radioreportagem e, a partir disso, analisar algumas questões contemporâneas dos ciganos brasileiros.

1.3 A REPORTAGEM

A Rádio Senado⁸ foi criada em janeiro de 1997 e tem como finalidade a transmissão ao vivo das sessões plenárias e das comissões do Senado Federal, do Congresso Nacional, além de divulgar as atividades realizadas nas dependências da Instituição. A programação inclui noticiários, radiodocumentários, programas culturais

⁸ A referida rádio integra a estrutura da Secretaria Especial de Comunicação Social do Senado Federal – SECS. A emissora transmite sua programação para Brasília e regiões vizinhas.

e peças institucionais, além de uma programação musical com prioridade absoluta para a Música Popular Brasileira. A rádio produz também reportagens especiais que têm como objetivo apresentar assuntos que sejam do interesse da população ou que evidenciem situações de exclusão, discriminação, racismo, etc.

No ano de 2010, a Rádio Senado realizou o radiodocumentário intitulado *O povo cigano no Brasil*. O roteiro do radiodocumentário foi vencedor do prêmio Roquete Pinto do ano de 2010. O referido prêmio tem por objetivo incentivar o radiojornalismo do Brasil e a produção independente, além de estimular a diversidade regional. O radiodocumentário em questão foi idealizado pelo jornalista Celso Cavalcante e elaborado por um grupo de jornalistas da Rádio Senado. Foram entrevistados ciganos pertencentes a diferentes grupos, *Calons*, *Roms* e *Sintis*. Também foram entrevistados, para o programa, pesquisadores e autoridades das áreas da educação, saúde e direitos humanos.

O radiodocumentário perfaz um total de doze episódios, com duração de trinta minutos cada. As entrevistas, de acordo com os jornalistas, não foram estruturadas previamente. Os repórteres dividiram-se em três duplas que partiram para os destinos selecionados com o único propósito de, como explica Celso Cavalcante, “(...) conversar com os ciganos e procurar entender suas demandas e anseios”. Os episódios apresentam a pressuposta origem dos ciganos, sua presença no mundo e a vinda deles para o Brasil. Esses aspectos são narrados sob a ótica de pesquisadores e estudiosos convidados. Há entrevistas com grupos ciganos de diferentes regiões do país que versam sobre os mais variados temas, tais como educação, saúde, direitos, espiritualidade, trabalho, juventude, etc.

A pesquisa foi realizada em quatro regiões do país: Sul, Sudeste, Centro-Oeste e Nordeste. A região Norte não foi incluída no roteiro devido ao baixo número de ciganos vivendo lá. Por se tratar de um trabalho produzido por uma rádio, o produto final é um documentário em áudio, que pode ser acessado na página da Rádio Senado⁹.

Os episódios:

1. A origem dos filhos do sol. Os ciganos no mundo.

A trajetória dos ciganos pelo mundo: a provável saída da Índia, a disseminação pela Europa e o Novo Mundo, o Holocausto e a situação atual desse povo.

⁹ Disponível em: <<http://www.senado.gov.br/noticias/radio>>; <<http://arpub.wordpress.com>>.

2. Brasil. Terra de fulanos, beltranos e ciganos.
A chegada ao Brasil no século XVI, seu estabelecimento e distribuição em nosso país. O papel dos ciganos na história brasileira.
3. A cultura e o seu povo.
Língua, música, dança, valores e rituais únicos. Os ciganos carregam uma cultura singular que influencia e é influenciada pelos países por onde passam. Os aspectos da rica e diversificada cultura mantida pelos ciganos no Brasil e no mundo.
4. Os nômades do Sul. Vida cigana em Santa Catarina.
O cotidiano de acampamentos ciganos no interior de Santa Catarina. De dentro das barracas, as histórias e reivindicações dos ciganos do Sul do país.
5. Os ciganos em São Paulo. As linhas do futuro e a herança do passado.
Em pleno coração financeiro do país, grupos de ciganos tentam conseguir o seu sustento, fazendo *rolos*, lendo a sorte nas palmas das mãos e preservando hábitos seculares.
6. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo dos ciganos.
Em acampamentos no interior do Espírito Santo, as comunidades ciganas começam a receber atendimento de saúde pública, e lutam para garantir áreas disponíveis onde possam montar suas barracas.
7. Os ciganos da terra do descobrimento.
No local onde há cinco séculos os portugueses teriam descoberto o Brasil, os ciganos de Porto Seguro buscam na educação um instrumento contra a desigualdade social e o preconceito.
8. A terra prometida. Os ciganos de Sousa.
Fixadas em Sousa, no alto sertão da Paraíba, mais de 400 famílias ciganas convivem com diversos desafios na busca pela manutenção das tradições e, mais que isso, pela própria sobrevivência.
9. Na terra dos romeiros. A comunidade *Calón* em Trindade de Goiás.
Em Trindade, interior de Goiás, a fé no Divino Pai Eterno é seguida à risca pelos ciganos moradores da cidade, que seguem lutando por reconhecimento e um lugar no mercado de trabalho.
10. Ordem e Progresso. Políticas públicas para os ciganos.

O poder público começa a dar os primeiros passos para permitir que os ciganos saiam da invisibilidade social e conquistem o direito de exercer plenamente sua cidadania.

11. Os ciganos no Senado Federal. Uma tribuna contra o preconceito.
Em maio de 2010, o Senado Federal abriu suas portas para debater a realidade das comunidades ciganas, numa sessão histórica na Comissão de Assuntos Sociais.
12. Os filhos deste solo. Um retrato das comunidades ciganas brasileiras.
Programa resumo da série. Neste compacto, um panorama geral sobre a História e a atual situação dos ciganos no Brasil.

1.4 TRILHAS QUE LEVAM AO PASSADO

José Bonifácio D'Oliveira China¹⁰ (1936), ainda no século XX, já dizia que, apesar dos ciganos estarem há dois séculos presentes no território brasileiro, chegando até a formarem pequenos núcleos em alguns lugares, pouca coisa ou quase nada se sabia sobre eles.

Ático Vilas-Boas da Mota (1982)¹¹, professor e ciganólogo, ao falar sobre a tradição cigana, coloca que é impossível compreender a cultura brasileira sem incluir nessa reflexão as contribuições que os ciganos trouxeram para todas as artes, bem como para as letras, a toponímia, as formas de vestir, o trajar. Isto é, ele afirma a presença de ciganos na formação do estado nacional, nas transformações da cultura, na sua dinâmica histórica. Em estudo mais recente, Elisa Costa ratifica as palavras de Ático ao enfatizar que:

O papel do Povo Cigano enquanto elemento colonizador e, por consequência, construtor do Brasil, não vem sendo tido na devida conta pela historiografia, pese embora a dúplici circunstância da quase permanente rejeição social e da simultânea atração cultural, que tem exercido, e que, sem dúvida, com épocas de fluxo e de refluxo, constitui marca indelével dos séculos da coexistência vivida (COSTA, 2005, p. 153).

Das primeiras obras que tratam sobre ciganos do Brasil, uma das mais importantes é a trilogia *Cancioneiro dos ciganos* (1885), *Os ciganos no Brasil* (1886) e *Fatos e memória* (1909), escrita pelo médico baiano Mello Moraes Filho, que se

¹⁰ Erudito paulista estudioso de filologia e etnologia.

¹¹ Ático Vilas-Boas da Mota é doutor em Letras pela USP, cofundador da Universidade Federal de Goiás.

aproveitando de sua profissão, colheu muitas informações de narrativas orais de ciganos que viviam no Rio de Janeiro nas épocas citadas. Outra obra bastante relevante foi elaborada cinquenta anos depois do primeiro livro da trilogia de Mello Morais. Trata-se do livro escrito por José Bonifácio D'Oliveira China, intitulado *Ciganos do Brasil: subsídios, históricos, etnográficos e linguísticos* (1936). Essa obra traz uma compilação de elementos histórico-culturais e linguísticos sobre ciganos do Brasil, a partir das obras de Mello Morais e Adolfo Coelho.

Os autores mencionados muitas vezes tiveram que recorrer a obras de escritores europeus para escreverem sobre a história dos ciganos no Brasil. Utilizavam-se particularmente de decretos oficiais, onde era possível saber detalhes dos degredos¹² de ciganos para as colônias portuguesas. Foi dessa forma que se tomou conhecimento de que os ciganos que chegaram a Portugal haviam sido expulsos pela Espanha. No mesmo século da chegada dos ciganos expulsos da Espanha, Portugal iniciou o degredo deles para o Brasil. Algumas hipóteses sugerem que esses indivíduos eram descendentes de ciganos indianos, tidos como *ciganos puros*. Essa ideia de *pureza* relembra a estratégia afirmada por Hall (2006), de uma criação ocidental fantasiosa que tende a envolver seus nativos em uma aura de *pureza* e mantê-los reclusos e *intocáveis* em lugares exóticos.

Os planos da Coroa Portuguesa de povoamento e interiorização da Colônia eram comuns nos processos de conquistas, lembrados por Maffesoli (2001), como sendo comuns nos dias atuais:

[...] pode-se ver que algumas culturas ou sociedades vão assumir, muito concretamente, essa ‘pulsão migratória’ e fazer dela, de modo totalmente consciente, o fundamento de seu ser-conjunto. Assim é Portugal, cujo vasto império testemunha o espírito aventureiro [...] (MAFFESOLI, 2001, p. 51).

Antes da Segunda Guerra Mundial, a fome, as epidemias, as perseguições religiosas e políticas e as guerras foram situações que também provocaram a migração das pessoas de forma compulsória. Mas, do pós-guerra e até hoje, as migrações, via de regra, são impulsionadas por fatores econômicos, como observa Sayad (1998) em sua análise sobre migração, mais especificamente, a imigração. Ele percebe a migração, como “um ‘fato social completo’” e sugere que foi o trabalho “que fez ‘nascer’ o imigrante, que o fez existir [...]” (SAYAD, 1998, p. 15-55).

¹² A primeira lei a impor o degredo foi a de 28 de agosto de 1592, na qual se aplicaria o degredo aos homens que passados quatro meses não houvessem se integrado à sociedade. Se não obedecessem à lei, seriam executados e suas mulheres deportadas para o Brasil para sempre.

No caso dos ciganos, o degredo foi uma estratégia articulada por Portugal para se ver livre deles, bem como de outros considerados escórias. Entretanto, *acostumados* com constantes processos de aniquilamento (FRASER, 2005), os ciganos reagiram com um notável poder de adaptação à vinda para o Brasil. Sobre os primeiros ciganos enviados para terras brasileiras, menciona-se um ato governamental português. Trata-se de uma resolução de D. Sebastião no século XVI, e que conforme Adolfo Coelho (COELHO, *apud* CHINA, 1936, p. 58), seria o documento mais antigo em que aparece o nome¹³ de um cigano português com pena de degredo.

O século XVIII foi, na concepção de Adolfo Coelho e Mello Moraes Filho, o período em que Portugal resolveu “aliviar o Reino de tão maus hóspedes” (CHINA, 1936), enviando um numeroso contingente cigano tanto para o Brasil, como também para suas colônias da África e da Ásia. No Brasil, vieram para a Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro. Cabe ressaltar que um ano antes, um decreto que separava homens de mulheres já havia enviado para as capitanias do Ceará, Rio Grande e Maranhão¹⁴ uma quantidade significativa de ciganos.

A certa altura, os ciganos afastaram-se das cidades aonde chegaram e embrenharam-se Brasil adentro, não se sabe se movidos por perseguições ou por vontade própria. Desse período em diante passou-se a ter inúmeras informações sobre ciganos, ou por meio de relatos de viajantes que cruzavam com eles pelas estradas empoeiradas dos sertões; ou por notícias sensacionalistas dos periódicos e jornais da época. Essas notícias vinham de preferência nas páginas policiais, recheadas de narrativas minuciosas de crimes, atentados e insubordinações a eles atribuídas.

Com um pouco mais de traquejo, mas não sem uma dose de preconceito, Mello Moraes (1904), em sua obra *Factos e Memórias*, descreve essas andanças:

Eles seguiam contornando cidades e povoados conservando seus costumes e sua gíria, *praticando suas superstições* e o *banditismo tradicional* [...] carregando tachos de cobre, peças de chita e quinquilharias, fustigando a condução, *arrebanhada aqui e ali, furtada* nesta ou naquela fazenda e *calculadamente dispostas às fraudulentas “parrudas”* (berganhas), acentuam a perspectiva dessas quadrilhas nômades, que *vivem da velhacaria e da pilhagem* (MELLO MORAIS, *apud*, CHINA, 1936, p. 84-85, grifo nosso).

China também contribuiu para o discurso preconceituoso que na época se insurgia sobre o cigano ao fazer a seguinte colocação:

¹³ O dito nome aparece na grafia da época como “Johão Torres”.

¹⁴ Registra-se ainda que os primeiros ciganos desembarcados no Maranhão vinham da África. O decreto desse degredo é datado de 27 de agosto de 1685. Cf. COELHO *apud* CHINA, 1936, p. 62.

A parte curiosa desse documento é a que nos *revela que* em nossas plagas a “*atividade*” desses nômades não se limitou ao furto de animais, na prática do qual, como é sabido, são useiros e vezeiros; *ela foi além*, pois *estendeu-se* também ao furto ou roubo de escravos! Fato sem dúvida, original, e que ainda mais *ressalta* a “*habilidade*”, por assim dizer *inata*, que eles têm para a rapina, encarada sob todos os seus aspectos e particularidades (CHINA, 1936, p. 484, grifo nosso).

Uma questão interessante na obra de China é a classificação que o autor faz em relação ao que denomina de *ciganos nacionais* e *ciganos estrangeiros*. Por *nacionais* ele compreende ciganos portugueses e espanhóis remanescentes do período colonial e que até os dias atuais são conhecidos como *Calons* ou *Kalés*, cujo idioma é o *caló*. Já os *ciganos estrangeiros* são os originários da Europa Central e do Leste, particularmente dos Balcãs. Esses ciganos seriam os *Rom* (*Kalderash*, *Moldovaia*, *Rororanê*, *Sibiaia* e *Matchuaia*) que falam o idioma *romaní*. E os *Sinti* (*Manouch*), mais encontrados na Alemanha, Itália e França, que falam o *sintó*.

Outro ponto curioso que aparece na história dos ciganos no Brasil é a forma como estes se integraram ao cotidiano do Rio de Janeiro. Os estudos de Mello Moraes (1886 *apud* CHINA, 1936) e China (1936) indicam que nessa cidade houve um afluxo muito grande de ciganos e que muitos fixaram residência. Principalmente os que vinham para trabalhar na corte como caldeireiros, fazendo objetos de metal e joias de ouro. Outra atividade que exerciam era a de dançarinos durante as festas no Paço, onde se apresentavam para a nobreza. China (1936) também classificou os ciganos entre os que *trabalham* e os que *não trabalham*. Dentre os que trabalhavam destaca os ciganos *Calón* do bairro do Catumbi.

Os ciganos do Catumbi, atual região central do Rio de Janeiro, ocuparam funções bem definidas no poder judiciário, como a função de *meirinhos*, conforme relata Cristina Costa Pereira¹⁵ (CAVALCANTI et al., 2011b; CHINA, 1939; MELLO et al., 2009):

Os meirinhos, os primeiros oficiais de justiça, nome antigo meirinhos até hoje se usa essa palavra, foram os ciganos, por quê? Era uma profissão maldita, ninguém queria ter. Os ciganos exerciam perfeitamente essa profissão, de ir lá e botar um X na casa da pessoa que estava para sair daquela

¹⁵ Episódio: n. 2. CAVALCANTI, Celso et al. Brasil. Terra de fulanos, beltranos e ciganos. **Rádio Senado**, Brasília, 24 mar. 2011b. Áudio on-line (30 min.). (O Povo Cigano no Brasil, 2). Disponível em: <http://www.senado.gov.br/noticias/Radio/programaConteudoPadrao.asp?COD_TIPO_PROGRAMA=&COD_AUDIO=53059>. Acesso em: 28 mar. 2011.

casa. Eles exerciam esse ofício, detalhe, ofício que o grupo sedentário do Catumbi, que mora no bairro carioca do Catumbi, até hoje exercem, os ciganos oficiais de justiça, donos de tabeliães e tudo mais, eles até hoje estão identificados com essa profissão (CAVALCANTI et al., 2011b).

Atuaram, também, no sistema escravista brasileiro. Essa inserção, de acordo com Mello et al. (2009) significou, além de sua participação nos processos societários, o reconhecimento de sua competência e habilidades. No que diz respeito à posição que ocupavam no sistema de relações sociais em Portugal, os ciganos no Brasil conseguiram fazer rupturas que terminaram por rasurar o estereótipo étnico. Por isso é que essa passagem da vida dos ciganos na relação com o escravismo é muito polêmica. Há ciganos que não aceitam esse fato, por situá-los na história como algozes e dessa forma retirá-los do lugar de vítimas. Há outros que pensam como a cigana e jornalista Marcia Guelpa¹⁶, a *Yaskara*, que afirma com veemência:

Eram escravagistas, vendiam escravos, ganharam muito dinheiro vendendo escravos. Tem uma rua no Rio de Janeiro que se chama Rua do Valongo, era a rua que os ciganos moravam e vendiam escravos. As pessoas iam comprar escravos lá (CAVALCANTI et al., 2011b).

Cabe ressaltar que, na época da escravatura, o comércio de escravos não era considerado ilegal. Portanto, o fato desse aspecto causar desconforto aos ciganos hoje, não altera a posição que essa atividade tinha na época. A participação ativa dos ciganos em diferentes seguimentos, como os descritos, deixa entrever que os estereótipos de malandro, preguiçoso e ladrão não condizem com a realidade, como enfatiza Frans Moonen (2011):

Os documentos históricos provam que, quando lhes era permitido, os ciganos, sedentários ou nômades, sempre exerceram atividades profissionais honestas das mais diversas e em algumas se tornaram até especialistas afamados, por exemplo, os homens como ferreiros, caldeireiros, tratadores de animais e artistas, e as mulheres como quiromantes e cartomantes. Somente quando a sociedade gadjé lhes proibia ou impedia de trabalhar honestamente, o que ainda hoje ocorre frequentemente, os ciganos foram forçados a uma vida ociosa ou a profissões “alternativas” nem sempre tão honestas ou legais assim. Os gadjé, no entanto, parecem enxergar apenas os ciganos que não trabalham, e nunca os inúmeros ciganos que trabalham normalmente, como outro cidadão qualquer (MOONEN, 2011, p. 150).

¹⁶ Episódio: n. 2. CAVALCANTI, Celso et al. Brasil. Terra de fulanos, beltranos e ciganos. **Rádio Senado**, Brasília, 24 mar. 2011b. Áudio on-line (30 min.). (O Povo Cigano no Brasil, 2). Disponível em: <http://www.senado.gov.br/noticias/Radio/programaConteudoPadrao.asp?COD_TIPO_PROGRAMA=&COD_AUDIO=53059>. Acesso em: 28 mar. 2011.

A relação dos ciganos com o poder judiciário e com o comércio do Rio de Janeiro do século XIX mostra a forma como eles conseguiram fazer deslizamentos em direção à sociedade não-cigana. Com isso distanciaram-se do *estatuto de subalterno* e também do grupo de pertença, passando a adquirir um *estatuto operatório*, que lhes possibilitou acessar espaços e práticas sociais diferenciadas (MELLO et al., 2009, p. 79).

1.5 IDENTIDADE CIGANA ATRIBUÍDA

Se na zona urbana os ciganos conseguiram mudar seu status e sua condição de vida, os que seguiram pelas estradas, os nômades, tiveram uma existência extremamente atribulada. Documentos oficiais, boletins policiais e jornais sensacionalistas evidenciavam os percalços pelos quais passavam, os sofrimentos, as humilhações e principalmente o estigma. Goffman (2004) ao comentar sobre as contribuições dos meios de comunicação na reprodução de estigmas e a resistência ou indiferença com que os coletivos discriminados reagem a elas, coloca: “Ele carrega um estigma, mas não parece impressionado ou arrependido por fazê-lo. Essa possibilidade é celebrada em lendas exemplares sobre os menonitas, os ciganos, os canalhas impunes e os judeus muito ortodoxos” (GOFFMAN, 2004, p. 9).

Desse processo de exclusão e marginalização o que resultou foi o que se pode chamar de *identidade atribuída*.

[...] a identidade é uma realidade sempre presente em todas as sociedades humanas. [...] A definição de si (autodefinição) e a definição dos outros (identidade atribuída) têm funções conhecidas: a defesa da unidade do grupo, a proteção do território contra inimigos externos, as manipulações ideológicas por interesses econômicos, políticos, psicológicos etc. (MUNANGA, 1994, p. 177-178).

Nessa identidade a atribuição recorrente, que inclusive permanece até hoje, é a de ladrões de crianças. Existem algumas hipóteses sobre esse imaginário. A mais aceita é a de que moças da sociedade, particularmente do período colonial, diante de gravidez indesejada, enjeitavam seus filhos e os abandonavam para os ciganos criarem. Dessa forma, é que, não raro, percebiam-se crianças loiras de olhos claros em meio a crianças ciganas de pele e cabelos escuros.

Perguntada sobre a veracidade dessa atribuição, uma cigana catarinense¹⁷ respondeu que os ciganos sempre tiveram uma luta árdua pela sobrevivência, e que dificilmente iriam criar mais problemas para si roubando filhos dos outros.

Esse aspecto negativo, e outros mais, encontram lugar de ancoragem na literatura, que possibilitou que se criasse um conjunto de representações fantasiosas e equivocadas, e fez com que os ciganos fossem vistos como desumanos e selvagens. É o caso de Miguel de Cervantes (1613), que em sua conhecida obra *A cigainha*¹⁸ faz a seguinte colocação:

Os ciganos e as ciganas, parece, vieram a este mundo só para serem ladrões; nascem de pais ladrões, criam-se entre ladrões, estudam para ladrões e, finalmente, saem-se ladrões exímios – ladrões da cabeça aos pés. O prazer de furtar e o furto são neles como acidentes inseparáveis, que só desaparecem com a morte (CERVANTES, [19--], p. 13).

No Brasil, Manuel Antonio de Almeida (1831-1861), no clássico *Memórias de um sargento de milícias*, descreve os ciganos como um povo sem escrúpulos, velhaco e ladrão. Mas, e a literatura contemporânea? Até o momento, é possível afirmar que no campo da literatura não ocorreram grandes mudanças. O que mudou foi a atitude de empoderamento dos ciganos em relação à própria cultura. No Leste Europeu, por exemplo, tem ocorrido um amplo movimento onde eles têm mostrado ao mundo sua arte de escrever contos, poesias, músicas; e também falam de sua cultura, narrando seus costumes, bem como suas mazelas e sofrimentos. É o caso da escritora Elena Lackova de 80 anos, que recebeu a medalha de *Sofer Chatam de Pavol Mestan* (Bratislava, Romênia). Lackova publicou inúmeros romances que tratam, especificamente, dos ciganos e do Holocausto.

Mesmo com alguns indícios de que os ciganos não aceitam mais passivamente as representações e atribuições elaboradas a seu respeito, muitos deles acham que é um processo histórico com o qual já estão *acostumados*. Como desabafa

¹⁷ Videoaula do curso de extensão da rede da diversidade-SECAD/MEC/Mover/UFSC. Curso Educação para a Diversidade e Cidadania. Módulo 3, Educação para Populações Específicas. Entrevista concedida por Lolita Ivanovitch. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.

¹⁸ *A Ciganita* pertence ao livro de Miguel de Cervantes *Novelas Exemplares* (1613). É o maior dos doze contos elaborados por Cervantes, pequenas histórias político-sociais da Espanha renascentista. A referida novela conta a estória de uma jovem cigana que ganha a vida por meio da dança e da música, e de um nobre que se apaixona por ela e, como prova de amor, decide adotar a vida nômade da cigana e do seu grupo.

Rose¹⁹, cigana de Santa Catarina: “A vida toda foi assim” (CAVALCANTI et al., 2011d). Para outros é uma identidade construída e inserida no imaginário da maioria das pessoas, que necessita ser resignificada. Como reivindica Paula de Almeida²⁰, jovem cigana de Porto Seguro, BA: “É falar com o povo, com o brasileiro também, para parar de racismo contra os ciganos, porque tem muito racismo contra os ciganos, eu sou cigana, sou cigana brasileira, mas sou cigana” (CAVALCANTI et al., 2011g).

Sobre essa construção, do povo brasileiro sobre os ciganos, sabe-se que eles são conhecidos e temidos por sua relação com o oculto. A leitura de mão (quiromancia²¹), as orações, as simpatias, o jogo de cartas, as pragas, tudo isso agregou à *identidade cigana atribuída*, particularmente à mulher, a pecha de feiticeira.

Melo Moraes, na obra *Factos e Memória*, traz o seguinte relato de um anônimo sobre os costumes ciganos: “Deitando cartas, perscrutando o destino, as horrendas feiticeiras fazem trejeitos, acercando-se dellas os tabaréus com os filhinhos, para que lhes leiam a sina na mão aberta e pequena” (MELO MORAIS *apud* CHINA, 1936, p. 86).

A arte de ler a mão, de acordo com Cristina da Costa Pereira, é um ofício como qualquer outro. E como todo ofício, possui a finalidade de garantir a sobrevivência de quem o exerce. No caso da leitura de mão feita pelas mulheres ciganas, ela explica que “faz parte do *gaal* do ofício cigano ser cartomante e quiromante para as mulheres ciganas. Esses ofícios elas sobreviviam disso” (CAVALCANTI et al., 2011b). Esse elemento mítico das mulheres ciganas foi um dos principais responsáveis, na época da inquisição, pela morte na fogueira de centenas delas.

Isso denota que o contato interétnico frequente, suscitado pela necessidade de manutenção da vida, impõe aos ciganos uma dinâmica nas relações sociais que os coloca em contato com distintos contextos. Apesar da precaução que tomam nesses encontros, é possível perceber rasuras que essas relações vão causando na identidade

¹⁹ Episódio n. 4. CAVALCANTI, Celso et al. Os nômades do Sul: vida cigana em Santa Catarina. **Rádio Senado**, Brasília, 24 mar. 2011d. Áudio on-line (30 min.). (O Povo Cigano no Brasil, 4). Disponível em:

<http://www.senado.gov.br/noticias/Radio/programaConteudoPadrao.asp?COD_TIPO_PROGRAMA=&COD_AUDIO=53056>. Acesso em: 28 mar. 2011.

²⁰ Episódio n. 7. CAVALCANTI, Celso et al. Os ciganos da terra do descobrimento. **Rádio Senado**, Brasília, 24 mar. 2011g. Áudio on-line (30 min.). (O Povo Cigano no Brasil, 7). Disponível em: <http://www.senado.gov.br/noticias/Radio/programaConteudoPadrao.asp?COD_TIPO_PROGRAMA=&COD_AUDIO=53052>. Acesso em: 28 mar. 2011.

²¹ Quiromancia é um termo grego que significa “predizer o futuro através do estudo da palma da mão”. A prática da quiromancia já era praticada cerca de 5000 anos atrás e tem raízes indianas ou hinduístas. Ela então se espalhou para a China, Grécia, Egito, Pérsia, Tibete, assim como por outras partes da Europa.

cigana, como afirma Marcondes²²: “Misturou um pouquinho com os brasileiros, que o cigano não tá como antigamente cê entende? [...] Pois mudou muito o estilo, cê entende?” (CAVALVANTI et al., 2011i).

Entretanto, existem outras concepções, como a de Oliveira (2005) para quem, “uma etnia pode manter sua identidade étnica mesmo quando o processo de aculturação em que está inserida tenha alcançado graus altíssimos de mudança cultural” (OLIVEIRA, 2005, p. 19). Essa opinião é compartilhada por alguns ciganos que acreditam na *pureza étnica*, como é o caso dos *Roms*.

Mas, quando a sobrevivência precisa ser assegurada, nenhuma dessas questões entra em pauta. Um exemplo disso são as estratégias de manipulação identitária que as mulheres ciganas de Trindade utilizam com esse intuito, como explicou D. Esmeralda²³.

Aí por exemplo, eu tenho a minha roupa cumprida, bonita. Aí agente tem que ir mais assim, oh! Tá vendo? Por que aí, quando a gente tá com o carrinho, eles falam: - Você é cigana? A gente tá com um brinco, um cordãozinho, e aí eles falam:

- Você é cigana? – Pelo meu sotaque. Aí eu falo:

- Não.

- É, mas você parece cigana, por que o tipo do rosto, do cabelo – Aí eles falam:

- Não, você é cigana, pode falar que você é cigana. – Aí eu falo:

- Não sô cigana não. Porque aí se a gente fala, eles não compra de nós né? Se eu falo que sô cigana, aí parece que eles foge da conversa, perde o interesse, foge dali, parece que eles acha que tem defeito no trabalho da gente. Eu acho que eles pensa assim, por causa de nós sê cigana, nós vende produto de segunda qualidade, e é boa qualidade. É algodão fio 30 que nós fala. A gente fala, nós abre pra elas, mostra, elas falam:

- Não, não quer. (CAVALCANTI et al., 2011i).

A fala de D. Esmeralda denuncia discriminações e preconceitos, além de expor o constrangimento que experimenta ao ter que negar sua identidade étnica como forma de garantir seu sustento. Essa situação é comum nas narrativas de vida dos ciganos, que guardam na memória essas experiências.

A memória, nesse caso, é usada como depositária, como um lugar de metamorfoses, onde as vivências se confundem sendo evidenciadas no momento em que

²² Episódio n. 9. CAVALCANTI, Celso et al. Na terra dos romeiros: a comunidade *Calón* em Trindade de Goiás. **Rádio Senado**, Brasília, 24 mar. 2011i. Áudio on-line (30 min.). (O Povo Cigano no Brasil, 9). Disponível em:

<http://www.senado.gov.br/noticias/radio/programaConteudoPadrao.asp?COD_TIPO_PROGRAMA=&COD_AUDIO=53049>. Acesso em: 28 mar. 2011.

²³ Episódio n. 9. Cf. CAVALVANTI et al., 2011i. (O Povo Cigano no Brasil, 9).

se expressam. A memória, portanto, está “[...] em constante evolução, aberta a dialética da lembrança e do esquecimento, [...] vulnerável a todos os usos de manipulação” (NORA, 1993, p. 9). Mas memória é também instrumento de poder, pois é na luta pela dominação da recordação e da tradição que sociedades orais, como a dos ciganos, conseguem manter sua identidade (LE GOFF, 1994).

A estratégia de camuflar a identidade visual cigana, que aparece na fala de Esmeralda, aponta a estratégia como cálculo, como manipulação “das relações de forças que se torna possível, a partir do momento em que um sujeito de querer e poder [...] pode ser isolado” (CERTAU, 2007, p. 99). Nessa perspectiva, estratégias configuram-se como ações pensadas a partir da elaboração de distintos lugares teóricos. Indicam também resistência, luta por espaço; espaço, nesse sentido, entendido como *lugar praticado* onde “se distribuem elementos nas relações de coexistência” (CERTAU, 2007, p. 202).

2 CIGANOS DO BRASIL

2.1 CULTURA E IDENTIDADE NA PÓS-MODERNIDADE

Este capítulo busca apresentar uma discussão teórica a partir da análise dos episódios que compõem a radioreportagem *O povo cigano do Brasil*, já mencionada na introdução desse trabalho. Apesar de reconhecer sua relevância para as discussões sobre ciganos do Brasil, é importante considerar o contexto em que foi elaborada e produzida, e quais foram as vozes que lhe deram sentido. O documentário, como já mencionado, foi idealizado por um grupo de jornalistas com o propósito de concorrerem ao prêmio Roquete Pinto de rádio. Participaram dele, além de ciganos, professores/pesquisadores (antropólogos, sociólogos), ciganólogos, políticos, padre, dentre outros, o que permite entrever as diferentes vozes que constituíram o *sujeito cigano* a partir de sua inscrição em determinadas formações discursivas construtoras de subjetividades.

A imprensa, na concepção de Martín-Barbero (1997), é um meio que historicamente reflete diferenças culturais e políticas, no intuito de corresponder ao modelo liberal. Ele enfatiza a condição que o rádio possui, desde o início, de mediar o popular, tanto técnica quanto discursivamente. Esse potencial do rádio, na concepção do autor, se deve à proximidade dele com o popular, evidenciando assim, a diversidade do social e do cultural.

Ainda sobre o rádio, Martín-Barbero (1997) acrescenta: “[...] é meio que, para as classes populares, está preenchendo ‘o vazio deixado pelos aparelhos tradicionais na construção de sentido’” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 315). Os aparelhos a que se refere o autor seriam a Igreja, a Escola e a Família, que por um longo tempo, constituíram-se em referência e canais de interlocução. Nesse sentido, caberia questionar qual é a constituição ideológica que está por trás da radioreportagem *O povo cigano do Brasil*.

A resposta para essa questão pode estar em Spivak (2010), para quem toda produção intelectual tem sempre uma filiação, ou em Martín-Barbero (1997), que não acredita na suposta transparência dos meios midiáticos. Para ele as tecnologias de comunicação são “em última análise a materialização de racionalidade de *uma* certa cultura e de um ‘modelo global de organização do poder’” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 256). Ou ainda em Goffman (2004) para quem as atitudes dos ditos normais em

relação a uma pessoa com um estigma, e os atos que praticam em relação a ela, já são conhecidos. Seriam respostas que a ação social benevolente busca atenuar e melhorar. No fundo não se acredita que uma pessoa com estigma seja “completamente humano” (GOFFMAN, 2004, p. 8).

Retornando às vozes que deram sentido à radioreportagem, atribuindo a vozes o *poder* concedido ou autoconcedido de representação, é importante questionar o papel do intelectual no processo, que Spivak (2010) denomina de “falar pelo outro”. Para a autora o teórico se julga autorizado e qualificado a falar pelos outros. Isso implica em manter o oprimido em silêncio, reproduzindo, dessa forma, as estruturas de poder e opressão. Nesse sentido, ela adverte os intelectuais para o risco de que o subalterno²⁴ não seja simplesmente um objeto de conhecimento do qual o teórico deseja somente *falar por ele*.

Assumir o lugar do outro, ou *falar por*, presume a existência de um falante e de um ouvinte. No caso em que o intelectual decide *falar por*, a interação não acontece e o sujeito subalterno fica impedido de se autorrepresentar. Spivak (2010) enfatiza que quando a relação desejo/sujeito é desconsiderada ou vista como algo menor, o sujeito/efeito, ou sujeito/desejante que surge, irá assemelhar-se bastante ao sujeito ideológico generalizado do teórico (SPIVAK, 2010). Portanto, as falas que emergem na radioreportagem *falando pelos* ciganos, merecem uma atenção especial no sentido de perceber se essas vozes estão representando os ciganos ou, se na pretensão de representá-los, não estariam de fato, como sugere Spivak (2010), representando a si mesmos.

2.1.1 Pós-modernidade: algumas percepções

O termo *pós-modernidade* tem suscitado uma série de definições, opiniões, discussões e controvérsias. Para Bauman (1999a), as sociedades pós-modernas são sociedades onde as certezas geradas no indivíduo moderno, ou seja, a “autoilusão” como ele intitula, desapareceram. A *autoilusão* do modernismo é a crença de que haveria uma verdade e que essa verdade triunfaria sempre, por ser ela de caráter universal. A verdade universal, linear, ou o conhecimento verdadeiro, aliados à ordem

²⁴ Spivak usa o termo “subalterno” para se referir “às camadas mais baixas da sociedade constituída pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante” (SPIVAK, 2010, p. 14).

política, produziria a *certeza*, elemento que Bauman (1999a) identifica como necessário a um projeto de dominação.

Com o desaparecimento da *autoilusão* na chegada da pós-modernidade, ter-se-ia “[...] o retorno ao local, a importância da tribo e da montagem mitológica [...]”, elementos que passariam a fazer parte da pós-modernidade (MAFFESOLI, 2004, p. 22). A pós-modernidade é definida por Maffesoli (2004, p. 21) como “a sinergia de fenômenos arcaicos e do desenvolvimento tecnológico [...]. Deve-se lembrar, decerto, que o arcaico — em seu sentido etimológico, aquilo é o primeiro, o fundamental — vê multiplicar seus efeitos pelos novos modos de comunicação interativa” (MAFFESOLI, 2010, p. 40).

Nesse sentido, o intuito desse retorno ao arcaísmo seria a busca dos indivíduos por solidariedade e proteção ou, como coloca Bauman (1999a, p. 263), a “[...] busca excessiva por comunidade”. Essas comunidades formar-se-iam por afinidades a partir de interesses compartilhados. Entretanto, apesar da busca por compartilhamento, essas comunidades não conseguiriam garantir a tão almejada *segurança*, pois estariam sujeitas a constantes reconfigurações e extinções, que são constituintes naturais da pós-modernidade ou, em suas palavras, “pós-modernidade líquida”.

“Pós-modernidade líquida”²⁵ ou “mundo líquido” é uma noção da qual Bauman (2011, p.7) se utiliza para falar do que “jamais se imobiliza” ou “conserva sua forma por muito tempo”. Assim, a sociedade *pós-moderna líquida* é uma sociedade onde não há estabilidade, onde as pessoas são constantemente atravessadas por *valores* e ideias que, a qualquer momento, instantaneamente, podem ser descartados. Essa ausência de valores fixos, concretos, permanentes é que irá diferenciar a pessoa pós-moderna dos indivíduos modernos. Na concepção de Lyotard (1989), o indivíduo pós-moderno passou a existir como tal a partir da entrada das sociedades na era pós-industrial e da descrença dos mesmos nas metanarrativas. Com o descrédito da metanarrativa surge o domínio da linguagem da informática, oriunda da revolução tecnológica (LYOTARD, 1989).

O termo *pós-modernismo* foi utilizado pela primeira vez pelo espanhol Frederico de Onís, na década de 1930 (ANDERSON, 1999). Já o conceito foi elaborado

²⁵ Esse conceito foi apresentado primeiramente no Manifesto Comunista (1848), “derreter os sólidos” para explicar a forma pela qual o espírito moderno se dirigia à sociedade, considerada rígida e inflexível, para a necessária adaptação aos novos tempos.

e difundido por Lyotard em sua obra *A Condição Pós-Moderna* (1979), e posteriormente por muitos outros teóricos. Por essa diversidade e abrangência, e por envolver diferentes áreas do conhecimento, é que se tornou impossível chegar-se a um consenso teórico no que diz respeito a esse fenômeno. Pós-modernismo, dessa forma, tornou-se um conceito em efervescência, com argumentações e interesses políticos tão antagônicos e conflituosos que não poderia passar despercebido (HARVEY, 2012).

Numa tentativa de síntese teórica pode-se dizer que o pós-modernismo trata-se de um movimento teórico multidisciplinar que engloba as artes, a filosofia, a sociologia, a estética e o meio institucional. E que o ponto de convergência desses campos seria a resistência deles em relação à modernidade, mais especificamente em relação à razão iluminista (HARVEY, 2012).

Outros autores, dentre eles Habermas, não compreendem a pós-modernidade como uma ruptura com o modernismo. Para estes, a pós-modernidade teria sido motivada por dúvidas e decepções em relação ao projeto da modernidade, portanto, ela seria mais um “estado de consciência” (HABERMAS, 1992, p. 109). A pós-modernidade, nesses termos, tem como primeiro pressuposto o fato de que ela experimenta “uma descontinuidade, o distanciamento em relação a uma forma de vida ou de consciência na qual anteriormente se havia confiado de maneira ingênua e irrefletida” (HABERMAS, 1992, p. 127).

Entretanto, para os pós-modernos, o pós-modernismo tem sido, com frequência, caracterizado como o “fim de algo”, como explica Jameson (2006):

A pós-modernidade tem sido, no mais das vezes caracterizada como o fim de algo (por mim, assim como por várias outras pessoas); não é de surpreender, quando temos que lidar com o surgimento de todo um novo modo de viver o cotidiano, que índices aleatórios de mudanças devem ser mensurados e teorizados no lugar de uma forma completa ainda ausente (JAMESON, 2006, p. 157).

Ou ainda, caracteriza-se como uma mudança nas práticas e nas formações discursivas que diferenciam o paradigma pós-moderno de seu precedente (HUYSSSENS, *apud* HARVEY, 2012). Eagleton indica o fim das *metanarrativas* que tinham como função validar a universalização da história humana. O pós-modernismo, nesses termos, seria “o despertar para o pluralismo, para a variação de estilos de vida e jogos de linguagem” (EAGLETON, *apud* HARVEY, 2012, p. 19). Trata-se da ruptura com a visão monótona do modernismo de perceber o mundo.

Sua origem pode ser percebida a partir das transformações sociais, econômicas e políticas que surgiram com o fim da Segunda Guerra Mundial, como um novo momento do *capitalismo tardio* ou *capitalismo multinacional*. E que se insere como uma *ideologia* nas estruturas sociais e culturais, com condições de promover mudanças profundas no modo de produção. O pós-modernismo, portanto, surge da sociedade *pós-industrial*, do descrédito da modernidade, da cultura como mercadoria, do fim de certas ideologias clássicas tanto do sujeito quanto da sociedade. Foi o fim dessas ideologias que levou o modernismo a perder sua aura revolucionária, dando lugar a uma *ideologia* reacionária e conservadora (EAGLETON, 2008; HARVEY, 2012).

A fase pós-ideológica fez com que a sociedade parasse de *questionar*, de se preocupar com o *bem público*, e passasse a buscar, única e exclusivamente, a satisfação pessoal (BAUMAN, 1999a). Essa autorrealização individualizada, juntamente com a institucionalização do poder e da opressiva racionalidade técnico-burocrática, advindas do capitalismo liberal e do imperialismo, forneceram um fundamento material e político que contribuiu para o surgimento de um movimento de resistência à hegemonia da alta cultura modernista. A contracultura, por se constituir em um movimento cosmopolita, transnacional e global, é considerada o “arauto cultural e político” da passagem para o pós-modernismo (HARVEY, 2012).

O advento do pós-modernismo dessa forma é apontado como a escassez do modernismo, representada pela institucionalização da criatividade rebelde, da *massa cultural* composta por indivíduos que processam e influenciam a recepção de produtos culturais confiáveis, e que produzem materiais populares para o público da cultura de massa. A base urbana, nessa concepção, com seus componentes culturais mediados pelo cinema, televisão e vídeo, está na raiz da virada pós-moderna (CHAMBERS *apud* HARVEY, 2012). Isso vai ao encontro da concepção adorniana de *indústria cultural*, como uma tendência histórica (JAMESON, 1995). A mediação do mercado global, portanto, via sistemas de comunicação midiáticos, estilos e linguagens próprios do processo pós-moderno, irá incidir nas identidades, tornando-as deslocadas de suas referências anteriores.

Dessa forma, os indivíduos pós-modernos, ao se fragmentarem, são desafiados continuamente a fazer escolhas, apesar da fragilidade a que estão expostos num mundo de incertezas e inseguranças. As escolhas com que os indivíduos pós-modernos são confrontados constituem-se em um problema, tanto por sua quantidade quanto por sua dinâmica sempre crescente (HALL, 2006; MELUCCI, 1996). Se para os

não-ciganos as escolhas tornam-se problemas, o que pensar para os ciganos, para quem escolher, na maioria das vezes, significa confrontar-se com a própria cultura?

2.2 NOMADISMO E SEDENTARIZAÇÃO

2.2.1 Nomadismo e Território

O nomadismo é identificado como um dos aspectos que mais caracterizam os ciganos, por sua vez conhecidos pelas andanças e admirados por sua capacidade de enfrentar as mais adversas condições climáticas, sociais, políticas e econômicas. Nos dias atuais, os grupos ciganos já não possuem o nomadismo como uma prática unânime. Devido a vários fatores, muitos grupos vêm se sedentarizando. Mas, o que estaria provocando esse fenômeno? O que estaria levando os ciganos, tão acostumados às intempéries, a abandonarem as estradas? Que condições estão sendo oferecidas pelas políticas públicas brasileiras para a sedentarização desse povo? Será que o nomadismo está de fato acabando, ou ele estaria se reconfigurando, a partir das transformações impostas pelo capital?

Se nomadismo é definido como “um modo de vida das populações que praticam a atividade recoletora e, por isso, têm necessidade de se deslocarem permanentemente para procurar e recolher os alimentos, não se fixando por muito tempo num determinado local”²⁶, seriam os ciganos, em sua origem, realmente nômades, ou teriam adquirido esse hábito como estratégia de sobrevivência a partir de sucessivas expulsões e perseguições?

Para Maffesoli (2001), o imaginário da *movência* e do nomadismo são inerentes à própria condição humana (MAFFESOLI *apud* BERND, 2010). “[...] qualquer que seja o nome que se lhe possa dar, a errância, o nomadismo está inscrito na própria estrutura da natureza humana, quer se trate do nomadismo individual ou do social” (MAFFESOLI, 2001, p. 38). O nomadismo é, portanto, uma necessidade de *evasão* inerente ao ser humano. Maffesoli (2001) sugere, ainda, que o fruto do nomadismo na atualidade é a sociabilidade.

²⁶ NOMADISMO. In: Dicionário Só História. 2014. Disponível em: <<http://www.sohistoria.com.br/dicionario/#>>. Acesso em: 20 set. 2012.

Essa sociabilidade a que ele se refere se compõe de elementos que foram ocultados ou marginalizados pela modernidade; por exemplo, os sincretismos filosóficos e religiosos. Dessa forma, o nomadismo, ao criar sociabilidade, ameniza a solidão, que é um dos principais desafios dos indivíduos pós-modernos. A *internet*, as viagens de férias, reuniões festivas, encontros religiosos são alguns desses frutos da sociabilidade contemporânea.

A ideia de sociabilidade, de acordo com Bauman (1999a), passa pela noção de comunidade, mesmo que essa comunidade vá exigir que, para se obter uma segurança parcial, abra-se mão da própria liberdade. A comunidade, nesse sentido, é um lugar de compartilhamento de ideias e esse compartilhar é o que proporcionará aos indivíduos a promessa de abrigo, de companhia. O que irá diferenciá-la das demais é o estilo com que ela foi imaginada, e não por sua falsidade/autenticidade (ANDERSON, 2008). Dessa forma, ela pode ser uma fraternidade ideológica, de destino ou de missão (BAUMAN, 1999a). Sobre o anseio e a *necessidade* contemporânea por comunidade, Hobsbawm observa que as pessoas procuram grupos com ideias definitivas de pertencimento e certezas, num mundo incerto, no qual tudo é transitório (HOBBSAWM *apud* BAUMAN, 2001).

Existem os que apontam o nomadismo cigano não como um elemento de origem, mas como um mecanismo de defesa. Nesse caso, os ciganos buscam em suas idas e vindas evitar o controle e os processos de assimilação. Essa atitude os levaria a assumir o lugar que Bauman (1999a) intitula como o “lugar do estranho”. ““O estranho”, com efeito, é alguém que se recusa a ficar confinado à terra ‘longínqua’ ou a se afastar da nossa e assim, a priori, desafia o expediente fácil da segregação espacial ou temporal [...] ele é uma ameaça constante à ordem do mundo”. (BAUMAN, 1999a, p. 69). Rogério *Calón*²⁷, cigano de Santa Catarina, referindo-se à vida nômade, comenta: “O meu acampamento é nômade, eu nunca tive casa, nunca morei e nenhum de nós. É uma vida gostosa. Muitas pessoas pensam que um cigano anda de barraca porque ele quer. Não é porque a gente quer, já faz parte. É o sangue. Já foi Deus quem criou. Essa é a vida da gente” (CAVALCANTI et al., 2011d).

Outras análises apontam que o nomadismo cigano se deve ao tipo de atividade econômica que exercem, ou seja, as vendas a domicílio e as trocas, mais conhecidas como *rolos*. Essas atividades exigem constantes deslocamentos. Há ainda os que defendem que o que transformou os ciganos em uma etnia nômade foram as

²⁷ Episódio n. 4. Cf. CAVALCANTI et al., 2011d. (O Povo Cigano no Brasil, 4).

perseguições e expulsões a que foram expostos. Na concepção de Fraser (2005), até os dias atuais não foi possível se descobrir os motivos e as circunstâncias que desencadearam a migração e a disseminação dos ciganos para diversas partes do mundo. Um dos elementos dificultador dessa investigação seria a convivência dos ciganos com múltiplas culturas, as influências linguísticas, demográficas, sociolinguísticas e históricas (FRASER *apud* SIMÕES, 2007).

Em *Modernidade líquida*, ao falar sobre espaço geográfico nas sociedades pós-modernas, Bauman (2001) deixa claro que o acesso aos espaços extraterritoriais cabe não mais apenas às populações nômades, como os ciganos, mas também, e principalmente, a uma parcela da humanidade que ele intitula de elite global. Essa *elite cosmopolita global* é detentora do capital mundial, portanto, são indivíduos que vivem em uma espécie de *bolha*, que seria como um espaço extraterritorial. A bolha é usada por essa elite cosmopolita global, como negação de territorialidade e de compromisso com questões sociais. Tanto o poder econômico quanto a extraterritorialidade possibilitam a essa elite constantes deslocamentos globais.

Quanto ao restante da humanidade, a que o autor chama de “maioria assentada”, o deslocamento, seja por turismo, estudos, etc. é sempre “[...] uma condição inteiramente fora do alcance [...] dos ‘nativos’ estreitamente presos ao chão” (BAUMAN, 2001, p. 54).

Mas, e os ciganos, estariam eles passando a fazer parte dos assentados a que se refere Bauman? Quais seriam suas perspectivas de futuro na condição de assentados? A observação tem demonstrado que alguns grupos ciganos têm se tornado sedentários ou permanecido por muito tempo em um mesmo lugar²⁸. A título de exemplo pode-se citar os ciganos do Espírito Santo. Marcos Lourival²⁹ explica que os ciganos necessitam de um lugar para se fixar, já que as pessoas estão sempre os expulsando por acreditarem que são invasores. Ele afirma que se tivessem um lugar de sua propriedade, os ciganos permaneceriam nele para sempre. Ele e seu grupo esperam que o poder público tome

²⁸ Episódio n. 5. CAVALCANTI, Celso et al. Os ciganos em São Paulo: as linhas do futuro e a herança do passado. **Rádio Senado**, Brasília, 24 mar. 2011e. Áudio on-line (30 min.). (O Povo Cigano no Brasil, 5). Disponível em: <http://www.senado.gov.br/noticias/Radio/programaConteudoPadrao.asp?COD_TIPO_PROGRAMA=&COD_AUDIO=53055>. Acesso em: 28 mar. 2011.

²⁹ Episódio n. 6. CAVALCANTI, Celso et al. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo dos ciganos. **Rádio Senado**, Brasília, 24 mar. 2011f. Áudio on-line (30 min.). (O Povo Cigano no Brasil, 6). Disponível em: <http://www.senado.gov.br/noticias/Radio/programaConteudoPadrao.asp?COD_TIPO_PROGRAMA=&COD_AUDIO=53054>. Acesso em: 28 mar. 2011.

alguma atitude em relação a essa demanda. Marcos Soares Quirino³⁰ concorda com Marcos Lourival quando diz que,

Se ele arrumasse uma área, só pra ciganos ficar quieto. Nós num qué andá mais, mudá de lugar. É que nós conhece, a população conhece a gente, tudo sabe que a gente é. Então, aqui é uma propriedade particular, se o dono falar que nós sai daqui, nós não tem outra localidade para nós ir. Se caçar outra localidade retirada, ou Aracruz ou Linhares e deixá aqui. Mais amizade que nós tem aqui deixar pra trás (CAVALCANTI et al., 2011f).

Santa Catarina também é um estado onde os ciganos têm encontrado muita dificuldade para exercer o nomadismo. De acordo com Rogério *Calón*³¹ “Santa Catarina não está fechando espaço, já fechou. Não tem onde o cigano bota a barraca mais”. Ele desabafa:

Vi aberto cheguei e entrei, porque a prefeitura não quer atender e eu vou para onde? Não tem condição de ir. Fui na prefeitura, a prefeitura disse que ia arranjar um terreno para mim dois dias ele me pediu, dois dias de prazo, já fazem quinze dias e nada está desenrolado. Fui conversar com o juiz aqui na cidade, aqui uma juíza, fui conversá com a promotora. Porque a Polícia Militar aqui de Guaramirim invadiu meu acampamento com arma na mão, fiquei dormindo em baixo de uma árvore, com as coisas todas carregadas dentro do carro, fiquei dormindo do lado da árvore, sem barraca (CAVALCANTI et al., 2011d).

Os ciganos do Sul da Bahia vislumbram o dia em que contarão com uma infraestrutura melhor, para que possam praticar o nomadismo com mais conforto e tranquilidade. Para eles, o modelo implantado em Curitiba deveria ser utilizado pelos outros estados como coloca Marcelo Dantas³², “igual em Curitiba. Tem uma área pra cigano acampar. Em Curitiba tem hora certa para o cigano acampar, com infraestrutura, banheiro, tem tudo” (CAVALVANTI et al., 2011g). Com o intuito de lutar por melhores condições, os ciganos baianos fundaram a Associação de Ciganos do Sul da Bahia há poucos anos. Ronaldo Dantas³³, um dos líderes dos ciganos de Porto Seguro, fala de um sonho que alimenta e que irá beneficiar não somente seu grupo, mas vários grupos ciganos. Ele explica:

Eu tenho fé que isso vai acontecer um dia, de a gente conseguir, juntamente com o Governo, eles ajudarem a ter uma visão para esse lado, de ele conceder o espaço adequado pros os ciganos, de determinado habitante, que tenha

³⁰ Episódio n. 6. Ibid.

³¹ Episódio n. 4. Cf. CAVALCANTI et al., 2011d. (O Povo Cigano no Brasil, 4).

³² Episódio n. 7. Cf. CAVALCANTI et al., 2011g. (O Povo Cigano no Brasil, 7).

³³ Episódio n. 7. Ibid.

espaço para o cigano, que se faça um espaço com infraestrutura, para não ter tanta dificuldade de ganhar o pão de cada dia. Então eles chegar aqui, o grupo deles, como são todos uma família, aqui minha família, por exemplo, que somos cinco, se a gente for viver de aluguel, porque a renda da gente é muito pouca, se a gente chegar em Vitória e for pagar um aluguel, simplesmente não vai poder sobreviver (CAVALCANTI et al., 2011g).

Já nas cidades de Campinas e de São Paulo, os ciganos que residem nos bairros de Taquaral e Alphaville, respectivamente, vivem outra realidade em relação aos ciganos do Espírito Santo e de Santa Catarina, como relata o cigano Farde Estephanovichil³⁴:

Uma concentração de ciganos *Rons* em Campinas, de ricos maior é lá? É principalmente no bairro do Taquaral ali. Hoje nós temos lá, mais ou menos catalogados 2000 famílias de ciganos *Rons* [...] tem ciganos lá que tem um patrimônio maravilhoso. Mansões, carros importados, vivem em casas altamente de luxo (CAVALVANTI et al., 2011e).

Um grupo de ciganos do Espírito Santo está acampado há mais de dois anos em terras emprestadas. Em Embu das Artes, SP há outro grupo que acampou em uma área há três anos e já faz parte do calendário cultural da cidade com o evento religioso chamado Peregrinação a Santa Sara de *Kali*³⁵, padroeira dos ciganos no mundo. A peregrinação e a festa já estão inseridas no calendário cultural de Embu das Artes e buscam promover o reconhecimento e a valorização da diversidade cultural brasileira, dentre elas, as expressões culturais ciganas.

Na cidade de Sousa, PB, desde a década de 1960, os ciganos fixaram-se em uma área doada pelo governo do estado da Paraíba. A relação desse grupo com um mesmo território por tanto tempo trouxe problemas de identidade com as quais os ciganos até hoje têm dificuldade de lidar. O termo território é de origem latina e, apesar de já ser utilizado desde o século XIV, foi na época moderna que seu uso foi intensificado, geralmente associado aos campos políticos ou jurídicos.

Para Marivonne Le Berre (1992), território não diz respeito somente a uma superfície terrestre, mas também se constitui em um local, que ao ser apropriado por um grupo social teria a função de assegurar a reprodução desse grupo, bem como sua

³⁴ Episódio n. 5. Cf. CAVALCANTI et al., 2011e. (O Povo Cigano no Brasil, 5).

³⁵ A peregrinação e a festa acontecem há sete anos consecutivos, e são frequentadas por pessoas vindas de diferentes regiões de São Paulo. Além de comunidades ciganas, a caminhada percorre as ruas da cidade turística. PEREGRINAÇÃO na cidade de Embu das Artes abre festa em homenagem aos ciganos. **Portal O Taboanense**, Taboão da Serra, 02 dez. 2009. Disponível em:

<<http://otaboanense.com.br/noticia/1734/peregrinacao%20na%20cidade%20de%20embu%20das%20artes%20abre%20festa%20em%20homenagem%20aos%20ciganos>>. Acesso em: 07 maio 2012.

sobrevivência. Território também diz respeito a limites geográficos, fronteiras e áreas. Foi por isso que, a partir da década de 1970, a palavra passou a ser incorporada pela geografia.

O geógrafo Milton Santos et al. (1994), ao analisar território já como conceito e em relação aos intensos e atuais deslocamentos, afirma que:

É a partir dessa realidade que encontramos no território, hoje, novos recortes além da velha categoria região, e isso é um resultado da nova construção do espaço e do novo funcionamento do território, através daquilo que estou chamando de horizontalidades e verticalidades (SANTOS et al., 1994, p. 16).

Por horizontalidades, Santos et al. (1994) entende os domínios de lugares vizinhos reunidos por uma proximidade territorial. Já as verticalidades seriam pontos distantes uns dos outros interligados por diferentes maneiras e processos sociais. Ao fazer uma análise do nomadismo cigano no Brasil hoje, a partir da perspectiva de Santos et al., percebe-se que os seus deslocamentos ocorrem nas horizontalidades, ou seja, entre cidades próximas. Isso acontece devido a certas divisões territoriais que os grupos vêm estabelecendo desde longa data. Dificilmente um grupo de uma determinada região³⁶ adentrará em outra sem que haja entre eles uma relação de parentesco³⁷ e amizade.

A relação de parentesco entre os ciganos não é regida *a priori* pela consanguinidade. Para eles, apesar da divisão de grupos (clãs), todos os ciganos constituem a mesma família, a *família cigana*. Nesse sentido, o grupo étnico, como coloca Nash, é um porto seguro, “[...] refúgio contra um mundo hostil de desprezo” (NASH *apud* BAUMAN, 1999a, p. 261). Os grupos ciganos têm no grupo étnico sua principal referência. Nesse caso, poder-se-ia atribuir territorialidade ao grupo étnico, ou seja, por não possuírem território de origem, o próprio grupo poderia ser considerado um território?

Essa questão pode ser respondida por meio da noção desenvolvida por Maffesoli intitulada de “território simbólico”. Nela, ele concebe território a partir da ideia de territorialidade. Territorialidade, nesse sentido, é “o espaço que nos ocupa [como] um conjunto complexo constituído, ao mesmo tempo, pela materialidade das

³⁶ Os ciganos *Calón* são oriundos da Península Ibérica e são mais numerosos nas regiões Nordeste, Sudeste e Centro-Oeste. Já os *Rons* vivem mais nas regiões Sul e Sudeste.

³⁷ Os ciganos têm como prática casar seus filhos com parentes próximos ou com indivíduos ciganos que pertençam a grupos amigos e que vivam em regiões próximas. Isso facilita suas incursões por um determinado território.

coisas (ruas, monumentos, tráfego) e pela imaterialidade das imagens de diversas ordens” (MAFFESOLI, 1996, p. 264). Territorialidade, portanto, pode se constituir de várias maneiras, seja de ordem material, simbólico/cultural, etc.

2.2.2 Nomadismo cigano e capitalismo

Buscando uma linha de fuga que apontasse outros direcionamentos para se compreender o nomadismo cigano é que se retomou o conceito de pós-modernismo, a partir do uso que Jameson (2006) faz dele. Nos termos do autor, pós-modernismo é mais um conceito de periodização, cuja função seria a de articular o aparecimento de novos aspectos formais da cultura, com elementos de um “novo tipo de vida social”, e também de uma “nova ordem econômica” (JAMESON, 2006). A *nova ordem econômica* ou “ordem social do capitalismo tardio” começou a ser percebida logo depois da Segunda Guerra Mundial.

A sociedade que surgia apontava para diferentes tipos de consumo, aceleração nos tempos e nos ritmos da vida social. Essas mudanças foram mais evidentes no campo da moda, da propaganda, das mídias, dos transportes, e também, das relações espaciais. É na questão espacial, mais especificamente da relação do rural com o urbano, que se pretende fazer uma análise da vida cigana.

O *novo tipo de vida social* expandiu-se, também, ao campo causando profundas transformações. A compra da mão-de-obra pelo capitalismo transformou a agricultura em indústria e os agricultores em meros operários. Esse fato provocou uma padronização dos indivíduos, levando-os ao desenvolvimento de hábitos que antes pertenciam a moradores da metrópole. Como por exemplo, o consumo de alimentos industrializados tais como manteiga, geleia, doces, biscoitos, que antes eram feitos de forma artesanal.

No Brasil, o processo de industrialização do campo, também afetou outros contingentes, como por exemplo, os ciganos. Nessa época, anos de 1960 e 1970, a maioria dos ciganos vivia uma vida nômade e sobrevivia de pequenos negócios. Vendiam e trocavam animais, mas negociavam também artigos manufaturados como arreios, selas para animais, etc. As mulheres colaboravam com o orçamento da família praticando a leitura de mão e rezas contra *mau olhado*.

Frans Moonen (2011), referindo-se a ciganos da Paraíba, explica que, no período citado, os ciganos levavam uma vida confortável, chegando até a possuir

patrimônio constituído de joias, dinheiro e animais. Em sua concepção, foi com a industrialização do país que a realidade dos ciganos começou a mudar. O crescimento da produção de automóveis e a abertura de novas estradas causaram muitos prejuízos ao comércio de animais, principal renda desse coletivo. Diz que eles sofreram outro baque com a mecanização do campo, pois os poucos animais que vendiam para ser usados na lavoura já não eram mais necessários.

Moonen (2011) acrescenta que a dinâmica capitalista no campo desencadeou outro fenômeno que foi o êxodo dos fazendeiros para as cidades. Nesse processo, as propriedades passaram a ser administradas por gerentes, que não tinham autonomia para lidar com os ciganos. E se, no passado, os fazendeiros os hospedavam, lhes ofereciam empregos temporários e supriam suas necessidades imediatas – como fornecimento de água, alimentação, ou simplesmente lhes davam autorização para acampar – isso parou de acontecer.

Essa relação dos proprietários de terras com coletivos considerados marginais, tais como cangaceiros e ciganos servia ao jogo político e econômico de afirmação de poder. Os *coronéis*, como eram conhecidos, utilizavam-se desses *coletivos*, que eram aliciados para defender seus interesses, e que em troca recebiam benesses. No caso dos ciganos, não se sabe ao certo se praticavam crimes e delitos por *ordens* dos *coronéis*, como faziam os cangaceiros; mas a simples amizade entre eles era suficiente para intimidar inimigos.

Moonen (2011) sugere, que o processo de industrialização e principalmente a mudança dos proprietários rurais para as cidades tenham sido fatores determinantes para a sedentarização dos ciganos de Sousa, PB. Ele afirma que “a sedentarização nas proximidades de uma cidade maior, para muitos ciganos se tornou a única saída. [...] não foi a sedentarização que causou a proletarização, mas foi a proletarização, foi o empobrecimento, que obrigou os ciganos de Sousa a aceitar uma vida sedentária” (MOONEN, 2011, p. 15). Sabe-se que o fenômeno da industrialização causou sérias consequências não só aos ciganos de Sousa, mas a todos os ciganos do mundo, que tinham nas vendas a domicílio o único meio para garantir suas vidas e a de suas famílias.

Entretanto, isso não significa necessariamente que os ciganos tenham se imobilizado diante das condições postas. Se por um lado o capitalismo oprime, reduz e imobiliza, por outro ele demanda soluções criativas que levem os indivíduos a

ressignificarem suas vidas. Como explica Reimer Gronemeyer (GRONEMAYER *apud* SCHOLZ, 2007) em relação aos ciganos:

As “profissões ciganas” típicas como amestrador de ursos, amolador, negociante de cavalos etc. não ficaram ultrapassadas, mas ressurgiram sob novas modalidades (como vendedor de automóveis, feirante, recicladores). Há a psicanalista de Munique, a cabeleireira de Frankfurt, o operador de processamento de dados de Estocolmo ou o operário fabril de Budapeste. [...] Tanto os podemos encontrar como matador de touros em Espanha ou como docente universitária em Praga. Não sabemos muito bem se terá sido sempre assim [...], mas é provável que sim: quanto a oficiais e músicos é certo e sabido. Os ciganos, por conseguinte, não se encontram obrigatoriamente reduzidos a um gueto profissional. [...] Há muito quem viva, entretanto como colocador de telhados, como educadora de infância, mecânico ou cabeleireira, sem que se veja qualquer relação com as velhas formas de ganhar a vida (GRONEMAYER *apud* SCHOLZ, 2007).

As colocações de Gronemeyer mostram que a identidade cigana, como todas as demais, não é fixa, mas flexível e que “a diversidade é produto da mobilidade, onde as diferenças devem ser conhecidas e acomodadas” (OKLY *apud* MAYAAL, 2004, p. 238). Nesse sentido, buscou-se compreender, por meio das trajetórias de vida, quais foram ou seriam as motivações que levaram, e continuam levando cada vez mais, os ciganos a se sedentarizam. O cigano Índio Rufino³⁸ (2013), de Santa Fé do Sul, SP coloca que “sem dúvida nenhuma, o motivo é o estudo dos filhos” (RUFINO, 2013).

Já Fábio Ivanovich³⁹, indagado sobre o que levou os ciganos antigos de seu grupo a interromperem a vida nômade responde: “foi o cansaço” (IVANOVICH, 2014). Ele diz que se cansaram da dureza desse tipo de vida, da luta por lugares para acampar, da insegurança. Conta que no começo passaram por dificuldades para se adaptar com a sedentarização, mas que, nos dias atuais, já se acostumaram com o conforto das casas. Perceberam que podem ter seus próprios negócios, sem ter que viver na estrada sofrendo. Questionado sobre os critérios utilizados para escolher uma cidade onde se fixar – afinal, a vida nômade os levou a conhecer tantos lugares – Fábio explicou que seus pais e parentes queriam uma cidade pequena, onde já tivessem laços de amizade, “onde fossem conhecidos” (IVANOVICH, 2014).

³⁸ O cigano Índio Rufino foi apresentado à pesquisadora por Jesus Cigano em 2013 na cidade de Trindade, GO. Por se saber da atual trajetória política de Rufino, e de sua luta por direitos para os ciganos, decidiu-se questioná-lo sobre a relação sedentarização/educação. Trata-se, portanto, de uma fonte secundária. A entrevista foi feita em outra ocasião e por telefone. Entrevista concedida em: 25/03/2014.

³⁹ Fábio Ivanovich é cigano catarinense, residente em Palhoça, SC. Fábio e sua família foram os sujeitos do estudo de caso da pesquisa de mestrado desta autora. Dessa forma é que nesta tese, a informação de Fábio é uma informação secundária. Por conta de suas viagens frequentes, só foi possível entrevistá-lo por telefone. Entrevista concedida em: 25/03/2014.

Sobre o lugar que a escolarização ocupa hoje na vida dos ciganos, Fábio concorda com Rufino. Ele diz que a educação dos filhos tem tido muito peso na hora de decidirem fixar-se. Essa preocupação, no entanto, não causou nenhuma alteração na compreensão que os ciganos têm acerca do tempo de permanência de seus filhos na escola. Um exemplo disso é a saída recente das duas filhas de Fábio da escola. Com 11 anos de idade, as meninas, que são gêmeas, tiveram interrompida sua vida escolar por questões étnicas: a chegada da menarca.

Retomando a análise sobre o fim do nomadismo cigano, elaborada por Moonen (2011), momento em que o autor atribui ao capitalismo parte da responsabilidade por esse processo, cabe aqui uma última reflexão. É possível que depois de ter anexado as terras, e ao iniciar mais um ciclo de prosperidade, o capitalismo tenha contribuído para a sedentarização dos ciganos. No entanto, ao considerar que o capitalismo é “mestre nos disfarces, [...] um bandoleiro sem pátria, que vaga errante pela superfície do planeta traçando seu percurso de transformações radicais [...]” (BERMAN, 1986), pode-se considerar que os ciganos, não com os mesmos propósitos, assemelham-se a ele pelas dinâmicas que conseguem imprimir a suas vidas cada vez que o capital troca a roupagem.

Essa característica da essência capitalista é percebida por Bauman (2010) como um sistema parasitário, que, “como todos os parasitas, pode prosperar durante algum tempo uma vez que encontra o organismo ainda não explorado do qual pode se alimentar, mas não pode fazê-lo sem prejudicar o hospedeiro nem sem destruir cedo ou tarde as condições de sua prosperidade ou até de sua própria sobrevivência” (BAUMAN, 2010, p. 8).

Se, como sugere Bauman (2010), nos dias atuais o capitalismo deslocou as fontes de seus lucros da exploração da mão de obra para o consumo, os ciganos certamente seguiram o fluxo. A questão que está posta talvez seja pensar, sob essa perspectiva do consumo, em quais seriam as formas de nomadismo que os ciganos necessitam praticar na contemporaneidade para assegurar sua sobrevivência. Um ponto importante que não deve passar despercebido é que apesar dos ciganos, como todos nós, estarem inseridos no contexto capitalista, em alguns pontos eles se diferenciam. Um dos principais pontos dessa diferença diz respeito ao uso dos métodos capitalistas de exploração para a obtenção de lucro.

2.3 A FÉ QUE REMOVE CULTURA

2.3.1 Religiosidade: ritos e mitos

O termo rito refere-se a um conjunto de regras e de cerimônias que se praticam em uma religião. Durkheim (1989) ao definir rito, amplia o conceito observando que o mesmo não está vinculado somente às práticas das religiões, mas toda prática que tem relação com o sagrado. No caso dos ciganos brasileiros, por não terem uma filiação religiosa única e por conta dos frequentes deslocamentos, é possível identificar, no conjunto de suas representações ritualísticas, influências de algumas religiões, particularmente do catolicismo. Como relata Cristina Costa Pereira⁴⁰:

Eles tem santos católicos, quando eles fazem as suas eslavas, que são as suas cerimônias, que fazem para um filho que ficou doente e se recuperou, essas eslavas são feitas para quem? Santo Antônio, São Jorge. Quando eles querem proteger a barraca, as tendas né? No caso dos nômades, eles passam o cordão de São Francisco em volta da barraca e fazem suas orações. Nesse momento eles são extremamente católicos (CAVALCANTI et al., 2011b).

Essa característica cigana de incorporar a religiosidade dos países onde vivem, pode ser compreendida ao se pensar o *sincretismo* como “negociação, interação, confronto, transmissão, mistura, adaptação, assimilação, sondagem, transposição, identificação, simbiose, fusão, amálgama, alienação, dinamismo, confluência, interação, etc.” (CASTRO, 2006, p. 29).

Um exemplo disso são os ciganos que vivem na cidade goiana de Trindade e que são devotos do Divino Pai Eterno. A festa do Divino é uma tradição do catolicismo e da cultura popular, que acontece em várias regiões do país, com especificidades em cada lugar. Na cidade goiana de Trindade, a festa do Divino Pai Eterno acontece há 170 anos, sempre no mês de julho. Os ciganos de Trindade contam que mantêm a devoção ao Divino Pai Eterno como um forte elemento identitário. Ressaltam com orgulho que, estejam onde estiverem, é para essa festa que anualmente acorrem diversos grupos ciganos. Toni Lima de Carvalho, cigano *calón* residente no município de Goianópolis, GO fala da adesão e assiduidade das comunidades ciganas da região à festa religiosa:

⁴⁰ Episódio n. 2. Cf. CAVALCANTI et al., 2011b. (O Povo Cigano no Brasil, 2).

Nóis não perde um ano, se perder um ano da festa da Trindade é mesma coisa de você tá perdendo 10 anos de vida. Desde pequeno nóis ciganos, todo ano, nóis vem para a festa do Divino Pai Eterno, é todo! E não é só nóis da Trindade não, é todos. Nóis aluga um quintal aí, e arma a barraca nos fundo dos quintal e fica de dia. De noite nóis tá na festa, tá nas novena (CAVALVANTI et al., 2011i).

Percebe-se que esse momento de encontro serve como partilha dos bens simbólicos, e ao mesmo tempo de alteridade étnica, alteridade aqui entendida como valorização da própria cultura na sua diversidade. Ou seja, no momento em que os ciganos valorizam as expressões de religiosidade daquela cidade, também passam a ser respeitados pela comunidade em questão. Nas reportagens, os depoimentos como o de Divanildo⁴¹ apontam para o orgulho que sentem de participarem da festa.

Vem cigano de todo lugar nesse rancho nosso. Aqui nóis é tudo familiar, aí o que acontece, a gente procura fazer tudo por nossa conta da gente mesmo, pra ter mais liberdade com a família. [...] Vai até cinco ou seis da manhã todo dia (CAVALVANTI et al., 2011i).

No Brasil, a maioria dos ciganos se diz católica e instituiu Nossa Senhora Aparecida como padroeira, como afirma o cigano Marcos Quirino⁴² do estado do Espírito Santo. Ele conta que inclusive participam das festas na igreja:

Tudo católico, nóis vamos na igreja, não vamo assim todo dia, mas vez em quando vamo igreja.(...) Nóis somo fiel a nossa Senhora de Aparecida, todo ano nóis faz festa aqui de Senhora Aparecida, nóis somo patrocinador, nóis ajuda na festa (CAVALVANTI et al., 2011f).

É comum encontrar a imagem da Santa em pequenos santuários domésticos, nas salas de visitas dos lares e tendas ciganas. Recentemente, tem-se percebido um fenômeno de migração de ciganos católicos para igrejas evangélicas. Não é por acaso que a Assembleia de Deus instituiu um projeto intitulado *Evangelismo aos ciganos*, nomeando, inclusive, Valdir Apolinário para o Ministério Pastoral, primeiro pastor cigano da etnia *calón* e líder da Rede Nacional para Evangelização de Ciganos (RENECI). Apolinário tem sido responsável pela conversão de inúmeros ciganos no Brasil. Já em Curitiba, existe a Missão Amigos dos Ciganos de Curitiba (MACI), que vem participando de um projeto de tradução de trechos da Bíblia para o idioma *calón*,

⁴¹ Episódio n. 9. Cf. CAVALCANTI et al., 2011i. (O Povo Cigano no Brasil, 9).

⁴² Episódio n. 6. Cf. CAVALCANTI et al., 2011f. (O Povo Cigano no Brasil, 6).

juntamente com ciganos evangélicos, como o cigano Antônio, para quem “Deus irá falar em cigano”⁴³.

Perguntado a esse respeito, o padre Wallace Zanon⁴⁴ (ZANON, 2012), da Pastoral dos Nômades do Brasil⁴⁵, sugeriu que vários fatores contribuíram para isso. Em primeiro lugar, o padre justifica pela insuficiência do número de sacerdotes. Enfatiza também que a igreja não tem como propósito fazer proselitismo, dessa forma, os ciganos são livres para suas opções religiosas. Sobre a conversão às seitas evangélicas, “os protestantes têm agido mais perto dos ciganos, numa ação proselitista e usando meios pelos quais foge do nosso modo de evangelizar”. O padre afirma, ainda, que não acredita que haja uma conversão em massa das famílias ciganas. Diz que continua realizando os sacramentos católicos junto às mesmas e, segundo ele, “os ciganos em sua maioria, aqui no Brasil, vivem a experiência do catolicismo, de modo especial na realização dos sacramentos do batismo e do matrimônio que são essenciais na vida cigana”.

Considerando que tanto o nascimento quanto o matrimônio e também a morte são os principais ritos da tradição cigana, e associando esse fato às palavras do padre Wallace poder-se-ia supor que os sacramentos católicos são parte intrínseca dessa cultura. Entretanto, não é o que ocorre. Os ciganos, devido a seus princípios de liberdade, não estabelecem relação de dependência com nenhum contexto que possa *aprisioná-los*, como enfatiza Fábio:

Ser cigano tem o lado bom, somos pessoas livres, vocês, a sociedade prende muito. Tem que estudar, se formar, arrumar emprego. Ciganos, siga por anos, eles andam sem parar. Um cigano tem aquilo na veia. De vender, viajar e não aguentar ficar parado num lugar. Eu tenho orgulho e gosto muito das tradições. (MACIULEVICIUS, 2013).⁴⁶

A questão envolvendo a conversão de ciganos ao protestantismo tem preocupado a eles próprios, na medida em que percebem que esse processo tem agido de forma profunda em seus costumes. Um exemplo disso é a proibição da interlocução das mulheres ciganas com o oculto através da leitura da mão (quiromancia), jogo de

⁴³ Retirado de Ciganos Evangélicos. PROJETO de evangelização aos ciganos: prezados irmãos parceiros e intercessores. Ciganos Evangélicos. [S.l.], 24 dez. 2010. Disponível em: <<http://ciganosevangelicos.blogspot.com.br>>. Acesso em: 11 nov. 2013.

⁴⁴ Entrevista concedida por e-mail [mensagem pessoal] em 23/04/12.

⁴⁵ A Pastoral dos Nômades do Brasil é um serviço da Igreja Católica que procura desenvolver suas atividades visando à promoção humana e cristã das pessoas, em especial do grupo que integra o povo nômade, ou seja, ciganos, circenses e parquistas.

⁴⁶ Paula Maciulevicius: “Sob a tenda, casal de ciganos virou evangélico sem deixar o acampamento”.

cartas e demais oráculos que fazem parte de suas práticas ancestrais. Nem sempre condicionadas ao viés econômico, como se percebe na narrativa de Fábio, ao falar da sua conversão e da de sua esposa Paola:

Antes a gente olhava a sorte, mas Deus chamou e numa graça, eu abandonei pela Bíblia [...] Eu dobrei meu joelho e pedi para Deus me libertar da idolatria, que eu queria misericórdia da minha alma depois da morte. Entrei na igreja e pedi um sinal pra Deus me chamar e ele me chamou pelas águas do santo batismo. Com a minha esposa, Deus chamou por um hino em sonho ‘Avantes do senhor, sem temer’ e ela nunca mais leu a mão de ninguém (MACIULEVICIUS, 2013).

Rose⁴⁷, de Santa Catarina, tem conseguido driblar essa proibição. Ela justifica:

Antes eu gostava muito de ler mãos, mas de uns tempos para cá eu tenho ido na igreja evangélica, e na igreja evangélica eles não aceitam. A gente não aceita, mas eles acham que é errado, continuamos indo, essa tradição a gente não pode perder nunca né? Porque isso já vem dos avós, como é que a gente vai deixar uma coisa que já vem dos antepassados? Porque a gente não é assim bem evangélico, mas a gente vai sempre na igreja, então vai seguindo o mandamento da Bíblia (CAVALCANTI et al., 2011d).

Esse processo de conversão de ciganos ao protestantismo, que só agora começa a ser percebido no Brasil, teve início na Europa no início dos anos 1970, e nos Estados Unidos nos anos 1980 (FRASER, 2005). Na concepção de Fraser (2005), o que tem atraído milhares de ciganos às igrejas evangélicas é o sentimento de acolhimento e solidariedade que elas conseguem transmitir para um povo cuja tradição está fragilizada. Fraser (2005) explica ainda que, apesar das missões evangélicas contemporâneas não terem um caráter assimilador, o impacto sobre o estilo de vida cigano é radical.

Ele coloca que as normas proíbem o cigarro, o álcool, as drogas, o jogo, o engano, a mentira e o roubo. Algumas igrejas mais ortodoxas da Europa e dos Estados Unidos proíbem a comemoração do dia de santos padroeiros, bem como o uso de suas imagens. Além disso, é proibido o dote, a adivinhação, as festas do dia dos santos (católicos e ortodoxos), as práticas funerárias tradicionais, isto é, o banquete funerário (FRASER, 2005).

Esse relato remete aos fragmentos narrativos dos ciganos brasileiros acerca da interferência dos princípios religiosos evangélicos nos hábitos culturais, como comentam os ciganos da família Ivanovich, que residem no município de Palhoça, SC.

⁴⁷ Episódio n. 4. Cf. CAVALCANTI et al., 2011d. (O Povo Cigano no Brasil, 4).

De acordo com eles, o casamento de ciganos católicos com ciganos evangélicos tem promovido mudanças acentuadas nas relações sociais dos grupos. Isso porque as comemorações ciganas costumam expor símbolos que remetem à igreja católica, tais como imagens de santos, terços, velas; além do consumo de bebida alcoólica, do uso de cigarro e música *profana*.

Mas, talvez a espiritualidade dos ciganos seja fruto de menos apego a uma única religião, o que se percebe na declaração de Rogério *Calón*⁴⁸, “Se quer religião, tem liberdade. Se quer Iemanjá vai, se quer frequentar o centro espírita ele vai, se quer ir em uma igreja católica ele vai, a gente não tem religião definida, é liberdade” (CAVALCANTI et al., 2011d).

2.3.2 Os mitos dos filhos do vento

A mitologia cigana sobre sua origem é muito rica e variada, e são inúmeras as lendas que a recontam. Uma lenda em que muitos ciganos acreditam é que seu povo veio do interior da Terra e espera um dia retornar. Isso se constitui em um de seus principais segredos. Outra diz que o povo hoje chamado de *cigano* descende de anjos caídos que ao chegarem à terra juntaram-se com "as filhas dos homens".⁴⁹ Há ainda uma lenda que pode ser interpretada como um dos mitos fundadores da liberdade cigana: o povo cigano é descendente de Hagar, a escrava de Sara, esposa de Abrão, que, após ter dado à luz um filho de seu senhor Abrão, foi humilhada e expulsa por Sara, como reconta Baçan:

No deserto, Hagar encontrava-se junto a uma fonte, no caminho de Sur, quando um anjo do Senhor percebeu sua presença e interrogou-a:
 — Hagar, de onde vens serva de Sara? E para onde vais, afastando-te de tua ama e senhora?
 Respondeu Hagar:
 — Fujo da presença dela, que me humilhou e expulsou.
 — E o que fizeste para merecer isso?

⁴⁸ Episódio n. 4. Cf. CAVALCANTI et al., 2011d. (O Povo Cigano no Brasil, 4).

⁴⁹ Essa lenda está descrita no livro Apócrifo de Enoque. Os manuscritos, hoje conhecidos como Evangelhos Gnósticos, ou Apócrifos (Apocryphom, literalmente, livro secreto), revelam ensinamentos apresentados segundo perspectivas bastante diversas daquelas dos Evangelhos Oficiais da Igreja Romana. Os papiros encontrados em Nag Hammadi tinham cerca de 1.500 anos, e eram traduções em cópia de manuscritos ainda mais antigos feitos em grego e na língua do Novo Testamento. As datas dos textos originais estão estimadas entre os anos 50 e 180, pois em 180, Irineu, o bispo ortodoxo de Lyon, declarou que os hereges "dizem possuir mais evangelhos do que os que realmente existem". Cf. BAÇAN, 1999.

— Dei ao meu amo e senhor um filho, por ordem dela. Agora meu filho, tanto quanto eu fui, será também um escravo entre eles.

O anjo, que conhecia os planos do Senhor para com Abrão e sua descendência, aconselhou Hagar:

— Volta para a tua senhora. Humilha-te, se for preciso, pois grandes coisas estão reservadas para ti.

— A escravidão é um fardo pesado demais para mim e para os meus...

— Pois então a liberdade será a marca de tua descendência. Eu a farei tão numerosa como sementes ao vento, para que se espalhem por toda a terra e não conheçam fronteiras. Concebeste e darás à luz um varão, a quem chamarás Ismael, porque o Senhor te acudiu na tua aflição. Ele será indomável entre os homens, e não conhecerá freio nem rédeas. Habitará entre todos os homens, mas não conhecerá fronteira. Sua passagem será como a passagem do vento.

E por isso Hagar retornou à tenda de Abrão e tudo se confirmou, conforme o anjo havia predito. Após Ismael, Hagar teve outros filhos e filhas, que por sua vez se multiplicaram, indo habitar as terras às margens do rio (BAÇAN, 1999, p. 4).

Entre tantas lendas, está também a que conta que o povo cigano é o único povo da terra que nasceu sem o pecado original. A razão disso seria o fato de eles serem descendentes diretos de Adão e Lilith, mulher de Adão anterior a Eva.

Em relação ao nomadismo cigano, existem muitas histórias que buscam explicá-lo tal como a lenda da fuga de Maria, mãe de Jesus, para o Egito. Apesar de passar por muitas variações, ela é contada e recontada por diversas gerações ciganas. Sobre esse aspecto inerente às narrativas, contos e lendas, apesar de não se referir diretamente aos ciganos, vale a fala Levi-Strauss (1978) quando observa que:

As histórias de carácter mitológico são, ou parecem ser, arbitrárias, sem significado, absurdas, mas apesar de tudo dir-se-ia que reaparecem um pouco por toda a parte. Uma criação «fantasiosa» da mente num determinado lugar seria obrigatoriamente única – não se esperaria encontrar a mesma criação num lugar completamente diferente (LEVI-STRAUSS, 1978, p. 20).

A tentativa dos ciganos de explicarem o nomadismo por meio de elementos míticos pode ser percebida como um processo pelo qual se creem conhecedores e decifradores do universo, como sugere o autor. Apesar de tratar-se de um aspecto cultural, essa crença é de extrema importância, pois é por meio dela que se fundamentam as representações mitológicas ciganas. Nesse sentido, a já citada lenda de Maria, traz uma bela adaptação da história “oficial” da sagrada família. Conta a lenda, cuja narrativa se confunde com o Novo Testamento, que após a visita dos Reis Magos, um anjo do Senhor apareceu a São José, em sonho, dizendo:

— Prepara-te, toma o Menino e a mãe e foge para o Egito. Permanece lá até que eu te avise, porque Herodes pretende matar o menino.

— Mas como viveremos? — indagou ao anjo.

— Nada tema. As portas se abrirão para o filho do Senhor; malditos e errantes por toda a eternidade serão aqueles que Lhe negarem ajuda.

Confiante nas palavras do anjo, São José, no meio da noite, partiu com Maria e Jesus para o Egito.

Foi uma viagem cheia de sobressaltos. Apesar da confiança nas palavras do anjo do Senhor, o temor de que os soldados de Herodes os alcançassem foi companhia constante.

Por todo o caminho, conforme o anjo havia predito, as portas se abriam para a Santa Família em fuga. Todos receberam e deram acolhida a eles, alimentando-os e dando-lhes água. Todos, exceto um mercador, quando atravessavam uma das regiões mais áridas.

— Minha água e minha comida é para os meus — disse ele, com arrogância.

— Por favor, apenas um pouco de água. Não queremos que você e os seus paguem por irem contra a vontade do Senhor... — tentou ponderar Maria.

— Senhor? Só há um senhor nesta caravana e este sou eu — zombou o mercador, mandando seguir o comboio.

Nesse momento, um raio cortou o céu limpo, assustando os camelos e dispersando os servos. Assustado, o mercador olhou ao seu redor, sem entender de onde surgira aquele raio. Foi então que uma voz trovejante lhe disse:

— Negaste ajuda ao filho do Senhor e, por isso, tu e os teus vagarão eternamente, batendo em portas fechadas e vivendo separados de todos os homens da face da Terra!

Tuas raízes se secarão, como seco é teu coração! Nada vos prenderá a terra alguma [...] (BAÇAN, 1999, p. 7).

Sabe-se que na época em que começaram suas andanças pela Ásia Menor, Constantinopla, Grécia e particularmente pela Europa Central e Ocidental, tais sociedades viviam uma religiosidade excessiva, ancorada em pressupostos de fé fundamentados por sentimentos de compaixão, culpa, punições, perdão, etc. Mesmo aproveitando-se desse contexto e apesar de adotarem algumas crenças instituídas, por possuírem uma forte noção de descendência e pertencimento, os ciganos, de fato, vinculam sua espiritualidade a seus ancestrais. Assim acreditam que os espíritos que os antecederam são os reais protetores de seu povo e os verdadeiros guardiões de sua tradição.

Essa forma de se relacionar com o oculto fica claro no mito da quiromancia (buena-dicha), atividade menos praticada na atualidade, uma vez que as jovens cada vez mais se afastam dela e poucas ciganas permanecem a realizar a leitura de mão. A esse respeito, dona Neroina Isabel, *cagín* (mulher não cigana de Trindade, GO, casada com cigano há 34 anos), comenta que se até o próprio dialeto *calón* está se perdendo entre as novas gerações, que dirá o exercício da quiromancia. Esse fato, no entanto, não altera o lugar que a leitura de mão ocupa na mitológica cigana.

Quando perguntados sobre seus costumes, os ciganos continuam incluindo-a no conjunto de suas representações. Sobre a continuidade da tradição da leitura de mão pelas ciganas jovens, Helena da Costa⁵⁰, jovem cigana *calin* (mulher cigana) residente em Trindade, GO, dá o seguinte depoimento:

Tem ainda né? Tipo, eu não sei né? Lê a sorte, mas, as mais velha. Eu não aprendi porque a minha mãe, ela não tinha essa vocação, quem tinha era a minha avó, então, quando a minha avó morreu, eu ainda era pequena. Eu não participei, assim, de nada dessas coisas. Mas a minha bisavó, na verdade, ela era uma curandeira muito grande. Vinha gente de todo quanto era lugar, pra se tratar com ela, ela fazia remédio caseiro, oração e tudo. Pela sua mão, ela te contava a sua vida; minha bisavó (CAVALCANTI et al., 2011i).

Já Adriana Jorge⁵¹ tem uma experiência diferente da de Helena, e conta como aprendeu o ofício:

Com minha mãe, aí vem de tradição por tradição, aí se vai aprendendo assim ler a mão, todo dia nós vai na cidade ler a mão. É ali mermo perto do lago 13, nós sai daqui oito hora ou oito e meia. Aí nós fica lá até três hora, tem muita gente que lê, mas, tem muita gente que não lê, que gnora, gnora de nós, num gosta de tá lendo, num credita. Já tem muita gente que credita, nós já tem o ponto fixo de ficar, aí nós fica lá. O que tiver marcando a mão a gente conta, o que não tiver marcando, a gente num conta. Diz a vida da pessoa, diz muita coisa, cinco real (CAVALCANTI et al., 2011e).

Os exemplos citados apontam alguns aspectos relevantes. Em primeiro lugar, fica evidente que o distanciamento das mulheres ciganas da prática da quiromancia vem ocorrendo há duas gerações. Os motivos, de acordo com alguns ciganos que participaram da pesquisa, seria a discriminação, o preconceito e as perseguições, elementos que têm feito com que busquem outras formas de sobrevivência.

A leitura do destino, pelas linhas da mão ou por meio das cartas é uma prática muito confundida com magia, bruxaria, etc. Esse envolvimento dos ciganos em uma aura mística tem sido para eles um dos motivos do preconceito e das perseguições, como observa Zanata Dantas⁵². Ele acredita que a discriminação nasceu, “da parte do misticismo, pessoal tinha o cigano como um místico, um bruxo. Então se agregava todas as coisas ruins junto ali. Com essa discriminação toda, é que está difícil de quebrar essa

⁵⁰ Episódio n. 9. Cf. CAVALCANTI et al., 2011i. (O Povo Cigano no Brasil, 9).

⁵¹ Episódio n. 5. Cf. CAVALCANTI et al., 2011e. (O Povo Cigano no Brasil, 5).

⁵² Episódio n. 7. Cf. CAVALCANTI et al., 2011g. (O Povo Cigano no Brasil, 7).

barreira, e levar o conhecimento do que é o cigano, que a sociedade cigana é uma nação dentro de outra nação” (CAVALCANTI et al., 2011g).

Apesar de todas as falas fazerem referência à tradição cigana da leitura da mão (*buena-dicha*), o que vai diferenciar é o lugar que ela ocupa no cotidiano de cada um. Para Francisco Soares, líder de uma das comunidades ciganas de Sousa, PB a leitura de mão “[...] acabou-se [...] Não existe mais. Isso era um comércio forte do cigano. É, mas hoje o pessoal tem internet, e com a internet não vai mais fazer consulta. Tem gente que ainda faz, mas é uma raridade, negócio muito raro” (FIGUEIREDO, 2013a).

Para os ciganos de Trindade, GO apesar de terem se sedentarizado há muito tempo, o uso da leitura de mão pode, em determinado momento, tornar-se uma opção, já que o sustento das famílias não depende dessa atividade. No caso do grupo de Adriana Jorge, a leitura de mão constitui-se em um dos meios de garantir a vida do grupo, que é nômade e não possui, portanto, nenhum tipo de renda fixa, nem mesmo recursos originários dos programas de transferência de renda, tipo o Bolsa Família.

Retomando a questão que diz respeito à forma como os ciganos articulam seus dispositivos de fé é interessante observar as representações sociais que permeiam o universo cigano, muitas vezes utilizadas por eles como proteção. Nilvando Alves Luzia⁵³, *calón* e morador da região de Trindade, GO, ao comentar sobre os benefícios dos mitos e lendas sobre ciganos na hora de afastar a criminalidade de suas moradias, revelou:

Graças à Deus na nossa comunidade cigana, não existe esses negócio de assalto, violência, estuprador, drogado. Não entra não porque sabe que a maioria é muié de cigano, que eles tem.. aquela fama de brabo né? Mas nós não somo brabo, graças a Deus. Nós somo brabo na nossa razão. Isso é todo mundo né? E, na nossa casa aqui eles não entra não. Pode deixar porta aberta, e a vizinhança que sabe que os cigano são os morador, pode procurar eles que eles tão muito satisfeito de morar com nós (CAVALCANTI et al., 2011i).

Essa utilização da identidade atribuída como mecanismo de defesa não é um consenso entre os ciganos. Há quem pense que alguns de seus aspectos, como o que fala do roubo de crianças⁵⁴, devam ser desconstruídos, já que, além de denegrir a imagem dos ciganos, impõem inúmeros obstáculos à sua sobrevivência.

⁵³ Episódio n. 9. Cf. CAVALCANTI et al., 2011i. (O Povo Cigano no Brasil, 9).

⁵⁴ Na tentativa de romper os estereótipos e preconceitos em torno dos ciganos, Nicholas Ramanush, do clã *Sinti*, fundou e atualmente preside a ONG Embaixada Cigana no Brasil. Conforme define Ramanush, a ONG surgiu “segundo o estatuto, com a função de resgatar, manter e difundir a nossa cultura (cultura

Padre Wallace⁵⁵, da Pastoral Nômade, ao analisar a questão dos preconceitos e perseguições aos ciganos aborda, especificamente, as atitudes da polícia:

Ainda existe um preconceito muito grande, por exemplo, a polícia, a polícia não respeita muito os ciganos. Entra no acampamento dá tiro, mata cachorro, se tiver criança não tá nem aí. Chega lá desrespeita, não tem mandato de prisão quando tem prisão. Só porque o cara tá no terreno tem que sair dali da cidade, tem cidade que proíbe o cigano de acampar⁵⁶ (CAVALCANTI et al., 2011j).

O padre fala também sobre a dificuldade dos ciganos em conseguir emprego. Ele diz que se afirmar sua identidade étnica dificilmente um indivíduo cigano conseguirá a contratação. Essa atitude, segundo Wallace, é motivada pela ignorância das pessoas em relação à cultura cigana. Ele acredita que as pessoas temem os ciganos por “desconhecerem o lado bom que eles possuem”. As palavras de Wallace são confirmadas pelo depoimento de João Paulo Cruz⁵⁷ que, apesar de saber da importância da educação como facilitador de acesso ao emprego, reconhece que, no caso dos ciganos, por conta do preconceito, o desafio é maior:

Educação é uma das melhores coisas que um pai pode dar a um filho, é a educação né? Que ali você nunca vai perder a educação. O estudo, antes (...) agora não, que tá mais evoluído do que antigamente. Porque era dificilmente que ele estudasse para arrumar um trabalho, porque ele era muito discriminado. Um exemplo, se ele fosse formado e fosse trabalhar em um lugar e soubessem que ele era cigano aí já ficava com aquela má impressão. Geralmente é isso aí, saia, era o preconceito, a fama (CAVALCANTI et al., 2011g).

Pode-se afirmar que a identidade *cigana atribuída* foi alicerçada no preconceito e na discriminação. A ideia de diferença é geralmente acompanhada por oposições e generalizações que terminam por se constituir em *estereótipos*. O

cigana). Então não é apenas resgatar e manter, é como se fosse algo arqueológico, ou seja, um fóssil não, difundir. Justamente para que as novas gerações possam aproveitar também o que é da nossa cultura, e pra que, os não-ciganos tendo acesso a nossa cultura, enfim essa possibilidade ajude a desmistificar e demitificar alguns mitos que foram criados a respeito do que seja cigano, e criaram aí um preconceito que é complicado. Por exemplo, tem gente aí que sem conhecer cigano detesta cigano, e diz que todo cigano é ladrão, que não presta, que rouba crianças”. EMBAIXADA CIGANA DO BRASIL. 2013. Disponível em: <<http://www.embaixadacigana.com.br/>>. Acesso em: 17 nov. 2013.

⁵⁵ Episódio n. 10. CAVALCANTI, Celso et al. Ordem e Progresso: políticas públicas para os ciganos.

Rádio Senado, Brasília, 24 mar. 2011j. Áudio on-line (30 min.). (O Povo Cigano no Brasil, 10).

Disponível em:

<http://www.senado.gov.br/noticias/Radio/programaConteudoPadrao.asp?COD_TIPO_PROGRAMA=&COD_AUDIO=53048>. Acesso em: 28mar. 2011.

⁵⁶ Episódio n. 10. Cf. CAVALCANTI et al., 2011j. (O Povo Cigano no Brasil, 10).

⁵⁷ Episódio n. 7. Cf. CAVALCANTI et al., 2011g. (O Povo Cigano no Brasil, 7).

estereótipo, como sugere Bhabha (1998), “é um modo de representação complexo, ambivalente e contraditório ansioso na mesma proporção em que é afirmativo, exigindo não apenas que ampliemos nossos objetivos críticos e políticos, mas que mudemos o próprio objetivo da análise” (BHABHA, 1998, p.110).

O preconceito e as discriminações aparecem nos múltiplos contextos das temporalidades ciganas. Aparecem principalmente nos recônditos da memória herdada e nos relatos de quem as experimenta cotidianamente, como é o caso de D. Neroina Isabel⁵⁸, cigana que vive em Trindade, GO:

As pessoas têm tanto preconceito com ciganos, se você chega em algum lugar, em uma porta, as pessoas já dizem, ah é um cigano. Então é difícil. As pessoas acham que a gente tá ali é pra pedir, é pra querer qualquer coisa na marra, e não é bem assim. São pessoas normais, como outra qualquer. Hoje tá bem amenizado, mas antes era difícil (CAVALCANTI et al., 2011i).

O depoimento de Neroina é legitimado pelo de Vanúsa⁵⁹, cigana do Espírito Santo, quando conta que “dependendo do lugar, algum comércio, outra hora num local público, dentro de loja, assim! eles não falam nada, tratam a gente bem, mas a gente sente pelo olhar que imaginam qualquer coisa” (CAVALCANTI et al., 2011f). A experiência de Neroina também é vivenciada pelos ciganos do Sul, como relata Luiz Motta⁶⁰, cigano nômade de Santa Catarina:

Você entra no supermercado, já o cara olha e diz para o outro: vai lá atrás. Você se sente envergonhado, a mulher já não pode entrar com *incenso* (7`32”) no supermercado, já entrou e tem um cara olhando lá, já fica de olho em você lá. Quê é isso rapaz? Você não estava roubando. Sofrimento com preconceito é demais meu Deus (CAVALCANTI et al., 2011d).

Os relatos anteriores são resumidos por Rose⁶¹, uma das matriarcas do grupo de Rogério *Calón*, como um desabafo:

A vida toda foi assim, eu acho que é considerado que um animal tem mais valor do que um cigano no Brasil. É triste, a gente chega às vezes não deixam a gente nem fazer comida, a gente vai chegando e vão fazendo a gente ir embora. Desde criança a gente passa essa luta na vida cigana, sempre sofrendo pelo mundo (CAVALCANTI et al., 2011d).

⁵⁸ Episódio n. 9. Cf. CAVALCANTI et al., 2011i. (O Povo Cigano no Brasil, 9).

⁵⁹ Episódio n. 6. Cf. CAVALCANTI et al., 2011f. (O Povo Cigano no Brasil, 6).

⁶⁰ Episódio n. 4. Cf. CAVALCANTI et al., 2011d. (O Povo Cigano no Brasil, 4).

⁶¹ Episódio n. 4. Ibid.

A indignação com atitudes preconceituosas tem feito com que alguns ciganos busquem adquirir novas competências, que os coloque em pé de igualdade com os não-ciganos na busca por oportunidades e, acima de tudo, que contribuam com a diminuição do estigma tão presente na memória desse povo. Esse propósito é evidenciado no depoimento de Leandro Soares de Moura⁶², cigano de Trindade, GO:

Nóis somos estudados. Hoje em dia, nós ciganos somos de peito aberto, qualquer serviço que mandar hoje - pra mostrar que nós ciganos temos capacidade, entendeu? [...]. Então nós queremos fazer isso, mostrar pro povo que a gente tem capacidade de ser uma pessoa igual a todo mundo. Não só porque nós pode carregar mala nas costas e trabalhar no sol a sol. Nós fazemo isso, eu faço isso, minha mãe faz, meu pai faz. Então nós queremos quebrar esse preconceito, que fala que cigano não trabalha, cigano não faz nada. Nóis quer tirar esse nome do nosso currículo; de à toa (CAVALCANTI et al., 2011i).

O preconceito, particularmente no âmbito de sua sobrevivência, tem levado muitos ciganos a identificar-se com outras culturas, desencadeando processos de hibridismo cultural ou hibridização.

2.4 JOVENS@CIGANOS.COM.BR

2.4.1 Jovens e mídias

A noção de juventude, por se tratar de uma construção social, tem adquirido uma dinâmica própria a partir do contexto das sociedades ditas *complexas* ou *pós-modernas*. Bourdieu (1983b), ao comentar sobre juventude, afirma que quando reflete sobre jovens e velhos, refere-se a essa relação em sua forma mais vazia. Para o autor, “somos sempre o jovem ou o velho de alguém”. Ele diz que qualquer que seja a natureza do corte, idade, classe ou geração, ele será inteiramente variável e objeto de manipulação (BOURDIEU, 1983b). Afirma ainda que:

[...] a idade é um dado biológico socialmente manipulado e manipulável; e que o fato de se falar dos jovens como se fossem uma unidade social, um grupo constituído, dotado de interesses comuns, e relacionar estes interesses a uma idade definida biologicamente já constitui uma manipulação evidente. Seria preciso pelo menos analisar as diferenças entre as juventudes, ou, para encurtar, entre as duas juventudes (BOURDIEU, 1983b, p. 113).

⁶² Episódio n. 9. Cf. CAVALCANTI et al., 2011i. (O Povo Cigano no Brasil, 9).

Melucci (2007) também considera que juventude, nos dias atuais, não diz respeito apenas à condição biológica. Para o autor, juventude tem a ver com definição cultural. Nessa perspectiva, todos os atributos próprios da adolescência seriam deslocados para além dos limites biológicos, dando lugar a aspectos culturais mais abrangentes que se tornariam marcas da personalidade desses indivíduos durante algumas fases de suas vidas.

Assim, a adolescência parece prolongar-se para além dos limites de idade, passando a se relacionar com a “suspensão de um compromisso estável”, que o autor identifica como um tipo de “aproximação nômade” com o tempo, espaço e cultura (MELUCCI, 2007, p. 15-19). Nesse sentido, as roupas, os gêneros musicais, a participação em grupos seriam linguagens temporárias e provisórias de identificação do indivíduo; seriam sinais a serem percebidos por outros indivíduos (MELUCCI, 2007, p. 15-19). Esses sinais de reconhecimento a que se refere Melucci (2007) é um dos aspectos que se pretende evidenciar ao se buscar compreender a identidade juvenil cigana, seus processos culturais e o papel das mídias nesse contexto.

A configuração dos ciganos como um grupo étnico está ancorada em modos próprios, onde cada sujeito tem um papel. Nesse contexto, o jovem cigano representa, para sua cultura, a esperança de continuidade da tradição. Em função disso, as famílias depositam em seus filhos muitas expectativas e cobranças também. Apesar dos ciganos dizerem que vivem o momento presente, em relação aos jovens, isso não se confirma, pois cedo eles passam a prepará-los para o futuro.

Poder-se-ia dizer que os ciganos não passam pelo processo de moratória juvenil, constituído pela formação para só posteriormente assumir mais responsabilidades, como por exemplo, formar sua própria família. Dessa forma é que já antes de entrar na fase da adolescência, a menina cigana é conduzida pela mãe a participar dos afazeres domésticos e a cuidar de irmãos e parentes menores, enquanto os adultos saem para trabalhar. Existem também outras aprendizagens a que são submetidas e que fazem parte do capital cultural étnico, que é o respeito e obediência extremos à sogra⁶³, depois ao sogro e, por fim, ao marido.

Depois que casa, é com sogra que a jovem cigana passará a maior parte do tempo. A jovem será para a sogra como uma filha e cumprirá com todas as obrigações

⁶³ Cabe ressaltar que em duas situações a mulher cigana não está totalmente submetida. Quando sogra em relação à nora e em relação às crianças.

que se espera dela. Existem exceções que ocorrem quando uma mulher cigana separa-se e contrai novas núpcias. Nesse caso, a jovem e o esposo podem decidir morar em outra casa que não a dos pais, mas, mesmo assim, não será muito distante da dos familiares do esposo. Apesar de parecer estranho, esse aspecto da cultura cigana passa a ser compreensível quando se entende que uma das maiores preocupações dessa minoria é com os idosos.

O idoso significa para eles o guardião da sabedoria ancestral. Ele é a base da formação das gerações futuras. É ele a quem o grupo recorre em situações de indecisões e conflitos. Dom Edson, da Pastoral Nômade do Brasil, enaltece esse aspecto da cultura cigana: “Esses valores hoje, a sociedade está até perdendo. A dimensão da família, dimensão dos pais para com os filhos, os valores que eles dão aos velhos, velho como sendo a sabedoria, a biblioteca ambulante do grupo” (CAVALCANTI et al., 2011g).

O jovem cigano também passa por alguns processos precoces, mas bem menos rígidos do que os das moças. Ainda na adolescência, o jovem deverá assumir um compromisso com uma jovem cigana e, para que isso ocorra, terá que demonstrar desenvoltura nos negócios e na vida.

No processo de iniciação na vida dos adultos, a escola é, na maioria das vezes, abandonada precocemente pelos meninos ciganos. Isso ocorre na maioria dos casos, mesmo reconhecendo que é nela que se obtém os saberes necessários, que facilitarão suas relações com o mundo dos não-ciganos. A jovem cigana, da mesma forma que os jovens, frequenta por pouco tempo os bancos escolares, já que se casa cedo. Como foi o caso de Leila Amaral⁶⁴ esposa de Marcos Quirino:

Desde assim, os cinco anos foi falado. Aí a gente foi se criando junto, panhando amore. Aí nós justemo nove anos, nós ajustemo casamento, aí quando foi, teve com 12 anos fui casar com ele, mas já gostava dele, que se eu não gostasse não casava. Assim as meninas daqui também. Minha mãe me perguntava, meus irmãos me perguntavam se quer casar com ele, eu quero, que eu gosto dele (CAVALCANTI et al., 2011f).

O caso de Leila é um caso à parte, a maioria dos casamentos ciganos preza mais pelos laços de parentesco do que pelos de afeto. Para os ciganos a paixão é passageira. É com base nessa concepção que os pais continuam interferindo nos relacionamentos dos filhos, como explica Esmeralda⁶⁵ ao se referir ao futuro da filha.

⁶⁴ Episódio n. 6. Cf. CAVALCANTI et al., 2011f. (O Povo Cigano no Brasil, 6).

⁶⁵ Episódio n. 9. Cf. CAVALCANTI et al., 2011i. (O Povo Cigano no Brasil, 9).

Tem vinte seis ano que sou casada com ele e nunca vi ele pra mim casar com ele. Depois de dezessete dia, que meu pai arranhou ele pra mim casar com ele, eu casei. Tô até hoje. Se for pra casar de novo eu caso com ele. A nossa tradição é essa, pronto, não tem jeito. Porque se eu ver que o rapaz não vai prestar pra ela, que não vai dar certo, família com família, vai desunir, então a gente não deixa. Tem que ser com aquela família que vai dar certo. Num existe esse negócio de separar, no meio de nós, pra fazer bagunça. A gente não gosta disso, nós não aceitamos (CAVALCANTI et al., 2011i).

Mirelle⁶⁶ resume, em poucas palavras, o lugar naturalizado da mulher cigana, por boa parte delas: “Nóis temos a tradição, a gente estuda até a quinta série, sexta série, aí depois nós paramos, porque a gente fica noiva, nós não temo querer não. Para aprender mais um pouco como é que é a vida lá fora” (CAVALCANTI et al., 2011g).

Apesar do abandono da escola devido à tradição dos casamentos precoces, há indicativos de que a educação escolar, para os ciganos, vem adquirindo outro valor diante das necessidades impostas pela pós-modernidade na dimensão político-econômica. É o caso de um dos grupos ciganos do Espírito Santo que decidiu fixar-se como forma de assegurar a permanência dos filhos na escola. Essa percepção parece estar vinculada à mudança de hábitos que passou a exigir deles outras formas de sobrevivência, além do comércio e das trocas. Dessa maneira, acreditam que devem oferecer aos filhos condições para que deem sequência aos estudos, e com isso tenham acesso a melhores empregos.

Zanata Dantas, de Porto Seguro, BA pensa como os ciganos do Espírito Santo. Como uma das lideranças de seu grupo ele afirma: “Onde eu domino, eu sempre bato na tecla: estudar, estudar, estudar. Então, pelo menos para os homens né?” (CAVALCANTI et al., 2011g). Mas, no que diz respeito às mulheres, ele é mais reticente: “a ideia é também de fazer um trabalho entre as mulheres. Não que ela vá para o colégio, mas que venha um ensino diferenciado para elas, mas a educação é uma coisa que tem que ser investida” (CAVALCANTI et al., 2011g)”.

Na esteira dessas mudanças vem também a relação dos jovens ciganos com as novas tecnologias. Há algum tempo, jovens ciganos, particularmente os mais favorecidos economicamente, inseriram-se no mundo virtual. Essa relação, entretanto, não ocorreu da mesma maneira para todos os ciganos. Para alguns, como para os

⁶⁶ Episódio n.7. Cf. CAVALCANTI et al., 2011g. (O Povo Cigano no Brasil, 7).

ciganos de Sousa, PB o aparecimento da internet foi um *susto*, como relata Pedro Bernardone⁶⁷:

Foi como, quase como um choque, pra cigano foi a internet, assustou, assustou, assustou muito o cigano por causa da quantidade de informação que a gente consegue, eles perguntam assim: Como que ele sabe que eu tô aqui em Sousa, porque ele tá em outro país? Aí cigano é assim, aí ele ficou com, como se fosse assim, com um pouco de medo, de receio da internet, mas já tão se acostumando, eles costumavam dizer que a internet era o diabo (CAVALCANTI et al., 2011h).

Essa relação com a internet é algo que além de assustar por sua amplitude, também tem incomodado aos ciganos pela capacidade de interferir em seus costumes e, particularmente, em sua relação com os filhos adolescentes. Recentemente, dois fatos confirmaram aos ciganos que realmente há motivos para preocupações. São duas situações ocorridas em grupos e estados diferentes em que jovens ciganos conheceram-se e combinaram casamento pela internet.

Como já mencionado nesse trabalho, os matrimônios ciganos envolvem muitas questões que passam particularmente por relações de parentesco e fatores socioeconômicos. Dessa forma, é que no momento em que um casamento foge de todos os pressupostos esperados pode haver conflito.

Em São Paulo, Mauro Soares conheceu na internet Chiara Bolsanelo e, aparentemente, com anuência das famílias, casaram-se. Pouco tempo depois, porém, puseram fim à união, como relata Mauro (16 anos). “Fui casado já, mas não deu certo, separei já. Ela era cigana morava lá na Bahia. Pai e minha mãe foram lá buscá ela pra morá aqui, comigo aqui. Aí não deu certo, aí separamo de volta”.⁶⁸ Em Santa Catarina, o caso foi mais complicado. O casal se conheceu via rede social (Facebook) e a certa altura combinou de fugir para, dessa forma, forçar as famílias a fazerem o casamento⁶⁹.

Os pais dos jovens catarinenses foram surpreendidos com a fuga, principalmente porque a moça já havia sido prometida para outro, e nesse compromisso, um dote já estava estipulado. Sua decisão de fugir com um cigano desconhecido de sua família complicou seriamente a questão. A família da moça poderia estipular um novo valor à família do rapaz com quem ela fugiu, mas haveria a possibilidade de que as condições financeiras do novo pretendente não fossem favoráveis. Além disso, a honra

⁶⁷ Episódio n.8. Cf. CAVALCANTI et al., 2011h. (O Povo Cigano no Brasil, 8).

⁶⁸ Episódio n. 5. Cf. CAVALCANTI et al., 2011e. (O Povo Cigano no Brasil, 5).

⁶⁹ Informações obtidas na pesquisa de campo com ciganos catarinenses residentes no município de Palhoça, SC.

da jovem era outro problema a ser resolvido, uma vez que, segundo a tradição cigana, havia sido maculada. A virgindade ainda representa um aspecto muito forte para os ciganos, como narra Helena Soares da Costa⁷⁰: “Nóis tem que casar... a moça virgem né? Nóis tem que ser moça virgem pra casar porque senão, nóis não pode casar. Não pode namorar pra casar” (CAVALCANTI et al., 2011i).

Isso implica que a jovem que fugiu deveria casar-se com aquele rapaz, correndo o risco de, caso contrário, não encontrar outro casamento ou apenas conseguir um dote ínfimo com a família de outro pretendente. O desfecho da estória, depois de muita discussão e já que a moça era separada, ficou com o dote estipulado em oito mil reais. O valor seria de dez mil, mas o pai presenteou os noivos com dois mil reais. Se a moça fosse virgem o dote seria de trinta e cinco mil reais. O jovem casal viveu junto por um ano, mas já está separado. Do relacionamento nasceram gêmeos que estão sob os cuidados da mãe, em São Paulo. O pai, raramente vê os filhos, devido a empecilhos colocados pela família da moça.

Os dois episódios ilustram as alterações que as novas tecnologias podem causar ao contexto cultural cigano. Se no começo essas preocupações giravam apenas em torno do tempo que os jovens gastavam navegando, por comprometerem suas atividades cotidianas, agora elas vão além disso. Afinal, com quem esses jovens conversam? Sobre o que conversam? Essas questões começam a fazer parte das inquietações ciganas por suas imensas possibilidades de surpreender. Cabe ressaltar que só há pouco tempo os ciganos mais antigos passaram a ver a internet com um pouco mais de naturalidade.

Bauman (2011) diz que “a ‘interface dos terminais de computadores’ teve impacto variado nas situações angustiosas de diferentes tipos de pessoas”, e que, para o jovem internauta, “o que mais importa é a capacidade de remodelar a ‘identidade’ e a ‘rede’ no momento em que surge a necessidade (ou, na verdade o capricho) de refazê-las” (BAUMAN, 2011, p. 25). Nesse sentido, é instigante pensar de que modo isso ocorre na relação dos jovens ciganos com a internet, tendo em vista o valor que os mesmos atribuem à sua tradição.

Criada nos anos 1960 com a proposta de ser um espaço democrático de abrangência global, a Internet é hoje o principal meio de comunicação e de informação “mediado por computador [CMC]” (CASTELLS, 2002). Seu aspecto aberto permite que conteúdos sejam publicados gratuitamente, sem uma censura prévia. Ela possibilita

⁷⁰ Episódio n. 9. Cf. CAVALCANTI et al., 2011i. (O Povo Cigano no Brasil, 9).

também, que se criem redes de sociabilidades nas quais pessoas podem se comunicar independente da distância.

Entretanto, outros aspectos, não tão positivos, também estão presentes na Rede. Estudos revelam que, no contexto desterritorializado da mesma, ocorrem reproduções de desigualdades, exclusão, xenofobias e preconceitos. Redes sociais como Orkut e Facebook, têm se constituído em espaços nos quais esses sentimentos são disseminados, particularmente entre os jovens como desabafa Cícero Romão Batista⁷¹, jovem cigano de Sousa, PB:

Às vezes quando a gente tá conversando no Orkut, quando sabe que é cigano sai. Tá entendendo? Inclusive teve até uma menina que eu tava conversando com ela. Ela disse: você é cigano? Eu disse sou. Aí ela foi lá e disse: Comigo não tem papo você tá sendo excluído agora (CAVALCANTI et al., 2011h).

Melucci (2005, p.101), ao comentar sobre juventude na pós-modernidade, ou mais especificamente naquilo que ele chama de “sociedades complexas”, aponta para outro tipo de identidade, a “identidade juvenil”. Ele diz que esta identidade é definida por “modos de vida e linguagens próprias” e que, se por um lado ela é homogênea, por outro, ela é diferenciada pelo pertencimento territorial e social.

No caso dos jovens ciganos percebe-se certa oscilação entre uma *identidade juvenil cigana*, quando falam o idioma do grupo cigano ao qual pertencem, e uma *identidade juvenil não-cigana*, quando se apropriam das gírias, jargões, etc. Quanto ao modo de vida, mesmo fazendo parte de uma tradição com formas de vestir exóticas, a juventude cigana, com exceção das festas intragrupo, segue as tendências da moda, ouve os *hits* do momento, possui celular de última geração, *laptop*, etc. O que pode variar é o poder de compra de cada um, na adesão a esse ou aquele símbolo de identificação com a juventude não-cigana.

A questão das alterações na forma de vestir dos ciganos não é uma postura somente dos jovens. Por motivos já mencionados, muitos têm abolido o uso de roupas e objetos que facilitem sua identificação como ciganos. Nesse sentido, Marcondes Soares Costa, atual secretário de igualdade racial do município de Trindade, GO explica que houve muitas mudanças no vestuário das mulheres ciganas a partir do que era a

⁷¹ Episódio n. 8. Cf. CAVALCANTI et al., 2011h. (O Povo Cigano no Brasil, 8).

identificação visual das mulheres dessa etnia. Para Marcondes⁷², essa mudança é fruto de um processo de adaptação e integração com as comunidades locais, como ele coloca:

Mulher antigamente usava aquelas roupona, entende? Devido ao preconceito que tinha muito, entende? Lá aquelas mulher de roupona, se era uma, duas ou três cigana, e que ciganeira, mas não. Era só três só. Aí por ser muito perseguido, por esse preconceito, aí mudou muito, os trajes da cigana, não é mais aquele traje de antigamente, aquela roupona. Agora é uma roupa mais social, sabe? Misturar um pouquinho com o costume brasileiro. [...] passa uma cigana, eu reconheço porque eu sou cigano, mas se passa dois, três, você nem reconhece. Porque mudou muito o estilo, entende? Mas a de homem continua, a tradição continua (CAVALCANTI et al., 2011i).

A fala de Marcondes sobre costume, roupa e estilo aponta para outro aspecto, que é a falsa necessidade que o mercado cria para direcionar as pessoas ao consumismo. A noção de consumismo é definida por Bauman (2011) como um “produto social” que serve a muitos propósitos. Mais ainda, que tem a capacidade de transformar seres humanos em meros consumidores, relegando todo o resto a segundo plano. O consumo é uma necessidade, em última instância, de sobrevivência; já o consumismo é o ato de deslocar o consumo para um ponto central, onde ele se tornaria o “foco de todos os interesses”, ou mesmo, “o foco único desses interesses” (BAUMAN, 2011, p. 83). O consumo, segundo Martín-Barbero (1997):

Não é apenas reprodução de forças, mas também produção de sentidos: lugar de uma luta que não se restringe à posse de objetos, pois passa ainda mais decisivamente pelos usos que lhes dão forma social e nos quais se inscrevem (MARTIN-BARBERO, 1997, p. 290).

Em relação aos ciganos, percebe-se que eles não estão alijados das necessidades criadas pelas sociedades pós-modernas. Nesse sentido, a televisão é, por excelência, o meio pelo qual o apelo ao consumo torna-se mais evidente. É raro encontrar uma casa ou tenda cigana que não tenha um aparelho de televisão. É nas crianças e nos jovens, talvez por sua suscetibilidade, que se observam os efeitos desses apelos com mais nitidez. No que diz respeito à relação com a televisão, Canclini (1998) enfatiza que “as tecnologias comunicativas não substituem as tradições nem as massificam homogeneamente, mas transformam as condições de obtenção e renovação do saber e da sensibilidade” (CANCLINI, 1998, p. 263).

⁷² Episódio n. 9. Cf. CAVALCANTI et al., 2011i. (O Povo Cigano no Brasil, 9).

Adorno (1995), ao comentar sobre a suscetibilidade das pessoas em relação à TV, sugere que ela é um dos meios pelo qual a ideologia se expressa, e que influencia sobremaneira nossas vidas, além de incutir nos indivíduos uma falsa consciência e também um ocultamento da realidade.

Apesar dos aspectos negativos das mídias de massa, não se pode incorrer no erro de acreditar que elas sejam totalmente más (ECO, 2001). Tampouco supor que se viveria sem elas, “o que seria viver num mundo sem livros e jornais, sem rádio e televisão, e sem os inúmeros outros meios através dos quais as formas simbólicas são rotineira e continuamente apresentadas a nós” (THOMPSON, 1999, p.219).

Os meios de comunicação têm desempenhado um importante papel no processo de democratização da sociedade no momento em que destroem as fronteiras entre as classes sociais e disponibilizam cultura, informação e entretenimento, particularmente para as classes trabalhadoras. Cabe ressaltar que um dos maiores serviços que os meios de comunicação de massa prestam hoje para a sociedade, são as denúncias de violação de direitos sociais, de corrupção e de degradação ambiental, incluindo aí a proteção e defesa dos animais.

O problema das análises sobre os efeitos negativos da *mass media* como coloca Humberto Eco (2001) é que dificilmente é considerada a origem delas. Como é produzida, na maioria das vezes por grupos econômicos com fins lucrativos, sua produção deve atender a todas as exigências do mercado de consumo. Nesse sentido, trata-se de um processo muito bem orquestrado no qual o mercado gera desejos e *necessidades*, e o consumidor por outro lado, exige constantes inovações e serviços. Esse movimento institui uma relação paternalista entre produtor e consumidor, uma relação de “persuasor para persuadido” (ECO, 2001, p. 49).

A questão da persuasão, no caso da juventude cigana tem encontrado alguns limites impostos pelos componentes étnicos. É o caso das tatuagens e dos *percings*, considerados como ritos de passagem por muitos jovens. Apesar dos exemplos citados, a juventude cigana, por estar exposta aos apelos da sociedade de consumo, vem alterando alguns hábitos.

Essas alterações, e conseqüentemente seus resultados na vida e nas relações interétnicas, precisam ser observadas e compreendidas. A princípio observa-se certo incômodo por parte dos mais velhos em relação à conduta dos mais jovens. Entretanto, percebe-se, também, que esse incômodo não passou por nenhum tipo de reflexão mais profunda. Talvez os ciganos, como boa parte da sociedade, desconheçam o poder da

sociedade de consumo, e não lhe dediquem a atenção necessária como sugere Bauman (2011).

Numa sociedade consumista, o ruído dos pés do tempo correndo e fugindo apressados repetem sem parar uma mensagem: não são apenas as coisas das quais você não tem certeza que exigem sua atenção imediata, mas também as coisas das quais você ainda não sabe que não tem certeza (BAUMAN, 2011, p. 87).

2.5 EDUCAÇÃO CIGANA

A relação dos ciganos com a escola encontra-se permeada por diferentes dimensões de ordem cultural, social e econômica que, por sua vez, irão interferir no acesso, e principalmente, na permanência deles nesse espaço de aprendizagem e formação. A inserção no mundo dos adultos e dos negócios, o casamento precoce e a virgindade são os principais obstáculos étnicos para a permanência dos ciganos na escola. No que diz respeito à dimensão social, os ciganos alegam que a escola é um espaço de reprodução do preconceito e dos estigmas criados em torno de sua etnia.

Quanto à questão econômica, é de fato a que mais pesa na hora de colocar ou não os filhos na escola. Para a grande maioria dos ciganos, a partir do momento em que as crianças já possuem “o domínio mínimo da leitura, da escrita e do cálculo” (FERREIRA, 2003, p. 67), permanecer na escola seria um prejuízo, uma perda de tempo, pois o que desejavam dela foi alcançado.

Refletindo sobre a complexa relação ciganos/escola, Liégeois coloca que, por conta do tipo de vida que os ciganos levam, ainda não foi possível estabelecer uma relação entre o “êxito escolar” e o “êxito econômico”. Pois, para o autor, a forma como escola foi pensada não oferece nenhum tipo de qualificação para as práticas profissionais habituais dessa minoria étnica. Dessa forma ela não é útil, tampouco atrativa (LIÉGEOIS, 1987 *apud* FERREIRA, 2003, p. 67).

Liégeois (1987 *apud* FERREIRA, 2003) observa, também, que até na relação êxito escolar e êxito social a escolarização não consegue melhorar o *status* do indivíduo cigano dentro de seu próprio grupo social, mesmo que ele tenha completado sua escolarização. A razão disso é a diferença de valores dessa cultura em relação às demais. Nesse sentido, o autor arrisca dizer que, para os ciganos, o fato de estar escolarizado pode representar um obstáculo em sua relação intraétnica.

A escolarização pode significar a perda do *saber fazer (saber negociar)*, e consequentemente afetar sua integração com seu grupo de pertença. Liégeois (1987 *apud* FERREIRA, 2003) explica ainda que êxito, adaptação e promoção social são elementos que vivem à margem da relação dos ciganos com a escola. E que o fracasso escolar tem pouca importância para eles. O fracasso escolar seria para os ciganos, mais uma demonstração da rejeição pela qual historicamente vêm passando.

Por fim, diante de tantas dificuldades que enfrentam na relação com a escola, o autor questiona se os ciganos estariam interessados ou se esforçariam para entrar ou permanecer nela. Talvez a resposta esteja nas palavras de Marcos Soares Quirino⁷³, cigano que vive no estado do Espírito Santo, ao falar das dificuldades de conjugar escola com vida nômade: “Ficava mais dificultoso de estudar. Agora não, nossas criança tão estudando [...] vai tudo pra escola, não falta na escola. Falta um dia a gente pega no pé deles para ir para escola” (CAVALCANTI et al., 2011f).

A discussão sobre a escolarização dos ciganos no Brasil é ainda muito incipiente. A falta de informações sobre a escolaridade dos ciganos brasileiros dificulta mensurar com segurança qual seria o índice de analfabetismo dessa população. A Secretaria Especial de Direitos Humanos estima que até noventa por cento sejam analfabetos. Alguns fatores contribuem para esse índice. O primeiro fator seria a resistência que muitos ciganos continuam tendo em consentir que seus filhos frequentem por muito tempo a escola. Outro fator seria os obstáculos que as famílias ciganas encontram para acessarem a mesma.

Um exemplo disso são os ciganos que vivem em Embu das Artes, SP.⁷⁴ Nessa comunidade, nenhum cigano frequenta a escola devido às dificuldades de acesso. Ingrid Ramanush⁷⁵, cigana do clã *sinti*, reconhece que os ciganos nômades têm dificuldades de matricular seus filhos no colégio e de permanecer também. Ela diz que, “muitas vezes, o que eles comentam com a gente é que a escola fala que não tem vagas, que não dá para colocar” (CAVALCANTI et al., 2011f)⁷⁶.

As palavras de Ingrid corroboram com a percepção de Dom Edson⁷⁷, integrante da Pastoral Nômade da igreja católica em Porto Seguro, BA que, ao comentar sobre os motivos que dificultam o acesso das crianças ciganas à escola, enfatiza que

⁷³ Episódio n. 6. Cf. CAVALCANTI et al., 2011f. (O Povo Cigano no Brasil, 6).

⁷⁴ Episódio n. 5. Cf. CAVALCANTI et al., 2011d. (O Povo Cigano no Brasil, 5).

⁷⁵ Ingrid Ramanush é vice-presidente da Embaixada Cigana, ONG criada para representar a cultura cigana no Brasil.

⁷⁶ Episódio n. 6. Cf. CAVALCANTI et al., 2011f. (O Povo Cigano no Brasil, 6).

⁷⁷ Episódio n. 7. Cf. CAVALCANTI et al., 2011g. (O Povo Cigano no Brasil, 7).

“sempre tem a rejeição, quando descobrem que são ciganos, está cheio, a matrícula foi encerrada, e eles tem consciência da rejeição. Então botam em escolas particulares e ainda com muito cuidado” (CAVALCANTI et al., 2011g).

A escola brasileira não conseguiu ainda ser pensada a partir da diversidade cultural que compõe o conjunto das distintas culturas existentes no país. O Ministério da Educação (MEC) tem buscado dialogar com diferentes sujeitos que atuam em processos educativos, bem como com alguns grupos e indivíduos ciganos na perspectiva de refletir sobre políticas educacionais que possam se constituir, de fato, em uma política de educação que minimamente contemple as especificidades dessa população. Mas, para tanto, é importante que a escola se aproprie das especificidades da cultura cigana, que a conheça, que a compreenda. Isso ajudaria muito em situações como a que relata Célia⁷⁸:

Eles não gostam das escolas assim, eles queriam uma escola no acampamento cigano. Porque eles sabem que tem muito preconceito, xingam eles de ladrão e ficam colocando apelido. Uma vez estavam xingando as crianças ciganas porque não queriam que uma menina cigana entrasse na escola de vestido. Na nossa tradição não permite usá calça. Foi em Blumenau, e daí a professora não queria que ela fosse de vestido, nós fomos reclamá e daí ela não foi mais estudá, e parou de estudá (CAVALCANTI et al., 2011d).

A fala de Célia é ratificada pelo depoimento de Vitor⁷⁹:

Teve um cara que começou a dar chute no cigano, aí a professora coordenadora deixou ele vim bater, mas só que ele não veio me bater, ficou me xingando, aí a professora não gostou e ele falou que ia me pegar na rua. Aí eu falei para ele assim: por quê você não vem brigar aqui na rua? Ele falou assim: depois eu te pego. Ele tem muito preconceito contra o cigano, ele fica falando mal do cigano, que o cigano é ladrão e aquilo, aquilo outro, eu fico com vergonha, abaixo a cabeça (CAVALCANTI et al., 2011g).

Sebastião⁸⁰, também passou por experiências de preconceito em uma escola de Santa Catarina, mas nada tão forte se comparada à situação vivenciada por Vitor em Porto Seguro, BA. Para ele, tudo se resume em diferenças culturais que poderiam ser resolvidas com a implantação de escolas específicas para ciganos. Apesar de reconhecer que não tem muito gosto pelos estudos, Sebastião acredita que talvez com uma escola de ciganos ele e os outros gostassem mais de estudar:

⁷⁸ Episódio n. 4. Cf. CAVALCANTI et al., 2011d. (O Povo Cigano no Brasil, 4).

⁷⁹ Episódio n. 7. Cf. CAVALCANTI et al., 2011g. (O Povo Cigano no Brasil, 7).

⁸⁰ Episódio n. 4. Cf. CAVALCANTI et al., 2011d. (O Povo Cigano no Brasil, 4).

Eu comecei a estudar em Blumenau, não tô indo mais, não gosto muito de estudar, é porque é da raça de vocês assim sabe? Mas gosto mais da nossa união, porque nós se trata diferente. Nós chegamos na escola e os caras começam a nos chamar de cigano sabe? Nos tratam mal, o professor, os alunos, então a gente não tem muita intimidade com a escola. Eu tenho bastante caso, começa maltratá nós, começam a chamar de cigano, falam que cigano rouba muito, que rouba criança, aí eu não quis mais ir para a escola, queria mais estudá entre a nossa família, ter uma escola de ciganos (CAVALCANTI et al., 2011d).

Mas o desejo dos ciganos esbarra em um obstáculo. Quem iria ministrar as aulas se boa parte dos ciganos adultos é analfabeta? Para a coordenadora de diversidade e temas transversais da Secretaria de Educação de Santa Catarina, Maria Benedita Prim, essa seria uma ação que se desencadearia em longo prazo, pois pressupõe um professor com licenciatura em pedagogia e essa formação demanda tempo. Mas não seria esse o único e principal obstáculo a ser considerado, já que os meninos abandonam a escola precocemente para se dedicarem aos negócios, e as moças a abandonam logo que chega a menarca.

Um dos elementos mais importantes dos costumes ciganos é a prática do nomadismo, um dos principais motivos que leva crianças e jovens a ausentarem-se da escola. Se o conhecimento dessa prática fosse apropriado pela escola, a compreensão quanto à assiduidade dos alunos ciganos seria facilitada. Dificilmente uma família cigana nômade, ou seminômade se deterá em algum lugar aguardando o período de férias para poder viajar. As viagens ciganas não são viagens de férias ou de turismo, elas representam seu principal meio de sobrevivência.

A prática do nomadismo é encarada, também, por muitos ciganos como manutenção da tradição, apesar de não a exercerem mais tão intensamente como no passado. Nesses termos, o nomadismo é um contexto onde se fortalecem os laços de amizade, trocam-se informações, realizam-se negócios, acertam-se casamentos, combinam-se viagens, etc.

A logística do nomadismo é complexa, ela começa com a escolha do itinerário, e o tempo de permanência nos lugares. Isso, no entanto, vai depender de inúmeros fatores, por exemplo, dos acordos com as autoridades locais (polícia, prefeitura, vigilância sanitária, etc.), da infraestrutura (espaço físico, água, luz) e da divisão territorial com outros grupos ciganos. A escola, nessa situação não é sequer aventada. Depois de passadas as etapas iniciais, e tendo o grupo decidido por uma permanência maior é que a possibilidade de inserir os filhos passará a ser discutida.

Outro aspecto a ser observado na relação escola/ciganos são os ritos, mitos e principalmente, valores morais étnicos. O conhecimento desses elementos constituir-se-ia em importante mediador na relação da escola com alunos e pais de alunos ciganos. Outro aspecto a ser observado são as relações dos alunos não-ciganos com os ciganos, como observa Ingrid Romanusch⁸¹:

[...] quando consegue colocar a criança cigana na escola, aí tem aquela coisa né? Que é comum até nas escolas, de ficar tirando sarro um do outro, pela pessoa ser diferente, e acaba não conseguindo continuar porque a perseguição fica muito grande das próprias crianças. O modo de viver a cultura é bem diferente né? (CAVALCANTI et al., 2011f).

O preconceito, como já colocado por Liégeois (*apud*, FERREIRA, 2003), é um dos elementos que mais afasta os ciganos da escola. Mas ele não se verifica somente no âmbito das relações entre os alunos. As famílias também são reprodutoras do mesmo, como relata João Bosco⁸², professor de história de uma escola de Sousa, PB:

Eu decidi que ia fazer o dia da criança na comunidade cigana. Na própria escola já houve uma rejeição, pais de alunos ligando para a diretoria da escola, dizendo que o filho dele, ou filha dele, não ia nas viagens loucas, do professor louco de história. Que não ia confiar o filho dele, ou a filha dela, comigo no meio dos ciganos (CAVALCANTI et al., 2011h).

Caberia à escola, portanto, buscar espaços de mediação que aproximassem de forma mais respeitosa a cultura escolar da cultura dos alunos, sejam eles ciganos, afrodescendentes, indígenas, etc. Agindo assim, estaria não só valorizando os diferentes grupos sociais e suas expressões, como também transformando o contexto escolar em um espaço de fato democrático e plural. A descrença nesse pressuposto colocaria por terra qualquer possibilidade de se pensar em outra concepção de sociedade.

Na concepção de Bourdieu (1998), que possui uma visão crítica e até mesmo pessimista da escola, essa instituição dificilmente modificará sua postura de reprodutora das desigualdades sociais. Para ele, por mais que ela se democratize possibilitando o acesso ao ensino por meio da escola pública e gratuita, a correlação entre as desigualdades sociais, culturais, hierárquicas ou internas ao sistema de ensino continuará existindo (BOURDIEU, 2007). Apesar de reconhecer a relevância da

⁸¹ Episódio n. 6. Cf. CAVALCANTI et al., 2011f. (O Povo Cigano no Brasil, 6).

⁸² Episódio n. 8. Cf. CAVALCANTI et al., 2011h. (O Povo Cigano no Brasil, 8).

sociologia da educação de Bourdieu (2007) para as reflexões sobre essa questão, não se pode pôr em dúvida a capacidade dos indivíduos e das instituições, dentre elas a escola, de analisarem suas práticas, questioná-las e ressignificá-las.

Nessa perspectiva é que, para muitos teóricos, a partir dos anos 1980 e 1990 o multiculturalismo despontou como uma perspectiva que viabilizasse a resolução de conflitos. Bauman (2003) também reconhece que o *multiculturalismo* é a resposta mais *comum* dada pelos intelectuais, particularmente nos dias atuais, para as incertezas sobre valores e direções a serem seguidos. Entretanto, ele ressalta que, ao evocarem o *multiculturalismo* como resposta, o que de fato esses intelectuais estão fazendo, é pedir perdão por sua incapacidade de *resgatar* as pessoas da crise em que se encontram.

Fazendo uma análise sobre a relação do multiculturalismo com a identidade étnica, Shohat e Stam (2006) apontam que o que falta nessas discussões “é a noção de responsabilidade étnica e comunitária” (SHOHAT; STAM 2006, p. 86). Bauman (2003) vai na mesma direção dos autores, quando diz que “as pessoas são designadas de ‘minorias étnicas’ sem que lhes seja pedido consentimento”, e pior, o motivo “que as faz diferentes raramente é explicitado” (BAUMAN, 2003, p. 82). A noção de responsabilidade étnica a que se referem Shohat e Stam (2006) está longe de ser o princípio que rege as discussões da elaboração das atuais políticas brasileiras para as minorias étnicas.

No entanto, o que se percebe é que os próprios sujeitos estão despertando para a necessidade de reivindicar seus direitos, buscando, para tanto, conhecê-los, reconhecerem sua importância e lutar por eles. É apostando na autonomia, e na capacidade de se autorrepresentar que o cigano Rogério *Calón*⁸³ constrói planos para sua comunidade:

A escola eu pretendo, ela vai funcionar só dentro do estado de Santa Catarina, onde tem um acampamento cigano eu vou levar a escola no meio do acampamento cigano, vou deixar a van lá, onde as crianças do acampamento vão estudar nela. Vai ser uma van equipada com dois notebooks, onde vai ter uma televisão lá dentro, vai ter um DVD para os próprios ciganos fazer um filme, e passa ali. Onde vai ser uma escola para alfabetização, capacitar uma cigana, um cigano professor, vai melhorar bastante e tendo uma van vai melhorar cem por cento. Já consegui patrocínio do Banco do Brasil, já consegui dos empresários a doação dos notebooks, já consegui a doação de uma câmera, e vou correr atrás de mais coisa, a Associação melhorou bem (CAVALCANTI et al., 2011d).

⁸³ Episódio n. 4. Cf. CAVALCANTI et al., 2011d. (O Povo Cigano no Brasil, 4).

Outro exemplo são os ciganos do Espírito Santo, que começam a perceber a importância da formação de seus filhos, que já não têm as mesmas dificuldades do contato com a escola, pois não passam pela mesma itinerância, particularmente do passado. Marcos Soares Quirino⁸⁴, apesar de ter frequentado a escola, diz que além dos obstáculos impostos pelo nomadismo, dificilmente as escolas os aceitavam.

Nós adultos estudamos pouco, nós não parávamos muitos dias num lugar, no máximo uma semana ou quinze dias. Nós andava muito de animal, depois paramos de andar de animal e aí ficamos mais quietos no lugar. Ficava mais dificultoso de estudar agora não, as nossas crianças estão estudando⁸⁵ (CAVALCANTI et al., 2011e).

Provavelmente, o grupo de Marcos, como boa parte dos ciganos, praticava o nomadismo em regiões ermas onde era possível se locomover ou travar relações comerciais, sem que para tanto o letramento fosse condição *sine qua non*. Hoje, com as mudanças promovidas pela globalização⁸⁶, particularmente no que se refere à difusão da tecnologia da informação, tanto nossas vidas como a dos ciganos vem passando por transformações constantes. No entanto, a globalização, observada numa perspectiva dialética, passou a requerer dos indivíduos e grupos certas capacidades de aprender e agir de forma autônoma.

Se por um lado é possível perceber a extensão do que está disponível, por outro tem-se consciência de que há uma *regulação* na capacidade de ação. Esse é um dos paradoxos da globalização. Ao declarar a rede global de comunicação como um meio de liberdade, o benefício é, na verdade, acessível a poucos (ricos), pois dois terços da população mundial permanecem excluídos e marginalizados. (BAUMAN, 1999b). Como afirma Castoriadis, ela “nada mais é que a extensão totalitária de sua lógica a todos os aspectos da vida” (CASTORIADIS, *apud*, BAUMAN, 1999b, p. 73).

Os ciganos perceberam o que o mundo globalizado lhes disponibiliza, mas também devem ter se dado conta que lhes faltam as tais capacidades, as que se refere Bauman (1999b), para acessar as complexas redes de informações. Diante dessas limitações buscam amparar-se nos filhos que já apreenderam algumas dessas

⁸⁴ Episódio n. 6. Cf. CAVALCANTI et al., 2011f. (O Povo Cigano no Brasil, 6).

⁸⁵ Episódio n. 5. Cf. CAVALCANTI et al., 2011e. (O Povo Cigano no Brasil, 5).

⁸⁶ Na concepção de Bauman, “[...] o significado mais profundo transmitido pela ideia da globalização é o do caráter indeterminado, indisciplinado e de autopropulsão dos assuntos mundiais; a ausência de um centro, de um painel de controle, de uma comissão diretora, de um gabinete administrativo. A globalização é a ‘nova desordem mundial’ de Jowitt com um outro nome”. Cf. BAUMAN, 1999b, p. 67.

capacidades, como explica Marcos Soares Quirino⁸⁷ ao falar, por exemplo, da leitura: “a gente pega eles para compreender mais o lugar que a gente vai, eles ensinam. Mais aí, a gente pergunta pra eles que placa tá dizendo ali, o nome do carro, sabe tudo, o nome da placa e tudo sabe”. As palavras de Marcos são confirmadas por seu filho Dione⁸⁸: “Meu pai só sabe assinar, minha mãe ajuda ele a assinar o nome dele. Eu ajudo ele a aprender a escrever as letras. É também no trabalho, quando a gente crescer, a gente pode trabalhar” (CAVALCANTI et al., 2011f).

Apesar de estarem começando a reconhecer o valor da escola, os ciganos ainda são refratários à ideia de deixar suas filhas mulheres seguirem os estudos, como desabafa Luana Ferreira (13 anos), cigana *calón* que reside em Embu das Artes, SP:

Cigano não prende a lê e escreve não, muié não. Que cigano não vai na escola desde pequeno ele nunca foi na escola assim não. Eu já acostumei já, pra mim tanto faz, eu já viaja muito já. Nós paramo aqui, amanhã não vai ser. Cada dia que passa é pior, sente mais falta⁸⁹ (CAVALCANTI et al., 2011e).

Essa conduta em relação às mulheres é justificada pelos ciganos das seguintes formas: se as ciganas são preparadas desde pequenas para o matrimônio e esse é o destino de todas, não há necessidade de permanecerem na escola por mais tempo após serem alfabetizadas. Cíntia⁹⁰ confirma a colocação anterior: “a gente estuda mesmo só para saber o principal, para casar. Não tem jeito, se não, não ia ser cigana, ia ser outra pessoa, a gente já nasce para isso” (CAVALCANTI et al., 2011g). Nessa opção, permite-se que as filhas frequentem a escola até, mais ou menos, o final do ensino fundamental. Existem famílias que sequer isso admitem, para evitar críticas por parte do próprio grupo, como explica Zanata Dantas⁹¹:

A filha do fulano de tal foi vista falando com cicrano, então isso aí já gera um conflito, então, partindo por esses princípios, por isso que elas se mantêm fechadas, preservando isso, entendeu? Assim como tem a escola diferenciada para o índio e para outras etnias, respeitando essa cultura nossa, que possa se ter esse ensino pros ciganos, partindo desses princípios, é mais em preservação da família (CAVALCANTI et al., 2011g).

⁸⁷ Episódio n. 6. Cf. CAVALCANTI et al., 2011f. (O Povo Cigano no Brasil, 6).

⁸⁸ Episódio n. 6. Ibid.

⁸⁹ Episódio n. 5. Cf. CAVALCANTI et al., 2011e. (O Povo Cigano no Brasil, 5).

⁹⁰ Episódio n. 7. Cf. CAVALCANTI et al., 2011g. (O Povo Cigano no Brasil, 7).

⁹¹ Episódio n. 7. Cf. CAVALCANTI et al., 2011g. (O Povo Cigano no Brasil, 7).

Outra explicação, quando indagados a esse respeito, é que para eles é muito arriscado deixar uma filha adolescente frequentar a escola. O risco é de uma suposta violência sexual ou mesmo envolvimento com um homem não-cigano, o que levaria a *honra* da moça e da família à *desgraça*. A *desgraça* em questão seria a dificuldade, ou até mesmo a impossibilidade de essa moça contrair matrimônio dentro do próprio grupo de pertença. Além disso, ela ainda sofrerá punições, que dependendo do grupo, pode levar até ao seu banimento, o que para os ciganos significa o pior dos castigos.

Outra justificativa para a não continuidade dos estudos é que, como os ciganos não trabalham para os outros, a obtenção de uma profissão que dependesse de contratação por terceiros é praticamente impensável no contexto cigano, ainda mais quando se trata das mulheres. É importante observar que diante desses aspectos, que são protocolos étnicos, existe um forte controle do grupo para que as famílias preservem a cultura. Quando isso é ameaçado, reúnem-se para discutir a questão e a melhor forma de solucioná-la. Disso resulta que a complexidade da relação dos ciganos com a escola vai muito além de professores, salas de aula, livros e lousas.

3 CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA DO SUJEITO

Neste capítulo procura-se conhecer e apresentar as configurações identitárias dos ciganos, buscando compreendê-las a partir da noção de que as *identidades* não são *essências fixas*. E sim que elas emergem e se constituem, a partir de experiências históricas que fluem no interior de espaços polissêmicos. Com esse objetivo, apresentam-se fragmentos narrativos que surgem como marcas da historicidade nas falas dos entrevistados, os quais têm como redes de pertencimento os coletivos ciganos situados no município goiano de Trindade, e no de Sousa na Paraíba. Na primeira parte do capítulo apresenta-se o lugar de produção da pesquisa e as redes de relações que foram se estabelecendo e que contribuíram para que ela acontecesse; na segunda são abordadas as falas dos ciganos de Sousa, PB, as quais evocam as dinâmicas de permanências e transformações que os constituem como ciganos; na terceira, as falas remetem à vida cigana e às relações de alteridade com os moradores de Trindade, GO.

3.1 A CONDIÇÃO *SUBALTERNA* E A *AUTORREPRESENTAÇÃO*

Abordar a vida das pessoas é sempre muito difícil independente do caráter e do propósito. Alguns pesquisadores, particularmente os das ciências humanas, muitas vezes, em sua ânsia por revelarem situações de exclusão e injustiças, sentem-se legitimados por suas *boas intenções* em falar pelos outros. Acreditam que os *outros* – por serem pessoas acostumadas com sua condição marginal, que não têm o hábito e tampouco os meios de se fazer ouvir – necessitam de alguém mais *abalizado* e *qualificado* para fazê-lo.

Na já citada obra, *Pode o subalterno falar?*, Spivak (2010) promove uma discussão sobre os processos de representação e de autorrepresentação. Ela coloca em suspensão o lugar do intelectual em relação aos *subalternos*, e sugere que os intelectuais ao invés de se autoproclamarem representantes de comunidades marginalizadas deveriam trabalhar no sentido de criar situações e espaços para que eles *falasse por si mesmos*.

Visto que “a pessoa que fala e age [...] é sempre uma multiplicidade”, nenhum “intelectual e teórico [...] [ou] partido [...] sindicato” pode representar “aqueles que agem e lutam”.[...] São mudos aqueles que agem e lutam, em oposição àqueles que agem e falam? (FD, *apud*, SPYVAK, 2010, p. 40).

As considerações da autora produzem inquietações sobre a prática da pesquisadora, que demandam outras mediações. Shohat e Stam sugerem que foi a partir da dominação das políticas de identidade que as lutas pela *autorrepresentação* eclodiram, tendo como premissa dar voz às comunidades marginalizadas, negando a terceiros a possibilidade de representá-los, exceto nos casos de pessoas escolhidas ou nomeadas para tanto. Tal atitude traria muitos riscos como o *isolacionismo étnico*, que relegaria as ditas minorias à mercê da própria sorte, reproduzindo dessa maneira os processos coloniais de incompreensão e confinamento (SHOHAT; STAM, 2006).

Enfatizam ainda, a complexidade e a variedade de relações de dominação, subordinação e colaboração o que torna difícil garantir filiações. E que, pela condição psíquica socialmente situada, e estando os indivíduos sujeitos a conviver com suas dissonâncias e contradições em espaços onde as relações de forças coexistem, é possível que ele venha a se identificar tanto com os que estão acima dele, quanto com os que estão abaixo. Isso implica que, mesmo se tratando de uma pessoa que detém o poder, ela pode identificar-se com a luta de quem se encontra abaixo dela e vice-versa (SHOHAT; STAM, 2006).

O desafio, como colocam os autores, “é estar consciente da própria localização social para efetuar uma desfiliação” (SHOHAT; STAM, 2006, p. 451). E que, ao invés de questionar quem pode ou deve falar, dever-se-ia articular meios de falar junto evitando-se com isso falar *em nome dos outros*.

3.2 ACIONANDO A REDE DE RELAÇÕES

A realização de estudos e pesquisas de campo em comunidades ciganas pressupõe algumas considerações sobre metodologia. Isso implica que para além do aporte teórico, definições e métodos; o que irá possibilitar a efetivação do trabalho científico com esse coletivo é o conhecimento *a priori* de seus hábitos e de suas dinâmicas. O acesso às comunidades ciganas não é fácil e, por conseguinte, o sucesso do trabalho de campo resulta, também, da articulação de redes de relações.

A compreensão de que os lugares ciganos são constituídos por atores distintos em cada cenário demandou que, para a realização da pesquisa com ciganos de Sousa, PB e de Trindade, GO, fosse acionada uma rede de relações, apesar de já haver uma interlocução estabelecida anteriormente com ciganos do Sul, durante a pesquisa do

mestrado. Redes como essa podem estar prontas com antecedência, já fazer parte dos contatos anteriores de um pesquisador, ou ainda construir-se a partir da necessidade premente do contato. Foi o caso para o trabalho em Sousa.

A busca teve início em abril de 2013, com sondagem a pessoas que já tinham tido contato com os ciganos sousenses. A negativa da resposta, aceita de pronto pela pesquisadora, foi posteriormente colocada em dúvida quanto a sua veracidade. Fato que evidenciou que disputas simbólicas na pesquisa com ciganos têm aumentado, na medida em que os espaços estão tornando-se escassos ou se fechando.

Outras estratégias foram elaboradas na busca por pistas que levassem aos ciganos. Na consecução desse propósito, a internet constituiu-se em uma ferramenta fundamental. A busca diária nas mídias da Paraíba redundou em um achado no jornal *Portal Progresso de Sousa* de uma notícia relativa à entrega de cestas básicas aos ciganos da cidade. A referida notícia era assinada pelo jornalista Mario Gibson que, ao lado da matéria publicava seu perfil com contato. Era o fim da procura, pois ao ser contatado, o gentil jornalista forneceu no mesmo dia, o número do celular de uma liderança cigana.

O contato foi estabelecido no dia subsequente com Nestor, mais conhecido por *Nestor cigano*. Feitas as devidas apresentações e explicações de praxe, a visita à comunidade cigana de Sousa, chamada de Rancho⁹², foi marcada. O próximo passo era escolher como chegar, pois os caminhos que levam à Sousa, saindo do Sul, são muitos e demandam uma logística complexa que inclui voos, escalas, horários de ônibus, táxi, etc. E mesmo com tudo sob controle e exaustivamente organizado, não havia garantias de que as coisas acontecessem conforme o previsto, principalmente diante das atuais condições da malha aérea brasileira. Foi assim que o atraso de um voo fez a pesquisadora perder uma conexão já no Nordeste, sendo necessário realizar de táxi um trajeto que deveria ocorrer de avião, visto que o voo perdido tratava-se do último daquele dia.

Ninguém melhor do que os ciganos para entender a importância de redes de relações. É por meio delas que boa parte da sua dinâmica de vida acontece. Por isso é que, para eles, a pessoa adquire outra importância na medida em que ela é *recomendada* ou conhecida de alguém que pertence às suas redes de conhecidos e parentes. Dessa forma, *por coincidência ou por destino*, foi que na primeira conversa com Nestor

⁹² *Rancho* tem origem em arranchar, que é um termo substitutivo que os ciganos nordestinos usam para acampar.

descobriu-se o parentesco dele com os ciganos que a pesquisadora já havia conhecido em outra região do Nordeste ainda na adolescência. Esse fato, aparentemente sem importância, na relação com os ciganos assume outra dimensão. As credenciais foram fundamentais no contexto das relações que foram se estabelecendo nos dias de convivência com os ciganos do *Rancho*.

A escolha pelos ciganos de Sousa, PB e Trindade, GO deu-se a partir de uma das principais questões da tese que é o nomadismo. Ambas as comunidades são grupos com uma longa trajetória e experiência de nomadismo, e que, a certa altura, resolveram fixar-se. A ideia era tentar entender quais foram os fatores que teriam contribuído para por fim à vida itinerante. E, a partir disso, como se configura a vida cigana na contemporaneidade.

3.3 *PELAS LINHAS DA MÃO*: CARTOGRAFANDO A FALA E A VIDA DOS SUJEITOS

O primeiro grupo de ciganos visitado foi o de Sousa, na Paraíba. Os interlocutores que dão sentido a essa incursão são os ciganos Francisco Vidal Pereira (Nestor), Pedro Maia, Francisco Figueiredo (O Coronel) e Luiz Costa. Colaboraram também José Mariz e Pollyanna de Lima Figueiredo. O primeiro contato com os ciganos de Sousa deu-se na noite do dia 8 de junho de 2013, num hotel da cidade, momento em que a pesquisadora apresentou-se a Francisco Vidal Pereira, mais conhecido por Nestor. Até então, a pesquisadora vinha mantendo contato telefônico a fim de agendar a viagem para julho daquele ano. Os ciganos, talvez por todo o seu histórico de perseguições, dificilmente aceitariam receber um estranho em sua comunidade antes de checar as reais intenções e as credenciais do visitante. Dessa forma, após uma longa conversa de esclarecimentos, ficou acertada a visita à comunidade para a manhã do dia seguinte.

Figura 1 - *Nestor Cigano* e sua esposa *Wigna. Sousa, PB, (2013).*



Fonte: Acervo da autora (2013).

No dia 9 de junho de 2013 pela manhã, Nestor conduziu a pesquisadora à primeira comunidade do Rancho. Ao chegar à comunidade, o encontro com as pessoas do grupo teve que ser adiado para o dia seguinte, já que Nestor tinha acabado de ser convocado a se fazer presente, como liderança cigana, para 1ª Conferência Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário. Diante do imprevisto, foi feito o convite para participar do encontro e colaborar na elaboração de questões que pudessem contribuir para o fortalecimento da identidade cigana em Sousa.

O período da manhã contou com abertura do evento e discussão em grupos por eixo temático. Na parte da tarde, os grupos apresentaram suas questões para que fossem votadas pela assembleia. As escolhas de cada eixo temático comporiam um documento a ser apresentado na Conferência Estadual. No final do encontro foram escolhidos também os representantes de Sousa para a Conferência Estadual. Na etapa de grupos, os ciganos foram incluídos no grupo com eixo temático intitulado de *etnodesenvolvimento*. Nas discussões, surgiram várias questões que compõem a história do lugar cigano na cidade de Sousa, mas, por se tratar de uma Conferência que tinha questões norteadoras pré-determinadas, relacionadas a território (produção, meio ambiente, financiamentos, etc.), as outras questões, tais como educação e saúde foram deixadas para outra ocasião mais oportuna.

Em relação ao território, entendido não somente como espaço geográfico, mas também espaço social, cultural e político, é que foi enfatizada a necessidade, e até urgência, de se legalizar a situação fundiária dos ciganos de Sousa, com a concessão do título multifundiário (usucapião coletivo urbano).⁹³ Essa titulação possibilitaria que os ciganos retirassem a Declaração de Aptidão ao Pronaf (DAP)⁹⁴, que é um tipo de identidade do agricultor familiar que permite o acesso a políticas públicas, como, por exemplo, Pronaf, PAA, PNAE, etc. A DAP também daria oportunidade de inscrição no Programa de Habitação Minha Casa Minha Vida, tanto urbano quanto rural.

Uma das questões importantes da relação dos ciganos de Sousa com o território é que apesar de estarem situados na periferia do município, o que a princípio os define como urbanos, os ciganos sousenses têm práticas e hábitos rurais. Criam animais, tais como cabras, galinhas e até vacas, cultivam ervas medicinais e estabelecem entre si redes de solidariedade. É como se esse coletivo vivesse num não-lugar, nos interstícios, ou *intermezzo* (BHABHA, 2005, DELEUZE; GUATARRI, 1997a), ou seja, são urbanos por estarem situados num perímetro considerado urbano e, no entanto, continuam a desenvolver práticas rurais. Esse aspecto torna-se um obstáculo no momento de vinculá-los a programas que exigem certas especificidades, de maneira que a indefinição do *lugar* cigano inviabiliza um atendimento adequado. O fato remete a Homi Bhabha (2005).

De acordo com uma liderança cigana, a cidade de Sousa possui hoje a maior população autodeclarada cigana do Brasil. Isso, no entanto, apesar de ser dito com bastante orgulho por eles, ainda não constitui uma consciência do *lugar* que ocupam na organização social e política da cidade.

3.3.1 A história do grupo

O grupo cigano de Sousa teve sua origem por volta de 1910, e costumava praticar o nomadismo, percorrendo os estados do Ceará e Paraíba. Nos dois estados, os ciganos tinham por hábito permanecer mais tempo na região do Cariri, no Ceará, por ser a região em que vivia o padre Cícero Romão Batista, por quem tinham muita devoção.

⁹³ Estatuto da Cidade. Lei n. 10.257, de 10 de julho de 2001. Capítulo II, seção V.

⁹⁴ É o instrumento que identifica os agricultores familiares e/ou suas formas associativas organizadas em pessoas jurídicas, aptos a realizarem operações de crédito rural sob o amparo do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), em atendimento ao estabelecido no Manual de Crédito Rural (MCR) do Banco Central do Brasil, Capítulo 10, Seção 2.

Além disso, permaneciam também no município de Sousa, que está localizado no interior da Paraíba, a 434 km da capital, João Pessoa.

Ao relembrar a trajetória da formação da comunidade cigana em Sousa, José de Maríz, filho adotivo de Antonio Marques da Silva Maríz⁹⁵, ex-governador do estado da Paraíba e o responsável pelo Memorial Antonio Maríz, explicou como tudo começou.

Os ciganos chegou aqui na época de 64, procurou Antonio Maríz, procurou Gilberto Sarmiento, e Gilberto Sarmiento tinha uns terreno ali que foi de Dr. Zezé, do pai dele, do pai de Gilberto Sarmiento, ali do lado do campo de aviação. Do lado do Sul, daqui de Sousa, do lado da BR, encostado na BR. E Gilberto Sarmiento deu umas parte daqueles terreno prá eles fazer umas barraca. Barraca de quê? Barraca de lona, aquela lona preta quente que só. É...Maríz passava ali, vinha prá Sousa, vinha mais Humberto Lucena, mais Ronaldo Cunha Lima. Nesse período Roberto Cunha Lima era governador e Maríz pediu a Ronaldo para fazer uma moradia ali pra eles. Daquele canto dos terrenos das barracas fizesse umas casa de tijolo pra eles. Aí Ronaldo Cunha Lima [...] Ronaldo Cunha Lima gostava muito dos cigano também, aqui, por intermédio de Maríz, aí Roberto Cunha Lima, como Maríz falou para fazer casa de tijolo, Gilberto Sarmiento já tinha dado o terreno a eles lá pra eles fazer as barraca dele, eles ficaram umas parte do cigano, aqui em Sousa hoje tem três chefe. Com Vicente Negreiro primeiramente, com Pedro Maia, [...] e outro que agora não lembro o nome. [...] Antonio Maríz conseguiu essas casa lá por intermédio de Ronaldo, quando ele era governador e foi feito aquelas casa lá pros cigano (MARÍZ, 2013).

Sobre essa ajuda que os ciganos obtiveram, José relembra que naquela época as pessoas de Sousa não entendiam a atenção que Antonio Maríz e Gilberto Sarmiento davam aos ciganos. Ele diz que “o povo tinha ódio e discriminava os cigano, e Maríz tinha o contrário. Maríz dizia que tinha que ter apoio que todos nós era ser humano, que era uma pessoa carente, era uma pessoa pobre que num tinha ninguém prá ajudar” (MARÍZ, 2013). A atenção e as benesses que os ciganos obtiveram de Maríz é alvo de comentários até hoje.

Apesar da ligação dos ciganos com Maríz, havia entre os grupos filiações políticas diferentes. Como explicou José de Maríz:

Aqui era interessante. Tinha três turma de cigano, a que acompanhava os Gadelha, a que acompanhava os Oliveira e os que acompanhava Maríz. Ainda hoje tem a despeita dos cigano por causa dessa época. [...] os ciganos, têm deles que são despeitado com os outro. Um arruma um benefício outro num quer que ele arrume. Mais lá, quando vinha prá Maríz, Maríz arrumava pra todos (MARÍZ, 2013).

⁹⁵ Antonio Maríz, além de governador, foi prefeito de Sousa (1963-1994) e deputado federal por três mandatos.

A divisão a que se refere José é fruto da “fidelidade intergeracional e intrageracional” (BOURDIEU, 2010, p. 197), que garante aos partidos uma fidelidade de seus eleitores, por sucessivas gerações, como acontece ainda hoje com os ciganos de Sousa. O poder de dominação que o *homem político* tem é oriundo do crédito e da confiança que setores socialmente desfavorecidos depositam nele. Trata-se de uma condição adquirida, de um capital específico “supremamente *lâbil*” (BOURDIEU, 2010, p. 189) explicado da seguinte forma:

[...] o homem político retira sua força política da confiança que um grupo põe nele. Ele retira o seu poder propriamente mágico sobre o grupo da fé na representação que ele dá ao grupo e que é uma representação do próprio grupo e de sua relação com outros grupos. Mandatário unido aos seus mandantes por uma espécie de contrato racional – o programa –, ele é também campeão, unido por uma relação mágica de identificação àqueles, que, como se diz, “põem nele todas as esperanças” (BOURDIEU, 2010, p. 188).

Na época a que se refere José Maríz, quando fala sobre a relação dos ciganos com os políticos de Sousa, os ciganos não tinham percepção de sua força política, dada principalmente se estivessem unidos a partir de objetivos comuns que beneficiassem às três comunidades do *Rancho*. Na medida em que adquiriam seus títulos de eleitor, porém, foram sendo cooptados por correntes políticas distintas. O resultado foi a fragmentação dos ciganos como coletivo, dificultando a todos o acesso aos direitos sociais.

Sobre as dificuldades que os ciganos de Sousa passam, da falta de políticas, ou minimamente de condições dignas de vida, José ressalta que a história que conhece é uma história de sofrimento. Apesar disso, observou que no campo profissional tem havido mudanças.

[...] tem cigano médico, tem cigano, aqui em Sousa, graças à Deus advogado, tem cigano engenheiro graças à Deus. Só que lá, o povoado deles precisava de ajuda do governo federal, do governo estadual e da prefeitura de Sousa. Porque lá é um dismantelo, principalmente da rede de esgoto (MARÍZ, 2013).

No contexto das incursões à comunidade cigana de Sousa, conhecida por *Rancho*, foi possível identificar alguns elementos apresentados na fala de José Maríz. De fato, a precariedade está presente em muitos aspectos. E o que mais chama a atenção é a quantidade de lixo espalhado pela comunidade.

Figura 2 - Casa de taipa de um morador de Rancho, comunidade cigana de Sousa, PB, (2013).



Fonte: Acervo da autora (2013).

A convivência com animais, criados soltos, também expõe a população a diversas situações de contágio, como doenças e epidemias. Foi o caso do momento das visitas, em que havia algumas pessoas com dengue, provavelmente contraída na própria comunidade. Na região onde está situado o *Rancho* há uma escola municipal, um Instituto Federal de Educação e Tecnologia da Paraíba – *Campus Sousa*, e uma penitenciária agrícola, além de moradores não-ciganos.

O dia 10 de junho de 2013 foi a data em que as entrevistas com a comunidade tiveram início. O desafio, logo no princípio, foi o da tensão da objetividade científica de não fugir muito às questões semiestruturadas, norteadoras dos roteiros exploratórios. Linhas de fuga, entretanto, foram se abrindo e as falas seguiram um curso próprio. Isso mostra que tanto as pessoas quanto os contextos são constituintes ativos nos processos de elaboração das pesquisas. Com isso a pesquisa foi possibilitando percebê-los a partir de uma perspectiva “inteiramente voltada para uma experimentação ancorada no real” (DELEUZI; GUATARI, 1995, p. 21). A não linearidade, a participação ativa nos processos de comunicação é um caminho que já vem sendo trilhado pelos estudos culturais latino-americanos (MARTÍN-BARBERO, 1997).

Contudo, as entrevistas serviram para confirmar a pertinência de questões elencadas no roteiro exploratório, como o nomadismo, os jovens, a educação e a

religiosidade. As comunidades ciganas de Sousa, PB e de Trindade, GO foram os lugares escolhidos por sua representatividade no contexto cigano brasileiro, e também por terem participado do radiodocumentário em 2009. No início das entrevistas a pesquisadora fez sua apresentação, falou dos objetivos da pesquisa, e de suas experiências anteriores com ciganos. Isso foi muito importante, pois criou laços de confiança e respeito, sentimentos muito valorizados por eles.

O *Rancho*, como é conhecida a comunidade cigana de Sousa, está situado no bairro Jardim Sorrilândia. É um coletivo composto por três grupos que ao todo têm aproximadamente quinhentas famílias, perfazendo um total de oitocentas a mil pessoas. A primeira comunidade visitada fica um pouco afastada das outras duas. Está separada delas por uma estrada e algumas casas de não-ciganos.

Na observação foi possível perceber que o lixo não tem um tratamento adequado, o que facilita a proliferação de doenças e epidemias. Na ocasião da pesquisa havia uma adolescente com suspeita de dengue e posteriormente vários casos se confirmaram. As crianças, em virtude do calor, brincam ao ar livre, embaixo de árvores, nas quais também se abrigam do sol escaldante animais domésticos. Normalmente, essas crianças estão descalças e o contato com a terra e com animais cria indícios de que sua saúde está sob constante ameaça.

A primeira entrevista foi realizada com Francisco Soares de Figueiredo, o *Coronel*. Aconteceu à sombra de uma árvore, local em que os ciganos costumam passar boa parte do tempo em virtude do calor. No momento da apresentação ao *Coronel*, percebeu-se que as patentes militares ainda são utilizadas pelos ciganos sousenses, particularmente pelos mais antigos. O uso de patentes é um hábito adquirido pelos ciganos a partir da Idade Média, período em que utilizavam a autotitulação como estratégia⁹⁶ nos processos de deslocamentos. No Nordeste brasileiro ainda existem muitos ciganos que são conhecidos como capitão, coronel e major. Um fato interessante é que diferente do uso militar da patente, ou seja, a patente seguida do sobrenome, os ciganos costumam usá-la depois do nome, por exemplo: Raul *capitão*.

⁹⁶ Os ciganos, na Idade Média, passavam-se por peregrinos para que, com isso, obtivessem salvo-condutos que eram fornecidos por alguns países a um indivíduo específico e seus seguidores. Com o tempo, os ciganos começaram a fazer cópias desses duques, condes etc. Cf. FRASER, 2005. Entre os que foram deportados para o Brasil, muitos eram chamados de coronel, capitão ou major.

Figura 3 – Francisco Soares de Figueiredo ao lado de sua casa no Rancho de cima, em Sousa, PB, falando sobre as carências da comunidade e de planos para o futuro (2013).



Fonte: Acervo da autora (2013).

Francisco Soares é o atual presidente do Centro *Calón* de Desenvolvimento Integral (CCDI). De acordo com ele, o espaço foi construído no intuito de ser um ponto de referência e resgate da tradição cigana. Entretanto, até hoje o Centro não tem nenhuma função, apesar das inúmeras promessas feitas no dia da inauguração, na qual estiveram presentes inúmeras autoridades, inclusive o governador do estado. Ele enfatizou a relevância do Centro para os ciganos do Brasil e o desapontamento com o descaso das autoridades no período posterior ao da inauguração. Relatou que:

Desde 2009, que foi a época da inauguração, a gente teve a presença do ex-ministro Edson Santos e várias autoridades, inclusive o governo José Maranhão, estiveram aí. E a gente reivindicava o resgate da tradição cigana aqui, que infelizmente está se extinguindo a cada dia que se passa, e até agora doutora, nós não tivemos nenhum êxito nesses projetos que tantas promessas foram feitas e até agora continua do mesmo jeito. Infelizmente a gente só tem que lamentar que é o primeiro centro de referência cigano da América Latina e não está abandonado, porque eu estou esse tempo todo trabalhando aí, tomando conta, sem ter nenhum tipo de remuneração. Eu, minha família, minha esposa, a gente faz o trabalho de manutenção lá do prédio (FIGUEIREDO, 2013a).

De fato, o Centro, apesar de possuir uma boa estrutura física, encontra-se abandonado desde sua inauguração. As salas estão vazias ou servem de depósito de

cadeiras e mesas quebradas. Na sala, um pequeno altar com a imagem de Nossa Senhora Aparecida e alguns livros em uma pequena estante.

A água, que já em 2009 não chegava, de acordo com Francisco Soares, ainda continua faltando. Perguntado sobre as dificuldades de manutenção pelas quais o Centro de Referências Ciganas passa, ele disse que:

No começo a água foi eu mesmo que coloquei, eu mesmo que comprei as mangueiras com o dinheiro do meu bolso. Botei as mangueiras, está lá. E a energia eu paguei também do meu bolso, até um certo tempo, infelizmente eu não tenho renda, vivo de pequenos negócios e não deu mais para eu pagar. E a água até chegou lá perto do centro, mas não tem nada instalado lá dentro. Quando eu quero que a água suba para a caixa eu tenho que arrumar uns caninhos e emendar, e colocar água para que a gente mantenha o prédio. Mas até o presente momento nada foi feito. Eu paguei a energia com dinheiro do meu bolso, até um certo tempo. Não pude mais porque eu tenho uma família enorme, não tenho emprego, não tenho fonte de renda, não tenho de onde tirar, vivo de pequenos negócios. Então foi preciso que eu deixasse de pagar energia. Graças à Deus que ainda está aí, que o pessoal da energia está compreendendo, está sabendo que a gente não tem, e está aí, muitos papéis estão atrasados (FIGUEIREDO, 2013a).

Segundo informações dos ciganos, chegou-se a fazer até horta no quintal do Centro, mas a falta d'água inviabilizou a continuidade do cultivo. De acordo com Francisco Soares, os ciganos jovens fizeram vários cursos, inclusive existem muitos projetos para a comunidade, que poderiam acontecer no Centro, mas a falta de recurso tem impedido que ocorram.

Figura 4 - Centro Calón de Desenvolvimento e Integração em Sousa, PB (2013).



Fonte: Acervo da autora (2013).

Ele desabafa: “A gente já teve muito projeto, sobre isso eu tenho muitos projetos. [...] Eu tenho muitas cópias de projetos ali, a gente vai solicitando esses benefícios é uma fonte de renda, geração de emprego para a comunidade cigana. Agora eu não entendo [...] como é que a gente pode fazer essa organização, se organizar para que a gente tenha esse benefício?” (FIGUEIREDO, 2013a). Francisco reconhece que não basta qualificar, é necessário acessar os meios, os recursos para efetivar os projetos.

Eu já pedi cursos profissionalizantes para que o cigano possa caminhar por ele mesmo. [...] tem vários cursos. Aliás esse curso de agricultura é um que os meninos, o pessoal já fez, a gente conseguiu. Um curso muito rápido, mas eles fizeram esse curso, tem horticultura, tem curso de corte e costura [...] Tudo, costura, mas é que, como é que vai?... Ela vai corta o tecido e costura na mão, não tem uma máquina. Ela precisa se capacitar primeiro para fazer aquilo. Então o bordado também é uma arte que o cigano tem. É renda, crochê e essas coisas. Mas não tinha a perfeição como era para ter. A gente não pode fabricar duas peças, três, quatro peças, e leva para o mercado se ainda não está capacitado para aquilo. Porque a gente quer esses curso que profissionalize e leva o cigano para o mercado de trabalho. Agora como eu digo: fazer o curso e deixar para lá, não tem como. Se não se movimenta é melhor nem fazer. Você sabe que o cigano tem uma facilidade extrema com o artesanato, ele nasceu para fazer aquilo, mas como é que o cigano vai trabalhar? (FIGUEIREDO, 2013a).

Ainda sobre trabalho, diz que muitos ciganos estão “se virando por conta própria”. Uns são concursados, outros atuam como profissionais liberais e autônomos.

Perguntado se os ciganos de Sousa ainda sofrem muito preconceito, Francisco Soares diz que ainda há preconceito, mas já muita melhora em relação ao que existia no passado. Ainda assim o cigano contou que:

Ainda existe. [...] Sousa é uma das cidades que tem menos preconceito contra o cigano. Porque foi onde nós nascemos, onde a gente se criou. Ainda existe o preconceito do correio, o correio não vem, eu não sei se é preconceito ou o que é que acontece, que o correio não vem deixa correspondência aqui. A gente tem que se deslocar daqui e ir até o correio pegar. A questão dos taxistas também eu dou uma certa razão porque a violência está muito grande né? Não é só com o povo cigano que está existindo isso, mas existe o preconceito sim. Ainda continua o preconceito, mas não sei, eu acho que Sousa é uma das cidades que menos tem preconceito com o cigano porque é onde a gente nasceu, onde a gente se criou, sempre com nossos ancestrais. Então Sousa é um povo amigo, um povo que segue e que compreende o cigano (FIGUEIREDO, 2013a).

Essa amizade foi o que levou os ciganos antigos a passar mais tempo *arranchados* nessa cidade, vindo posteriormente a escolhê-la como pouso definitivo. Sobre a difícil decisão de por fim à vida nômade, Francisco Soares explicou:

Um dos fatores principais que fez a gente deixar o nomadismo, deixar a vida nômade, foi o comércio do cigano. O comércio do cigano era trocar, comprar, vender animais. Era a buena-dicha, leitura de mão. Então teve uma época que os animais começaram acabar, o povo deixou de trabalhar com animais, e esse foi um dos fatores principais que fez com que a gente sair do nomadismo e procurar a vida na cidade, a vida de um emprego [...]. Esse foi um dos fatores que fez a gente morar, a gente deixar a vida (FIGUEIREDO, 2013a).

O momento a que Francisco se reporta é o da mecanização do campo, no processo de mudança dos meios de produção rural. Daí em diante os ciganos do *Rancho* passaram a negociar com relógios, pulseiras, anéis e eletrodomésticos, todos usados. O sustento da família passou a ser o maior desafio dos ciganos e continua sendo até hoje.

Um dos aspectos positivos da sedentarização, na percepção de Francisco Soares, foi o fato das crianças poderem frequentar a escola. Ele ressalta que é por causa do nomadismo que muitos adultos e a maioria dos idosos são analfabetos. Quando se refere à própria formação ele diz: “A minha pessoa, eu nunca fui na escola, aprendi a ler no mato mesmo. Esse é o lado bom que fez a moradia”[...] (FIGUEIREDO, 2013a).

Visto por outro ângulo, Francisco enfatiza que o fim do nomadismo fez com que os ciganos perdessem o *contato com o Senhor*, com a natureza. Esse distanciamento da natureza seria responsável pela fragilidade na saúde dos ciganos nos dias de hoje, pois na opinião dos mais idosos era no contato com ela que eles renovavam as forças necessárias para os desafios da vida errante. Como também era dela que extraíam plantas que os curavam de diversas enfermidades.

Quando a gente andava pelo mundo era o contato com o senhor Jesus direto, era a natureza, nós vivíamos no mato, longe do álcool, longe das drogas, dessas coisas que hoje a gente tem medo, que ela possa se infiltrar na comunidade cigana. Porque aqui bem perto na cidade você sabe como está a droga? Está por todos os lugares. E o cigano nasceu sem essas coisas, sem se preocupar com isso, sem se preocupar com álcool, sem se preocupar com droga, sem se preocupar com mordomia, com essas coisas. Esse era um fator felicíssimo que a gente jamais vai esquecer quando a gente andava pelo mundo. Eu particularmente gostaria que não tivesse acabado isso, que continuasse o cigano como peregrino, andando pelo meio do mundo, para mim era muito satisfatório (FIGUEIREDO, 2013a).

A menção da perda do contato com o *Senhor* a que se refere Francisco Soares remeteu a outra questão que tem repercutido muito no meio católico em geral, que é a migração de católicos para igrejas evangélicas.⁹⁷ Questionado a esse respeito,

⁹⁷ A parcela da população brasileira que se declara católica está diminuindo. Pesquisa Datafolha divulgada em 22/07/2013 mostra que 57% dos brasileiros são adeptos da religião. Em 2007 eram 64%. No mesmo período, a população de evangélicos pentecostais passou de 17% para 19%, a de evangélicos não pentecostais de 5% para 9%.

em relação à comunidade cigana, Soares responde que na sua comunidade isso também tem acontecido, mas de forma alguma tem interferido nas relações intrafamiliares. Como exemplo, cita sua própria família, na qual, segundo ele, todos os filhos converteram-se ao protestantismo. Ele afirma que por ser um cigano antigo continua abraçando a fé católica.

Ao ser indagado sobre o que levou os filhos a seguirem outra orientação religiosa, que não a dos ancestrais, Francisco Soares falou que credita essa escolha ao fato dos ciganos mais jovens não terem tido a oportunidade de “andar pelo mundo”, de ver coisas que eles, os antigos, viram. Mais uma vez o nomadismo surge como elemento constituidor dos sujeitos, dessa vez de sua espiritualidade.

As experiências religiosas a que Francisco se refere incluem a devoção dos ciganos mais velhos, como ele, por Padre Cícero e Frei Damião. Que como ele coloca, são homens que se tornaram santos, mas que os jovens não conheceram, fazendo com que não reconheçam neles qualquer autoridade espiritual. Para Francisco, o importante é as pessoas professarem uma fé e acreditarem em Jesus.

Meus filhos nenhum andou muito pelo meio do mundo. A maioria deles quando nasceu nós já estávamos sedentário aqui em Sousa. Então eles não assistiram nada, não viram nada o que aconteciam com a gente no mato, a convivência nossa com a natureza. Eles optaram pelo Senhor Jesus, [...] Nós nos apegamos com o Senhor Jesus desde o princípio. [...] Porque a gente vê, seguir o Senhor Jesus... Eu acho que a gente tem que renunciar um bocado de coisa para seguir Ele de verdade. Então a gente viu um ser humano, sem sombra de dúvida, não tenho dúvida disso, que hoje ele é santo [...] meu Padrin Cícero em Juazeiro, e meu Padrin Frei Damião.[...] Então não tem porque, eu que conheci ele, não ir atrás de uma milagre através dele. Porque ele pode intervir e chegar lá com Senhor Jesus e fazer um milagre, tenho a plena certeza disso. São as coisas que eles não presenciaram, eles não viram, eles também não sabem, e a gente conta. Mas de qualquer maneira o povo aqui está seguindo a igreja, mas eles não reclamam porque a gente vai fazer nossas orações (FIGUEIREDO, 2013a).

Por se tratar de entrevista com uma liderança cigana que havia participado do radiodocumentário da Rádio Senado em 2009, buscou-se abordar algumas questões que na verdade mais eram reivindicações de direitos sociais, na perspectiva de identificar se houve alguma mudança de 2009 para os dias atuais. A primeira abordagem foi sobre a saúde, que, na opinião dele continua precária, já que a única unidade de saúde próxima da comunidade não consegue atender a demanda. Ele falou que “a vinda dos médicos está um pouco lenta, as necessidades não são bem atendidas,

porque é muita gente e quando vê um médico é uma vez. Fica um pouco difícil, mas a gente frequenta sim o posto” (FIGUEIREDO, 2013a).

Nesse aspecto os ciganos se igualam aos não-ciganos, pois, a falta de médicos é hoje um grande desafio para a saúde pública do Brasil. No Nordeste, de acordo com o ex-ministro da saúde Alexandre Padilha, a carência é maior. No início de 2013, uma pesquisa realizada pelo Ipea com usuários do Sistema Único de Saúde (SUS), indicou que o principal problema de 58% dos brasileiros que procuram atendimento na rede pública é a falta de médicos. Na atual conjuntura da saúde pública brasileira, Sousa ainda é privilegiada de poder contar com atendimento médico mesmo que esporádico. Ainda no que se refere à saúde, o que aparece com frequência nos fragmentos narrativos dos ciganos idosos é que quando “andavam pelo mundo” eram mais “sadios”.

Nas conversas com os idosos, a todo o momento são recontadas suas façanhas pelos sertões nordestinos e as dificuldades pelas quais passavam. Nessa época, percorriam longas distâncias, muitas vezes sem ter do que se alimentar e o que beber. Quando eram acometidos por alguma doença, utilizavam o conhecimento adquirido com a natureza, retirando dela a matéria-prima com que manipulavam seus próprios medicamentos.

Um dos poucos ciganos que ainda guarda esse conhecimento e o utiliza diariamente é Luiz Costa. Além de ensinar *remédios do mato*, ele também faz *reza* nas pessoas da comunidade e ensina os ciganos a rezarem. Isso faz com que, ao compartilhar seus conhecimentos, ele fortaleça a memória coletiva cigana. Dentre suas múltiplas habilidades, ele é um dos raros ciganos que pratica a leitura de mão e o jogo de cartas, que são atividades exclusivamente femininas. E que, de acordo com os depoimentos apresentados na pesquisa, é uma prática que está desaparecendo. Luiz falou de suas habilidades e de plantas medicinais.

Leio mão, leio baralho, cartomante, rezo nas pessoas, ensino remédio do mato. Tem muitas rezas que eu ensino, ao povo. A raiz da melancia da praia, que chama-se gogória, muito bom para a próstata, para não dar câncer na próstata. A cidreira para o estômago, alfazema brava para quem sofre de ameiba, não tem ameiba quem é doente (COSTA, 2013).

Figura 5 - Luiz Costa, rezando em uma criança cigana no Rancho de Baixo, Sousa, PB (2013).



Fonte: Acervo da autora (2013).

Figura 6 - Luiz Costa, rezando em uma mulher no Rancho de Baixo, Sousa, PB (2013).



Fonte: Acervo da autora (2013).

Ao ser questionado sobre os tempos de nomadismo, Luiz disse:

Andei muito pelo mundo. Achava melhor na época que a gente dormia de baixo dos paus, nossas ciganas descansava debaixo de pedra de pau [...]. Era mais difícil, mas era alegre. Porque nós dormíamos, descansávamos, andava pelo mundo a cavalo, jumento, burro. E cigano vivia essa vida pobre, mas alegre, a gente tinha satisfação. [...] Era alegre porque foi assim que nós nos criamos, porque cigano foi criado no relento. Porque Deus andou entre os ciganos no Egito, cigano do Egito, Deus andou lá. É palestino. Cigano é descendente do Egito. Aí Abraão tirou e foi para Canaã. Canaã hoje é a Índia. Mas ciganos são filhos do Egito, Maria era cigana. Cigano mais velho sabia

que Maria era cigana, era israelita. José era hebreu. Tem muito cigano que não entende a vida do cigano, esses mais novos não entendem. Cigano era uma nação sofredora, mas sofria com Deus na frente, porque Deus é o caminho e a verdade, só roga ao Pai se for por Ele (COSTA, 2013).

A fala de Luiz, no que diz respeito às dificuldades que os ciganos jovens têm de compreender o *ethos* cigano, remete à discussão que Williams (1979) desenvolve sobre a formação cultural dos indivíduos e suas expressões, tanto, e principalmente, nas suas relações intragrupo, quanto nas relações exteriores a ele. Nesse sentido, o autor dirá que as culturas disponibilizam elementos do passado, mas que o lugar que esses elementos irão ocupar na contemporaneidade pode ser bastante variado (WILLIAMS, 1979). Diz também que nenhuma cultura pode esgotar toda a gama da prática humana. E que é importante, para que se compreenda a totalidade do processo cultural, que se conheçam as distintas temporalidades marcadas pelo *residual*, pelo *dominante* e pelo *emergente*, como também pelas interrelações com a cultura dominante. E explica:

Por “residual” quero dizer que algumas experiências, significados e valores que não podem ser verificados ou não podem ser expressos nos termos da cultura dominante são, todavia, vividos e praticados como resíduos – tanto culturais como sociais – de formações sociais anteriores. [...]. Por “emergente” quero dizer, primeiramente, que novos significados e valores, novas práticas, novos sentidos e experiências estão sendo continuamente criados. (WILLIAMS, 2011, p. 56-57).

O *residual*, componente do passado, ainda está vivo, atuante no processo cultural. Tanto como elemento do passado, bem como elemento ativo do presente. Já o *emergente* é o que está se colocando como forma atual, é o resultado das relações que estão se constituindo continuamente. A análise dessas relações é importante para que se possa compreender as culturas a partir de suas interações com os contextos sociais diversos. Se pensarmos que os elementos *residuais* vêm de formações sociais anteriores identificadas por Williams (1979) como: “[...] áreas de experiência, aspirações e realizações humanas que a cultura dominante negligencia, subvaloriza, opõe, reprime e nem mesmo pode reconhecer” (WILLIAMS, 1979, p. 126), é possível entender a dificuldade dos jovens a que se referem Francisco Figueiredo e Luiz Costa. Ambos acreditam que o que falta a eles é a experiência, principalmente aquela obtida nas adversidades.

Outro aspecto observado foi a infraestrutura, tanto do bairro quanto da comunidade. Nesse sentido, é importante apontar o processo histórico da relação dos

ciganos com a área na qual hoje estão situados. Como já mencionado por alguns interlocutores, o local em que fica a comunidade era o local escolhido pelos ciganos antigos para se *arrancharem* quando passavam por Sousa. Esse lugar, portanto, teve suas fronteiras demarcadas no passado por essa escolha *aleatória*, e é aonde hoje se configura o *lugar cigano* em Sousa.

Nos anos 1970 e 1980, essa área era um descampado sem construções próximas, que ficava a uma distância considerada pelos ciganos como *segura* diante das influências da cidade. Foi com a *ocupação* dos ciganos que ocorreu a transformação da organização daquele espaço hoje conhecido como *Rancho*. O então espaço de passagem, abstrato, tornou-se concreto a partir do momento em que os ciganos imprimiram materialidade a ele. Eles foram, portanto, os animadores que deram sentido e uma vida àquela região (SANTOS, 2006). É a partir desse *lugar* que são tecidas as mediações com os poderes políticos, prefeitura, polícia, igrejas e com pessoas não-ciganas.

O *Rancho* cigano de Sousa é percebido por alguns, como um lugar de exclusão. Essa leitura passa a ser conflitante na medida em que, ao se fazer a incursão exploratória, em nenhum momento percebeu-se, nas falas dos interlocutores ciganos, sinais que indicassem que a doação daquela área tivesse sido um processo de marginalização. Muito pelo contrário, os ciganos mais antigos, como Pedro Maia e Francisco Soares, falam sempre com muita gratidão por terem recebido de seus benfeitores um *chão para viver*. Um chão que confirma suas escolhas históricas de percurso na região.

A ausência ou insuficiência de políticas de habitação, saúde, educação e infraestrutura para essa minoria é decorrente de vários fatores, dentre eles, de políticas clientelistas e principalmente da falta de autoconsciência cultural. Essa autoconsciência cultural cigana, entretanto, começa a dar seus primeiros passos no Brasil. Em Sousa, os ciganos mais jovens perceberam que para estarem inseridos na sociedade não-cigana é necessário que conheçam seus direitos coletivos e lancem mão dos canais de interlocução que conduzem a eles.

Um exemplo disso foi a participação dos ciganos no *Programa Cidadão*, ocorrido em abril de 2013. Na ocasião foram emitidas carteiras de identidade, primeira e segunda vias, segunda via de registro de nascimento e casamento, e fotografias 3x4. O Ministério do Trabalho está emitindo carteira de trabalho, e a Caixa Econômica Federal

realizando emissões de CPF, enquanto a Defensoria Pública promove assistência jurídica à população nas áreas cível, familiar, penal e previdenciária.

De acordo com Francisco Vidal Pereira, o *Nestor*, praticamente todos os ciganos da comunidade foram atendidos por esses serviços. Francisco Soares, o *Coronel*, confirma as informações de Nestor: “Então faz tempo que a gente fez essa reivindicação e que a gente foi atendido. Hoje não existe mais. Alguns ciganos que tinham para fazer documentos graças a Deus já foi [...]” (FIGUEIREDO, 2013a).

Contudo, os ciganos de Sousa continuam passando por um processo de transformação no que diz respeito a trabalho e renda, que é um aspecto próprio da pós-modernidade. Para os mais velhos, o desafio é maior, pois além dos obstáculos impostos pela idade, há também a questão do analfabetismo. Mas os jovens estão decididos a continuar lutando. A história de sofrimentos e de desafios, que aparece nas narrativas dos mais velhos, está sendo por eles ressignificada em um movimento de organização política. Com esse propósito têm participado de conferências estaduais e municipais que tratam de questões como território e comunidades tradicionais. Têm constituído também associações e canais de interlocução com organizações não governamentais e universidades.

Além disso, estão buscando qualificar-se profissionalmente para poder ter acesso a oportunidades no mesmo pé de igualdade com os não-ciganos, como eles mesmos mencionam na radioreportagem⁹⁸. Bourdieu (2007), em *A distinção: crítica social do julgamento* sugere que tanto a importância do sistema escolar quanto a igualdade de oportunidade não são garantias de igualdade social. Resta saber se no caso dos ciganos existe, além da busca por oportunidade, desejo de igualdade.

Um aspecto interessante, no que diz respeito à juventude cigana de Sousa, é o lugar que esse jovem ocupa diante de seus pares e ao mesmo tempo diante da sociedade não-cigana. Se por um lado eles podem ser considerados, pela família, ciganos urbanos pelo contínuo processo de acultramento oriundo da relação estreita com a cidade, por outro lado eles não são percebidos pelos sujeitos urbanos não-ciganos, como um dos seus.

A relação conflituosa vivida pelos ciganos sousenses, principalmente no que se refere a seus pares, não é uma postura *ordinária* esperada de uma minoria étnica. Nos termos de Baumam (1999a), os indivíduos que pertencem ao um determinado grupo esperam que, em situações adversas, haja uma defesa zelosa de sua visão de mundo. Ele

⁹⁸ Episódio de n. 9. Cf. CAVACANTI et al., 2011i. (O Povo Cigano no Brasil, 9).

afirma que essa certeza é o que lhes confere a segurança necessária quando confrontados com as incertezas da ambivalência, instituída pelos processos de hibridização.

Mas, na realidade não é isso que ocorre, os próprios ciganos, em muitas ocasiões, acusam seus jovens de terem perdido o vínculo com a comunidade. Dessa forma é que, ao sentirem-se deslegitimados, só lhes resta articulação com os não-ciganos, já que são constantemente acusados de uma excessiva afinidade com estes. Entretanto não é tão simples assim, pois para os não-ciganos, os ciganos são os *estranhos* e, por mais que a juventude cigana aproxime-se do universo não-cigano, ela jamais vai ser considerada suficientemente *afinada*. Do ponto de vista dos não-ciganos sempre haverá algo faltando, uma habilidade ou uma competência específica será apontada como ausente, ou como insuficiente (BAUMAM, 1999a).

Esse mecanismo de exclusão deixa entrever que a afirmação da diferença e sua enunciação são partes intrínsecas do jogo de poder (SILVA, 2000). O fato é que, após tantos anos de proximidade de pessoas não-ciganas de Sousa com pessoas ciganas, e mesmo essa proximidade tendo ocasionado uma compreensão no que diz respeito às individualidades ciganas, isso não significa que essa convivência tenha sido suficiente para diminuir o preconceito e o menosprezo por ciganos.

Isso decorre do fato de continuar existindo previsões socialmente padronizadas pela *estereotipia ou perfil*, inserindo certas pessoas ou grupos, como os ciganos, em categorias amplas e estranhas (GOFFMAN, 1988). Diferentemente de outras minorias que estão resignificando seus elementos culturais com o fortalecimento da identidade étnica, como, por exemplo, as comunidades negras rurais ou quilombolas. Os ciganos de Sousa imprimiram uma nova dinâmica às suas vidas.

As recordações permanecem no recôndito da memória dos mais idosos. É um lugar acessível, constantemente visitado e alimentado, pelo receio de que desapareça de vez. Percebe-se isso em suas falas, ao recordarem suas experiências do passado distante. As narrativas são recheadas de um *ethos* romanceado, deslocado de uma temporalidade, como se de um dia para outro eles tivessem visto desaparecer todas as suas referências étnicas.

Provavelmente, os mais jovens por conta da idade e da vida atribulada, não se aperceberam das transformações pelas quais vinham passando, e que hoje se expressa nessa identidade híbrida que carregam. Um elemento que representa bem esse aspecto é a permissão o casamento de uma mulher cigana com um homem não-cigano. Isso vai de

encontro às *regras ciganas* ancestrais de casamentos endógamos, que têm como pressuposto a manutenção da *pureza genética*, isto é, da *pureza cultural* (HALL, 2013).

Quanto maior a relevância da “etnicidade”, mais as suas características são representadas como relativamente fixas, inerentes ao grupo, transmitidas de geração em geração não apenas pela cultura e a educação. Mas também pela herança biológica, inscrita no corpo e estabilizada, sobretudo, pelo parentesco e pelas regras do casamento endógamo, que garantem ao grupo étnico a “pureza” genética e, portanto, cultural. [...] Em suma, a articulação da diferença com a natureza [o biológico e o genético] está presente no discurso da etnia, mas é deslocada pelo parentesco do casamento endógeno (HALL, 2013 p.78).

Ao comentarem sobre isso, os ciganos o fazem com muita naturalidade. Para eles a transformação significa um avanço, um rompimento com um aspecto *atrasado* de sua etnicidade. Mas, de fato, isso se deve ao longo período de sedentarização, e por processos contínuos de entrecruzamentos socioculturais. A hibridização⁹⁹ que está sendo vivenciada por eles é um fenômeno longo de tradução cultural, *que nunca se completa*. É um processo no qual os ciganos são incitados a rever seus sistemas de referência, seus valores, suas normas; o que se dá pelo afastamento de seu meio habitual com suas regras *inerentes* (HALL, 2013). Homi Bhabha (1998) aproxima-se da concepção de Hall ao definir hibridismo:

Um momento ambíguo e ansioso... transição, que acompanha nervosamente qualquer formação social, sem a promessa de um fechamento celebrativo ou transcendência das condições complexas e até conflituosas que acompanham o processo (BHABHA, 1998 *apud* HALL, 2013, p. 83).

O hibridismo é, ainda, o meio pelo qual se demanda das culturas uma revisão de seus próprios sistemas, normas e valores, pelo distanciamento de suas regras habituais ou *inerentes* de transformação. (BHABHA, 1998 *apud* HALL, 2003). Ele é, também, uma noção descritiva, que “[...] caracteriza processos sociais em que se dão cruzamentos, intersecções, sem nos permitir estabelecer o caráter dessas intersecções ou dessas hibridações”. (CANCLINI, 2006, p. 8). Nesse sentido, o hibridismo pressupõe uma coexistência com uma cultura distinta e majoritária, criando situações permanentes de transculturação. O processo de transculturação implica na perda ou distanciamento

⁹⁹ Hibridação ou hibridismo é um termo usado no campo dos Estudos Culturais que modificou os sentidos anteriormente atribuídos à cultura, identidade, diferença, desigualdade. No campo das Ciências Sociais promove a flexibilização das polaridades: tradição-modernidade, local-global, norte-sul. Cf. CANCLINI, 2008.

da cultura de origem, mas significa também a instituição de novos fenômenos culturais denominados de *neoculturação*. (ORTIZ, 1987).

O que se observa na comunidade cigana de Sousa são rasuras que expõem novas configurações ao *jeito cigano de ser*. O respeito pelos mais velhos, por exemplo, já não é tão visível nessa comunidade como se observa em outras, cuja rigidez, no que tange ao cumprimento da tradição, ainda acontece. A condição da mulher na comunidade também se distingue das demais, no momento em que se constata a presença delas em meio a conversas que, em outras comunidades ciganas, são espaços exclusivamente masculinos. Os aspectos mencionados apontam referentes que foram potencializados ao longo do processo de hibridação cultural, em particular os oriundos do capitalismo avançado.

O movimento do capitalismo avançado em direção às culturas vem ocorrendo a partir de uma série de modificações de caráter social, econômico e tecnológico que fizeram com que a cultura dominante conseguisse ir muito além do que foi na sociedade capitalista. Estendem seu alcance a áreas de experiências e significados que, até então, haviam conseguido manter-se *preservadas* ou *resignadas* (WILLIAMS, 1979).

Apesar disso, Williams ressalta que “[...] nenhuma cultura dominante [...] inclui ou esgota toda a prática humana [...]” (WILLIAMS, 1979, p. 128). No caso dos ciganos, é a memória grupal, detentora do conhecimento de gerações, que vai concorrer para a não homogeneização cultural. A memória é, como coloca Le Goff,

[...] um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. Mas a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é, sobretudo oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória (LE GOFF, 1990, p. 477).

A memória é ainda concebida por Le Goff (1990) como sendo o lugar no qual a história cresce e se alimenta. É ela que salva o passado, para que ele possa ser usado no presente e no futuro.

Para Pollak (1992), a memória é um fenômeno construído social e individualmente, diretamente relacionado com identidade. Nesse sentido, o autor diz que “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto

individual como coletiva” (POLLAK, 1992, p. 204), por ser nela que da mesma forma indivíduos e grupos encontram elementos que possibilitam a compreensão do sentimento de continuidade e de identidade.

Também a noção de identidade possui duas dimensões: a individual e a coletiva (social). Ela se forma por meio de *processos inconscientes*, oriundos da dinâmica relacional com distintos grupos, isto é, da absorção de elementos culturais diferenciados. (HALL, 2006). Essa dinâmica, diferentemente da do passado, que fornecia “sólidas localizações como indivíduos sociais tem causado uma mudança estrutural, a partir do final do século XX, fragmentando aspectos da sexualidade, de gênero e culturais”. (HALL, 2006).

A construção social da identidade dá-se no interior de um contexto social e cultural, e não somente “por um conjunto atemporal de ‘traços culturais’ imutáveis [crenças, valores, símbolos, ritos, regras de conduta, língua, código de polidez, prática de vestuário ou culinárias, etc.]” (BARTH, *apud* POUTIGNAT; STREIFF-FENART 1998, p. 11). Repassados da mesma maneira para as sucessivas gerações na história de um grupo.

A etnicidade, portanto, ao promover constantes processos de ação e reação dentro do próprio grupo e fora desse, acaba por desencadear novas formas de organizações sociais (BARTH, *apud* POUTIGNAT; STREIFF-FENART 1998, p. 11). Isso remete ao exemplo já citado dos ciganos sousenses e os resultados dos processos de hibridação cultural, que têm alterado a organização social desse grupo em diversos aspectos. É o caso da participação das mulheres no mercado de trabalho formal, no qual atuam como auxiliares de enfermagem, professoras, faxineiras, costureiras, etc. Essa possibilidade de se constituir como indivíduo em uma organização capitalista significou, para a mulher cigana, ter que passar por uma série de rupturas com aspectos que configuram a condição da mulher em seu grupo de pertença. A resistência cotidiana da condição feminina acontece tanto para mulheres ciganas como para as não-ciganas, como observa Melucci (2005):

A família foi e ainda é, em grande medida, o espaço do cotidiano, o tempo mais típico na história das mulheres, símbolo dos ritmos do nascimento, e da morte, do amor e do sofrimento. Um tempo lento, quase igual a si mesmo, feito pela repartição de dias e de gestos, um tempo de muitos silêncios e poucas palavras. É nesse tempo, repetitivo e quase natural, que as mulheres começam a redefinir os sinais de seu oposto, da mudança, da ação feminina, portadora de sentido (MELUCCI, 2005, p. 106).

A nova configuração, do *lugar da mulher cigana* na comunidade cigana de Sousa foi um longo processo que teve início nos anos 1980. Quando decidiram fixar-se, os ciganos mais velhos encontraram muitas dificuldades para garantir sua sobrevivência material. Dessa forma foi que, depois de muitos percalços, vislumbraram no estudo a possibilidade de uma vida menos *sofrida*. Esse seria o aspecto positivo da sedentarização como enfatiza Francisco Soares quando aponta que “existe um lado bom que foi com moradia, que nossas crianças puderam estudar aprenderem muitas coisas. Então a escola não tinha e até hoje nós temos pessoas analfabetas” (FIGUEIREDO, 2013a).

À medida que o tempo passava, a aquisição de uma profissão passou a ser, para muitos, não somente um meio de obter reconhecimento social nas relações com o contexto urbano, mas também de amparar os familiares. Quando falam das dificuldades encontradas nos primeiros anos de vida na cidade, os idosos fazem uma mistura de temporalidades onde deixam perceber um entrelaçamento dos tempos idos e do tempo atual. Essa dialética temporal dos ciganos, não somente dos de Sousa, deixa claro que mesmo tendo optado pela sedentarização, o nomadismo continua impregnado em suas almas por se constituir em um dos principais elementos de sua história. Esse aspecto remete a uma colocação de Liégeois (1988) onde ele afirma que:

Assim como os sedentários, ainda que estes viajem, não deixam de ser sedentários, também os ciganos, ainda que não viajem, não deixam de ser nômades. Por isso é preferível falar de ciganos *sedentarizados* do que *sedentários*, já que o primeiro termo indica uma etapa provisória para pessoas cujo movimento continua sendo importante. O nomadismo é mais um estado de espírito do que um estado de fato (LIÉGEOIS, 1988, p. 52).

Mas não foi só a mulher que modificou seu *status quo* na organização social dos ciganos de Sousa. O jovem também, na medida em que passou a observar que para sobreviver na cidade teria que buscar outro tipo de atividade, que lhe desse aporte financeiro suficiente para a manutenção de sua vida e dos seus. Ele também se deu conta de que não era mais possível manter o costume tradicional de permanecer poucos anos na escola. Além disso, existem os apelos próprios da sociedade capitalista, como coloca Bauman (2010), citando Bourdieu: “A cultura hoje é feita de “oferta”, não de “norma” [...] a cultura vive de sedução [...] da criação de novas necessidades/desejos/exigências [...]” (BAUMAN, 2010, p. 33-34).

Em relação aos ciganos de Sousa, a fala de Luiz Costa expressa as modificações dos laços afetivos entre os ciganos da comunidade do *Rancho*. Segundo ele, quando eram nômades, os ciganos tinham muito amor uns pelos outros. Com a sedentarização, os mais jovens perderam o sentimento de grupo e passaram a preocupar-se em adquirir uma qualidade de vida melhor. Isso desencadeou na comunidade, certo sentimento de discriminação, como relata Luiz: “Hoje tem muitos ciganos que pegaram recursos e estão discriminando os mais pobres. Pensando eles, que aquele recurso ele leva para o outro mundo” (COSTA, 2013).

O depoimento de Luiz Costa aponta para o processo de individualização próprio da pós-modernidade. Mas remete também à noção de *habitus*, de Pierre Bourdieu (1983b), definida como a mola propulsora de todas as práticas e que, apesar de residir no gosto individual, não impede que o gosto de um indivíduo deixe de se assemelhar ao gosto dos demais membros da mesma classe social. Em relação aos ciganos mais jovens, isso significa que na medida em que eles vão aumentando seu poder econômico, seu gosto individual passa a se assemelhar ao gosto da sociedade envolvente, detentora do mesmo capital econômico. Com isso, as rasuras na forma de vida tradicional ficam mais perceptíveis e causam estranhamento à comunidade de origem.

Nesse processo é importante compreender que a opção pelo sedentarismo feita pelos ciganos de Sousa não foi uma escolha fácil, tampouco repentina. Além da escassez do comércio de animais, a falta de políticas públicas é apontada como um fator significativo para a sedentarização. Pedro Maia é o líder cigano mais antigo da comunidade cigana de Sousa, ele lembrou as dificuldades de seu povo e a inoperância do poder público local desde a época em que começou a atuar como liderança:

Olha, nós aqui tem sofrido. [...] vê esses ciganos assim, porque eles toparam, modéstia à parte [...], eles toparam um comandante de bom coração, de bom conhecimento [...]. Eu levei ao conhecimento do município, do estado. Conteí o sofrimento desse povo, mas eles não me deram nenhuma solução. [...] eu como pobre, eu ajudo, ajudo os ciganos. [...] eu posso dizer que falta tudo. Falta tudo, tudo, tudo. O cigano é um povo pobre, um povo pobre (MAIA, 2013).

Figura 7 - Pedro Maia. O patriarca mais velho da comunidade cigana de Sousa, relembando seu tempo de liderança. Sousa, PB (2013).



Fonte: Acervo da autora (2013).

A *opção* pela sedentarização foi, portanto, o que deu origem ao *cigano urbano*. O termo urbano, antes relacionado ao que não era rural, passa hoje por algumas dificuldades conceituais. A esse respeito Jamerson (2006) explica que os questionamentos sobre o uso do termo *urbano* surgiram a partir do processo de globalização.

O desaparecimento da natureza – a mercantilização da área rural e a capitalização da agricultura ao redor do mundo – começa agora a extrair o seu outro termo, o anteriormente urbano. Onde o sistema mundial hoje tende a ser um enorme sistema urbano [...] o próprio conceito de cidade e daquilo que é classicamente urbano perde seu significado e não mais parece oferecer nenhum objeto de estudo delimitado com precisão, nenhuma realidade especificamente diferenciada. Ao contrário, o urbano torna-se o social em geral e ambos se constituem e se perdem no global que não é na verdade o seu oposto (como era na antiga ordem das coisas), mas algo como a sua extensão exterior, o seu prolongamento em um novo tipo de infinitude (JAMERSON, 2006, p. 119).

No contexto globalizado, os *ciganos urbanos* ao serem confrontados por diferentes identidades, particularmente os ciganos jovens, passam a sentir os apelos vindos de vários lugares. Com isso, o cigano, como os demais indivíduos contemporâneos, vai se diluindo, tornando-se fragmentado, desalojado “de tempos, lugares, histórias e tradições específicos” (HALL, 2006).

Martín-Barbero (2006), ao comentar sobre a “multiplicação dos referentes”, diz que um dos elementos que mais contribuiram com esse processo foram as novas tecnologias. Dentre elas, a televisão e o telefone celular são os que mais se fazem

presentes na vida cotidiana dos ciganos sousenses. O computador, por ser um produto que exige certo aporte financeiro, ainda representa, para boa parte desses ciganos, um produto de luxo.

Nestor Cigano, um dos líderes da nova geração de Sousa, diz que havia uma proposta de inserção digital de jovens da comunidade através da criação de um espaço no qual seriam ministrados cursos de informática e que, posteriormente, o espaço continuaria a ser utilizado para trabalhos escolares, oficinas, etc. Acontece que, segundo ele, os computadores que seriam enviados pela Secretaria de Políticas e Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) sumiram, ou seja, não chegaram à comunidade. Esse episódio nunca foi esclarecido, o que demonstra a fragilidade de uma política que se propõe a tirar da invisibilidade essa minoria.

A televisão, portanto, é o meio de comunicação que aparece em boa parte das casas ciganas, sem descartar-se o uso de um ou outro aparelho de rádio, provavelmente pelos mais velhos. A predominância da tevê, de acordo com Adorno (*apud* MATOS, 2001), foi um processo de síntese do rádio e do cinema. De fato, logo no início, a televisão adotou algumas características do rádio, mas pouco depois passou a imprimir uma dinâmica específica, adquirindo, com isso, uma identidade própria.

Essa preferência pela tevê pode ser justificada por sua proximidade com a oralidade. Na verdade, a oralidade na televisão é apenas um meio de transmissão do que já está escrito. Isso significa que essa oralidade é uma falsa oralidade carregada de intenções. É por esse mecanismo que o *habitus*¹⁰⁰ de classe consegue atravessar o uso da tevê. Esse atravessamento é feito de forma tão perfeita e com tanto realismo, que o “contrabando ideológico se realiza sem ser percebido, de modo que as pessoas absorvem a harmonização oferecida, sem ao menos se dar conta do que lhes acontece. Talvez até mesmo acreditem estar se comportando de um modo realista” (ADORNO, 1995).

Já o telefone celular é ideal para pessoas em movimento (BAUMAN, 2004), nesse sentido, ele é tão nômade quanto os ciganos. Talvez, por essa identificação, é que, entre as novas tecnologias, o celular é a que os ciganos mais utilizam. No *Rancho* é comum haver mais de um aparelho em que os sujeitos realizam seus negócios sem ter que se deslocar. Isso é muito importante, já que o deslocamento pressupõe um

¹⁰⁰ *Habitus* é uma categoria instituída pelo sociólogo Pierre Bourdieu e indica “[...] um conhecimento adquirido e também um haver, um capital (de um sujeito transcendental na tradição idealista) o *habitus*, a *hexis*, indica a disposição incorporada, quase postural, mas sim de um agente em ação”. Cf. BORDIEU, 2010, p. 61.

investimento financeiro que nem sempre é possível. Como explica Bauman (2004): “Os celulares assinalam, material e simbolicamente, a derradeira libertação em relação ao lugar. [...]. Os viajantes podem eliminar de seus cálculos de perdas e ganhos as diferenças entre partir e ficar, distância e proximidade, civilização e isolamento” (BAUMAN, 2004, p. 38).

Mesmo que em escala menor do que a do uso do celular é importante que se fale sobre a relação dos jovens ciganos de Sousa com a internet. A internet, de acordo com Castells (2003):

[...] não é simplesmente uma tecnologia; é o meio de comunicação que constitui a forma organizativa de nossas sociedades; é o equivalente ao que foi a fábrica ou a grande corporação na era industrial. A Internet é o coração de um novo paradigma sociotécnico, que constitui na realidade a base material de nossas vidas e de nossas formas de relação, de trabalho e de comunicação. (CASTELLS, 2003, p. 287).

Em 1996, Castells propôs o conceito de sociedade em rede, no intuito de caracterizar essa estrutura social na era da informação. Essa sociedade é global e substituiu gradativamente a sociedade industrial. Castells (2013) explica que, nos últimos 20 anos, o conceito de sociedade em rede passou a caracterizar diversas práticas sociais, “incluindo a sociabilidade, a mobilização sócio-política, baseando-se na Internet em plataformas móveis” (CASTELLS, 2013).

Os jovens que vivem no *Rancho*, mesmo diante das limitações econômicas que os impedem de adquirir um computador, costumam elaborar estratégias que possibilitem o acesso à rede. Nestor, ao ser questionado sobre a relação dos ciganos com a internet explica que alguns têm acesso no celular, outros frequentam *lan houses* ou casa de amigos onde conseguem conexão. Perguntado sobre o que fazem na rede, com quem conversam, ele responde: “falam com muitas pessoas, falam com todo mundo, com cigano e não-cigano também” (NESTOR, 2013). Isso pressupõe que o uso que fazem da rede não se diferencia do dos demais jovens.

Francisco Figueiredo, ao comentar sobre a internet e os jovens ciganos do *Rancho*, salientou que é uma relação importante à medida que possibilita inseri-los no mundo virtual. Ele disse que está feliz com a internet e da necessidade dela na vida das pessoas, “hoje sem internet ninguém faz nada” (FIGUEIREDO, 2013a). Ele explicou que por conta da liberdade que possuem, a relação das crianças e dos jovens da comunidade com a internet é uma relação equilibrada:

Então nossos meninos, nossos jovens tem tempo para internet, tem sim. Mas tem sua liberdade, não é eu manter meus filhos na rua, que não possa sair de casa, que eu deixei eles trancado, e o que eles vão fazer? Eles vão para internet, passar o dia todo. [...] Nossos meninos vão para o meio do mato, vão brincar dentro do mato, vão brincar de cavalin, vão brincar de casinha, vão brincar de boneca, não tem quem aborreça, nós não tem cuidado com trânsito, com negócio de carro, nós não temos cuidado com uma pessoa que vá levá-lo. Então essa é uma coisa importante para quem é criança, que ela faça um trabalho de internet e vai para outro lado, brincar dentro do mato, vai se inspirar, vai buscar outra coisa (FIGUEIREDO, 2013a).

Figura 8 - Crianças ciganas brincando no quintal de casa, no Rancho de Cima, Sousa, PB (2013).



Fonte: Acervo da autora (2013).

Para ele, a relação exacerbada dos jovens com a internet é compreensível, diante da insegurança e da violência da vida urbana. Reconhece que *trancar* os filhos em casa, talvez seja a única opção das famílias. E que os filhos, diante da impossibilidade de serem livres, utilizam a internet como o principal meio de se comunicar com os amigos.

3.4 CIGANOS DE SOUSA: DEMANDAS E CONQUISTAS

Uma das discussões mais importantes hoje, em relação aos ciganos de Sousa, diz respeito ao território. Essas discussões têm envolvido diferentes sujeitos como promotores, prefeitos, vereadores, pastoral nômade, ONGs e claro, os próprios ciganos. Buscando conhecer alguns aspectos que constituem esse contexto foi que se estabeleceu contato com Pollyana Figueiredo. O objetivo era, a partir de outra percepção que não fosse somente a dos ciganos, situar e compreender esse espaço onde as forças travam seus embates.

O nome de Pollyana foi indicação de Nestor Cigano, por entender que ela tem desempenhado um papel importante, como mediadora (representante) dos interesses dos ciganos diante dos poderes institucionalizados. Pollyana também se percebe como uma interlocutora entre os próprios ciganos, no que se refere à sua organização política.

Meu papel é de dar entendimento a eles, de como eles terem o empoderamento político, econômico e social deles. Tendo respeito com cada liderança, mas que essas lideranças têm que entender que em certos momentos eles têm que se unir através de documentos, através de pautas, de reivindicação coletiva (FIGUEIREDO, 2013b).

A representatividade nesses termos remete ao fenômeno que o marxismo intitula de “a consciência do exterior”. E que Bourdieu (2010) explica como sendo a contribuição que certos intelectuais dão para a produção e para a ampliação de uma visão de mundo social, em ruptura com a visão dominante (BOURDIEU, 2010). Sobre a possibilidade dos intelectuais, ou de outros *representantes* contribuírem nos processos de luta por melhores condições de vida dos coletivos desfavorecidos e dominados, Bourdieu (2010) faz a seguinte observação:

Os que ocupam as posições dominadas no espaço social estão também em posições dominadas no campo de produção simbólica e não se vê de onde lhes poderiam vir os instrumentos de produção simbólica de que necessitam para exprimirem o seu próprio ponto de vista sobre o social, se a lógica própria do campo de produção cultural e os interesses específicos que aí se geram não produzissem o efeito de predispor uma fracção dos profissionais envolvidos neste campo a oferecer aos dominados, na base de uma homologia de posição, os instrumentos de ruptura com as representações que se geram na cumplicidade imediata das estruturas sociais e das estruturas mentais e que tendem a garantir a reprodução continuada da distribuição do capital simbólico (BOURDIEU, 2010, p. 152).

Pollyana é gerente do Projeto Cooperar do estado da Paraíba¹⁰¹. Ela tem participado dessa discussão, e por isso explica que a legalização da área onde vivem os ciganos de Sousa tem passado por muitas dificuldades. Segundo ela, em 2012 foram concluídos todos os projetos de habitação, mas havia um impasse junto à Secretaria Estadual de Habitação Popular (SEHAP) sobre a natureza do projeto, se seria de habitação rural ou urbana, dentro do Programa Minha Casa Minha Vida da Caixa Econômica Federal. O impasse é que se a opção fosse por rural, os ciganos teriam que

¹⁰¹ O Projeto Cooperar é uma parceria do Governo do Estado da Paraíba com o Banco Mundial no financiamento de projetos para comunidades rurais por meio de associações e cooperativas. GOVERNO DA PARAÍBA. **Projeto Cooperar**. 2013. Disponível em: <<http://www.cooperar.pb.gov.br>>. Acesso em: 15 ago. 2013.

possuir a DAP, que é a Inscrição de Aptidão Pronaf, do Ministério do Desenvolvimento Agrário, mesmo que a comunidade estivesse em perímetro urbano.

Figura 9 - Precariedade das habitações do Rancho, Sousa, PB (2013).



Fonte: Acervo da autora (2013).

A esse respeito Pollyana informou que já existia um entendimento dos Ministérios do Desenvolvimento Agrário e Social e da Secretaria de Políticas de Promoção e Igualdade Racial (SEPPIR) sobre a necessidade de se instituir uma DAP específica. Que serviria tanto para os ciganos quanto para outras comunidades tradicionais, tendo em vista o hábito, a cultura, e não simplesmente a localização onde essas populações residem. A comunidade cigana de Sousa, apesar de numerosa, está, na concepção dela, se fragmentando em função das dificuldades de manutenção da vida. Ela explicou que:

Lá existe mais de três lideranças, são três ranchos, mas existem mais de três lideranças, hoje em dia tá em torno de quatro a cinco lideranças, cada vez mais se fragmentando diante da situação de suporte familiar. É que eles atuam muito na forma de um chefe manter outras famílias, como a renda não está, e eles não estão tendo, como antigamente, muitas ajudas financeiras para fazer isso, através de políticos e em troca tem a questão eleitoral, de voto (FIGUEIREDO, 2013b).

As alianças políticas, ainda na concepção dela, são o que, historicamente, têm enfraquecido os ciganos por conta das diferentes filiações político-partidárias. Mas a dificuldade em lidar com os processos coletivos não é um desafio apenas dos ciganos, trata-se de um aspecto inerente à pós-modernidade. Nesse sentido o maior paradoxo que as comunidades encontram na busca de consensos é mais dissipação e fragmentação e,

por conseguinte mais heterogeneidade. Dessa forma é que a cada tentativa de convergência e síntese, novas separações e divisões acontecem. O que deveria convergir para acordo termina gerando novo desacordo e novas demandas por negociação. Na busca por entendimento, o único consenso com alguma possibilidade de dar certo tem origem na aceitação da “heterogeneidade das dissensões” (BAUMAN, 1999a, p. 265).

Figura 10 - Abraão Amarante e Mundico.



Fonte: Acervo da autora (2013).

Segundo Nestor (liderança cigana jovem), já existe uma consciência de que juntos eles são mais fortes. E que sendo assim, podem melhorar as condições de vida de todos usando o voto como moeda de troca. A mudança, a que ele se refere, continua de certa forma atrelada a pressupostos clientelistas, do escambo de votos. Não se percebe, ainda, na fala dele, elementos que apontem para o reconhecimento de direitos como algo legitimamente conquistado. Os direitos, na maioria das vezes, são percebidos por ele, e por boa parte dos ciganos de Sousa, como favor.

Ainda na perspectiva de votos verso benefício, Francisco Soares colocou que os ciganos possuem um peso significativo nos pleitos eleitorais de Sousa:

A gente decide a eleição, inclusive a eleição atrás foi cento e vinte um votos de maioria, nós somos quase oitocentos. Essa agora foi setecentos e pouco, nós somos mais de oitocentos votos, então a gente decide a eleição e tudo (FIGUEIREDO, 2013a).

As dificuldades dos ciganos em obter *ajuda* dos políticos e referida por Pollyana, é a expressão da atual condição de inércia em que se encontra a política, explicada por Bauman (2000) em sua obra *Em busca da política*: “O liberalismo, por um longo tempo, imprimiu uma fórmula política ideológica, imprudente e desafiadora de ‘grande salto à frente’. Já o liberalismo atual se limita à crença de que ‘não há

alternativa', instituindo assim uma autoapologia da rendição" (BAUMAN, 2000). A causa dessa crescente apatia política é o conformismo. Castoriadis (*apud* BAUMAN, 2000), em uma entrevista a Daniel Mermet, enfatiza que o aspecto mais notável da política contemporânea é sua *insignificância*. E acrescenta: "Os políticos são impotentes [...] Já não têm programa, seu objetivo é manter-se no cargo". (CASTORIADIS *apud* BAUMAN, 2000, p. 12).

Quanto à fragmentação a que se refere Pollyana, ela não é uma característica específica dos ciganos, mas da pós-modernidade, descrita por David Harvey (2012), para acompanhar seus próprios termos, como:

a experiência do tempo e do espaço se transformou, a confiança na associação entre juízos científicos e morais ruiu, a estética triunfou sobre a ética como foco primário de preocupação intelectual e social, as imagens dominaram as narrativas, a efemeridade e a fragmentação assumiram precedência sobre verdades eternas e sobre a política unificada, e as explicações deixaram o âmbito dos fundamentos materiais e político-econômicos e passaram para a consideração de práticas políticas e culturais autônomas (HARVEY, 2012, p. 293).

O processo de mudança relatado por Harvey (2012) representa também, uma profunda transformação nas identidades pessoais. Na pós-modernidade, o sujeito é tornado fragmentado, ele já não possui mais uma única identidade. Não tem identidade fixa, essencial ou permanente. Stuart Hall (2006) coloca que, "se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda história sobre nós mesmos ou uma confortadora 'narrativa do eu'" (HALL, 2006, p. 13).

Refletindo sobre a ideia de identidade, Bauman (2005) diz que a identidade surgiu a partir da crise do pertencimento e nasceu como ficção que precisava se consolidar como a única realidade imaginável. Essa ficção foi uma das principais protagonistas nos mecanismos de subordinação incondicional dos indivíduos ao Estado.

Nos dias de hoje, até a sobrevivência da própria família é um desafio para os ciganos brasileiros. Além de pequenos negócios, eles só contam com programas de transferência de renda do tipo Bolsa Família. A busca pela legalização da terra é vislumbrada como possibilidade de melhoria na condição de vida dessa comunidade. Nessa perspectiva, alguns encaminhamentos já foram realizados, dentre eles os orçamentos dos estudos necessários para que a titulação definitiva seja concedida. No entanto, existem ainda entraves financeiros dificultando a efetivação dos mesmos.

Para Pollyana seria importante que as políticas brasileiras dessem mais suporte às comunidades tradicionais, como a dos ciganos; que instituíssem ações continuadas que poderiam contar com parcerias, como, por exemplo, das Universidades.

E além da universidade existe o Instituto Federal de Educação e Tecnologia da Paraíba que é o IFPB. E é ali vizinho. A sede é vizinha, é entre as duas comunidades ciganas. Então o Instituto diante também da situação, dentro do hábito dos ciganos, serem voltados aos hábitos rurais, esse Instituto Tecnológico aqui da Paraíba, instalado em Sousa há muitas décadas, são cursos técnicos agrícolas, ciências agrárias, agroecologia, veterinária, tem o curso de engenharia de alimentos, química e licenciatura em química. Então eles estão também ali vizinhos. Então eu não consigo entender para quem é sensível às causas de igualdade social, [...] como é que, dois polos tão grandes como é a UFCG / Sousa e o IFPB / Sousa não têm um entendimento, visão de ajudar as comunidades ciganas, dentro dos potenciais que eles têm.[...] Eles só focam os políticos mas quem está de fora e é sensível, a gente sabe que não é somente 'o político' como eles chamam. Mas também, as instituições de ensino federal instaladas aqui, que também marginalizam eles. (FIGUEIREDO, 2013b).

Outro ponto relevante na análise de Pollyana diz respeito à importância das lideranças ciganas em unirem-se, mesmo que pontualmente, no sentido de estabelecerem pautas únicas, visando com isso fortalecer as três comunidades. Que participem em uma perspectiva representativa de dar voz a *demandas e interesses*.

Representar é também “fazer parte”, pertencer, identificar-se com os interesses gerais de uma comunidade (BAUMAN, 2005). Foi com o intuito de *tomar parte* que, após a inauguração do Centro de Referências Ciganas (CCDI), algumas lideranças fundaram associações. Mas, a falta de prática com processos associativos fez com que essas associações fossem desativas pela Receita Federal devido a débitos. Pollyana acredita que essa dificuldade dos ciganos pode ser superada pela geração mais nova que já está mais habituada a lidar com a internet. Entende também que seria necessário que esses jovens frequentassem algum curso de gestão associativista e financeira, para que dessa forma eles pudessem se apropriar de outra lógica de negócios.

Refletindo sobre o papel do conhecimento na contemporaneidade, Melucci (2005) aponta o conhecimento como um recurso indispensável nos campos de ação dos sujeitos pós-modernos, diante de suas lutas e conflitos. Ressalta como de fundamental importância o domínio de distintos conhecimentos (informação, instrumentos de produção e de circulação de saberes) como forma de empoderamento. O conhecimento é também, a condição que revelará a verdadeira natureza das relações sociais diante do alto conteúdo simbólico presente nas sociedades complexas.

É por meio dele que os sujeitos terão consciência de suas ações (MELUCCI, 2005). O autor explica que, no passado, as classes subalternas mobilizavam-se em função de uma ideologia específica, mas que hoje, no contexto da sociedade de massa, onde as culturas estão misturadas, a ideologia tornou-se um objeto de manipulação. Dessa forma, a produção do conhecimento torna-se relevante na medida em que poderá constituir-se em um “recurso-chave para a ação coletiva” (MELUCCI, 2005, p. 143).

Outro ponto abordado na entrevista é o que trata da preservação da cultura cigana e da sustentabilidade por meio das práticas culturais. No que se refere a esses aspectos ela disse que:

Politicamente houve uma promessa do governador, junto com o secretário de cultura e a secretária da mulher e da diversidade humana, Gilberta e Chico César. Que prometeram que iriam atuar. Uma das primeiras ações seria propor o curso de língua deles, o retorno às origens, no sentido de preservação do patrimônio cultural deles, da língua. Como também um trabalho com capacitação e produção de instrumentos musicais, isso dentro de uma questão cultural. Diagnosticamos através de ação de gerar trabalho e renda, é que as mulheres ciganas elas têm um grande potencial na área têxtil, na produção de artesanato voltada para área têxtil, de acabamentos de redes, de mantas, roupas, de crochê, de toda essa área que elas já atuam em alta temporada em numa cidade vizinha a Sousa, Aparecida. [...] Então elas já têm, na aptidão delas e na vocação delas, isso já bem trabalhado, precisa de ter mais suporte e incentivo, de linha de produção, de capacitação. [...] Então, que através do *Empreender Mulher*, que é uma linha de financiamento de crédito, de apoio aos pequenos empreendimentos, coletivos ou individuais que o Estado da Paraíba tem, está sendo trabalhada uma proposta de criar uns boxes de comercialização e produção de artesanato, da cultura cigana, na margem da BR, com um salão de danças, de apresentações culturais, e outros potenciais turísticos que eles têm e como a leitura de mãos e baralhos, que é onde o Centro Cultural Banco do Nordeste poderia aí, que em Sousa existe, essa linha de convênios, de parceria para pagar os cachês culturais (FIGUEIREDO, 2013b).

Esse seria um dos caminhos, não somente como potencial gerador de renda, mas como uma forma de evidenciar e, portanto, fortalecer os aspectos culturais dos ciganos. A fala de Pollyana vai ao encontro das reivindicações feitas por Francisco Soares Figueiredo (*Coronel*):

Eu já pedi cursos profissionalizantes para que os ciganos possam se encaminhar por ele mesmo. Eles já fizeram um curso de avicultura, foi um curso muito rápido, mas eles fizeram. Tem outros cursos que poderiam fazer, tem curso de horticultura, tem curso de corte e costura, um curso que profissionalize o cigano e bote ele no mercado de trabalho. O cigano tem uma facilidade extrema com artesanato, nasceu pra fazer aquilo, mas como é que o cigano vai trabalhar? Conhecimento ele tem, mas precisa praticar, precisa fazer curso e além de tudo, é a matéria-prima. Não adianta o cigano se formar num curso profissionalizante e tá aí, sem se movimentar, então não adianta. (FIGUEIREDO, 2013b).

Na realidade, o que as falas de Francisco Soares e Pollyana reivindicam são políticas públicas. Melucci (2005), ao comentar sobre a ação política nas sociedades contemporâneas, que ele chama de “sociedades complexas”, coloca que, nos dias atuais, como em nenhum outro tempo é importante que a administração ou gestão dessas sociedades seja feita por meio de escolhas e decisões e colocadas em prática através de *políticas*. As *políticas*, nesse sentido, deveriam garantir frequência e difusão, no intuito de que as dúvidas e incertezas, peculiares aos *sistemas complexos*, sejam reduzidas (MELUCCI, 2005, p. 129). Melucci ressalta, ainda, que é importante lembrar que “o jogo político nunca acontece em campo aberto com paridades de chances” (MELUCCI, 2005, p.131). E que a política, “não representa toda a realidade social porque existem âmbitos e dimensões que fogem e não se reduzem a ela”. (MELUCCI, 2005, p.131).

3.5 OS CALÓNS DE TRINDADE

O segundo grupo de ciganos visitados foi o dos ciganos *Calón* de Trindade, GO. O encontro com eles foi mediado pela assistente social Sônia Magalhães Teixeira, ex-colega do curso de graduação em serviço social da Universidade Católica de Goiás. Por *coincidência ou por destino*, ela descobriu uma cunhada que possui *relação de compadres* com *Jesus Cigano*. Foi Sônia também que conduziu a pesquisadora à cidade de Trindade, GO, facilitando sobremaneira a efetuação da pesquisa. O contato com *Jesus Cigano* abriria outras portas. Por meio de sua rede de relações conheceu-se o cigano *Índio Rufino* de Santa Fé do Sul, SP e posteriormente a liderança cigana Elias Alves de Brasília, DF. Elias foi entrevistado durante a III Conferência Nacional de Promoção da Igualdade Racial, realizada em novembro de 2013, em Brasília, DF.

A visita à comunidade *Calón* de Trindade também ocorreu em novembro de 2013. O principal interlocutor das entrevistas foi Jesus, mais conhecido por *Jesus Cigano*, atual presidente e fundador da Associação de Desenvolvimento da Comunidade Cigana de Goiás, e sua irmã Minervina Machado. A Associação foi fundada no ano de 2005 e tem sua sede localizada no bairro Samara; em Trindade. Além de presidente da Associação, Jesus é conselheiro da comissão de promoção e igualdade racial de Goiás. Sobre a Associação, diz que ela tem emitido uma carteira de identificação étnica para os ciganos de Trindade, na intenção de que isso dificulte os atos preconceituosos e o cumprimento da lei de preconceito racial.

A cidade goiana de Trindade está localizada a aproximadamente 20 km da capital Goiânia. É uma cidade nacionalmente conhecida pelas romarias e peregrinações que acontecem há 150 anos, sempre no mês de julho, em homenagem ao Divino Pai Eterno. A festa tem duração de nove dias, tendo como ponto de encontro a Basílica do Divino Pai Eterno para onde todos convergem a fim de participarem de missas e novenas. Além do contexto religioso a *festa* tem um aspecto cultural, uma vez que as pessoas ocupam as ruas da cidade não só para expressarem sua espiritualidade, mas, também para conviver, se encontrar, e se divertir. São pessoas de diversas regiões, e até mesmo de outros estados, que no contexto de uma experiência religiosa terminam por participar de um processo intercultural bem diversificado.

Em meio a essa multidão, os ciganos constituem um grupo numeroso que se reúne num espaço denominado de *rancho dos ciganos*. No período em que ocorre a *festa do Divino* eles costumam alugar uma grande área, que geralmente é a mesma todos os anos. Nesse espaço não somente se divertem, como aproveitam o momento para reencontrar parentes e amigos, e acertar viagens e negócios. Pois, cigano que é cigano, nunca desperdiça uma chance de fazer *rolo*. O encontro anual dos ciganos na festa do Divino remete à questão de identidade na perspectiva de Hall (2013) em que identidade significa aparecer, ser diferente, e que esses aspectos fazem parte da busca por identidade. O autor coloca ainda que nessa busca, não pode deixar de existir a separação e a divisão.

3.5.1 A História do grupo

A relação dos ciganos com Trindade é antiga, existe desde os tempos em que, em suas andanças pelo estado de Goiás, os grupos ciganos goianos costumavam passar pela cidade. Com a decisão de fixarem-se veio a escolha do local. Marcondes Soares Costa¹⁰², então secretário de igualdade racial do município, ao ser perguntado sobre o porquê de terem escolhido a cidade para se fixar, responde que a opção por Trindade foi pelo fato de ser uma cidade pacata. E também, pela hospitalidade de seus moradores, já bastante acostumados a acolherem romeiros e peregrinos.

Marcondes comenta que existem aproximadamente dois mil ciganos vivendo nessa cidade. Explica que residem em vários bairros, mas o que abriga maior número de ciganos é a Vila do Pai Eterno. Ainda de acordo com ele, o processo de

¹⁰² Episódio n. 9. Cf. CAVALCANTI et al., 2011i. (O Povo Cigano no Brasil, 9).

adaptação dos ciganos nessa cidade exigiu algumas mudanças no estilo de vida cigano, particularmente no modo de se vestir. As alterações foram ocorrendo à medida que os ciganos se davam conta que a identidade visual agregava preconceito e discriminação. Um dos aspectos que, segundo Marcondes, não sofreu alterações foi o uso do idioma o *romani* ou *calón* para os ciganos de origem ibérica. A afirmação de Marcondes difere da de Neroina¹⁰³, também de Trindade, que por sua vez afirma que o idioma *calón* é difícil de manter entre os mais jovens. Ela é *cagín*, casada há mais de trinta anos com um cigano, mas percebe que os filhos sentem dificuldades em falar palavras do idioma de origem do pai. Segundo ela, eles conhecem “algumas [palavras] nem todas eles sabem, muito difícil pronunciar a língua cigana. Muito difícil é uma língua particular” (CAVALCANTI et al., 2011i).

3.5.2 Situando a Comunidade

Jesus nos levou até sua comunidade, onde segundo ele, a maioria dos moradores é cigana. O bairro é uma área residencial com casas de vários tipos, inclusive tendas. Nessa visita ao bairro Samara houve a apresentação a uma família cigana que estava de visita na casa de Jesus. Como se tratava de pessoas com bastante conhecimento acerca dos grupos ciganos do Sudeste, Centro-Oeste e Sul, aproveitou-se para perguntar qual a situação desses grupos. Eles contaram que na região onde residem, Santa Fé do Sul, interior de São Paulo, os ciganos vivem bem. Índio Cigano, contou que na última eleição municipal foi candidato a Vereador e ficou como suplente.

A fala de Índio Cigano é uma fala politizada, trata da importância dos ciganos saberem de seus direitos e de se organizarem para garanti-los. Atualmente ele tem se articulado na perspectiva de se inserir nas discussões e elaboração de políticas públicas para seu povo. Explica que se em Santa Fé a condição dos ciganos é boa, mas que o mesmo não acontece em outros estados. Cita o exemplo do Rio Grande do Sul, e do estado de Goiás, onde segundo ele, existem muitos ciganos pobres que vivem em barraca e que não contam com nenhum apoio das políticas públicas municipais, estaduais ou federais.

Aproveitando a conversa perguntou-se a Jesus Cigano sobre a situação dos ciganos de Trindade. Ele falou com orgulho de sua própria família, como exemplo de uma nova geração de ciganos que identifica no estudo a possibilidade de alavancar

¹⁰³ Episódio n. 9. Cf. CAVALCANTI et al., 2011i. (O Povo Cigano no Brasil, 9).

possibilidades de um futuro melhor. Contou que suas três filhas têm nível superior, e que sua filha será a primeira cigana *calón* do Brasil a ter o título de advogada. Acrescentou que o exemplo delas tem influenciado outras jovens a estudar. O estudo a que se refere Jesus, certamente é a educação formal. Em relação à educação existe hoje uma discussão, a partir de demandas oriundas de grupos ciganos nômades, que reivindicam uma educação itinerante, ou escolas com professores ciganos.

Essa questão esbarra em muitas barreiras culturais e termina por se constituir em algo tão complexo, que até hoje não se chegou a nenhuma concepção ou modelo que pudesse ser implantado de forma ampla. Existem algumas experiências isoladas, como é o caso de Brasília, onde está em curso a *Tenda Escola*¹⁰⁴. Mas para boa parte dos ciganos, a escola dos não-ciganos é suficiente para atender seus interesses, já que não costumam deixar os filhos seguirem estudando.

Algo bem diferente das perspectivas de Jesus para sua comunidade em Trindade, GO. Ele diz que tem por hábito visitar as famílias ciganas e estimular os jovens a estudarem dando o exemplo das filhas. Ele reproduz suas palavras nesses momentos: “Tá vendo minhas fias! Minha fia já é advogada, minha fia é pedagoga, tá dando aula. A outra já é enfermagem, que dizer: cês tem que cumprir, porque a única coisa melhor que cês vai ter é um diploma na vida prá defender ocês” (CIGANO, 2013).

A fala de Jesus remete a Bourdieu (1987) para quem:

O mundo social pode ser concebido como um espaço multi-dimensional construído empiricamente pela identificação dos principais fatores de diferenciação que são responsáveis por diferenças observadas num dado universo social ou, em outras palavras, pela descoberta dos poderes ou formas de capital que podem vir a atuar, como azes num jogo de cartas neste universo específico que é a luta (ou competição) pela apropriação de bens escassos... os poderes sociais fundamentais são: em primeiro lugar o capital econômico, em suas diversas formas; em segundo lugar o capital cultural, ou melhor, o capital informacional também em suas diversas formas; em terceiro lugar, duas formas de capital que estão altamente correlacionadas: o capital social, que consiste de recursos baseados em contatos e participação em grupos e o capital simbólico que é a forma que os diferentes tipos de capital toma uma vez percebidos e reconhecidos como legítimos (BOURDIEU, 1987, p. 4).

¹⁰⁴ A Tenda Escola é uma proposta da SEPPPIR do DF em parceria com as Secretarias de Educação e de Cultura e a Administração de Sobradinho. O objetivo da ação é alfabetizar jovens, adultos e idosos de cultura cigana, começando com o grupo da etnia *calón* que estão instalados no Córrego do Arrozal, em Sobradinho, DF. O curso segue o modelo dos programas *DF alfabetizado* e *Educação de Jovens e Adultos* (EJA). As aulas tiveram início em 03 de julho de 2013, em que participaram 50 alunos, entre 14 e 60 anos, frequentando aulas de português, matemática, história e ciências, oferecidas três vezes por semana.

O aspecto que se pretende enfatizar na fala de Bourdieu (1987) em relação às colocações de Jesus, diz respeito aos esforços, lutas e estratégias que ocorrem, por parte de grupos sociais, em possibilitar que seus filhos tenham acesso a capitais culturais semelhantes aos da burguesia. Por exemplo, como no caso de Jesus, investir na educação das filhas é um valor *incorporado* e que corresponde aos títulos e outras credenciais educacionais do capital institucionalizado. Ao falar sobre as filhas para os demais ciganos ele o faz distinguindo-as dos demais, distinção que se refere ao capital simbólico que elas já detêm e que, por definição, as legitima diante do mundo social. Os títulos, nesse sentido, são símbolos de que os agentes sociais lançam mão, como forma de impor sua visão das divisões de mundo (BOURDIEU, 2010).

Na luta simbólica pela produção do senso comum ou, mais precisamente, pelo monopólio da *nomeação* legítima como imposição oficial – isto é, explícita e pública – da visão legítima do mundo social, os agentes investem o capital simbólico que adquiriram nas lutas anteriores e sobretudo todo o poder que detêm sobre as taxionomias instituídas, como os títulos (BOURDIEU, 2010, p. 146).

O capital simbólico, a que Bourdieu (2010) se refere, é o capital, de qualquer espécie, identificado por um agente social detentor de categorias de percepção, resultantes da incorporação das estruturas. Que irá conhecer e reconhecer esse capital como algo de óbvio (BOURDIEU, 2010).

A questão do reconhecimento de aspectos *óbvios* remeteu aos elementos que constituem os ciganos, enquanto grupo étnico. Dessa forma, a próxima questão dirigida a Jesus Cigano foi a respeito da conservação da tradição cigana. Ele explicou que os *calóns* de Trindade falam o *calón*: “nós temos o nosso idioma, nós falamos o nosso idioma muito bem. E nós temos a nossa cultura que é a nossa dança” (CIGANO, 2013). Mencionou, também, que a mulher cigana é diferente, e que isso é mais uma forma de manter a tradição. Um dos exemplos a esse respeito é o fato de a mulher cigana só poder ser atendida por ginecologista mulher. Ele explica: “[...] não é o marido que importa, ela mesma, ela mesma que num quer que outro homem toca nela, tem que ser muié” (CIGANO, 2013). Relembrou que esse elemento cultural, da separação de gênero, já ocorre entre eles há milhares de anos, ou seja, faz parte da tradição.

Raymond Williams, no livro *Marxismo e Literatura*, explica que a tradição é um, entre três elementos que constituem as culturas. Os outros dois seriam as instituições e as formações. Para o autor, tradição “é uma versão do passado que se deve

ligar ao presente e ratificá-lo. O que ela oferece na prática é um senso de continuidade predisposta” (WILLIAMS, 1979, p. 119). E acrescenta a contribuição da memória nesse processo, uma vez que ela “aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora” (WILLIAMS, 1979, p.134-5).

Outro aspecto abordado foi o que diz respeito aos processos de organização dos ciganos quanto à busca por direitos. Jesus afirmou que sua associação foi a primeira associação cigana *registrada* do Brasil. Fundada em setembro de 2005 hoje possui outras comunidades ciganas de Goiás fazendo parte dela. Ele estima que no estado de Goiás existam 45 mil ciganos incluindo as crianças, ressaltando que por serem numerosos, os ciganos já elegeram quatro vereadores, dois no município de Goianápolis, um de Petrolina de Goiás e um em São Vicente. Isso demonstra que os ciganos têm participado da vida política goiana. Para Jesus o que ainda falta no estado de Goiás é o cumprimento da lei que trata dos povos tradicionais e dentre eles os ciganos.

Sobre as políticas de habitação Jesus explicou que faltam moradias para os ciganos e que há uma grande necessidade de incluí-los no programa de habitação do Governo Federal, Minha Casa Minha Vida. “A ministra precisa entender que os ciganos também [...] merece alguma coisa do Governo Federal, porque tem muito cigano que precisa. Somente ‘casa minha vida’ é o que mais precisamos no Brasil, no estado de Goiás ‘casa minha vida’, teto pros ciganos que não tem” (CIGANO, 2013).

Acrescentou que “tem muito cigano que vive de barraca aqui em Goiás, que tem acampamento, que eles não têm casa de morar. Aqui mesmo no município de Trindade, tem muito cigano que num tem casa de morada. Vévi de aluguel, ou vévi de favor” (CIGANO, 2013). A exemplo da própria irmã, que vive em uma casa emprestada. Sobre os maiores contingentes que vivem em barracas forma citados os ciganos de Cesarina, Goiatuba, Caldas Novas, Goianápolis, Petrolina de Goiás, Santa Rosa, Inhumas e Pontalina. Observou ainda que:

Os ciganos, tá tudo...Se vévi de barraca é porque não tem casa pra morar. E se ele tiver a casa, ele vai morar, num vai sair mais, porque num tem pra onde ele viajar. Só viaja pra Santa Catarina. Num tem trabalho pra ele fazer. Eles vai em Inhumas, num tem trabalho pra eles fazer. [...] As venda num dá pra alimentar eles, num dá porque hoje os custo da viagem pra outra cidade hoje fica muito caro. Então por isso, toda cidade tem cigano. Aqui no estado de Goiás, toda cidade tem cigano. Tá tudo morando. Tem um bucado de barraca, aqui também tem um bucado de barraca, um bucado de casa, o outro num comprou, o outro tá alugando. Então é a vida que o cigano tá levando (CIGANO, 2013).

Jesus propôs outro rumo para a entrevista, sobre a ineficácia das políticas públicas federais para os ciganos. Nesse sentido afirmou que até hoje tem sido, “só papel” (CIGANO, 2013), e que nada de concreto aconteceu. Citou o Centro de Referência da Cultura Cigana inaugurado em Sousa na Paraíba e que, segundo ele, só foi construído porque o prefeito do município encaminhou um ofício à Petrobras e foi ela quem construiu o Centro de Referência.

Bauman (2014), ao comentar sobre a decadência da política, enfatiza que a instituição de uma ordem de dependência de serviços do Estado-Nação é longínqua. E que foi devido à interdependência e aos desafios gerados pela globalização, que esse tipo de ordem não é mais viável. Ele explica:

Com a separação do poder e da política, a gente se encontra na dupla situação de poderes livres do controle político e da política que sofre o *deficit* perpétuo do poder. Daí a crise de confiança nas instituições políticas, uma vez que a política investiu nos parlamentos e nos partidos para construir a democracia como atualmente a compreendemos. Mais e mais pessoas duvidam que os políticos sejam capazes de cumprir suas promessas. Assim, elas procuram desesperadamente veículos alternativos de decisão coletiva e ação, apesar de, até agora, isso não ter representado uma alteração efetiva (BAUMAN, 2014).

Jesus comentou ainda, que em Trindade, ele também já tentou construir um centro de referência cigana, com o encaminhamento de inúmeros ofícios a órgãos federais e estaduais, mas sem obtenção de qualquer resposta. Explicou que em Trindade moram cerca 1500 ciganos e que, quando fazem festa, principalmente as de casamento que duram três dias, a vizinhança fica bastante incomodada. Nesse sentido, ele tem buscado uma doação de um terreno que seja afastado da zona urbana. Acrescentou que o centro que ele imagina, além de ser um local para a livre expressão da cultura cigana, também seria um local de difusão dessa cultura. Questionado sobre a possibilidade de doação de um terreno pela prefeitura de Trindade, disse que os vereadores e o prefeito não se interessam.

O desinteresse a que se refere Jesus é interpretado por Bourdieu (2010) como um jogo político onde a dedicação dos políticos, em relação aos interesses dos eleitores, é determinada pela relação que eles mantêm com os concorrentes. E como os ciganos ainda não se construíram, no caso de Trindade, em objeto de disputas das forças políticas locais suas demandas e anseios não são considerados.

Jesus relatou ainda que trabalha com um deputado estadual em Goiânia, e mesmo com a colaboração do parlamentar no envio de projetos que beneficiem a comunidade cigana de Trindade, os projetos não são aprovados. Para ele, isso se deve ao preconceito que o governo do estado de Goiás tem contra ciganos.

[...] igual a Goiânia. Goiânia mesmo, um preconceito contra cigano e eu sou conselheiro da Promoção de Igualdade Social do Estado. Eu vejo tudo. Projeto meu lá num caminha, projeto meu num anda, que eu já fiz muito projeto, nada. Só fazem visita, bate papo, conversa, mas, fazer? Nada (CIGANO, 2013).

Jesus tem assento na Comissão Estadual de Igualdade Racial. Relatou que apesar da existência da Lei da Igualdade Racial, 12.288/10 que acrescenta itens à Lei 7.716/89, e que trata dos crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor, o preconceito contra ciganos está em todas as esferas, e que no cotidiano diário essa Lei não é respeitada. Nesse sentido, citou os estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, ao contar que no verão saem de Goiás mil e quinhentos ciganos para trabalhar como vendedores nas praias desses estados e que para conseguirem fazer suas vendas têm que esconder sua origem cigana. Segundo Jesus, “eles num pode nem falar que é cigano lá. Se falar, a polícia até prende eles. Num aceita eles no município, num aceita eles na praia. É um preconceito. [...] a lei tem que valer, a lei tem que ser usada” (CIGANO, 2013).

Outra questão abordada na entrevista foi o nível de analfabetismo dos ciganos adultos. A esse respeito ele ressaltou: “Nóis temo muito” (CIGANO, 2013). Sobre preconceito nas escolas contra ciganos falou que, “aqui nós não tem preconceito, mas se for pra nós rumá emprego na prefeitura o prefeito num dá emprego praquê...é cigano” (CIGANO, 2013). A fala de Jesus, sobre preconceito pode parecer contraditória. No entanto, o que ele faz é pôr em evidência dois espaços distintos com os quais os ciganos se relacionam. E que, apesar de ser na mesma cidade, eles são tratados de maneira diferente. Ainda em relação aos jovens, questionou-se sobre o acesso deles à internet e que tipos de conteúdos têm interesse. Ele colocou que “acessa a internet. Eles fala com cigano, com amigo, com outro amigo, eles fala com muita gente” (CIGANO, 2013).

Por se tratar de uma cidade de peregrinação católica, com forte repercussão na região e até no restante do país, perguntou-se se os ciganos eram em sua maioria católicos. Ele informou que sim, mas que havia evangélicos também. E acrescentou “a

tradição dos ciganos [...] era tudo católico, mas hoje, eles tá repartindo muito” (CIGANO, 2013). Questionado sobre o que estaria causando esse fenômeno, disse que as igrejas evangélicas aceitam pessoas que já têm a mente voltada para Deus, e que são procuradas para ouvir falar de Deus.

É porque lá é um caminho só, num tem outro caminho. [...] A igreja católica aceita muito caminho. Aceita o drogado, o bebo, aceita o criminoso, aceita tudo. E nessa igreja eles num aceita. Então o cara que vai ali, ele vai falar de Deus e sai de lá com o pensamento em Deus. E eu estou achando também, que igreja evangélica está mais respeitada. Que a igreja católica entra lá quem for [...]a outra lá também entra, mas (CIGANO, 2013).

Sobre a proibição imposta pelas igrejas evangélicas às mulheres ciganas que trabalham com a cartomancia e quiromancia, ele foi veemente: “Aqui não. Aqui as igrejas evangélicas não têm preconceito com as outras igrejas não, eles vai, aceita no povo, ele vai e aceita normalmente” (CIGANO, 2013).

Outro ponto abordado foi a relação dos jovens ciganos com as drogas. A esse respeito ele respondeu que, em alguns agrupamentos de jovens ciganos de Trindade existem ciganos que estão utilizando drogas. Essa é, inclusive, uma de suas maiores preocupações em virtude das consequências da dependência química para as famílias ciganas.

Nas minha comunidade tá tendo droga. Eu já falei isso com a Superintendência, falei em Brasília também. O cigano! O cigano não usava droga, e hoje tá usando e a droga tá prejudicando eles. Cigano casa muito cedo, a muié larga deles, vira aquele peteco, vira aquelas coisa. Ciganos fica bebendo até fazer um problema (CIGANO, 2013).

Jesus acredita que o Centro de Referências poderia também se constituir em um espaço de apoio psicológico e educativo para o jovem no combate à dependência química, inclusive com acompanhamento médico.

Questionado sobre a prática do nomadismo, respondeu que o nomadismo é parte dos costumes ciganos. É a sina do cigano, mas que:

O cigano hoje, no estado de Goiás, ele não tem onde pousar, aonde viajar. Então por causa disso, muitos ciganos hoje em Goiás está alugando casa. Aquele que num pode comprar ele aluga casa pra morar. É por causa do problema, ele num tem pra onde ir mais, num tem como viver. Cigano vévi de vender as coisa, comprar um cavalo vender, comprar uma coisa vender. Acabou, não existe isso mais. O cigano hoje tá vivendo é do trabalho dele, somente aqui em Goiás, do trabalho de enxoval. Eles compra, faz e vende [...] eles compra aqui em Goiânia e vende no interior (CIGANO, 2013).

É interessante observar na fala de Jesus que ele não reconhece a troca/venda de pequenos objetos usados e animais como trabalho. Suas colocações remetem a modelos capitalistas de consumo e produção. Nesse sentido, disse: “a gente tem a própria indústria, a microempresinha que tá fabricando. [...] São ciganas. Tem dois rapaz [...] coloca eles pra trabalhar também” (CIGANO, 2013). Um dos exemplos a que se refere Jesus é Tatiane Feitosa¹⁰⁵, uma das microempresárias de origem cigana. Na empresa dela, a maioria dos funcionários são moças ciganas que têm uma produção diária entorno de duzentas peças. Os homens também se relacionam com essas pequenas empresas de enxovais. Adquirem seus produtos e os revendem em outras cidades goianas. No verão deslocam-se para outros estados. De acordo com Jesus Cigano, o local onde eles conseguem fazer suas melhores vendas é no verão de Santa Catarina.

Jesus retomou a questão das políticas públicas brasileiras, e falou novamente da falta de interesse e de programas por parte da SEPPIR para ciganos.

Eu mesmo fui lá, agora esses dias nenhum tem interesse não. Eles num tem interesse, faz pouco caso [...]. O problema deles é formar a comunidade, formou a comunidade. Mas, no que diz que é projeto prá cigano? Só papel. [...] o Governo Federal num faz nada. Eu já fiz uns cinquenta projeto tó enjoado de fazer projeto (CIGANO, 2013).

Apesar de reconhecer a importância do reconhecimento dos negros como patrimônio cultural do Brasil, Jesus enfatiza que os negros sentem-se acolhidos e compreendidos na SEPPIR, ao serem recepcionados por seus pares; o mesmo, porém não ocorre em relação aos ciganos. Segundo ele, na SEPPIR não há um representante legítimo que os atenda. Ele disse: “Eu ficava feliz seu eu visse um cigano, que eu ia falar com ele. Ele me entende, ele sabe o que é a dor nossa que nós anda passando. E o outro num entende. Que anda passando, e o outro não entende” (CIGANO, 2013). O desabafo de Jesus remete a percepção de Bauman (2000), sobre os desafios da vida contemporânea daqueles que lutam por causas coletivas.

As durezas e os sofrimentos contemporâneos são fragmentados e dispersos; e assim também a dissensão que eles geram. A dispersão da dissensão, a dificuldade de condensá-la e ancorá-la numa causa comum e dirigi-la contra um réu comum, só torna as dores mais amargas (BAUMAM, 2000, p. 22).

¹⁰⁵ Episódio n. 9. Cf. CAVALCANTI et al., 2011i. (O Povo Cigano no Brasil, 9).

Sobre suas iniciativas para beneficiar a comunidade cigana de Trindade, Jesus afirma que já enviou inúmeros projetos até mesmo para instituições como Banco do Brasil e Petrobras, mas que, “se você num tiver um político, ou senador um deputado ou um prefeito que tenha interesse, eles é quem faz o projeto e põe aí vem. Mais ao contrário, a Associação sozinha, assim fazer, num dá nada. Eles engaveta. Pronto” (CIGANO, 2013). Ele explicou que sua mais recente tentativa foi buscar incluir os ciganos de Trindade no Programa *Minha Casa Minha Vida*.

Comentou que, como faz parte da Comissão Estadual de Promoção da Igualdade Racial, costuma fazer algumas viagens, momento em que toma conhecimento de outras realidades. Dentre elas, a dos quilombolas, que segundo Jesus, vivem em uma situação mais precária do que a dos ciganos. Em sua concepção, os ciganos e os quilombolas são as duas comunidades mais esquecidas pelas políticas públicas brasileiras.

A fala de Jesus, no decorrer da entrevista, apontou para questões relacionadas ao campo político. Entendido como um campo de forças, o campo político é um local onde se estabelecem as disputas entre os agentes que o constituem, criando discursos que, na maioria das vezes, tornam-se promessas vazias e levam à descrença. Como afirma, de forma muito apropriada, Bourdieu (2010): “Em política, dizer é fazer, quer dizer, fazer crer que se pode fazer o que se diz [...]” (BOURDIEU, 2010, p. 185). Com esse propósito é que os agentes políticos apresentam os programas, as promessas, e os prognósticos. Entretanto, os elementos que compõem esse *discurso irresponsável* não podem ser verificáveis, por não serem verdadeiros (BOURDIEU, 2010).

Com o passar do tempo, ao perceber que de fato os discursos não passavam de promessas, o que sobra é a desilusão e uma espécie de cansaço como o que tem acometido algumas lideranças ciganas, a exemplo de Jesus Cigano de Trindade, Claudio Ivanovich de Curitiba, Francisco Figueiredo de Sousa, Elias Alves de Brasília e Rogério *Calón* de Santa Catarina.

3.5.3 Cada um por si e Deus por todos

Minervina Machado é irmã de Jesus Cigano. As marcas da vida de sofrimento e privações estão estampadas no rosto triste e num corpo debilitado. Minervina tem sérios problemas de saúde como ela mesma relatou: “Tenho problema

cardíaco, sou operada, olha aqui o curativo. Três vezes. Eu tenho arritmia. Eu tenho marca-passo, olha aqui ó!” (MACHADO, 2013). As questões de saúde exigem que ela utilize medicação contínua, o que implica em deslocamentos até a unidade de saúde para realizar consultas ou buscar medicação gratuita. Ocorre que no bairro em que reside não há posto e nem mesmo os agentes de saúde visitam as casas. A desassistência pelo poder público foi relatada pelos ciganos em um misto de desabafo e revolta: “Aqui é cada um por si e Deus por todos” (SANDRA, 2013).

Figura 11 - Minervina Machado e sua filha, em sua casa, no bairro cigano de Trindade, GO (2013).



Fonte: Acervo da autora (2013).

Dessa forma, Minervina tem que fazer um grande esforço para ir à unidade de saúde mais próxima, o que nas suas atuais condições é um grande sacrifício.

Aqui nem o agente do posto passa. [...] Eu tenho que ir lá embaixo pedir remédio e mesmo assim não tem para me dar. Tem dia que eu volto doente. Agora anteontem eu fui lá, que ela me deu. Se eu quiser remédio eu preciso comprar. Eu sou uma mulher doente e tomo quatro remédios por dia. [...] Se eu não tomar esses remédios aqui eu morro (MACHADO, 2013).

As dificuldades de Minervina, não se resumem somente a saúde. A casa em que mora tem poucos cômodos, não tem energia, e nem banheiro. As carências da moradia são preenchidas pela solidariedade dos vizinhos, também ciganos, e que se encontram em condições um pouco melhores do que ela.

Eu sou pobre e não tenho nada na minha casinha. Nem água, nem banheiro, nem nada. Quer fazer as coisas vai no mato. Na casa dos vizinhos. Tem dia que a gente vai no mato, desse jeito.[...] Tem um vizinho ali que eu pago

energia para ele, a energia é paga. Ele deixa eu tomar banho lá, mas eu pago né? Quando chega no mês eu pago certinho (MACHADO, 2013).

A renda familiar de Minervina advém do trabalho do esposo, diabético, que tem uma carroça e faz frete em Goiânia, a 20 km de Trindade. Ela diz que a atividade com frete não é uma garantia de renda certa, pois há dias que tem e outros que não. As condições de saúde de Minervina e do esposo preocupam os familiares que pensam estratégias de assistência, mesmo vivendo em bairros diferentes.

Sandra, que é nora de Minervina, ao ser questionada se as ciganas de Trindade praticam a leitura de mão (quiromancia), respondeu:

Não, nós não. A nossa tradição de cigano tem cigano de muito tipo. A nossa tradição é assim, lê,...mas num gosta. Né igual outros que chega, já pega sua mão e acha que vai roubar você. Porque quem lê mão da gente é Deus. Porque se você chegar em casa e vai ler minha mão. Cê num vai ler minha mão não. Quem lê minha mão é Deus. Porque ninguém lê mão de ninguém. Ler mão para mim é roubo. Porque ninguém lê a mão de ninguém. Esse negócio de ler mão é mentira. É um jeito de pegar seu dinheiro. Nós é trabalho, pra num precisar desse trem aí. [...] Acho que esse negócio de ler mão...vai ver o quê? O couro né? O couro os traço, igual a minha (SANDRA, 2013).

A resposta de Sandra além de denunciar uma descrença em relação a essa prática coloca em suspeita um aspecto muito forte no conjunto de representações sobre os ciganos. Indagada sobre o idioma *calón*, e os usos que a comunidade faz dele, afirmou que o mesmo vem sendo esquecido pelos ciganos mais jovens da comunidade. E atribui o pouco uso do idioma à dificuldade de aprendê-lo. Também disse que,

Antigamente, os antigo sabiam mais a língua do que nós. Eu? Tem muita coisa mesmo que eu não sei. Tem muito dos cigano mais antigo que sabe mais coisa que nós. Sei as coisas básicas, mas tem muita coisa que os ciganos mais antigo sabem muito mais do que nós. Tem coisa que eles sabem que eu não sei (SANDRA, 2013).

Para Sandra isso não constitui um problema, já que eles não têm uma preocupação com a preservação da língua. Ela diz que não usar o idioma não significa deixar de ser cigano. Acredita que alguns possuem o dom desde que nascem, e cita o exemplo dos filhos: “Meus meninos já nascem com o dom. Desde o começo. [...] Se tem alguma coisa que está errada e não pode falar em brasileiro, eu pergunto para ele, em língua cigana” (SANDRA, 2013).

Outro aspecto em que os ciganos de Trindade se diferenciam dos outros grupos ciganos é na estética visual. A esse respeito Sandra foi enfática:

Os ciganos de fora eles usa aquelas rouponas, aqueles brincão, aquelas coisonas, esses trem assim... E nós não usa. Nós tá em um lugar assim... só se nós falar se é cigano mesmo pra creditar . Ou se nós conversar, diferente de vocês assim né? Do jeito que tem, nós mistura com morador hoje em dia. Nós tá num banco nós mistura com eles. Só se nós conversar ou alguém que tem muito conhecimento com cigano pra ver o sotaque. Ou se não pergunta assim: Cê é Limeira? De onde cê é menina? Cê é de Minas? Ou cê é carioca, de onde cê é? Seu sotaque não é igual ao nosso. Aí a gente fala: não. Sô cigano. E eu não tenho vergonha de dizer minha raça. Posso estar dentro do palácio do governo que eu sou cigana. É de boa (SANDRA, 2013).

Em relação aos casamentos Sandra disse que hoje os jovens são livres para escolher com quem casar, mas que a virgindade continua sendo uma exigência, apesar de eles terem abolido o dote. Afirmou que:

[...] De primeiro os pais obrigava a casar, agora hoje em dia não obriga. Casa se quiser. Igual essa minha. Ela casou com quatorze anos. [...] Ela casou tinha quatorze anos casou com um rapaz dois anos mais novo e separou. [...] Aqui [...] ainda não tem o dote. Aqui [...] tem que casar virgem. Tem que casar virgem, mesmo com vinte, vinte e cinco anos. Casou, tem que ser virgem, casou tem que mostrar, uma prova que era moça (SANDRA, 2013).

Um valor importante hoje é a educação dos filhos. Para Sandra não existe nada na história dos costumes ciganos que impeça os filhos e filhas de seguirem os estudos até o nível superior. Contou que sua filha interrompeu os estudos, mas que pretende retomar. Isso denota que os ciganos de Trindade possuem outra forma de percepção da vida. O que os distingue de outros grupos mais conservadores em relação aos aspectos abordados.

Essa minha aqui [...] estava com doze e estava na sexta, desde quatro anos que ela estuda. Aí ela queria parar. Aí como eu era pobre não tinha condição, de formar ela, e mesmo assim ela parou ainda. [...] Parou na sétima. Ela casou. Agora ela está com plano de voltar pra escola de novo. Mas não chegou a voltar esse ano, porque a gente tinha recém voltado da praia e não tinha mais vaga para ela (SANDRA, 2013).

Até a rotina de viagens tem sido alterada em função dos estudos. Durante muitos anos os ciganos de Trindade costumavam fazer longas viagens de negócios para o Sul, durante o verão que durava muito tempo. Com a diferença do calendário de férias escolares entre as regiões Sul e Centro-Oeste as crianças acabavam se prejudicando nos

estudos. Foi a partir dessa constatação que os ciganos passaram a organizar suas viagens em sintonia com o calendário escolar. Quando as datas não são compatíveis, alguns pais preferem permanecer na cidade para não prejudicar os filhos, como é o caso de Sandra.

Esse ano eu não vou para praia. Por que, que eu num vou? Eu tenho um menino de doze anos, como eu perdi um ano de escola dele, já foi ruim para ele né? Agora esse eu não vou por causa da escola dele. A escola vai entrar dia 3 de janeiro já entra a escola pública de novo. Aí eu não vou por causa do meu filho. Não vou por causa do outro maior e tem esse pequeno que eu quero botar ele na escola. [...] É bom né? Dar condição para estudar e formar eles. Acho que em primeiro lugar hoje é o estudo para os meninos. (...) Agora hoje, no primeiro dia de aula tem que estudar. Essa minha desde os quatro anos estudava, desde os quatro anos de idade eu pus ela na escola (SANDRA, 2013).

As colocações dela, e de outras ciganas que participaram da conversa em Trindade, mas não se identificaram, permite entrever que na contemporaneidade não existe uma única leitura do indivíduo cigano. Esse fato, de acordo com Bauman (2000), citando Giddens, é uma característica da sociedade pós-tradicional em que vivemos. Isso implica que existe um excedente de tradições que levam a um excesso de leituras competindo continuamente por aceitação. No contexto cigano, por exemplo, quando um grupo mais conservador identifica hábitos diferentes dos seus, a tendência é que descredenciem ou subestimem essas atitudes diante dos demais.

Em Santa Catarina, durante a elaboração da dissertação de mestrado, observou-se que todas as vezes que se comentava com os entrevistados a respeito de outros grupos ciganos, se por acaso não pertencessem a sua rede de relações ou parentesco, imediatamente havia um estranhamento seguido de uma classificação: “Eles não são ciganos, são bugres” ou “são forrozeiros”. O termo bugre é uma denominação depreciativa que os europeus deram aos indígenas do Brasil, preconceituosamente classificados como selvagens, rudes, incivilizados e heréticos.

Essa distinção, apesar prescindir de mais estudos, pressupõe um forte recorte de classe. É que boa parte dos ciganos de origem Rom costuma atribuir um valor menor aos ciganos Calóns. Essa diferenciação pode ser uma herança do “estatuto de primos pobres” (BOURDIEU, 2007), que alguns países europeus dão a Portugal e a Espanha. Niklas Luhmann, referindo-se a múltiplos cenários e papéis que constituem a vidas das pessoas na atualidade, sugere que somos seres “parcialmente deslocados” e excluídos, “seja qual for o lado em que estivermos no momento” (LUHMANN, apud, BAUMAN, 2000, p. 30).

3.6 POLÍTICAS PÚBLICAS: DEMANDAS E AÇÕES

As políticas públicas são direitos assegurados constitucionalmente, ou que se afirmam graças ao reconhecimento, por parte da sociedade e/ou pelos poderes públicos, enquanto novos direitos de pessoas, comunidades, coisas ou outros bens materiais ou imateriais. Apesar da garantia constitucional, foi somente a partir de 2007 – com a publicação do Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro que estabelece a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais¹⁰⁶ – que os ciganos começaram a ser identificados no conjunto de leis que regem a sociedade brasileira.

A partir do reconhecimento como povo tradicional, os ciganos puderam ter acesso a programas de transferência de renda. Como por exemplo, o programa Bolsa Família¹⁰⁷, que é hoje, para muitas famílias ciganas, a única forma de garantir o mínimo para sua sobrevivência. O Bolsa Família integra o Plano Brasil Sem Miséria (BSM), política pública que tem como pressuposto retirar da situação de miséria absoluta milhões “de brasileiros com renda familiar per capita inferior a R\$ 77 mensais, e está baseado na garantia de renda, inclusão produtiva e no acesso aos serviços públicos”¹⁰⁸.

O Programa é constituído de três eixos principais: transferência de renda, condicionalidades, ações e programas complementares. “As condicionalidades reforçam o acesso a direitos sociais básicos nas áreas de educação, saúde e assistência social”¹⁰⁹. Uma das condicionalidades do Bolsa Família é a frequência das crianças à escola. Apesar dos propósitos positivos que estão por trás das condicionalidades, existem situações em que as especificidades deveriam vir em primeiro lugar. Se isso não acontece, poder-se-ia pôr em dúvida sobre o que realmente estaria por trás das tais condicionalidades.

¹⁰⁶ De acordo com o Decreto 6.040, os povos e comunidades tradicionais do Brasil, são os Povos indígenas, seringueiros, quilombolas, castanheiros, quebradeiras de coco-de-babaçú, comunidades de fundo de pasto, faxinalenses, pescadores artesanais, marisqueiras, ribeirinhos, varjeiros, caiçaras, praieiros, sertanejos, jangadeiros, açorianos, campeiros, varzanteiros, pantaneiros, geraizeiros, veredeiros, caatingueiros, retireiros do Araguaia dentre outros.

¹⁰⁷ Bolsa Família é um programa de transferência direta de renda por meio de decreto do governo Lula em 07/02/2007, que beneficia famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza.

¹⁰⁸ Informação disponível na página de internet do Ministério do Desenvolvimento Social: <http://www.mds.gov.br/bolsafamilia>. Acesso em 19/06/2014.

¹⁰⁹ Informação disponível na página de internet do Ministério do Desenvolvimento Social: <<http://www.mds.gov.br/bolsafamilia>>. Acesso em: 19 jun. 2014. (BRASIL, 2013).

No caso dos ciganos, pois, como já exposto anteriormente, tanto os meninos quanto as meninas passam poucos anos na escola por questões culturais. No caso dos ciganos que praticam o nomadismo, como as famílias poderiam assegurar o comparecimento de seus filhos à escola? São situações específicas que precisam ser pensadas a partir de uma perspectiva que contemple os coletivos heterogêneos brasileiros.

De uns anos para cá, lideranças ciganas resolveram reivindicar alguns direitos. Até então o que se tinha eram ações governamentais que não alteravam a realidade dos mesmos. Por exemplo, em 1994 (DHNET, 2007) foi criada a Câmara de Coordenação e Revisão dos Direitos das Comunidades Indígenas e Minorias Ciganas. Posteriormente, em 2006, foi instituída a Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural do Ministério da Cultura (SID/MinC).

Além disso, os Ministérios do Meio Ambiente (MMA) e do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, desde 2004, vêm desenvolvendo ações visando à elaboração de uma política nacional voltada para o desenvolvimento sustentável das comunidades tradicionais, dentre elas, a dos ciganos. A ministra da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), Matilde Ribeiro, reconhece que, apesar das iniciativas citadas, pouca coisa mudou. Recentemente foi realizado um mapeamento inicial sobre os ciganos segundo o qual a maioria é de baixa renda e, portanto, necessita de políticas básicas do Governo Federal¹¹⁰.

Apesar das iniciativas mencionadas, observa-se que ainda há muito a fazer. O processo de visibilidade dos ciganos está apenas começando. São séculos de exclusão e isso não se modifica do dia para a noite, como colocou Bartolomeu Martins Lima¹¹¹, representante do Ministério da Saúde, no estado do Espírito Santo:

Não é que não existisse, é que era ignorada as necessidades desses grupos, ignorava-se, não se parou para pensar, não se deu a devida atenção então à época. Mas é uma situação que o estado através das políticas de saúde está procurando, o estado brasileiro, está procurando dar uma resolução, dentro da possibilidade, colocando isso [...] (CAVALCANTI et al., 2011j).

Ana Maria Costa, diretora do departamento de apoio à gestão participativa do Ministério da Saúde, vai um pouco além ao afirmar:

¹¹⁰ Disponível em: <http://www.fatorbrasis.org>. Acesso em: 18 fev. 2013.

¹¹¹ Episódio n. 10. Cf. CAVALCANTI et al., 2011j. (O Povo Cigano no Brasil, 10).

Em relação à saúde [o cigano] é vítima de uma exclusão crônica, se tomamos o caso dos ciganos que vivem, são nômades, que vivem diversos espaços territoriais, essa condição já os retira, já os extrai da condição de residente do município. E a população residente do município, licenciada pelo IBGE é a base de cálculos do repasse de recursos em saúde para aquele município, portanto por esse raciocínio linear, dessa forma, a população cigana já está excluída.¹¹² (CAVALCANTI et al., 2011j).

Ela destaca, por exemplo, o caso do estado do Espírito Santo, que na área da saúde tem feito um trabalho diferenciado em relação aos ciganos. Esse trabalho é o mapeamento das comunidades ciganas e, mais do que isso, o atendimento imediato das necessidades. A partir dessas ações, Ana identifica que “aquela população que antes passava por invisível, que as pessoas não reconheciam, não viam, não percebiam, passa a ser de repente objeto da ação pública de saúde¹¹³”.

Outro aspecto importante é que a elaboração de políticas de saúde, como já foi observado também em relação às de educação, tenham atenção no que diz respeito às especificidades dos povos ditos tradicionais. Isso implica que as políticas de reconhecimento à diversidade cultural têm que ser amplas. No Espírito Santo, município de Fundão, localizado a 50 km de Vitória, diante da dificuldade dos ciganos de acessarem os equipamentos de saúde, a prefeitura elaborou um cadastramento, a princípio em Praia Grande, um distrito da cidade, como contou Saulo Faucheto, secretário de saúde do município de Fundão, ES¹¹⁴:

Nós cadastramos todas as famílias, botamos um agente de saúde, estendemos a área dele até o acampamento cigano, ele é responsável por aquela área. Foi realizado a princípio um minimutirão, levamos médico, assistente social, enfermeiro. Médica do PSF já fez vários atendimentos no dia, passaram por uma triagem previamente, os pacientes foram todos, aferimos a pressão de todo mundo, verificamos leucemia capilar de todo mundo, identificamos muitos ciganos hipertensos, que não sabiam que eram hipertensos, diabético, então já fizemos cartão do hiper dia, já estamos realizando o hiper dia local dentro do acampamento cigano. A médica assumiu aquilo ali como área território dela também (CAVALCANTI et al., 2011j).

Ana Maria Costa¹¹⁵ explicou quais seriam as causas da não utilização dos serviços de saúde pelas comunidades ciganas:

Eles não são pessoas que frequentam cotidianamente o serviço, salvo nas situações de emergência, e quando é emergência, a emergência deles é mais

¹¹² Episódio n. 10. Cf. CAVALCANTI et al., 2011j. (O Povo Cigano no Brasil, 10).

¹¹³ Episódio n. 10. Ibid.

¹¹⁴ Episódio n. 10. Ibid.

¹¹⁵ Episódio n. 10. Cf. CAVALCANTI et al., 2011j. (O Povo Cigano no Brasil, 10).

ainda, porque eles têm pressa porque tão de passagem, porque vão pegar a estrada, então eles não podem, por exemplo, eles dizem pra gente: “a gente não pode precisar de um oculista e demorar quatro meses”. O oculista pra eles tem que ser para agora, porque a vida deles é uma vida ágil, digamos assim, territorialmente (CAVALCANTI et al., 2011j).

Conhecedora das especificidades culturais dos ciganos, ela acrescentou que “uma mulher cigana não pode ser tocada por um homem nem para examiná-la, qualquer especialidade, ela não pode ser tocada. Uma mulher cigana que venha ao serviço de saúde ela só pode ser examinada por uma mulher, não pode ser por outra pessoa”.

Vanusa, cigana que tem acesso a esse tipo de atendimento a domicílio e diferenciado, falou da importância do mesmo.

A gente tem tudo certo, tem a medicação, tem a médica, a própria médica doutora, vem pergunta, pergunta se a gente tá precisando de alguma coisa, alguma medicação, exame de sangue, quando a gente precisa de alguma, elas dá um jeito e faz lá pra gente, então é muita vantagem pra nós.¹¹⁶ (CAVALCANTI et al., 2011j).

Na cidade de Porto Seguro, BA, os ciganos confirmam as palavras de Ana Maria, pois mesmo reconhecendo que são bem atendidos nos postos de saúde dessa cidade, reclamam da falta de conhecimento dos profissionais de saúde no que diz respeito às suas especificidades, como enfatizou o cigano Zanata Dantas:

Uma família mais conservadora eu acho que a mulé teria que se atendida por uma medica mulé, então é nessa parte que os ciganos têm a parte de reivindicar. Mas em relação à saúde eles não têm nenhuma discriminação assim de ser atendido, de ser cigano, ser índio, ser negro, não, até agora não houve. Já houve alguns casos isolados, mas coisas que não se leva muito a sério (CAVALCANTI et al., 2011j).

Esse fator é responsável pelo distanciamento das mulheres ciganas de qualquer atendimento médico, como no caso das mulheres ciganas de Porto Seguro¹¹⁷, que por não terem acesso a uma consulta ginecológica com uma profissional de medicina que seja mulher voltam para suas casas sem atendimento.

Sobre o conhecimento dessas especificidades, Ivonete Carvalho¹¹⁸, diretora de programas para as comunidades tradicionais da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), reconheceu que:

¹¹⁶ Episódio n. 10. Ibid.

¹¹⁷ Episódio n. 10. Ibid.

¹¹⁸ Episódio n. 10. Cf. CAVALCANTI et al., 2011j. (O Povo Cigano no Brasil, 10).

É um processo em construção, nós temos de fato uma gestão sensível, mas a gente tem muitos passos ainda a dar em relação a isso, que é ir aos poucos moldando esse modelo de políticas públicas de forma que ele dialogue com especificidades de cada público, respeitando sua especificidade cultural. Esse exemplo da questão cigana também se repete, por exemplo, na questão indígena.¹¹⁹ (CAVALCANTI et al., 2011j).

Uma ação importante em relação à saúde foi a portaria do Ministério da Saúde que assegurou a todos os ciganos nômades ou sedentários o cartão do Sistema Único de Saúde. O cartão SUS foi instituído a princípio para indivíduos com residência fixa. No que se refere às políticas públicas de educação para ciganos, Ivonete Carvalho confirmou que já foram enviadas algumas demandas para o Ministério da Educação e que o mesmo está estudando uma forma de atendê-las. Ela diz que o Ministério da Educação tem buscado dialogar com a Secretaria de Diversidade Identidade (SECAD), e que, apesar de ainda não haver uma proposta concluída, eles já estão trabalhando conjuntamente na perspectiva de instituir um curso de formação para professores.

O curso teria por objetivo preparar professores para atuarem com a população cigana. Outro estudo que está sendo viabilizado é o que discute a frequência da criança cigana nômade à sala de aula. Esses elementos, na opinião de Ivonete, são desafios. Ela explica: “Existe todo um mecanismo que precisa ser trabalhado, tem o Conselho Nacional de Educação. Então o que eu posso afirmar é que já existe uma movimentação para que isso aconteça” (CARVALHO, 2009). Nesse sentido cabe ressaltar dois exemplos onde vontade política, aliada a desejo de aprender, vem causando mudanças significativas na vida dos ciganos em Sobradinho, DF e Itumbiara, GO.

Em setembro de 2011, o Governo do Distrito Federal lançou o Programa DF Alfabetizado: juntos por uma nova história¹²⁰. O programa de fato inaugurou uma nova história para um grupo de ciganos que vive há cerca de três anos em Sobradinho, DF, composto por 150 ciganos de várias etnias (calons; sintis; roms). Essa comunidade viu um de seus maiores anseios ser realizado no dia 3 de junho de 2013, com a inauguração da Tenda Escola, como enfatiza Elias Alves, líder da comunidade: “Este momento de aprender a ler e escrever sempre foi esperado pelos ciganos. Estamos por aqui, desde a construção de Brasília”¹²¹ (ALVES, 2013). A Tenda funciona na própria comunidade, o

¹¹⁹ Episódio n. 10. Ibid.

¹²⁰ O Programa faz parte do Programa Brasil Alfabetizado do Ministério da Educação/MEC, que tem como objetivo promover a superação do analfabetismo entre jovens a partir dos 15 anos, adultos e idosos, além de buscar contribuir também para a universalização do ensino fundamental no Brasil.

¹²¹ Disponível em: <http://www.se.df.gov.br/?p=12984>. Acesso em: 05 jun. 2013.

que explica, em parte, o êxito do projeto. Com duas turmas de alfabetização as aulas são ministradas por duas professoras voluntárias. Nos primeiros seis meses a maioria de alunos foi de mulheres, frequentando a tenda escola acompanhadas de seus filhos pequenos.

Figura 12 - Lançamento do Programa *DF Alfabetizado* em 2011.



Fonte: SEPIR, 2013.

Cabe salientar a relevância desse fato, tendo em vista que muitas mulheres ciganas são analfabetas, e que boa parte delas sente vontade de ser alfabetizada. Mas, como o ensino para jovens e adultos na rede pública é à noite, é praticamente nula a possibilidade de uma mulher cigana sair de casa nesse período, exceto acompanhada por um familiar ou por um homem da comunidade.

Ainda sobre o projeto Tenda Escola, em 2013 foram entregues 50 certificados de alfabetização. Essa iniciativa do Distrito Federal pode representar o início de uma nova realidade para outras comunidades ciganas do Brasil. Para tanto, faz-se necessário que haja vontade política e que se instituem canais de interlocução, envolvendo as lideranças ciganas, universidades, institutos e a sociedade civil organizada.

Figura 13 - Entrega de certificados da 1ª turma de ciganos alfabetizados.



Fonte: Guelfi, 2013.

Outro exemplo relativo à educação cigana vem ocorrendo na cidade de Itumbiara, situada no sul de Goiás. Trata-se da Escola Municipal Dom Veloso que instituiu uma turma especial para crianças ciganas, com o objetivo de proporcionar um processo de alfabetização reforçado, já que é comum essas crianças apresentarem muitas dificuldades e defasagens nas fases posteriores, nos ensinos fundamental e médio. Isso induz tanto a reprovação como a evasão.

Figura 14 - Alunos ciganos da Escola Municipal Dom Veloso. Itumbiara, GO.



Foto: Adriano Zago¹²²

A secretária de Educação de Itumbiara, Maria Auxiliadora Amorim, defende a adequação curricular aos costumes ciganos e elogia a iniciativa dos professores e coordenadores da Escola Municipal Dom Velloso: “É um trabalho maravilhoso” (AMORIM). O diferencial da escola, além da criação da turma especial, é o tratamento

¹²² Disponível na Internet via: <http://g1.globo.com/goias/noticia/2012/09/ciganos-superam-preconceito-e-tradicoes-e-colocam-filhos-na-escola>. Acesso em 20 set. 2012. (ZAGO, 2012).

dispensado aos ciganos. Esse tratamento foi o que quebrou a resistência das famílias em colocar seus filhos na escola, e de se esforçarem para garantir a frequência deles. Isso é percebido na fala de Marlene Aparecida: “Eu já conhecia as professoras daqui, e vi que era diferente das outras escolas. Sabia que a gente ia ser bem tratado. Foi a única escola que conheci que nos tratou bem”¹²³ (FERNANDES, 2012).

Figura 15 - Pais ciganos, levando os filhos para a escola.



Foto: Adriano Zago (ZAGO, 2012).

A escola de Itumbiara, GO, na realidade, está cumprindo a Resolução n. 3, de 16 de maio de 2012, do Conselho Nacional de Educação (CNE), homologada pelo Ministério da Educação, que institui diretrizes para o atendimento escolar de crianças em situação de itinerância. A resolução considera como itinerantes crianças e jovens que vivem em grupos nessas condições, “por motivos culturais, políticos, econômicos, de saúde, tais como ciganos, indígenas, povos nômades, trabalhadores itinerantes, acampados, circenses, artistas e/ou trabalhadores de parques de diversão, de teatro mambembe, dentre outros” (CNE, 2012).

Observa ainda que:

Visando à garantia dos direitos socioeducacionais de crianças, adolescentes e jovens em situação de itinerância, os sistemas de ensino deverão adequar-se às particularidades desses estudantes. Os sistemas de ensino, por meio de seus estabelecimentos públicos ou privados de Educação Básica, deverão assegurar a matrícula de estudante em situação de itinerância sem a imposição de qualquer forma de embaraço, preconceito e/ou qualquer forma de discriminação, pois se trata de direito fundamental, mediante autodeclaração ou declaração do responsável. No caso de matrícula de jovens e adultos, poderá ser usada a autodeclaração (BRASIL, 2012).

¹²³ Disponível em: <http://g1.globo.com/goias/noticia/2012/09/ciganos-superam-preconceito-e-tradicoes-e-colocam-filhos-na-escola>. (NASCIMENTO, 2012).

Por fim, o documento do CNE também afirma que os conselhos tutelares e os conselhos da criança e do adolescente devem acompanhar a vida escolar desses alunos. As demandas por educação, no entanto, vão além da formação básica, fundamental e média, como as de Zanata Dantas¹²⁴, de Porto Seguro. Ele pede ao governo que invista na qualificação dos ciganos, criando cursos técnicos e de formação profissional.

É importante que o governo tome conhecimento disso e faça um trabalho voltado a isso, uma capacitação de renda, colocar oficinas que profissionalize, que possa profissionalizar os ciganos, jovens ciganos, que possa mostrar o que sabe fazer. Existe muitos ciganos joelheiro profissional, que na área de joalheria eles são muito bons, na mecânica, construção civil e demais outros (CAVALCANTI et al., 2011j).

Atualmente, as atividades profissionais dos ciganos são autônomas e restringem-se basicamente às vendas e às trocas.

Outra demanda no campo de formação é a de jovens ciganos. Por saberem da existência do programa de cotas, parte da política de ações afirmativas do governo federal¹²⁵ sugere que os ciganos também sejam incluídos no mesmo. Essa solicitação é de Cesar Dantas¹²⁶, de 16 anos, que pretende se formar em engenharia civil. Ele argumenta: “porque não tem condição de bancar uma universidade federal, ai seria bom né? Se um governante que pense em todo o povo brasileiro, em geral. Acho que sim, podia fazer” (CAVALCANTI et al., 2011j).

Retornando às políticas públicas, percebe-se que tem ocorrido um movimento, mesmo que acanhado, na direção do reconhecimento e principalmente efetivação dos direitos dessa população. A maior dificuldade, no entanto, reside no desconhecimento dos agentes políticos, no que se refere à história e à cultura desse coletivo. Outro elemento dificultador é a imprecisão quanto à sua quantidade, ou seja, quantos são realmente? E onde se localizam os ciganos brasileiros? A localização é importante, considerando que boa parte dos atuais programas do governo federal ocorre via repasse para estados e prefeituras. Alguns agentes alegam que por conta do

¹²⁴ Episódio n. 10. Cf. CAVALCANTI et al., 2011j. (O Povo Cigano no Brasil, 10).

¹²⁵ A construção de políticas de ações afirmativas é um compromisso firmado pelo governo federal. Seu objetivo é ampliar a participação de grupos sociais em espaços tradicionalmente por eles não ocupados, quer seja em razão de discriminação direta, quer seja por resultado de um processo histórico a ser corrigido.

¹²⁶ Episódio n. 10. Cf. CAVALCANTI et al., 2011j. (O Povo Cigano no Brasil, 10).

nomadismo, os ciganos não pertencem a nenhum estado ou município, e que por isso fica difícil inseri-los nos programas.

Esses aspectos indicam que a busca por direitos precisa ser vivenciada cotidianamente, e com a mesma força que a luta pela sobrevivência. Caso isso não ocorra, os ciganos correm o risco de delegarem a terceiros a construção de ações, que dificilmente atenderão a suas reais necessidades. Foi com esse anseio que no dia 24 de maio de 2013 eles participaram em Brasília das comemorações do Dia Nacional do Cigano, e também da I Semana Nacional dos Povos Ciganos. O evento foi promovido pela Secretaria de Políticas e Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) e parceiros.

O encontro serviu para, além de comemorar, fortalecer neles a ideia de trabalho coletivo, como enfatiza o representante dos calóns do Distrito Federal: “Nossa luta começou agora porque só nós sabemos, ciganos, o que é a dificuldade da vida cigana. [...] Quero dizer que precisamos buscar direitos e sermos reconhecidos no Brasil porque o cigano estava invisível. É a hora de nos juntarmos. É uma causa só e justa”¹²⁷ (BRASIL, 2013). Na ocasião foi elaborada a carta de Brasília com demandas construídas por indivíduos e grupos ciganos presentes. A referida carta foi lida pela secretária de Cidadania e Diversidade Cultural do Ministério da Cultura, Márcia Rollemberg, que se comprometeu em encaminhá-la aos órgãos e autoridades competentes.

3.6.1 Conferência Nacional de Promoção da Igualdade Racial

As Conferências de Promoção da Igualdade Racial (CONAPIR) vêm se constituindo em um importante espaço de discussão e participação social na elaboração e controle das políticas públicas. A primeira CONAPIR ocorreu no ano de 2005 e foi um marco importante para a construção das políticas públicas, com foco étnico-racial. A segunda aconteceu em 2009 e a mais recente foi realizada no ano de 2013. Organizada pela SEPPIR e pelo Conselho Nacional de Promoção da Igualdade Racial (CNPIR), a III CONAPIR foi presidida pela ministra da SEPPIR, Luiza Barros.

O tema central da III CONAPIR foi: “Democracia e Desenvolvimento Sem Racismo: Por Um Brasil Afirmativo”. A Conferência contou com várias etapas preparatórias realizadas entre março e maio. Nessas etapas foram realizados seminários em seis capitais para promover a reflexão e o diálogo sobre inclusão racial no país.

¹²⁷ Disponível em: <http://www.seppir.gov.br>. (BRASIL..., 2013).

A ação reuniu cerca de mil e quinhentas pessoas em torno de alguns temas tais como: desenvolvimento, democracia e racismo; representação política e enfrentamento ao racismo; trabalho e desenvolvimento: capacitação técnica, emprego e população negra; desenvolvimento e enfrentamento ao racismo; desenvolvimento e mulher negra; territórios tradicionais negros: oportunidades para a juventude negra.

Foram realizadas mais de 300 Conferências Municipais em todo o país e, até o dia 31 de agosto de 2013, aconteceram os eventos estaduais. As Plenárias de Comunidades Tradicionais – dos Povos Ciganos, das Comunidades de Matriz Africana e das Comunidades Quilombolas, aconteceram entre maio e julho, em Brasília. Os ciganos tinham muitas expectativas em relação à Conferência, mas nem todas foram realizadas, como se observa na fala de Elias Alves, presidente da Associação Cigana de Brasília e entorno.

A gente espera tudo de bom, mas é aquela coisa né? Eu até acabei de falar lá. Até um pouco antes do almoço nós estávamos invisível aqui dentro, eu como delegado, como de vários estados, ninguém falou de cigano. Falaram dos negros, dos índios, que são mercedores também, mas o cigano foi esquecido. Quando a gente chegou e fez um almoço e levamos um documento para eles, porque eles não se lembraram de nós. Então, cigano está invisível, aqui e como em vários lugares que a gente participa, não é em todo lugar que se fala de cigano. Às vezes sabem que a gente está ali, mas evita falar de nós, a gente está sempre esquecido pelas políticas públicas (ALVES, 2013).

Disse ainda, que foram feitas muitas reivindicações dos ciganos brasileiros, as quais não foram sequer mencionadas na III Conferência.

Nós tivemos uma conferência dentro da SEPPPIR, dos direitos humanos, Ministério Público, a gente colocou todas as questões, todas as propostas, inclusive fizemos uma carta. Mas essa carta aqui ninguém falou dela, ninguém falou das nossas propostas, então [...] as pautas que estão aí, não estavam falando de cigano. É uma coisa que nós vamos cobrar agora. É isso que eu estou [...] falando a gente sempre é esquecido. A gente teve o Brasil cigano, junto com todas as secretarias, com GDF, Governo Nacional, mas não trouxeram para cá, não sei onde eles colocaram, eu quero perguntar à SEPPPIR, onde está nossa carta, onde está nossas pautas, nossos debates que a gente fez junto com todas as comunidades, as nossas questões que estamos colocando dentro do governo? Não está aqui, dentro da SEPPPIR, dentro da III CONAPPIR, não está (ALVES, 2013).

Figura 16 - Elias Alves, de chapéu, sua esposa e ciganos da comunidade cigana do Distrito Federal. Momento em que participavam da III CONAPPIR, Conferência Nacional de Promoção e Igualdade Racial em Brasília, DF. Novembro de 2013.



Fonte: Acervo da autora (2013).

O coletivo cigano liderado por Elias Alves é composto de 2.600 pessoas, a maioria nascida em Goiás, GO e Brasília, DF. Eram nômades, mas devido à dificuldade da vida itinerante ganharam a concessão de uso de uma área do Governo do Distrito Federal. A opção por se fixarem deve-se ao reconhecimento da importância do estudo para as crianças e jovens. Ainda hoje, a maioria dos ciganos adultos e idosos é analfabeta como explicou Elias:

Então chegou um tempo em que a gente cresceu, a população cigana no Brasil cresceu analfabeta. A maioria, noventa e nove por cento do cigano *Calón* no Brasil são analfabeto, de pai e mãe. Por quê? Porque nunca teve a oportunidade de estudar. [...] Estado e município nunca quis saber de cigano, não tem como você estudar, não tem como você fazer um prontuário na medicina para você se tratar. Então muitos ciganos morreram por falta de oportunidade, de se tratar, outros ciganos nunca conseguiram nem ler nem escrever, porque não teve oportunidade. As políticas públicas nunca quis saber de cigano (ALVES, 2013).

Apesar de fixados, permanecem fazendo viagens pelos estados brasileiros com o intuito de venderem seus produtos como, por exemplo, enxovais. Elias disse que o nomadismo cigano tem origem na má vontade das pessoas com os ciganos. Que “o cigano sempre viajou, porque o cigano nunca foi bem-vindo no lugar onde ele chegava, então o cigano se acostumou sempre a viajar porque sempre foi mandado embora, foi tocado” (ALVES, 2013).

A fala de Elias, apesar de parecer um argumento redutor, é mais um desabafo de uma pessoa que pertence a um coletivo com estigmas étnicos históricos. Os quais são transmitidos por meio da linhagem e de seu cotidiano. Elias consegue

perceber que as palavras de seus ancestrais continuam valendo até hoje (GOFFMAN, 2004).

Perguntado sobre o Projeto Tenda Escola, do governo do Distrito Federal e SEPPIR, Elias disse que é um projeto que já alfabetizou muitos ciganos do seu grupo no ano de 2013 e que terá continuidade em 2014. Ele receia que se houver uma mudança de governo o projeto seja encerrado.

Perguntado sobre as perspectivas de futuro dos jovens de sua comunidade, afirmou que a grande dificuldade é a exclusão dos ciganos nas instâncias decisórias da SEPPIR. Acrescentou que a luta deles agora é por uma cadeira no conselho das comunidades tradicionais, pois, mesmo tendo nível superior, para a SEPPIR os ciganos não têm competência. Ciganos como Elias querem se autorrepresentar, necessidade que fica evidente ao afirmar:

A gente está lutando, dentro dessa Secretaria do Governo, por uma cadeira para falar pelo cigano que nunca conseguiu. Sempre eles colocam uma pessoa não-cigana para sentar na cadeira. Porque eles acham que cigano não tem competência, não tem conhecimento, mesmo que ele seja formado, mas para eles, eles têm na cabeça que cigano não pode. Então a gente sofre esse preconceito aqui, não só em Brasília, mas em todos os estados (ALVES, 2013).

As palavras de Elias remetem a uma discussão sobre identidade, feita por Roberto Cardoso de Oliveira (2006), que comenta sobre o posicionamento dos indivíduos em suas relações de alteridade. Nesse sentido, foi a partir da autoconsciência tanto como indivíduo, quanto como pessoa com um pertencimento étnico, que fez com que Elias se autorreconhecesse, e passasse a exigir o direito de se autorrepresentar.

Isso significa um 'eu' socializado, de cuja inteligibilidade se pode dar conta por meio da noção de pessoa (ou personhood, em inglês). E em sua condição de pessoa esse 'Eu social', esse ator reflexivo não apenas assegura sua auto-identidade pela consciência que tem de sua história pessoal, mas ainda reconhece-se enquanto tal diante do(s) Outro(s). [...] E é nessa pessoa que o Eu se configura em termos sociais de tal forma que, em determinados cenários como o da situação interétnica, o Outro com quem se defronta – o 'Outro étnico' – cumpre um papel fundamental na conformação de sua consciência (étnica) (OLIVEIRA, 2006, p. 73).

As colocações de Cardoso de Oliveira encontram ressonância nas colocações de Elias:

Às vezes sobe uma pessoa na cadeira para falar pelos ciganos, e a gente nem conhece ele, nunca viu e nem ouviu falar dele. Ele não conhece nada da cultura cigana. Ele vem muitas vezes aqui em Brasília. Nós temos uma cadeira aqui SEPIR/DF para a representação cigana, mas ele não sabe nada sobre os ciganos. [...] É ele que ganha do Governo para ficar sentado lá, por quê? Como a gente é que tem o conhecimento, a gente é que tem que estar lá. Apesar de a gente não ter o grau de estudo, mas a gente tem o grau da cultura e do conhecimento. E conhece as necessidades. Então porque ele está lá e é a mim que ele vem procurar? Ele tinha que entender que logo que ele estivesse se formando, se a pessoa está se formando naquele sentido, ele tinha que se informa junto às comunidades ciganas e ter o conhecimento para sentar ali e não procurar o cigano para saber o que ele pode fazer e o que ele não pode fazer” (ALVES, 2013).

Elias questiona o porquê dessa situação. Já que os negros se autorrepresentam, por que os ciganos não podem fazer o mesmo? Questionado se essa falta de protagonismo dos ciganos não se deve a uma dificuldade de eles de se articularem coletivamente, ele afirmou que não, e complementou:

Isso é falta de oportunidade dos políticos para com os ciganos. [...] porque ele acha que não tem o direito, então acaba perdendo as oportunidades. As políticas públicas não querem saber de cigano, então muito batem a primeira vez na porta e acha que não pode, quando recebe um não, ele já volta para trás e se incomoda. Mas hoje a gente está se organizando, através de associações, inclusive aqui ó, tem vários estados que estão aqui representando e nós estamos ganhando força. Nós não queremos deixar agora o que nós temos que fazer nas mãos dos *gajons*. Nós mesmos queremos fazer a nossa parte. Nós estamos lutando por isso (ALVES, 2013).

Ao ser indagado pelo tipo de religiosidade que praticam em sua comunidade, ele explicou que dentro do acampamento a religião é a liberdade.

Nós aqui [...] temos poucos evangélicos. A maioria são católicos mesmo. E dentro do meu acampamento, eu falo como representante de acampamento, a nossa religião é nossa liberdade, desde que chegue e fale em nome de Deus é bem-vindo. Então a nossa posição é católico. Mas se chega um evangélico para falar em nome de Deus nós recebemos a mesma coisa, nós não temos diferença nenhuma (ALVES, 2013).

Ressaltou que é por conta dessa atitude de respeito em relação a todos os credos, que se tem evitado conflitos e animosidades dentro da comunidade. Indagado sobre o acesso à saúde ele explicou:

Tem um posto de saúde lá em Sobradinho, que fica mais perto, mas a gente ainda está tendo muito problema com esse posto de saúde. Por quê? Eles não conhecem a cultura cigana, a gente tem algumas diferenças, a questão da mulher. Então muitas das vezes a gente vai explica para eles e eles não entendem. Então isso é uma coisa que ainda está para resolver. Uma

conquista. A gente está para criar um estatuto do cigano, que tem demanda ainda dentro do Senado e da Câmara Federal, para ver se esse estatuto seja elaborado, seja feito e aprovado, para a gente colocar todas as questões da cultura ali dentro para ser respeitado. É uma saída que nós vamos achar (ALVES, 2013).

4 MARCAS E SINAIS PARA TRADUZIR AS DINÂMICAS DE MUDANÇA

Nesta parte, em que se fazem necessários alguns fechamentos, retoma-se a trajetória da pesquisa a partir das marcas impressas nos movimentos de sua construção. A pesquisa buscou investigar a *vida cigana e as dinâmicas de mudanças dos ciganos brasileiros*, tendo o cuidado para não reduzir o lugar dos sujeitos, mas sim, concebê-los como indivíduos em constantes deslocamentos, o que se constituiu em um exercício de atenção e vigilância.

4.1 VIDA CIGANA: UM OLHAR COMPARTILHADO

No percurso da pesquisa falou-se em identidade étnica, buscando compreendê-la em múltiplas temporalidades. Nesse movimento percebeu-se que a identidade é forjada por uma multiplicidade de relações conflitantes que provocam deslocamentos constantes. E que a diferença advém de sucessivos processos históricos de relações de poder.

Reconheceu-se que, apesar do forte sentimento de pertencimento étnico, pensar em uma identidade cigana é um exercício redutor. A heterogeneidade denuncia que esta identidade está constantemente sob rasura (HALL, 2003). Identidade aqui, entendida como um conjunto de elementos e práticas que só pode ser compreendido em contextos específicos no âmbito de determinados sujeitos. Dessa forma a pesquisa buscou perceber as dinâmicas das mudanças do modo de ser e de viver dos ciganos brasileiros na contemporaneidade, a partir de outros referentes que não somente o de identidade.

A noção de etnicidade de Barth (1998) foi importante para pensar as dinâmicas da vida cigana na relação com a sociedade não-cigana e os resultados dessas imbricações. Nesse sentido ficou evidenciado que os constantes deslizamentos dos ciganos, em direção aos distintos espaços de mediação com os não-ciganos, têm produzido efeitos de rasura em seu modo de vida. Na interpretação de alguns elementos que configuram o que usualmente se denomina de identidade cigana, usou-se o nomadismo como fio condutor. Tal escolha deu-se na medida em que se percebeu ser

ele o símbolo principal na construção das representações que caracterizam o coletivo cigano.

No que diz respeito a esta pesquisa, ficou evidenciado, nas falas dos interlocutores, que o nomadismo é um capital simbólico idealizado e reproduzido pela família nas relações interétnicas. Desse lugar, pode-se inferir que a relação dicotômica nomadismo/sedentarismo está longe de significar o fim do nomadismo, como alguns pretendem afirmar. Nesse sentido, é que, convergindo para a hipótese inicial da pesquisa, pode-se pensar em reconfigurações dos processos de itinerância, como evidencia o relato de Elias Alves (2013).

Vamos para todos os estados. Inclusive agora semana que vem eu estou indo para o Paraná, São Paulo [...]. Sai uma equipe e fica outra. Mas a gente nunca largou de viajar, nosso trabalho mais é a viagem, quem trabalha com venda, com confecções, enxovais. Então é o trabalho mesmo que bota a gente para viajar. Porque em vendas você está sempre viajando (ALVES, 2013)

Já o nomadismo romanceado, idílico, presente em algumas falas, é fruto da memória que, ao misturar os tempos ancestrais, faz com que, para alguns ciganos, o nomadismo tenha uma forma unificada. O intuito pode ser o de justificar uma suposta pureza étnica ou de simplesmente cultivar a identidade tradicional. E que apesar do saudosismo dos mais velhos, em momento algum se percebeu que os ciganos estão imobilizados.

Era mais difícil, mas era alegre. Porque nós dormíamos, descansávamos, andava pelo mundo a cavalo, jumento, burro. E cigano vivia essa vida pobre, mas alegre, a gente tinha satisfação. [...] Era alegre porque foi assim que nós nos criamos, porque cigano foi criado no relento. Porque Deus andou entre os ciganos no Egito, cigano do Egito, Deus andou lá (COSTA, 2013).

Dona Rosário¹²⁸, a cigana mais idosa de Trindade tem 100 anos. Ela concorda com Luiz Costa, cigano de Sousa, a respeito da alegria daquela época do nomadismo.

Era mió, meu comê era mio no chão. Comê gostoso, numas panela boa, panela de ferro, agora panela de alumínio, num presta. Eu sei fazer macarronada, arroz, carne, frango, café bão. Sei fazer café que o senhor nunca bebeu. Eu tinha vinte pessoa dentro da minha casa, comendo e

¹²⁸ Episódio n. 9. CAVALCANTI et al., 2011i. (O Povo Cigano no Brasil, 9).

bebendo. Eu dava conta, fazia uma panela assim oh! Comia... comia, prá traz era mió, era mais alegria (CAVALCANTI et al., 2011i).

Compreender a vida cigana, em sua dinâmica histórica, implicou adentrar-se na multiplicidade constitutiva advinda de diversos processos que situam os ciganos como minoria social e grupo étnico. Significou também, conhecer alguns espaços onde ocorrem as interações dos ciganos com os não-ciganos. Desses espaços, destacou-se a interação com as instituições religiosas, com a escola e com as mídias.

No âmbito da espiritualidade os dados apontam que a maioria dos ciganos continua vinculada à igreja católica, mas sinalizam também para o engendramento de um novo *habitus* (BOURDIEU, 1990). Esse aspecto implica em alterações profundas de rotinas étnicas, a partir da distinção entre coisas que se deve fazer e coisas que não se pode mais fazer. Nas comparações tecidas sobre um conjunto de proibições, que se referem ao contexto cigano católico na relação com as igrejas evangélicas, situam-se a prática da adivinhação, a indumentária, o culto às imagens, as comemorações alusivas aos santos e as danças. Em meio às conversas, percebe-se que, apesar das proibições, os ciganos costumam burlá-las justificando-se em antecedentes étnicos.

Nesse contexto de mistura inter-religiosa, é preciso ressaltar que essa convivência, no âmbito da pesquisa, não evidenciou conflitos. A compreensão de que cada um é livre para professar sua fé tem sido um fator determinante para mantê-los unidos tendo como amalgama a etnicidade. Mesmo com as igrejas evangélicas proibindo a leitura de mãos, a orientação não se configurou como uma regra, como se vê nos depoimentos de Jesus Cigano de Trindade, GO, e de Francisco Soares do município de Sousa, PB. Não há embates, eles reforçam a liberdade cigana como observou Elias (2013), “dentro do meu acampamento, eu falo como representante de acampamento, a nossa religião é nossa liberdade, desde que chegue e fale em nome de Deus é bem-vindo”.

A tentativa de entender as interações dos ciganos com a educação formal, e as relações interétnicas que se dão no contexto da escola, levou a ponderar sobre o papel dessa instituição. Particularmente no que se refere às diferenças, o sistema escolar tem se constituído historicamente em um espaço reprodutor das estruturas sociais de desigualdades e exclusão. Além disso, ele é também injusto, no momento em que a escola recusa-se a reconhecer e aceitar a história anterior dos sujeitos, obedecendo a uma “equidade formal” (BOURDIEU, 1989).

No que diz respeito aos ciganos, falta à escola reconhecer seu lugar e suas contribuições no conjunto de representações da cultura brasileira. Quando trata todos como iguais desrespeita as diferenças “ao dar sua sanção às desigualdades iniciais diante da cultura” (BOURDIEU, 1989, p. 10). Cultura, nesses termos, entendida como, “o todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro de uma sociedade” (TYLOR apud EAGLETON, 2003, p. 55).

Os aspectos mencionados pelos ciganos sobre a educação levaram ao entendimento da dimensão que a escola tem hoje para esse coletivo. Se no passado de itinerância a escola não era cogitada, na contemporaneidade, para boa parte deles, ela é um fator decisório. A justificativa que fornecem para essa alteração está no desejo de dar aos filhos uma condição de vida melhor, um futuro. A maioria dos entrevistados foi categórica em afirmar que todos os esforços devem ser empreendidos no sentido de garantir o acesso, a frequência e a permanência de seus filhos na escola.

Entretanto, um elemento que aparece ainda muito forte nas narrativas, diz respeito à inscrição étnica. Algumas famílias, apesar de reconhecerem a importância da educação formal, reafirmam protocolos étnicos como é o caso de Zanata Dantas¹²⁹ que, apesar de se dizer um entusiasta da educação e de estimular os jovens a estudarem, é reticente quando o assunto inclui as mulheres: “A ideia é também de fazer um trabalho entre as mulheres. Não que ela vá para o colégio, mas que venha um ensino diferenciado para elas. Mas a educação é uma coisa que tem que ser investida” (CAVALCANTI et al., 2011g).

A relação escola e etnicidade é ainda conflituosa para os ciganos que se mantêm atrelados às ocupações típicas do modo de vida tradicional, tendo para eles um valor diferente que para os não-ciganos. É que alguns ciganos passaram tão rapidamente pela escola, que não tiveram tempo de conhecê-la. Outros sequer tiveram essa oportunidade e, talvez pelo viés da ausência, conseguem perceber sua importância. E há aqueles que começam a perceber uma conexão entre escola e trabalho. Apesar de saberem que, mesmo considerando-se aptos e qualificados, irão confrontar-se com condicionantes externos limitadores como o preconceito.

A análise da relação dos jovens com as mídias, particularmente com a internet, constituiu-se num desafio metodológico. A distância geracional e a questão de

¹²⁹ Episódio n. 7. CAVALCANTI et al., 2011g. (O Povo Cigano no Brasil, 7).

gênero, impostas pelos protocolos étnicos, constituíram-se nos principais obstáculos. As relações de gênero e suas demarcações no cotidiano cigano dificultaram o diálogo, tanto com os homens adultos quanto com os jovens. Isso não significa que haja proibições, mas simplesmente não há aproximação, e quando ocorre, as respostas são monossilábicas e genéricas. Em virtude disso é que as questões sobre a relação dos rapazes com a internet ocorreu por mediações de homens adultos o que, de certa forma, coloca em suspeição essas falas. No que diz respeito às moças, existem algumas variantes. Há as que se referem ao modo de vida da família, mais tradicional ou moderna, e há também fatores econômicos.

Os dados narrativos transmitidos pelos representantes apontam para interações com pessoas e grupos sociais preferencialmente no Facebook¹³⁰. Essas relações tornaram-se possíveis a partir do rompimento dos paradigmas de território e de presença, ocasionado pelo sistema de comunicação mediado pelo computador. Isso possibilitou que constituíssem um *capital social*, ao manterem relações com diversas pessoas, em contextos distintos, independente da distância (LEMOS, 2002). Capital social nos termos de Bourdieu (1998) é:

O conjunto dos recursos reais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento mútuos, ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como o conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros e por eles mesmos), mas também que são unidos por ligações permanentes e úteis (BOURDIEU, 1998, p. 67).

O acesso ao capital social no caso dos ciganos pode ser percebido como uma busca por sociabilidade. Mas, por se constituir em canais de interações amplos e complexos, as redes sociais também suscitam relações conflituosas, como enfatiza Cícero Romão Batista¹³¹: “Às vezes, quando a gente tá conversando no Orkut, quando sabe que é cigano sai” (CAVALCANTI et al., 2011h). Os conflitos podem implicar em xenofobias, hostilidades, competição por visibilidade, em rompimentos para renovação

¹³⁰ *Facebook* é uma rede social gratuita lançada em 2004. Na tradução literal *Facebook* significa "livro de caras". No *Facebook* os usuários criam perfis contendo fotos e listas de interesses pessoais. Trocam-se mensagens privadas e públicas entre pessoas, e grupos de amigos. A visualização de dados detalhados dos membros é restrita para membros de uma mesma rede ou amigos confirmados, mas também pode ser livre para qualquer um, a depender da configuração que cada usuário escolha. Atualmente, muitos jovens estão deixando de utilizar o *Facebook* e substituindo-o por outras redes sociais mais fechadas e confiáveis como o *Instagram* e o aplicativo via telefone celular *WhatsApp*.

¹³¹ Episódio n.8. CAVALCANTI et al., 2011h. (O Povo Cigano no Brasil, 8).

ou ampliação do capital social. O que demonstra que não há diferenças entre a sociabilidade pela virtualidade e daquela corpo a corpo.

As questões feitas aos entrevistados relativas às suas redes de interação, como, por exemplo, com quem eles falam, foram respondidas de forma vaga: “Falamos com todo mundo” ou, “conversamos com muita gente”. Sobre os assuntos que costumam falar foram mais uma vez evasivos: “Falamos de tudo”. Os fragmentos dessas falas e as dinâmicas de relações, associadas às redes sociais remetem a figura do nômade, que Melucci (1997) usa como metáfora para explicar as trajetórias dos jovens contemporâneos. Nesse contexto as experiências ocorrem de forma fragmentada, e diante disso é que elas não poderiam ser descritas de outro modo pelos ciganos.

Eles, como os todos os jovens, pertencem a uma pluralidade de redes e de grupos. A rapidez com que entram e saem as mensagens, e a quantidade que mandam e recebem, contribui “para debilitar os pontos de referência sobre os quais a identidade era tradicionalmente construída” (MELUCCI, 1997, p. 10). Neste caso, o significado do presente não está mais no passado. As dinâmicas da vida individual têm interposto outras rotinas, outros tempos, que não podem ser comparados, tampouco encontrados numa identificação fixa. A referência agora está em si mesmo, e na própria capacidade de mudar a forma, de se autorredefinir no processo de fazer escolhas, quantas vezes se fizer necessário (MELUCCI, 1987).

4.2 BRASIL: UM PAÍS DE TODOS

O slogan Brasil: um país de todos, adotado pelo governo Lula, tem suas origens nas longínquas políticas imperiais de povoamento do Brasil. O discurso de um país pródigo em oportunidades e em igualdade foi usado pela primeira vez com o intuito de seduzir e convencer imigrantes. As forças econômicas e políticas dominantes, após o fim da escravatura, passaram a promover a migração de trabalhadores livres, que viviam em condições precárias em seus países, para sustentarem como mão-de-obra mais qualificada o novo processo de desenvolvimento econômico capitalista nos países periféricos. Dessa época distante até os dias atuais, mesmo com alguns avanços, o que se observa é que os processos de desigualdade continuam acentuando-se. O Brasil de todos, de fato, sempre foi de uma minoria. Afinal de quem são os latifúndios? De quem são as grandes indústrias e bancos? De quem são as mineradoras? De quem é o agronegócio?

No governo atual a meta não é mais a redução da desigualdade, e sim a eliminação da miséria. O que significa a adoção de uma proposta menos ambiciosa, mas nem por isso mais factível. Acabar com a miséria e reduzir a pobreza pressupõe criar oportunidades numa perspectiva de igualdade, e respeito a direitos legitimamente adquiridos.

Um discurso generoso e sedutor sobre os Direitos Humanos coexistiu com atrocidades indescritíveis, as quais foram avaliadas de acordo com revoltante duplicidade de critérios. [...] os Direitos Humanos aspiram hoje a um reconhecimento mundial e podem mesmo ser considerados como um dos pilares fundamentais de uma emergente política pós-nacional (SANTOS, 2009, p. 11; 14).

No entanto, as políticas públicas brasileiras para ciganos têm esbarrado em muitos obstáculos. O primeiro e mais significativo é de ordem política e parece convergir, a partir das falas dos interlocutores, para uma única direção: a SEPPIR. Essa Secretaria surgiu com o objetivo de implementar ações afirmativas que pudessem reverter o histórico preconceito racial contra a população negra. Com o processo de redemocratização e a promulgação de direitos pela Constituição de 1988, outros coletivos acorreram a SEPPIR em busca de apoio e abrigo para suas demandas.

O órgão, no entanto, não se encontrava em condições de lidar com um volume de demandas nessas proporções e com especificidades culturais tão distintas. À medida que se mostrava despreparada e inoperante, começou a gerar descontentamentos e polêmicas.

Infelizmente o governo Lula da Silva preferiu tratar o assunto em termos “raciais” e em março de 2003 criou a SEPPIR – Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial que tem como objetivo primeiro: “Promover a igualdade e a proteção dos direitos de indivíduos e grupos raciais e étnicos afetados pela discriminação e demais formas de intolerância, com ênfase na população negra”. As palavras em negrito, destacadas pela própria SEPPIR, já indicam que seria – como de fato é - uma secretaria quase exclusivamente para as pessoas “de raça negra”. Grupos étnicos, como os índios, os ciganos, os judeus, ou os árabes e palestinos, e que não constituem “raças”, receberiam tratamento diferente, desigual, de quinta categoria – como de fato recebem (MOONEN, 2011, p. 5).

Os limites da SEPPIR aparecem nas narrativas dos entrevistados, como exemplo de descaso e desigualdade. Ciganos como Jesus, de Trindade, quando interpelados sobre a luta por direitos colocam que estão prestes a desistir. Decisão, segundo Jesus, já tomada por algumas lideranças ciganas de projeção nacional como é o

caso do cigano Claudio Ivanovich¹³², que hoje busca articulações mais concretas em seu próprio estado, junto ao poder público¹³³ e iniciativa privada.

A descrença de Jesus e Claudio encontra ressonância nas palavras de Frans Moonen (2011), para quem os ciganos continuam “pacientemente” aguardando por políticas específicas e concretas.

Com exceção da participação de representantes ciganos no CNPIR e na CNPCT, o resto por enquanto não passa de promessas. O Governo declara que somente a partir da era Lula, “pela primeira vez na História do Brasil... [...] começaram a existir políticas pró-ciganas. Políticas estas que os ciganos nunca viram na prática, ou desconhecem por completo (MOONEN, 2011, p. 16).

Apesar dos aspectos mencionados, algumas lideranças jovens, como é o caso de Nestor, cigano de Sousa, acreditam que é preciso continuar na luta, que o importante é não desistir e lançar mão de todos os meios possíveis nesse embate. Nesse sentido, ele entende que o primeiro passo é que se superem as divergências e conflitos internos. No caso dos ciganos de Sousa, isso implica transcender as filiações político-partidárias, que têm sido motivo de separações e rompimentos. A disposição de todos evidencia uma nova forma de atuação política, onde os interesses individuais dão lugar aos coletivos.

Nas narrativas tecidas sobre direitos é importante ressaltar que o lugar de onde elas provêm é o lugar comum dos excluídos. Que mesmo tratando-se de uma minoria étnica discriminada, o que determina o maior ou menor grau de exclusão é o capital cultural e econômico dos indivíduos. Isso diz respeito às trajetórias pessoais, familiares, à origem, às posições, aos cargos, aos gostos e às posses. É nessa perspectiva que muitos ciganos, investindo-se de alta linhagem, promovem clivagens inspiradas por recorte de classe. Contradizendo muitas vezes o próprio discurso, usado em determinados momentos, onde a inscrição étnica se converte em moeda de troca. Esse aspecto é identificado por Luiz Costa, cigano patriarca dos ciganos de Sousa, ao reportar-se a pessoas de sua própria comunidade.

Hoje tem muitos ciganos que pegaram recursos e estão discriminando os mais pobres. Pensando eles que aquele recurso ele leva para o outro mundo.

¹³² Cláudio Ivanovich é fundador da Associação de Preservação da Cultura Cigana de Curitiba, PR.

¹³³ No mês de maio de 2014 aconteceu o lançamento do projeto *Caravana: Os assim chamados Ciganos*, na sede da Secretaria de Estado da Educação, em Curitiba. Durante duas semanas, técnicos do Departamento da Diversidade (DEDI) da Secretaria de Educação e lideranças ciganas desenvolveram oficinas pedagógicas com profissionais da educação das escolas estaduais, municipais e especiais. O objetivo é levar a história e a cultura cigana *Roms*, *Sintis* e *Calóns* às escolas e comunidade escolar.

Não leva, leva a caridade. Porque todo o cigano que estava aqui de baixo de um pedra de pau desse, fazia comida, todos comiam ali. Tinham união, faziam aquela comida.[...] É tudo uma comunidade só. Lá e aqui somos todos irmãos, primos... Aqueles acolá são todos primos nossos e família (COSTA, 2013).

O que se viu em Sousa e em Trindade não se diferencia em nada, do que se vê nas favelas e nos guetos. Onde pessoas são confinadas por aqueles que teimam em negar ao ser humano o direito de ser livre.

Por fim, cabe ressaltar que, apesar da pesquisadora apresentar ao longo da tese sinais que poderiam apontar para um sujeito cigano que foi subtraído de determinados elementos de sua cultura, o que caracterizaria perdas, isso de fato não se configura como verdadeiro. Perdas ocorreram na medida em que, nos fragmentos das falas dos ciganos idosos, o saudosismo foi interpretado como tal. Como perda também poderiam ser interpretadas as distinções, entre os grupos, evidenciadas ao longo da pesquisa. Distinção, que por sinal, revelou-se como um dos mais importantes aspectos percebidos na configuração dos ciganos brasileiros contemporâneos. E que aponta para a capacidade de mudança e de atualização desse coletivo, diante das transformações pelas quais toda a sociedade vem passando. E no que se refere aos ciganos pesquisados, as questões de sobrevivência e de melhores condições de vida são percebidas como prioridade.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1992.

ADORNO, Theodor. Televisão e formação. Tradução de Wolfgang Leo Maar. In: MAAR, Wolfgang L. (Org.) **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1995.

_____. **Indústria cultural e sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ALVES, E. Entrevista exploratória para a tese. Brasília, DF, abr. 2013. Entrevista concedida a Sílvia Régia C F Simões.

ANDERSON, Perry. **As origens da pós-modernidade**. Tradução de Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

ANDERSON, Benedict R. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BAÇAN, Lourivaldo Perez. **Ciganos, os filhos do vento**. Londrina: A Casa do Mago das Letras; L P B Edições, 1999. Disponível em: <www.api.ning.com/.../GITANOSLOSHIJOSDELVIENTO.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2013.

BAKHTIN, Mikhail M. Discourse in the novel. In: M. HOLQUIST (ed.). **Dialogical Imagination**. Austin: University of Texas Press, [1934]; 1981.

BARTH, F. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P. **Teorias da etnicidade**: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth, Philippe Poutignat, Jocelyne Streiff-Fenard. Tradução de Elcio Fernandes. São Paulo: UNESP, 1998.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Relógio D'Água, 1981.

_____. **A sociedade de consumo**. Portugal: Edições 70, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **44 Cartas do mundo líquido moderno**. Tradução de Vera Pereira. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

_____. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2004.

_____. **Capitalismo parasitário**: e outros temas contemporâneos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2010.

_____. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

- BAUMAN, Zygmunt. **Em busca da política**. Tradução Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2000.
- _____. **Ensaios sobre o conceito de cultura**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2012.
- _____. **Globalização: as consequências humanas**. Tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1999b.
- _____. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- _____. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1999a .
- _____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- _____. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- _____. Vivemos o fim do futuro. **Revista Época**, São Paulo, 19 fev. 2014. Entrevista concedida a Luís Antônio Giron. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/ideias/noticia/2014/02/bzygmunt-baumanb-vivemos-o-fim-do-futuro.html>>. Acesso em: 08 jun. 2014.
- BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. São Paulo: Cia das Letras, 1986.
- BERND, Zilá (Org). **Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos**. Porto Alegre: Literalis, 2010. p. 424.
- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila; Eliana Lourenço de Lima Reis; Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- _____. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. Gostos de classe e estilos de vida. In: ORTIZ, Renato (Org.). **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983a.
- _____. A juventude é apenas uma palavra. In: _____. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983b.
- _____. The forms of capital. In: RICHARDSON, J. (Ed.) **Handbook of theory and research for the sociology of education**. New York: Greenwood, 1986. p. 241-258. Disponível em: <<http://www.pontomidia.com.br/raquel/resources/03.html>>. Acesso em: 10 abr. 2014.
- _____. What makes a social class? On the theoretical and practical existence of groups. **Berkeley Journal of Sociology**, Califórnia, v. 32, p. 1-49, 1987.
- _____. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. **Educação Revista**, Belo Horizonte, n. 10, p. 3-15, 1989.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. O capital social: notas provisórias. In: CATANI, A.; NOGUEIRA, M. A. (Orgs.). **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

_____. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. 14. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BORTONI, Larissa. Entrevista exploratória para a tese. Brasília, DF, abr. 2011. Entrevista concedida a Sílvia Régia C F Simões.

BRASIL Cigano traz para Brasília discussões políticas e valorização da cultura cigana. SEPPPIR, Brasília, 15 maio 2013. Disponível em: <http://www.seppir.gov.br/noticias/ultimas_noticias/2013/05/2018brasil-cigano2019-traz-para-brasilia-discussoes-politicas-e-valorizacao-da-cultura-cigana>. Acesso em: 05 jun. 2013.

BRASIL. Lei n. 12.305, de 2 de agosto de 2010. Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos; altera a Lei no 9.605, de 12 de fevereiro de 1998; e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 2 ago. 2010. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112305.htm>. Acesso: 20 set. 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. Portaria n. 502, de 09 de maio de 2012. Altera a Portaria nº 1407, de 14 de dezembro de 2010, para ampliar composição do Fórum Nacional de Educação. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 09 maio 2012. Disponível em: <http://www.lex.com.br/legis_23326232_PORTARIA_N_502_DE_9_DE_MAIO_DE_2012.aspx>. Acesso em: 19 mar. 2013.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Programa Bolsa Família**. 2013. Disponível em: <<http://www.mds.gov.br/bolsafamilia>>. Acesso em: 08 out. 2013.

BRASIL. Secretaria da Agricultura Familiar. PRONAF. **Declaração de Aptidão ao PRONAF – DAP**. 2013. Disponível em: <<http://www.mda.gov.br/portal/saf/institucional/aeclaracaoaptidaopronaf>>. Acesso em: 05 set. 2013.

CANCLINI, Néstor G. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução de Heloísa P. Cintrão; Ana Regina Lessa. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1998.

_____. **Culturas híbridas-estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Edusp, 2008.

CANCLINI, Néstor G. Estudos sobre cultura: uma alternativa latino-americana aos cultural studies. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 1, n. 30, ago. 2006. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3371/2636>>. Acesso em: 19 ago. 2013.

_____. **Caminhos da identidade**: ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo. São Paulo: Unesp; Brasília: Paralelo 15, 2006.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

_____. Ciclo: fronteira do pensamento. **Jornal Zero Hora**. Porto Alegre, RS, p. 2, 09 jun. 2013. Entrevista concedida por e-mail a Carlos André Moreira. Disponível em: <<http://www.zerohora.clicrbs.com.br>>. Acesso em: 21 ago. 2013.

_____. Internet e sociedade em rede. In: MORAES, D. (Org.) **Por uma outra comunicação**: mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record, 2003.

CASTRO, Josué T. **Discursos Herero sobre uma África Cristã**: contribuições antropológicas para a compreensão de fenômenos sincréticos. 2006. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Porto Alegre, 2006.

CAVALCANTI, Celso et al. A cultura e o seu povo. **Rádio Senado**, Brasília, 24 mar. 2011. Áudio on-line (30 min.). (O Povo Cigano no Brasil, 3). Disponível em: <http://www.senado.gov.br/noticias/Radio/programaConteudoPadrao.asp?COD_TIPO_PROGRAMA=&COD_AUDIO=53058>. Acesso em: 28 mar. 2011.

_____. A origem dos filhos do sol: os ciganos no mundo. **Rádio Senado**, Brasília, 24 mar. 2011. Áudio on-line (30 min.). (O Povo Cigano no Brasil, 1). Disponível em: <http://www.senado.gov.br/noticias/Radio/programaConteudoPadrao.asp?COD_TIPO_PROGRAMA=&COD_AUDIO=53060>. Acesso em: 28 mar. 2011.

_____. A terra prometida: os ciganos de Sousa. **Rádio Senado**, Brasília, 24 mar. 2011h. Áudio on-line (30 min.). (O Povo Cigano no Brasil, 8). Disponível em: <http://www.senado.gov.br/noticias/Radio/programaConteudoPadrao.asp?COD_TIPO_PROGRAMA=&COD_AUDIO=53051>. Acesso em: 28 mar. 2011.

_____. Brasil. Terra de fulanos, beltranos e ciganos. **Rádio Senado**, Brasília, 24 mar. 2011b. Áudio on-line (30 min.). (O Povo Cigano no Brasil, 2). Disponível em: <http://www.senado.gov.br/noticias/Radio/programaConteudoPadrao.asp?COD_TIPO_PROGRAMA=&COD_AUDIO=53059>. Acesso em: 28 mar. 2011.

_____. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo dos ciganos. **Rádio Senado**, Brasília, 24 mar. 2011f. Áudio on-line (30 min.). (O Povo Cigano no Brasil, 6). Disponível em: <http://www.senado.gov.br/noticias/Radio/programaConteudoPadrao.asp?COD_TIPO_PROGRAMA=&COD_AUDIO=53054>. Acesso em: 28 mar. 2011.

_____. Na terra dos romeiros: a comunidade *Calón* em Trindade de Goiás. **Rádio Senado**, Brasília, 24 mar. 2011i. Áudio on-line (30 min.). (O Povo Cigano no Brasil, 9).

Disponível em:

<http://www.senado.gov.br/noticias/radio/programaConteudoPadrao.asp?COD_TIPO_PROGRAMA=&COD_AUDIO=53049>. Acesso em: 28 mar. 2011.

CAVALCANTI, Celso et al. Ordem e Progresso: políticas públicas para os ciganos. **Rádio Senado**, Brasília, 24 mar. 2011j. Áudio on-line (30 min.). (O Povo Cigano no Brasil, 10). Disponível em:

<http://www.senado.gov.br/noticias/Radio/programaConteudoPadrao.asp?COD_TIPO_PROGRAMA=&COD_AUDIO=53048>. Acesso em: 28 mar. 2011.

_____. Os ciganos da terra do descobrimento. **Rádio Senado**, Brasília, 24 mar. 2011g. Áudio on-line (30 min.). (O Povo Cigano no Brasil, 7). Disponível em:

<http://www.senado.gov.br/noticias/Radio/programaConteudoPadrao.asp?COD_TIPO_PROGRAMA=&COD_AUDIO=53052>. Acesso em: 28 mar. 2011.

_____. Os ciganos em São Paulo: as linhas do futuro e a herança do passado. **Rádio Senado**, Brasília, 24 mar. 2011e. Áudio on-line (30 min.). (O Povo Cigano no Brasil, 5). Disponível em:

<http://www.senado.gov.br/noticias/Radio/programaConteudoPadrao.asp?COD_TIPO_PROGRAMA=&COD_AUDIO=53055>. Acesso em: 28 mar. 2011.

_____. Os ciganos no Senado Federal: uma tribuna contra o preconceito. **Rádio Senado**, Brasília, 24 mar. 2011. Áudio on-line (30 min.). (O Povo Cigano no Brasil, 11). Disponível em:

<http://www.senado.gov.br/noticias/Radio/programaConteudoPadrao.asp?COD_TIPO_PROGRAMA=&COD_AUDIO=53047>. Acesso em: 28 mar. 2011.

_____. Os filhos deste solo: um retrato das comunidades ciganas brasileiras. **Rádio Senado**, Brasília, 24 mar. 2011. Áudio on-line (30 min.). (O Povo Cigano no Brasil, 12). Disponível em:

<http://www.senado.gov.br/noticias/Radio/programaConteudoPadrao.asp?COD_TIPO_PROGRAMA=&COD_AUDIO=53045>. Acesso em: 28 mar. 2011.

_____. Os nômades do Sul: vida cigana em Santa Catarina. **Rádio Senado**, Brasília, 24 mar. 2011d. Áudio on-line (30 min.). (O Povo Cigano no Brasil, 4). Disponível em: <http://www.senado.gov.br/noticias/Radio/programaConteudoPadrao.asp?COD_TIPO_PROGRAMA=&COD_AUDIO=53056>. Acesso em: 28 mar. 2011.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 2007.

CERVANTES, Miguel. **A ciganinha**. Tradução de Henrique Santo. São Paulo: Circulo do Livro, [19--].

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre estudos culturais**. São Paulo: Boitempo, 2003.

CHINA, José Bonifácio D'Oliveira. **Os ciganos do Brasil**: subsídios históricos etnográficos e lingüísticos. São Paulo: Imprensa Oficial, 1936.

- CIGANO, Jesus. Entrevista exploratória para a tese, Trindade, GO, nov. 2013. Entrevista concedida por telefone a Sílvia Régia C F Simões.
- COSTA, Elisa Maria Lopes. **Contributos ciganos para o povoamento do Brasil (séculos XVI-XIX)**. Portugal: Universidade dos Açores, PT, 2005.
- COSTA, L. Entrevista exploratória para a tese. Trindade, GO, nov. 2013. Entrevista concedida por telefone a Sílvia Régia C F Simões.
- COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Estudos culturais em educação**: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema... Porto Alegre: UFRGS, 2000.
- DELEUZE, G; GUATTARI. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. 1. ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- _____. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Dialogues**. Paris: Flammarion, 1997.
- DELEUZE, Gilles. Pensamento nômade. In: _____. **A ilha deserta**: e outros textos. Tradução de Luiz B. Orlandi. São Paulo: Iluminuras, 2006.
- DURKEIM, Émile. **As formas elementares de vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. Tradução de Pereira Neto. São Paulo: Paulinas, 1989.
- EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. São Paulo, Unesp, 2005.
- EAGLETON, Terry. **As ilusões do pós-modernismo**. Tradução de Elisabeth Barbosa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- EMBAIXADA CIGANA DO BRASIL. 2013. Disponível em: <<http://www.embaixadacigana.com.br/>>. Acesso em: 17 nov. 2013.
- FERREIRA, Marcia Ondina V. **Fabricando a desigualdade**: escola e etnia cigana. Ijuí (RS): Unijui, 2003.
- FIGUEIREDO, Francisco Soares de. Entrevista exploratória para a tese. Sousa, PB, jun. 2013a. Entrevista concedida a Sílvia Régia C F Simões.
- FIGUEIREDO, P. de L. Entrevista exploratória para a tese. Sousa, PB, jun. 2013b. Entrevista concedida a Sílvia Régia C F Simões.
- FRASER, Angus. **Los gitanos**. Barcelona, Espanha: Ariel, 2005.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4. ed. Rio de Janeiro: LCT, 1988.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Tradução de Mathias Lambert. São Paulo: LCT, 2004.

GOVERNO DA PARAÍBA. Projeto Cooperar. 2013. Disponível em: <<http://www.cooperar.pb.gov.br>>. Acesso: 20 set. 2013.

GUELFI, Sheila. Tenda escola. **SEPIR notícias**, Brasília, 01 nov. 2013. 1 fotografia, color. Disponível em: <<http://www.sepir.df.gov.br/noticias/item/2268-tenda-escola.html>>. Acesso em: 20 nov. 2013.

HABERMAS, J. Modernidade: um projeto inacabado. In: ARANTES, Otilia Beatriz Fiori; EDUARDO, Paulo. **Um ponto cego no projeto estético de Jürgen Habermas**: arquitetura e dimensão estética depois das vanguardas. São Paulo, Brasiliense, 1992.

HABERMAS, J. **O discurso filosófico da modernidade**: doze lições. Trad. Luiz Sérgio Repa; Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Tradução de Adelaine La Guardia Resende et al. 2. ed. Belo Horizonte. UFMG, 2013.

_____. Entrevista com JB Stuart Hall. **Heloisa Buarque de Hollanda**, [S.l.], 15 set. 2003. Entrevista concedida a Heloisa Buarque de Hollanda e Liv Sovik. Disponível em: <<http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/entrevista-jb-stuart-hall/>>. Acesso em: 10 mar. 2013.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 22. ed. São Paulo: Loyola, 2012.

HOBSBAWM, Eric. Pecado capital do capitalismo é injustiça social. Pecado capital do socialismo foi a falta de liberdade. Mas ainda há “um vasto espaço para o sonho”. **G1 Dossiê Geral**, [S.l.], 01 out. 2014. Entrevista concedida a Geneton Moraes Neto. Disponível em: <<http://g1.globo.com/platb/geneton/2012/10/01/eric-hobsbawm-pecado-capital-do-capitalismo-e-injustica-social-pecado-capital-do-socialismo-foi-a-falta-de-liberdade-mas-ainda-ha-um-vasto-espaco-para-o-sonho/>>. Acesso em: 26 mar.2014.

HOLLANDA, Heloisa B.; SOVIK, Liv. **Entrevista com JB Stuart Hall**. 2010. Disponível em: <<http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/tag/estudos-culturais/>>. Acesso em: 06 jun. 2014.

IVANOVICH, F. Entrevista exploratória para a tese. Palhoça, SC, mar. 2014. Entrevista concedida por telefone a Sílvia Régia C F Simões.

JAMESON, Fredric. **As marcas do visível**. Rio de Janeiro: Graal, 1995.

_____. **A virada cultural**: reflexões sobre o pós-moderno. Tradução de Carolina Araujo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 19, n. 1, p. 15-22, jan/abr. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v19n1/a03v19n1>>. Acesso em: 15 mar. 2014.

LE BERRE, Maryvonne. Territoires. In: BAILLY, A.; FERRAS, R.; PUMAIN, D. (Org.). **Encyclopédie de la géographie**. Paris: Economica, 1992.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Ed.Unicamp, 1994.

_____. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 1990.

LE MOS, André. A arte da vida: diários pessoais e webcams na internet. In: CONGRESSO ANUAL EM CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO, 25., 2002, Salvador/BA. **Anais...** Salvador/BA: [S.n.], set. 2002. (Trabalho apresentado no NP08 – Núcleo de Pesquisa Tecnologias da Informação e da Comunicação).

LEVI-STRAUSS, Claude: **Mito e significado**. Tradução de Antônio Marques Bessa. [S.l.]: Sabotagem, 1978. Disponível em: <<http://www.usp.br/cje/anexos/pierre/LEVISTRAUSSCMitoesignificado.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2012.

LIÉGEOIS, J.-P. **Los gitanos**. México: Fondo de Cultura Econômica, 1988.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Lisboa: Gradiva, 1989.

MACHADO, M. Entrevista exploratória para a tese. Trindade, GO, nov. 2013. Entrevista concedida a Sílvia Régia C F Simões.

MACIULEVICIUS, Paula. Sob a tenda, casal de ciganos virou evangélico sem deixar o acampamento. **Jornal eletrônico Campo Grande News**, Campo Grande, 17 set. 2013. Disponível em: <<http://www.campograndenews.com.br/lado-b/comportamento-23-08-2011-08/sob-a-tenda-casal-de-ciganos-virou-evangelico-sem-deixar-o-acampamento>>. Acesso em: 13 nov. 2013.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Tradução de Bertha Halpern Gurovitz. 2. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 1996.

_____. **Sobre o nomadismo**: vagabundagens pós-modernas. Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. **Notas sobre a pós-modernidade**: o lugar faz o elo. Rio Janeiro: Ed. Atlântica, 2004.

_____. **Saturação**. Tradução de Ana Goldberger. São Paulo: Iluminuras; Itaú Cultural, 2010.

MAIA, P. Entrevista exploratória para a tese. Sousa, PB, jun. 2013. Entrevista concedida a Sílvia Régia C F Simões.

MALINOWSKI, Bronislaw. Myth in primitive psychology. In: _____. **Magic, science and religion, and other essays**. Nova Iorque: Doubleday, 1955.

MARÍZ, J. Entrevista exploratória para a tese. Sousa, PB, jun. 2013. Entrevista concedida a Sílvia Régia C F Simões.

MARTIN-BARBERO, Jesus. **Dos meios as mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Tradução de Ronald Polito; Sergio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

_____. Nosotros habíamos hecho estudios culturales mucho antes que esta etiqueta apareciera: una entrevista con Jesús Martín-Barbero. **Dissens**, Colômbia, n. 3, p. 47-53, 1997. Entrevista concedida a Ellen Spielmann. Disponível em: <<http://www.javeriana.edu.co/pensar/Rev33.html>>. Acesso em: 06 jun. 2014.

MARTIN-BARBERO, Jesus. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, Denis de. (Org.). **Sociedade Midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.

MATOS, Olgária. Imagens sem objeto. In: NOVAES, Adauto (Org.). **Rede Imaginária: televisão e democracia**. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

MELLO, M. A. S. et al. Os Ciganos do Catumbi: de "andadores do Rei" e comerciantes de escravos a oficiais de justiça na cidade do Rio de Janeiro. **Cidades. Comunidades e Territórios**, Lisboa, n. 18, p. 79-92, jun. 2009. Disponível em: <<http://www.ifcs.ufrj.br/~lemetro/pesquisadores/ciganos.pdf>>. Acesso em: 17 mar. 2014.

MELLO, M. A. S.; VEIGA, F. B. **Os ciganos e as políticas de reconhecimento**: desafios contemporâneos. Brasília: Associação Brasileira de Antropologia – ABA, 2008. Disponível em: <<http://www.abant.org.br/noticias.php?type=outranoticia#329>>. Acesso em: 17 mar. 2014.

MELUCCI, Alberto. A experiência individual na sociedade planetária. **Lua Nova**, São Paulo, n. 38, dez. 1996. Disponível em: <www.scielo.br>. Acesso em: 29 out. 2013.

_____. **A invenção do presente**: movimentos sociais nas sociedades complexas. Tradução de Maria do Carmo Alves. Petrópolis (RJ): Vozes, 2001.

_____. Juventude, tempo e movimentos sociais. **Revista Brasileira de Educação**: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação, [S.l.], n. 5/6, 1997.

_____. Juventude, tempo e movimentos sociais. In: _____. **Juventude e contemporaneidade**. Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007.

_____. **Por uma sociologia reflexiva**: pesquisa qualitativa e cultura. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História oral e memória**: a cultura popular revisitada. São Paulo: Ed. Contexto, 1992.

MOONEN, F. **Anticiganismo**: os ciganos na Europa e no Brasil. 3. ed. Recife: [S.n.], 2011. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/sos/ciganos/a_pdf/fmo_2013_anticiganismoeuropabrasil.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2014.

_____. **Políticas ciganas no Brasil e na Europa**: subsídios para encontros e congressos ciganos no Brasil. Recife: [S.n.], 2012. Disponível em: <<http://pfdc.pgr.mpf.mp.br/atuacao-e-conteudos-de-apoio/publicacoes/discriminacao/politicas-ciganas-na-europa-e-no-brasil>>. Acesso em: 10 abr. 2014.

MOTA, Ático Vilas-Boas da. **Contribuição à história da Ciganologia no Brasil**. **Revista do Inst. Histórico e Geográfico de Goiás**, Goiás, ano 10, p. 3-42, 1982. (republicado em MOTA, Ático Vilas-Boas de (Org.). 2004).

MUNANGA, Kabengele. “Identidade, cidadania e democracia: algumas reflexões sobre os discursos antirracistas no Brasil”. In: SPINK, Mary Jane Paris (Org.) **A cidadania em construção**: uma reflexão transdisciplinar. São Paulo: Cortez, 1994.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

NASCIMENTO, Elisângela. Ciganos superam preconceito e tradições e colocam filhos na escola. **G1 Goiás**, Goiás, 23 set. 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/goias/noticia/2012/09/ciganos-superam-preconceito-e-tradicoes-e-colocam-filhos-na-escola.html>>. Acesso em: 20 set. 2012.

NESTOR. Entrevista exploratória para a tese. Sousa, PB, jun. 2013. Entrevista concedida a Sílvia Régia C F Simões.

NOMADISMO. In: Dicionário Só História. 2014. Disponível em: <<http://www.sohistoria.com.br/dicionario/#>>. Acesso em: 20 set. 2012.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, dez. 1993.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Identidade étnica, reconhecimento e o mundo moral. **Revista Antropológicas**, Recife, ano 9, v. 16, n. 2, p. 9-40, 2005. Disponível em: <<http://www.revista.ufpe.br/revistaantropologicas/index.php/revista/article/viewFile/56/53>>. Acesso em: 23 mar. 2014.

ORTIZ, Fernando. **Contrapunteo cubano del tabaco e el azúcar**. Caracas; Venezuela: Bibliotca Ayacucho, 1987.

PEREGRINAÇÃO na cidade de Embu das Artes abre festa em homenagem aos ciganos. **Portal O Taboanense**, Taboão da Serra, 02 dez. 2009. Disponível em: <<http://otaboanense.com.br/noticia/1734/peregrinacao%20na%20cidade%20de%20embu%20das%20artes%20abre%20festa%20em%20homenagem%20aos%20ciganos>>. Acesso em: 07 maio 2012.

PESSOA. In: Dicionário de psicologia. Lisboa: Verbo, 1978.

POLLACK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

PROJETO de evangelização aos ciganos: prezados irmãos parceiros e intercessores. Ciganos Evangélicos. [S.l.], 24 dez. 2010. Disponível em: <<http://ciganosevangelicos.blogspot.com.br>>. Acesso em: 11 nov. 2013.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos orais: do “indivisível” ao “divisível”. **Ciência e cultura**, São Paulo, n. 3, v. 39, mar. 1987.

RÁDIO SENADO. **O povo cigano no Brasil**. 2010. (Série de reportagens). Disponível em: <<http://www.senado.gov.br/radio>>. Acesso em: 28 mar. 2011.

RATZEL, Friedrich. Geografia do homem (Antropogeografia). In: MORAES, Antônio Carlos. **Ratzel**. São Paulo: Ática, 1990. p. 32-107.

RUFINO, I. Entrevista exploratória para a tese. Trindade, GO, nov. 2013. Entrevista concedida por telefone a Sílvia Régia C F Simões.

SANDRA. Entrevista exploratória para a tese, Trindade, GO, nov. 2013. Entrevista concedida por telefone a Sílvia Régia C F Simões.

SANTOS, Boaventura S. Direitos humanos: o desafio da interculturalidade. **Revista de Direitos Humanos**, [S.l.], n. 2, jun. 2009. Disponível em: <http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/Direitos%20Humanos_Revista%20Direitos%20Humanos2009.pdf>. Acesso em: 08 jun. 2014.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. 2. reimpr. São Paulo: USP, 2006.

_____. et al. **Território**: globalização e fragmentação. São Paulo: Annablume, 1994.

SARDAR, Ziauddin; VAN LOON, Boris. **Introducing cultural studies**. New York: Totem Books, 1998.

SAYAD, Abdamalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. Tradução de Cristina. São Paulo: USP, 1998.

SCHOLZ, Roswitha: Homo sacer und die Zigeuner [Homo Sacer e “Os Ciganos”]. In: **EXIT! 4**. Bad Honnef, 2007.

SCHWARZ, Bill. Onde estão os cultural studies? **Revista de Comunicação e Linguagens**, Lisboa, n. 28, out. 2000.

SEPIR – SECRETARIA ESPECIAL DA PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL. 2013. 1 fotografia, color. Disponível em:

<<https://plus.google.com/photos/117819588029505605734/albums/5896496614656110689?banner=pwa&sort=1>>. Acesso em: 20 nov. 2013.

SHOHAT, Ella; STAM, Robert. **Crítica da imagem eurocêntrica**: multiculturalismo e representação. Tradução de Marcos Soares. São Paulo: CosacNaify, 2006.

SILVA, T. T. A Produção social da identidade e da diferença. In: _____. (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

SIMÕES, Sílvia Régia C. F. **Educação cigana**: entre- lugares entre escola e comunidade étnica. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Florianópolis, 2007.

SOUZA, J. **A construção social da subcidadania**: para uma sociologia política da modernidade periférica. Belo Horizonte: UFMG. 2003.

SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

STOREY, John. **An introduction to cultural theory and popular culture**. Londres, Nova Iorque: Prentice Hall/Harvester Wheatsheaf, 1997.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 3. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 1999.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TRIGO, L. A república de Pierre Bourdieu (entrevista). **Revista República**: A Revista do Site Primeira República, [S.l.], ano 6, n. 64, fev. 2002.

VIDAL, F. P. Entrevista exploratória para a tese. Sousa, PB, jun. 2013. Entrevista concedida a Sílvia Régia C F Simões.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____. **Cultura e materialismo**. Tradução de André Glaser. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

ZAGO, Adriano. **Classe específica para alunos ciganos, em Itumbiara, Goiás**. 2012. 1 fotografia, color.

ZANON, Wallace. Entrevista exploratória para a tese. 23 abr. 2012. Entrevista concedida a Sílvia Régia C F Simões por e-mail.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Roteiro exploratório dos ciganos de Sousa, PB

- 1- Qual seu nome?
- 2- Idade?
- 3- Há quanto tempo vive em Sousa?
- 4- Onde mora?
- 5- Com quem mora?
- 6- O que o motivou a fixar-se em Sousa?
- 7- O que levou a escolher a cidade de Sousa?
- 8- O que gosta na cidade?
- 9- O que não gosta na cidade?
- 10- O que sente falta na vida nômade?
- 11- O que era ruim na vida nômade?
- 12- Em que trabalha?
- 13- Qual o nível de escolaridade?
- 14- Qual o nível de escolaridade dos ciganos de sua família?
- 15- Como é a relação das crianças e jovens ciganos com a comunidade escolar?
- 16- Usa a internet?
- 17- O que acessa na internet?
- 18- Com quem conversa na internet?
- 19- Qual a religião que professa?
- 20- Quantos grupos de ciganos vivem em Sousa?
- 21- Como é a relação dos ciganos com os não-ciganos de Sousa?
- 22- Quais tradições que ainda são mantidas?
- 23- O que é ser cigano para você?
- 24- O idioma Calón, ainda falam?
- 25- As promessas de melhorias da comunidade feitas pelas autoridades em 2008 foram cumpridas?
- 26- Qual a infraestrutura da comunidade?
- 27- O que falta?
- 28- Como conseguir o que falta?

APÊNDICE B - Roteiro exploratório dos ciganos de Trindade, GO

- 1- Qual seu nome?
- 2- Idade?
- 3- Há quanto tempo vive em Trindade?
- 4- Onde mora?
- 5- Com quem mora?
- 6- O que o motivou a fixar-se em Trindade?
- 7- O que levou a escolher a cidade de Trindade?
- 8- O que gosta na cidade?
- 9- O que não gosta na cidade?
- 10- O que sente falta na vida nômade?
- 11- O que era ruim na vida nômade?
- 12- Em que trabalha?
- 13- Qual o nível de escolaridade?
- 14- Qual o nível de escolaridade dos ciganos de sua família?
- 15- Como é a relação das crianças e jovens ciganos com a comunidade escolar?
- 16- Usa a internet?
- 17- O que acessa na internet?
- 18- Com quem conversa na internet?
- 19- Qual a religião que professa? Tem havido conversão para o protestantismo?
- 20- Quantos grupos de ciganos vivem em Trindade?
- 21- Como é a relação dos ciganos com os não-ciganos de Trindade?
- 22- Quais tradições que ainda são mantidas?
- 23- O idioma Calón, ainda falam?
- 24- O que é ser cigano para você?

ANEXOS

ANEXO A - Transcrição de áudio do Radiodocumentário: "O Povo Cigano do Brasil"

Programa da Radio Senado

Apresentação do programa: “Petrobrás Apresenta um programa vencedor do prêmio Roquete Pinto. Uma promoção da Associação das Rádios Públicas do Brasil com patrocínio da Petrobrás e Apoio do Ministério da Cultura através da Lei Federal de Incentivo a Cultura.”

Reportagem realizada por: Celso Cavalcanti, George Cardim, Larissa Bortoni, Maurício de Santi, Pedro Henrique e Rodrigo Resende.

EPISÓDIO nº 2: “Brasil. Terra de fulanos, beltranos e ciganos”

Canto: *“Um cigana revelou que minha sorte era ficar naquele norte eu não queria acreditar.”*

Narrador: “Os ciganos sempre estiveram presentes no imaginário dos brasileiros, nas crenças, nas lendas, nos mitos, nas músicas, na dança. Todos nós já ouvimos alguma história sobre eles, sobre suas andanças sobre o mundo, seus costumes e seus rituais. Mesmo que sejam relatos quase sempre recheados de preconceitos e falta de conhecimento, o fato é que de alguma maneira a existência desse povo que faz da sua vida uma eterna caminhada aparece durante toda a construção histórica do que consideramos a nação brasileira.”

...

Narrador: “Um país chamado Brasil, que não é um só, são tantos, tantos brasis, com tanta diversidade que não poderia deixar de ter a sua história marcada pela cultura cigana. Será que os ciganos ainda andam pelas estradas como antes? Será que abandonaram as barracas e hoje moram em casas, estudam, trabalham? E mais, continuam a ler a mão das pessoas pelas ruas, ou botando baralho para os curiosos? Tudo isso, nos brasileiros precisamos e merecemos descobrir. Isto mesmo, descobrir, tirar o véu do preconceito que impede a aproximação e o verdadeiro conhecimento de

uma cultura milenar, que até hoje se espalha pelo mundo, e que, em nosso país não é diferente.”

...

Narrador: “São ciganos sim, e brasileiros, como eles mesmos não se cansam de repetir, e que seguem o lema por onde passam: '*A terra é nossa pátria, o céu é nosso teto e a liberdade é a nossa religião*'. E é com esse espírito de descoberta e conhecimento e inspirados pela lição de liberdade que podemos colocar as cartas na mesa e começar a ler a mão de um Brasil que desde sempre teve os ciganos em seus caminhos, e foi também um caminho para os ciganos.”

...

Narrador: “Século XVI, e a Europa vivia tempos de Inquisição. Os reinos da península ibérica, Portugal e Espanha, católicos e defensores da moral cristã pregavam o combate a toda e qualquer crença que ameaçasse o monopólio da Igreja. E para isso não mediam esforços ao rotular e perseguir povos, que não se submetiam a fé de Roma, e os ciganos estavam entre os grupos perseguidos. Os métodos de punição aos intitulados, pecadores eram muitos, iam desde a simples indiferença até o chamado expurgo, que era a expulsão dos não católicos dos territórios do reino, isso significava quase sempre o degredo para terras além mar, como as colônias da África e da América. É nesse contexto que os ciganos chegam ao solo tupiniquim, e perseguidos durante séculos por todo o velho mundo, continuam aqui a sofrer punições e preconceitos tanto dos governantes quanto da própria sociedade. Estigmatizados, como lembra a escritora Cristina da Costa Pereira.”

Cristina da Costa Pereira: “Bom. É oficialmente em 1574 vieram marcados já com a condição do degredo, eles como também os judeus chegaram aqui degredados. Quer dizer que no Brasil Colônia os passos dos ciganos também foram marcados pela coisa do degredo, eles chegaram estigmatizados aqui.”

Narrador: “Os primeiros ciganos a virem para o Brasil eram de origem *Calón*, da Península Ibérica, e vão representar a principal etnia cigana por aqui até meados do século 19, quando outros grupos, sobretudo os *Rom* vão emigrar, vindos dos demais países europeus, principalmente do Leste. O professor Rodrigo Teixeira, que escreveu sobre a história dos ciganos no Brasil, explica bem essa passagem.”

Rodrigo Teixeira: “A porta de entrada principal no período colonial foi Salvador, na Bahia, então a Bahia cumpre um papel importantíssimo na entrada dos ciganos no Brasil. E no século XVIII e XIX, o Rio de Janeiro passa a desempenhar esse papel importante ao receber comunidades ciganas da Europa, sobretudo. No final do século XIX, ciganos relacionados a Europa Oriental vão chegar sobretudo no Centro-Sul do Brasil, junto com populações polonesas, eslavas, italianos, alemães, e todos.”

Narrador: “Mas uma coisa é certa, é sempre bom lembrar que os registros históricos sobre a chegada dos ciganos ao Brasil e a sua ocupação no território brasileiro são poucos, e muitas vezes imprecisos e ainda por cima foram escritos por não-ciganos. A maioria dos documentos que servem de pesquisas são ocorrências policiais, ofícios e notas administrativas, tudo sob a ótica dos *gagê*, que é a palavra usada pelos ciganos para designar os que não são de sua etnia. O alerta é dado por outro estudioso da cultura cigana, o professor Fabio Dantas.”

Fabio Dantas: “Até hoje, como a gente tem visto por estudo, e até o Rodrigo Correia Teixeira, ele diz uma coisa muito interessante na introdução do trabalho dele, ele fala assim: 'A documentação sobre ciganos é escassa e dispersa. Sendo agrafos os ciganos não deixaram registros escritos, assim raramente aparecendo nos documentos aproximamos a deles indiretamente através de mediadores, chefes de policias, clérigos e viajantes. Nestes testemunhos a informação sobre ciganos é dada por intermédio de um olhar hostil, constrangedor e estrangeiro'.”

Narrador: “E é o próprio Rodrigo Teixeira que conta como o suposto pioneiro dessa caminhada veio parar por aqui.”

Rodrigo Teixeira: “A historia dos ciganos no Brasil inicia-se em 1574 quando João Torres, cigano português, é degredado para a America portuguesa, que se torna à *posteriori* o Brasil, e esse movimento gera consequência ao longo dos séculos da colonização portuguesa uma série de outros degredos, ou seja, a partir deste primeiro momento no século XVI, nos vamos ter a Coroa Portuguesa procedendo com envio de ciganos para o território brasileiro até o período da independência.”

...

Narrador: “Mas como a história é dinâmica e está longe de ser uma sentença, novas descobertas são sempre bem vindas e é bem possível que tenhamos que reescrevê-la em alguns momentos. Não há consenso, por exemplo, quando se fala do primeiro registro da vinda dos ciganos para cá, pelo menos é o que nos aponta outro grande conhecedor da cultura cigana, o professor Ático Vilas- Boas da Mota.”

Ático Vilas- Boas da Mota: “Hoje uma grande pesquisadora portuguesa, Elisa Maria Lopes da costa, com um livro maravilhoso, '*O povo cigano entre Portugal e terras de alem mar*', ela simplesmente achou um documento de 1562 que prova que veio pra cá João Giciano, Giciano é derivado da para *egypsiano*, ele veio com a mulher e 14 filhos, agora ela não diz para que estado ele veio, foi deportado simplesmente para o Brasil, então é esse o mais antigo. De agora para frente ninguém vai falar mais que o primeiro foi João torres, mas todo mundo vai falar que foi o senhor João Giciano.”

Narrador: “Em terra *brasilis* era preciso trabalhar para comer, os homens trataram de repetir por aqui a atividade mais afeita aos ciganos, o comércio. Afinal de contas um povo que vive em trânsito e vende mercadorias precisa constantemente de novos compradores para os seus produtos, e isso os ciganos sempre fizeram muito bem. como explica Rodrigo Teixeira.”

Rodrigo Teixeira: “Se me perguntassem qual a grande atividade dos ciganos ao longo da história, eu diria que é o comercio, quando chega ao Brasil e em todo período colonial eles vão ser grandes comerciantes, negociando todo tipo de produtos. Se destacam no comércio de cavalos e bestas de carga.”

...

Narrador: “E como acontece em muitas culturas, as atividades nas comunidades ciganas sempre foram divididas entre homens e mulheres. Elas iam às ruas, oferecer a *buena-dicha*, quer dizer ler a sorte na mão das pessoas, além é claro de botar o baralho para quem quisesse saber do futuro. Uma vocação que extrapolava o conceito místico e tinha mais a ver com o exercício de uma profissão do que com uma crença. Como nos relata Cristina da Costa Pereira.”

Cristina da Costa Pereira: “As mulheres sempre exercendo como ofício, presta a atenção! Como ofício, eu não estou dizendo que crê na cartomancia e na quiromancia, eu estou dizendo que aquilo antes de tudo, para a visão cigana é um ofício como outro

pode ser professor, eu sou uma professora, uma escritora, é um ofício, faz parte do *gaal* do ofício cigano ser cartomante e quiromante para as mulheres ciganas. Esses ofícios elas sobreviviam disso.”

Narrador: “E desde que chegaram os ciganos passaram a fazer parte do cotidiano do nosso país. E como sempre, fizeram em todos os lugares que passaram, internalizaram a cultura local e resignificaram seus costumes. Mas claro, sem deixar de preservar sua tradição, seus valores e suas crenças. Tanto é assim que de acordo com a professora Cristina da Costa Pereira, os ciganos se apropriaram de crenças, costumes e até dos ritos religiosos dos povos que conviveram.

Cristina Costa Pereira: “Não há uma religião cigana, eles tem religiosidade intrínseca e nata, talvez pelo convívio com a natureza, essa coisa da devoção a deusa, a deusa *Advé Borocum*, que não deixa de ser uma das instituições ciganas mais fortes. No entanto eles adotam a religião do país onde eles habitam.”

Narrador: “Aqui no Brasil, um país eminentemente marcado pelo sincretismo religioso, os ciganos também praticaram e ainda praticam a fé nos mais diversos significados que ela possa ter. A professora Cristina pode dar alguns exemplos.”

Cristina Costa Pereira: “Eles têm santos católicos, quando eles fazem as suas eslavas, que são as suas cerimônias, que eles fazem para um filho que ficou doente e se recuperou, essas eslavas são feitas para quem? Santo Antonio, São Jorge. Quando eles querem proteger a barraca, as tendas no caso dos nômades, eles passam o cordão de São Francisco em volta da barraca e fazem suas orações. Neste momento eles são extremamente católicos.”

Canto: “*Corra, não pare, não pense, de baixo dessas velas do cais, e ajuda vida cigana...*”

Narrador: “E foi assim, andando pelas estradas e acampando nas cercanias das cidades, que os ciganos passaram a fazer parte do cotidiano da sociedade brasileira, mesmo que de forma restrita, pois na maioria das vezes eram pré-julgados e excluídos do convívio com os moradores das cidades por onde passavam ou fixavam moradia.”

Canto: *“Na verdade, eu cheguei nessa cidade, e a primeira autoridade resolveu me escorraçar...”*

...

Narrador: “E eram perseguidos, acusados de roubo, chamados de vadios e quase sempre tinham sua imagem associada a prática de delitos. O professor Rodrigo Teixeira lembra fatos em Minas Gerais, na época da mineração, no século XVIII que confirmam essa impressão.

Rodrigo Teixeira: “Logo nos primeiros tempos da descoberta de ouro, diamante, e em especial em Diamantina, eles estão participando desse comércio, e sobre eles pesam algumas acusações. Ou seja, ciganos que agiam corretamente, ciganos que não participavam de atividades ilícitas, a gente não tem acesso a vida que eles tiveram. Muitas vezes o registro é do cigano que participou de alguma atividade ilícita, participou de tráfico de diamantes, e que foi objeto da preocupação da coroa portuguesa.”

Narrador: “Mas como não poderiam simplesmente sucumbir a marginalização os ciganos começaram a dominar algumas técnicas e estiveram presentes por todos os ciclos econômicos por que passou o Brasil ao longo dos anos. Como nos conta a professora Cristina da Costa Pereira.”

Cristina da Costa Pereira: “Eles viveram em todos os ciclos em que você poder imaginar. Por exemplo, onde tem o ciclo do ouro, o ciclo do café, o ciclo dos próprios escravos, os ciganos estavam lá comerciando, eles são comerciantes por excelência.”

Canto: *“Fiz negócio da China, desbravei o interior, possuí mina de prata, jazida veio e me levou.”*

Narrador: “Os ciganos sempre exerceram atividades que tinham muita importância para economia dos lugares por onde andavam. Comercializavam escravos, animais e objetos pelo interior do Brasil, mas também eram caldeireiros, ferreiros, ourives e artesãos. Quem conta essa história é o músico cigano Mio Vacite.”

Mio Vacite: “As pessoas assimilam ou tem a impressão de que os negros já vieram nas caravelas, mas os negros só vieram para o Brasil em 1700 e pouco, esses 200 anos quem trabalhava para corte? Eram os ciganos, como cavalariaços, meirinhos oficiais de justiça, artesanato, cobre, trabalhos de utensílios domésticos, eram encargos dos ciganos, inclusive bandeirantes também, e festeiros da corte, nós fomos nomeados como os festeiros da corte, porque eram os ciganos que apresentavam as músicas, as cavalladas ali onde é a Central do Brasil hoje em dia.”

Narrador: “No início do século XIX, a economia brasileira, sobretudo no Rio de Janeiro, girava em torno da prática da escravidão. E os ciganos não ficaram alheios a esse processo, como lembra a cigana e jornalista Marcia Guelpa, a Yaskara.”

Marcia Guelpa: “Eram escravagistas, vendiam escravos, ganharam muito dinheiro vendendo escravos, tem uma rua no Rio de Janeiro que se chama Rua do Valongo, era a rua que os ciganos moravam e vendiam escravos. As pessoas iam comprar escravos lá.

Narrador: “E mais os ciganos se especializaram no comércio de escravos de segunda mão, Rodrigo Teixeira explica o que isso significava na prática.”

Rodrigo Teixeira: “Eram escravos natos, não eram escravos que estavam chegando da África, era aquele que já estava no Brasil, que já havia tido um senhor, já havia sido utilizado para algum tipo de atividade, e agora ele estava sendo revendido. Quer dizer, ele não trabalhavam com grandes levas de escravos, não vendiam o plantel inteiro, isso ficava a cargo de comerciantes portugueses.”

Narrador: “Com o passar do tempo, alguns ciganos se fizeram ilustres aos olhos da corte, e chegaram a alcançar status na alta sociedade carioca, como aponta Rodrigo Teixeira.”

Rodrigo Teixeira: “Enquanto em Portugal eles eram identificados como a escória da população, estrato mais baixo da população portuguesa, no Brasil em função do sistema escravocrata, eles galgaram o degrau, participando de festividades da corte enquanto artistas, e o fato de alguns ciganos terem enriquecido com o comércio escravo no Rio de Janeiro sobretudo, alguns ciganos chegaram a ser destaque na sociedade carioca, em um

período em que a mentalidade na Europa, e de alguma maneira no Brasil, valoriza por meio do romantismo, determinados valores que os ciganos seriam portadores, a liberdade, o contato com a natureza, a coragem, esses ciganos vão viver um momento muito especial.”

Canto: *“Fui eu mesmo alforriado pela mão do imperador, frequentei palácio sem fazer feio, vida veio e me levou.”*

Narrador: “Chegaram a corte de Dom João XI, é verdade, há registros de participação em festas, como na comemoração do casamento da filha de dom João, dona Maria Tereza, no ano de 1810. E também quando se festejou a elevação do Brasil a reino unido, em 1815, e mais uma vez durante os preparativos para o matrimônio do príncipe Dom Pedro, em 1818. Os ciganos foram convidados a apresentar suas danças e músicas, como revela um depoimento da época.”

Depoimento narrado: “Os moços dessa nação entraram no circo montando belos cavalos ricamente ajaezados e levando nas suas garupas as suas noivas, os casais saltaram ao chão com incrível agilidade, e executaram em conjunto, as mais lindas danças que vi até hoje, todos os olhos se achavam voltados para os jovens ciganos. E se tinha a impressão de que as outras danças tinham por único objetivo fazer ressaltar a beleza das suas.”

...

Narrador: “Mas a vida nas sociedades também era feita de atividades nem sempre bem vista pela população, muito embora não pudessem deixar de ser realizadas. É aí que mais uma vez os ciganos aparecem no horizonte dos estigmas e levam consigo o peso da discriminação. Cristina da Costa Pereira lembra que até hoje a antiga profissão de meirinho, o temido oficial de justiça é associada aos ciganos, que no século XIX já exerciam o ofício.”

Cristina da Costa Pereira: “Os meirinhos, os primeiros oficiais de justiça, nome antigo meirinhos até hoje se usa essa palavra, foram os ciganos, porque? Era uma profissão maldita, ninguém queria ter. Os ciganos exerciam perfeitamente essa profissão, de ir lá e botar um X na casa da pessoa que estava para sair daquela casa. Eles exerciam esse ofício, detalhe, ofício que o grupo sedentário do Catumbi, que mora no bairro carioca do

Catumbi, até hoje exercem, os ciganos oficiais de justiça, donos de tabeliães e tudo mais, eles até hoje estão identificados com essa profissão.”

Narrador: “A cigana Yaskara também relembra outra curiosidade.”

Marcia Guelpa: “Os ciganos também foram os primeiros estafetas do Brasil, eles começaram trabalhando para os negros de quilombos. Porque o quilombola não podia sair do quilombo, mas o cigano podia ficar transitando. Então ele levava um bilhete, levava um recado de um quilombo para outro. E depois para a própria corte, quando precisavam de correio os ciganos é que faziam esse trâmite aí.”

...

Narrador: “No Brasil quase todos os grupos ciganos pertenciam a etnia *Calón*, vindos da península ibérica, isso pelo menos até a metade dos anos 800, quando outro grande grupo vindo de países do centro e do leste da Europa passou a fazer parte dessa estatística, eram os *Rom*, que se subdividiam em outros grupos como os *Kalderaches*, os *Roldare* e os *Lovara*.”

...

Narrador: “Pesquisas apontam que o primeiro *Rom* a pisar em solo brasileiro, foi para Minas Gerais e se chamava Jean Lepomusque Kubitschek, mas é o mesmo Kubitschek do nosso presidente? Pois é, é bem provável que sim. Jean teria vindo da região da Boêmia, no então império Austro-húngaro, e chegado por volta 1830 ao Brasil, logo se instalando em Diamantina, onde teria se casado com uma brasileira. Seria o bisavô de Juscelino Kubitschek, o nosso *JK*, um dos políticos mais populares do Brasil, o presidente que idealizou e fundou Brasília, mas que segundo dizem nunca pôde revelar sua real descendência, uma descendência cigana. Muito provavelmente por causa do preconceito e da discriminação que a sociedade brasileira sempre demonstrou em relação aos povos ciganos. Há relatos de que *JK* sofria com esse anonimato de identidade, e que quando visitava os parentes em Minas Gerais, no seio da sua intimidade desabafava sobre seu dilema.”

Canto: “*Como pode o peixe vivo viver fora da água fria?*”

Narrador: “É, um peixe fora d’água, um homem longe do seu ninho, de sua cultura, de suas origens. Se essa história for realmente verdade, talvez Juscelino tenha se sentido

assim, da mesma maneira que se sentem muitos ciganos brasileiros de hoje, que continuam espalhados pelo Brasil, nômades ou sedentários, famosos ou desconhecidos, *Roms* ou *Calóns*, mas que muitas vezes se privam de assumir sua identidade cigana, como alerta Perly Cipriano, que foi subsecretário de promoção e defesa de direitos humanos do Governo Federal.”

Perly Cipriano: “Você imagina uma pessoa ser professor, ser um pequeno comerciante cigano, ele teme dizer isso, às vezes a pessoa está vendendo rede numa cidade, às vezes ele é um cigano mas ele não vai dizer que ele é cigano, por causa da discriminação.”

Narrador: “E sabe por que isso acontece? A cigana Yaskara tem uma explicação que é também um desabafo.”

Marcia Guelpa: “Todo mundo acha que conhece o cigano, todo mundo, mas o que se tem são idéias a partir do século XV que foram cristalizadas na forma de estereótipos. Nós somos pessoas comuns, eu sempre digo: nós somos diferentes embora não sejamos desiguais, somos iguais a todo mundo e somos diferentes, nós temos uma cultura diferente, uma língua diferente, uma maneira, talvez entre quatro paredes, de ser diferente, de encarar a sociedade. Por que senão a sociedade nos engole.”

...

Narrador: “E para não ser engolido, o cigano seguindo seu ideal de liberdade, sempre foi um ser antropofágico, ele sim engole as culturas que passam pelo seu caminho e é por isso que tem uma pátria só, o mundo, onde possa caminhar para sempre e com dignidade. E é assim que o padre Wallace Zanon, da pastoral dos nômades, define o espírito cigano.”

Wallace Zanon: “Cigano é um jeito de viver, é todo cidadão, e os ciganos falam uma coisa interessante: 'olha, nós não queremos nada mais que os nossos direitos de cidadão brasileiro, nós somos uma nação dentro da nação.’”

Canto: “*Aqui é meu país, de portas, cavalo e história, de iaras e sacis...*”

Narrador: “Outra dificuldade encontrada pelo povo cigano e também pelas pessoas e autoridades que se preocupam em incluir esse grupo nas prioridades sociais, é a falta de

dados precisos sobre as populações ciganas do nosso país. O pesquisador Rodrigo Teixeira sabe bem o que é isso.”

Rodrigo Teixeira: “O IBGE nunca fez uma pesquisa que nos de uma idéia mais clara sobre as populações ciganas no Brasil, então os dados deles variam muito, há cálculos que indicam a existência de milhões de ciganos no Brasil, coisa que eu particularmente não acredito. Eu acho que é uma população formada por milhares de indivíduos brasileiros.”

Narrador: “Se são milhões ou milhares é sem dúvida necessário descobrir, mas nada é mais importante que reconhecer o tamanho da contribuição dos ciganos para a cultura do Brasil e esse legado fica bem claro nas palavras de Perly Cipriano.”

Perly Cipriano: “Cigano é bem parecido com o bálsamo que perfuma o machado que o corta, eles sofreram perseguição no mundo inteiro e em todos esses lugares, deixam dança, canto, cultura, trabalho, exerce profissão, dão uma contribuição imensa. E esse país, a riqueza do Brasil é essa diversidade, essa diversidade precisa ser respeitada e tratada sempre com dignidade.”

Narrador: “Mas mesmo com tanta adversidade os ciganos brasileiros continuam na estrada, e dão sinais de que lutam para manter sua tradição e também dar voz às suas reivindicações. Em vários pontos do país, como comunidades têm se organizado sejam em grupos culturais, ONGs ou mesmo algumas famílias mais engajadas. Há exemplos emblemáticos como a *União Cigana do Brasil*, e o grupo musical *Encanto Ciganos* fundados por Mio Vacite no Rio de Janeiro. Tem também o centro de estudos de resgate da cultura cigana sub a batuta da jornalista *Yaskara*, em São Paulo, sem falar da Embaixada Cigana no Brasil que tem como presidente o cigano antropólogo Nicholas Ramanush.

...

Narrador: “Focos de resistência não faltam, mas podem vir a ser vozes ao vento, se essa conquista de um espaço com voz na sociedade brasileira não for encarada como um desafio comum, de ciganos e não ciganos. Não haverá em nosso país uma verdadeira democracia étnica, se os atores envolvidos nesse processo, a sociedade, o poder público, e as próprias vozes ciganas não tomarem consciência da força que tem o diálogo. Mas

não um diálogo vazio e reticente e sim diálogo múltiplo e flexível, rico como nosso Brasil. Caso contrário, as previsões não são tão animadoras, nem tão otimistas, não é Yaskara?”

Marcia Guelpa: “Meu cartão de natal foi uma foto de uma mulher embaixo de uma tenda cigana, eu escrevi assim em cima: imaginem um povo que não tem um espaço para morar, não tem documento, não tem conta em banco, não tem carteira de trabalho, não tem absolutamente nada. Bem vindo ao povo de acampamentos ciganos. Mesmo assim, com toda essa tragédia, nós desejamos feliz natal e um próspero ano novo. Eu acho que nós somos um povo em extinção.”

Narrador: “E se agente for parar para pensar não parece tão difícil alcançar esse Brasil capaz de tratar sua diversidade com a dignidade que merece. Perly Cipriano sabe disso e tem certeza que os ciganos já deram sinais do caminho a ser seguido.”

Perly Cipriano: “Eles repetem muito, a minha terra é o meu planeta, meu teto o universo e a minha religião é a liberdade. Você encontra às vezes com a comunidade, bastante pobre, de ciganos e quando conversa com eles, falam eu tenho tudo aquilo que eu preciso para viver. Porque ele está caminhando para ser tratado com respeito e dignidade, é só isso que eles querem, ele não exigem muita coisa.”

Canto: “Minha vida é andar por esse país, para ver se um dia descanso feliz, guardando as recordações das pedras onde passei, andando pelos sertões.”

EPISÓDIO nº 4: Os nômades do Sul: Vida cigana em Santa Catarina...

Narrador: “Guaramirim Norte de Santa Catarina é na entrada dessa cidade de colonização alemã com trinta mil habitantes que um grupo de ciganos nômades do estado decidiu montar acampamento. Eles integram o clã dos *Calóns* e fazem parte de uma mesma família. Ao todo são sete barracas das quais cerca de trinta homens, mulheres e crianças convivem e lutam para manter as tradições herdadas de seus antepassados. O lugar fica as margens de uma rodovia de tráfego intenso, carros e caminhões passam rápido e muitos motoristas nem percebem que logo ali ao lado vive uma comunidade que poderia muito bem ter saído de um filme ou romance de época. Á

frente da tendas um banner com a tradicional bandeira verde, azul e vermelha identifica a área como acampamento cigano. Logo abaixo da bandeira uma cópia ampliada do decreto assinado pelo presidente da república instituindo o dia vinte e quatro de maio como dia nacional do cigano.”

...

Narrador: “Nossa reportagem é recebida por Rogério da Silva ou *Calón* Rogério como prefere ser chamado. Aos vinte e cinco anos ele é o presidente da associação do centro de referência cigano do estado de Santa Catarina. De chapéu preto e camisa de seda estampada é ao mesmo tempo atencioso e contundente ao falar sobre as dificuldades e esperanças de seu povo.”

Rogério: “O meu acampamento é nômade, eu nunca tive casa, nunca morei e nenhum de nós. É uma vida gostosa. Muitas pessoas pensam que um cigano anda de barraca porque ele quer. Não é porque a gente quer, já faz parte é o sangue, já foi Deus quem criou, essa é a vida da gente.”

...

Narrador: “Rogério conta que as sete barracas montadas em Guaramirim fazem parte de um acampamento maior de *Calóns* que segundo ele é obrigado a se dividir em grupos menores para evitar a perseguição das autoridades e a repressão policial. Um parte da comunidade está em Joinville outra em Blumenau e outra ainda no Paraná. Mas o líder cigano admite que o desejo deles é que pudessem conviver todos no mesmo terreno.”

Rogério: “Todo mundo junto porque é da família, a gente não matou, a gente não roubou no município. Dizem que cigano não paga imposto, quem paga imposto de nossos carros? São vinte e cinco carros, todo ano eu pago imposto, eu pago oitocentos de imposto, do meu carro, hoje meu grupo se divide muito por quê? As vezes ficam duas barracas para cá, quatro barracas pra cá, porque quando se fica como comunidade, no máximo doze barracas, até helicóptero da polícia vem. Né? Então a gente evita, a gente anda com cinco, três barracas já para a polícia não perturbar a gente. Quanto mais cigano mais barracas tem, mais a polícia vai complicar.”

...

Narrador: “Apesar da estratégia de dividir o grupo em acampamentos menores nem mesmo assim os ciganos nômades deixam de ter problemas na hora de conseguir uma

área para montar a suas tendas. Rogério cita como exemplo o próprio o momento em que chegaram ao lugar atual.”

Rogério: “Vi aberto cheguei e entrei, porque a prefeitura não quer atender e eu vou para onde? Não tem condição de ir. Fui na prefeitura, a prefeitura disse que ia arranjar um terreno para mim dois dias ele me pediu, dois dias de prazo, já fazem quinze dias e nada está desenrolado. Fui conversar com o juiz aqui na cidade, aqui uma juíza, fui conversa com a promotora. Porque a polícia militar aqui de Guaramirim invadiu meu acampamento com arma na mão, fiquei dormindo em baixo de uma árvore, com as coisas todas carregadas dentro do carro, fiquei dormindo do lado da árvore, sem barraca.”

...

Narrador: “A esposa de Rogério, Célia Galvão, ouve atentamente o relato do marido e reforça a indignação dele ao falar sobre os transtornos sofridos para montar acampamento.”

Célia Galvão: “Na chegada não tem água, para dar um banho nas crianças, elas querem uma água para tomar, a gente vai pedir e não dão, daí até ir buscar nos postos a água fica mais difícil.”

...

Narrador: “Resolvida a primeira parte, que é encontrar um lugar onde armar as barracas os nômades tem de conviver com a falta de infra-estrutura básica do terreno. O acampamento de Célia e Rogério carece de condições básicas para que as famílias possam ter um mínimo de conforto. Água, energia elétrica e banheiro, tudo precisa ser improvisado. O pai de Rogério, Luiz Motta, mais conhecido como, *Calón* Marcos, reclama de ter buscar água em postos de gasolina citados ao longo da rodovia, pelo menos duas vezes por semana ele e outros homens do grupo tem de levar os galões vazios em suas caminhonetes. E contar com a boa vontade de terceiros para que possam voltar ao acampamento com os recipientes cheios.”

Luiz Motta: “A água se a gente vai mandar vim a trazer do Estado, então a gente vai em um posto num lugar busca de carro mesmo através dos galões mesmo, ai traz para todo mundo, duzentos, trezentos litros de água, dá para uns quatro dias mais ou menos.

É o banho, faz a comida, faz tudo, aí quando tem um rio vai toma um banho, porque a gente não tem um chuveiro, uma instalação, não tem nada.”

...

Narrador: “Ao cinquenta e três anos de idade o *Calón* Marcos sempre morou na estrada, montando e desmontando a barraca em cidades do interior de Santa Catarina, Paraná, Rio Grande do Sul e São Paulo. Ele admite que nunca foi fácil viver se mudando de um lugar para o outro mas diz que nos últimos anos a situação tem ficado cada vez mais difícil.”

Luiz Motta: “Sempre em barraca, em nasci em barraca. Era até melhor do que agora viu meu amigo, tinha mais acolhimento, não tinha aquela coisa como hoje em dia. Hoje em dia tudo moderno, mas a coisa não era tão difícil como é agora. Se vai vender um cobertor, se você fala que é cigano, o cara já chama a polícia, fala que você roubou, entendeu? Se vai vender um travesseiro você não pode fala que é cigano, tem gente dos nossos faz um tacho uma coisa, e não pode fala que é cigano. Você faz um vestido você não pode fala que é cigano, tem que fala que é uma roupa gaúcha, e é a gente fica contra a gente, bota polícia tudo. Bota a caminhonete, eu sou cigano, estou vendendo um cobertor, estou vendendo uma panela, ah! Já vem a polícia e pronto, se a polícia pega você, não tem nota, eles tomam, o que você vai fazer? Você tem filhos para criar, você tem neto para dar de comer, o que você vai fazer? Agora eu vou chegar para o cara e vou fala: eu sou cigano, eu to vendendo uma panela, eu o cara: ih, vai andando, vai, vai, vai ... Já te bota os cachorros. Dai vota, nós tem título de eleitor mas não vale nada.”

Narrador: “O Experiente *Calón* ressalta que o preconceito é algo que os ciganos têm de conviver diariamente até na hora de fazer uma compra.”

Luiz Motta: “Você entra no supermercado, já o cara olha e diz para o outro, vai lá atrás. Você se sente envergonhado, a mulher já não pode entra com *incenso* (7` 32”) no supermercado, já entrou e tem um cara olhando lá, já fica de olho em você lá, que isso rapaz? Você não estava roubando. Sofrimento com preconceito é demais meu Deus.”

...

Narrador: “Dona Rose esposa de Marcos e mãe de Rogério faz coro as palavras do marido e diz que a intolerância contra o povo cigano vem de longe.”

Rose: “A vida toda foi assim, eu acho que é considerado que um animal tem mais valor do que um cigano, no Brasil, é triste, a gente chega as vezes não deixam a gente nem fazer comida, a gente vai chegando e vão fazendo a gente ir embora. Desde criança a gente passa essa luta na vida cigana, sempre sofrendo pelo mundo.”

Narrador: “Apesar de todas as dificuldades por que passam, Rogério ressalta que é importante para seu grupo manter o estilo de vida nômade, sempre viajando em busca de novas oportunidades de sobrevivência.”

Rogério: “É porque assim a gente é natural de Santa Catarina mesmo então o lugar nosso é aqui, a gente é nômade, somos vendedores, eu vendo colchas e travesseiros, vendo toalhas, eu fiquei cinco meses em Blumenau, ali acaba o cliente um pouco, porque acaba toda a mercadoria, daí a gente vai busca uma nova cidade e novos clientes, daqui um ano eu volto para Blumenau. A gente vive do comércio, vai de cidade em cidade, eu vou de porta em porta vende para as pessoas. Santa Catarina não está fechando espaço, já fechou, não tem onde o cigano bota a barraca mais.”

...

Narrador: “ Dona Rose reclama que boa parte da culpa pelo preconceito dos moradores contra os acampamentos ciganos se deve a grupo de pessoas não ciganas. De uma hora para outra decidem viver em barracas e costumam causar tumultos por onde passam. Os *Calóns* se referem a esses grupos como os forrozeiros.”

Rose: “Tem umas pessoas que armam a barraquinha igual a nós mas não é cigano e daí eles fazem muitos estragos para o cigano verdadeiro, eles começam a jogar pedra nos carros das pessoas, começam a quebrar a casa dos vizinhos e os vizinhos acham que a gente é igual a eles. Eles até entraram naquela casa lá ó, pularam a cerca, sem ordem de dono, para pegar água veio a polícia e bateu neles. Não pode ser assim né? Dai o cigano bom vai pagar pelo ruim.”

...

Narrador: “Proprietário do terreno vizinho do atual acampamento em Guaramirim, o comerciante Jurici Vieira, diz que pelo menos por enquanto não tem nada a reclamar da convivência.”

Jurici: “Para esses que estão ai no momento eu não está tendo problema, pela vizinhança que a gente tem informação, para outros menores que vem aqui, ficam uma semana e deixam muito sujeira e incomoda a vizinhança. Mas está sendo tranquilo eles vem conversa com a gente, eles sabem que são odiados, sabem que as pessoas desconfiam deles, mas eles são educados, eles sabem que tem esse preconceito contra eles. Essa é turma maior que veio até agora, foram esses ai. São uma barraquinha duas, mas não demora, porque vem a polícia e já manda embora.”

Narrador: “O dia começa cedo no acampamento cigano, com os primeiros raios de sol, pouco a pouco os *Calóns* deixam as barracas e começam a se preparar para mais uma jornada. As mulheres tem papel importante no grupo. São elas as responsáveis, por exemplo, pelo preparo das refeições ao longo do dia, que segunda Célia Galvão, não difere daquelas tão comuns na mesa dos *gajons*, como são chamados os não ciganos.”

Célia Galvão: “De manhã é o café com pão né? Leite das crianças, daí meio dia almoço, arroz, feijão, uma carne, salada. Às três horas têm o café também com pão, e daí a noite a janta, é igual.”

...

Narrador: “Além de fazer a comida as mulheres têm a responsabilidade de manter a organização da barraca, lavar as roupas e pendurá-las no varal, enfim, cuidar para que nada fique fora do lugar. Nesse serviço diário uma atenção especial é dada a limpeza das painéis, exibi-las perfeitamente areadas, brilhando ao sol, é um orgulho para as *calíns*, as mulheres ciganas. Trajando um vestido amarelo de rendas verdes, como a que reafirmar sua condição de legítima cidadã brasileira, dona Rose fala sobre o trabalho doméstico no acampamento, sem interromper o preparo do jantar que a noite vai servir para a família.”

Rose: “Fazer uma carne de boi, um arroz, uma salada. Cada barraca faz para a sua família, aqui é o meu marido, o Rogério e a esposa dele, o meu filho, cada um na sua barraca, mas quando vai ter festa, daí é tudo junto. E o cigano é assim: se uma família nossa vim de Blumenau ou de Joinville a gente faz a comida para todo mundo comer junto. Já é o costume cigano, graças a Deus não falta.”

...

Narrador: “Em dois mil e oito a matriarca do acampamento recebeu um prêmio de cultura cigana, em dinheiro, graças a sua habilidade para confeccionar vestidos e outras roupas típicas de seu povo. Um ofício que Dona Rose aprendeu ainda criança.”

Rose: “Nós fazemos esses vestidos na mão, é tudo na mão, quando vai sair casamento, vestidos de nove metros, quinze metros, a gente faz tudo na mão, já vem dos antepassados, a gente não gosta de usar outro tipo de roupa, já vem desde criança usando essas roupas, quando a gente morre já deixa os pequenininhos nosso usando a mesma roupa.”

...

Narrador: “Outra tradição que as *calins* de Santa Catarina mantêm é a leitura da sorte nas linhas das mãos. Para elas trata-se de um talento concedido por Deus. Na prática representa também uma importante fonte de renda para o grupo, porém Célia Galvão disse que desde que chegaram em Guaramirim as ciganas de sua família tem evitado sair para oferecer esse serviço aos moradores locais. Elas temem a repressão da polícia, por isso quem quiser saber o que o futuro lhe reserva vai ter que ir pessoalmente ao acampamento *Calón*.”

Célia: “Aqui eu não sai para ler mão ainda, porque a gente sai na rua tem os policiais, tem preconceito. Não deixam. Só na barraca, se vierem procurar nós lemos, vem aqui, procura e nós lemos, na rua não sai. É dez reais, cinco, mais sobre casamento, amor, sobre a vida também, mais mulher.”

Narrador: “Dona Rose afirma que aprendeu a leitura das mãos com sua avó, e que tem procurado passar esse conhecimento para as mulheres mais novas do grupo. Entretanto desde que começou a frequentar a igreja evangélica a *calín* diz que enfrenta um dilema pessoal a respeito do ofício.”

Rose: “Antes eu gostava muito de ler mãos, mas de uns tempos para cá eu tenho ido na igreja evangélica, e na igreja evangélica eles não aceitam. A gente não aceita, mas eles acham que é errado, continuamos indo, essa tradição a gente não pode perder nunca né? Porque isso já vem dos avós, como é que a gente vai deixar uma coisa que já vem dos antepassados? Porque a gente não é assim bem evangélico, mas a gente vai sempre na igreja, então vai seguindo o mandamento da Bíblia.”

...

Narrador: “ O *Calón* Marcos costuma acompanhar sua esposa aos cultos evangélicos, mas ele lamenta que a família não pode ir toda reunida à igreja. Pois alguém sempre tem de ficar tomando conta do acampamento.”

Luiz Motta: “Como é que o barraquinho sozinho se deixar sozinho quando você voltar não tem mais nada. Se já tem nada na vida mesmo o cara vai levar um botijão de gás, uma televisãozinha tua, vai fazer falta para nós isso aí. Tem sete ciganos, cinco vai e dois ficam tomando conta, a gente crê muito em Deus, e a parte evangélica ajuda nós também se livra de todo mal.”

Narrador: “Mas não é só de cultos e celebrações religiosas que os *Calóns* catarinenses gostam não, como todo bom cigano eles também adoram se reunir em festas que se estendem por vários dias. Marcos lembra, contudo, que atualmente até mesmo essa tradição tem se tornado cada vez mais difícil de ser mantida.”

Luiz Motta: “O negócio de dança, brincar, nossa alegria em comer carne, bebida a vontade, nosso gosto seria botar duzentas famílias ciganas para fazer uma festa. Mas você não pode botar mais que dez barracas, e para botar só sete barraquinhas para fazer uma festa tem que pedir autorização para as autoridades, aí os caras falam: olha seis horas da tarde parou. Só que nós não somos como aquelas pessoas que fazem uma encrenca, tem uns que faz e nós não fazemos.”

...

Narrador: “A Associação do Centro de Referência Cigana de Santa Catarina, presidida pelo *Calón* Rogério tem procurado se articular com diferentes órgãos públicos e privados no intuito de garantir melhores condições de vida para os ciganos do estado. Rogério costuma viajar à Brasília e a outras capitais do país para participar de eventos relacionados à questão cigana. Atualmente, um dos *Calóns* nômades.”

Rogério: “A escola eu pretendo, ela vai funcionar só dentro do estado de Santa Catarina, onde tem um acampamento cigano eu vou levar a escola no meio do acampamento cigano, vou deixar a van lá, onde as crianças do acampamento vão estudar nela. Vai ser uma van equipa com dois notebooks, onde vai ter uma televisão lá dentro, vai ter um DVD para os próprios ciganos fazer um filme, e passa ali. Onde vai

ser uma escola para alfabetização, capacitar uma cigana, um cigano professor, vai melhorar bastante e tendo uma van vai melhorar cem por cento. Já consegui patrocínio do Banco do Brasil, já consegui dos empresários a doação dos notebooks, já consegui a doação de uma câmera, e vou correr atrás de mais coisa, a Associação melhorou bem.”

Narrador: “Sua esposa Célia confirma a dificuldade de manter uma criança cigana na escola tradicional. Para ela a unidade itinerante vai contribuir para que os meninos e meninas dos acampamentos ficam mais motivados a frequentar as aulas.”

Célia: “Eles não gostam das escolas assim, ele queriam uma escola no acampamento cigano. Porque eles sabem que tem muito preconceito, xingam eles de ladrão e ficam colocando apelido. Uma vez estavam xingando as crianças ciganas porque não queriam que uma menina cigana entrasse na escola de vestido. Na nossa tradição não permite usa calça. Foi em Blumenau, e daí a professora não queria que ela fosse de vestido, nós fomos reclama e daí ela não foi mais estuda, e parou de estudar.”

Narrador: “Aos quatorze anos, Sebastião Junior, o Juninho como a família lhe chama, cursou até a quarta série do ensino fundamental, mas o jovem *Calón* disse que abandonou a sala de aula por não gostar de frequentar as escolas dos *gajons*, como eles se referem aos não ciganos.”

Sebastião: “Eu comecei a estudar em Blumenau, não to indo mais, não gosto muito de estudar, é porque é da raça de vocês assim sabe? Mas gosto mais da nossa união, porque nós se trata diferente. Nós chegamos na escola e os caras começam a nos chamar de cigano sabe? Nos tratam mal, o professor, os alunos, então a gente não tem muita intimidade com a escola. Eu tenho bastante caso, começa maltrata nós, começam a chamar de cigano, falam que cigano rouba muito, que rouba criança, ai eu não quis mais ir para a escola, queria mais estuda entre a nossa família, ter uma escola de ciganos.”

Narrador: “Coordenadora de diversidade, temas transversais da Secretaria de Educação de Santa Catarina, Maria Benedita Prim, a Benê, diz que a intenção do governo estadual é desenvolver uma estratégia de inclusão dos jovens ciganos nas escolas. Segundo Benê, o órgão já se reuniu com lideranças ciganas locais que reivindicaram a formação de

professores nas próprias comunidades para que eles possam ter aula com alguém de seu grupo.”

Maria Benedita Prim: “Segundo eles tem que ser alguém da comunidade, que tem que ser formado para dar aula, porque dessa forma não vai ter atrito entre os moradores e entre o chefe, o chefe deles, e também essa pessoa já conheceria a cultura e o costume desse povo. Então se tornaria muito mais fácil a aceitação, e a educação estaria de acordo com aquilo que eles pleiteiam.”

Narrador: “Benê ressalta que essa é uma solução de longo prazo, uma vez que exige formação pedagógica de nível superior. Ela conta que o Estado já tem uma experiência semelhante a essa, porém voltada para as comunidades indígenas, e que estender a medida para os ciganos demandaria o envolvimento do Governo Federal.”

Maria Benedita Prim: “Para a gente ter essa formação de alguém da comunidade o que nós conversamos é o seguinte: tinha que ter é algo já vindo de uma política do governo federal com parceria conosco para fazer o que nós fizemos com os professores indígenas. Porque tu sabe que existe um projeto para formação de professores indígenas, aqui em Santa Catarina nós temos três comunidades indígenas, *Kaingang*, *Xokleng* e *Guarani*. Então ficou um processo de três a quatro anos formando professores da comunidade, saíram formado já na pedagogia e enfim. Todos direcionados para as comunidades que ele vai atuar, então esse é nosso desejo também com as comunidades ciganas.”

Narrador: “Enquanto não se chega a um entendimento final sobre a formação de professores ciganos a coordenadora diz que a Secretaria de Educação está promovendo um esforço de conscientização das comunidades escolares para que estudantes professores e também os pais dos alunos saibam conviver com os diferentes grupos étnicos do estado.”

Maria Benedita Prim: “A gente tem todo um outro trabalho sobre isso agora nas temáticas étnico-raciais, sobre bulling, que são coisas que a secretaria está trabalhando para uma sensibilização e uma conscientização de toda a escola e de toda a comunidade para receber todos os alunos. A Secretaria da Educação está com uma política de leitura

na escola e de compra material didático pedagógico inclusive para apoiar a diversidade de temas transversais, a secretaria comprou livros ano passado e nesse. Não foi comprada na temática cigana porque nós não encontramos, nem no estado nem fora do estado. Nós fizemos uma pesquisa em todas as editoras que vendem livro didático, ninguém tem nada escrito sobre ciganos.”

Narrador: “A cerca de cinquenta quilômetros do acampamento de Guaramirim em um terreno baldio na periferia de Joinville encontramos acampada a família de Valdeci da Rocha, conhecido como Verci, havia dois dias que ele estava no local, vindo do interior do Paraná, junto com a mulher e os filhos.”

Valdeci: “Fazia uns trinta dias que estava lá e uns caras mandaram embora, o dono do terreno, e dai vim para cá, fazem dois dias, não sei se vai vir amanhã e vai tirar nós de novo. Então estamos esperando ai, nós quando chega em um lugar e monta a barraca todos dias já fica de olho, em nós, fica de olho, e ai já vem tirar nós, e não quer que fique naquele lugar, ai tem que ir para outro lugar e no outro lugar acontece a mesma coisa. É difícil, de cem por cento, dez cidades que nós ficamos conseguimos ficar trinta dias, mas a maioria a polícia tira nós do lugar.”

Narrador: “Assim como o primo Rogério Verci mantêm o estilo de vida nômade pelo sul do país, vendendo colchas, tapetes, cobertores e outras peças de enxoval. Quando chegou a Joinville com sua família, encontrou já montada no terreno outras duas barracas tendas de ciganos como ele, porém pertencentes a outro grupo, os dos *Roms Kalderachi*.”

Valdeci: “Eu vim para cá, cheguei e já estava as duas barracas ai, eu já conhecia o irmão deles, ai eu fiquei aqui com meu sogro, ai eles disseram: querem ficar ai fica, não sei se a polícia vai tirar porque faz dois dias que estamos aqui, ai já foram embora, não sei se foi por causa da minha chegada ou o que é. Os amigos velhos não andam junto, só andam junto quando se encontram, a vida deles é a mesma nossa, é sofrida que nem nós, é o mesmo tipo, a barraca à a mesma, a convivência é a mesma, o trabalho é o mesmo.”

Narrador: “Calejado pela vida nômade, Verci a exemplo de outros ciganos em Santa Catarina reclama da discriminação que sofre cada vez que chega em um lugar para

montar acampamento, ele protesta especialmente contra a truculência das abordagens policiais.”

Valdeci: “Em primeiro lugar eles chegam inspecionando nossos carros, eles pensam que o nosso carros é roubado, mas nosso carro é tudo carro quitado, carro que não foi ganhado fácil, foi ganhado sofrido, e a pessoa que vende as coisas e ganha bem tem que ter um carro com também. Dai em primeiro lugar queria ver os documentos do carro, documento da família, documentos nossos, revistar a barraca, perguntar o que que vende, querem ver o que tem dentro da barraca e tem que deixar revistar, acha que o cigano vai chega e vai roubar e vai matar, e fazem as coisas e não é nada disso.”

Narrador: “Ana Jorge, a *Kalderachi* vizinha de barraca de Verci no terreno de Joinville também relata as dificuldades encontradas para conseguir condições mínimas para manter a vida no acampamento. A área fica ao lado de uma igreja e Ana reclama da pouca receptividade que teve no local.”

Ana: “Tem gente que vendeu as casas e está alugando as casa para morar, tem gente que gosta de morar assim na barraca, mas é uma necessidade, dai o vizinho ali muito bom deu luz para nós, está dando para nossas barraquinhas luz. A gente vai e paga, nós não queremos nada de graça, nós não somos gente pobre, a gente vende mercadoria, vende nossas coisas, a gente ganha nosso dinheiro não pede esmola, nós não pedimos nada na rua, e se a gente lê a sorte é um dom que Deus deu para nós, lê a sorte quem que, quem não que não lê, não é verdade? Se a gente vende uma coisa por dez a gente quer ganha cinquenta, mas rouba não. Eles não gostam de cigano, tem gente que pensa que cigano é a gente melhor do mundo, que cigano não rouba nada de ninguém.”

Narrador: “A cigana Ana Jorge adiantou que sua família não iria permanecer muito tempo acampada naquele terreno, pois segundo ela o que seu grupo prefere mesmo é viver no conforto de uma casa de alvenaria.”

Ana: “Nós queremos uma casa, porque o que a gente faz numa tenda? Eu não gosto de barraca, eu gosto de casa. Eu estava agora em uma casa, a gente paga seiscentos, setecentos de aluguel, mas a gente saiu de lá porque morreu minha mãe, não tem mais condição, não tem mais como fica lá, daí eu peguei e a gente está voltando para

Ribeirão Preto, São Paulo, daqui uns dias nós estamos voltando, a gente aluga uma casa lá com uns parentes e fica lá.”

Narrador: “Sentado a frente de sua barraca, vestindo uma camisa de seda preta e ostentando anéis e relógio de ouro, o *Calón Verci* afirma que se quisesse até teria condições de comprar uma casa e abandonar a vida nômade mas ressalta que não é esse o futuro que deseja ter.”

Valdeci: “Se for para ter uma casa eu tenho capital para ter uma casa, mas porque nós queremos uma casa? Nós nasci para viver no mundo, cidade por cidade, nós temos que viver nesse estilo, se quiser compra uma casa de cem milhões eu tenho condição, mas eu vou compra uma casa eu não vou conviver só naquele lugar, eu nasci para ficar trinta dias em um lugar, trinta dias em outro, vinte em outro, viver a vida cidade por cidade, agora não posso quebrar minha tradição.”

Narrador: “Verci diz que sonho com o dia que os ciganos conseguiram reunir todos os prefeitos dos municípios de Santa Catarina para que pudessem falar diretamente a eles sobre as reivindicações de sua comunidade.”

Valdeci: “Eu esperava assim que um dia que marcassem uma reunião lá em Florianópolis convocar todos os prefeitos de Santa Catarina, todos os prefeitos, trazer na câmara dos vereadores e explica para os prefeitos o que o cigano merece, que o cigano pode chega e fala em uma prefeitura e fala com o prefeito, e o prefeito arrumar um lugar, nesse lugar ter um banheiro, um lugar vago para o cigano botar a barraca, dai ele pega um lugar que é próprio para circo para parque, para cigano para índio, e ai nós chegamos lá e armamos a barracas, arrumamos um banheiros para os ciganos, uma água para o cigano, uma luz para o cigano, eu ia conversar com as pessoas, e dizer: olha, todos os prefeitos estão me assistindo e se eu chegar na cidade eu não estou chegando para roubar, não estou chegando para matar, eu quero vender minha coisas e quero fica trinta dias naquela cidade. Eu quero que os prefeitos entendam que eu preciso daquela cidade para ficar trinta quarenta dias. Ai depois eu saio e vou para outra cidade, e falo com o outro prefeito que está me assistindo ai, me dá um lugar para fica mais trinta, quarenta dias, para viver minha vida, para viver dos meus filhos.”

Narrador: “A articulação com as autoridades e órgãos públicos do Estado é um trabalho feito em caráter permanente com a Associação do Centro de Referência Cigana, presidida por Rogério Silva, ele que também participa do Conselho da Igualdade Racial do município de Florianópolis diz que são mais de cinco mil ciganos vivendo em Santa Catarina, a maioria já com residência fixa em alguma cidade. Nômade ou sedentário o *Calón* considera fundamental que os ciganos despertem para a necessidade de ocupar seu espaço na sociedade, pois entende que só assim poderão sumir as rédeas de seus próprios destinos. Na opinião de Rogério, os brasileiros ainda não tem consciência do que exatamente seja o povo cigano”.

Rogério: “Você chega no município, onde tem um conselho municipal, você vai ficar seis meses na cidade, você vai lá na câmara dos vereadores você quer ocupar aquela cadeira não pode, porque diz que tem cigano ocupando. Você vai ver quem está ocupando a cadeira, é uma pessoa do centro espírita que está ocupando, ele acha que ele é cigano. A gente não é contra o espiritismo, jamais vou ser contra, muito cigano é espírita. Só que a gente quer o que? Cigano é cigano eles acham que ser cigano é religião, cigano não é religião, cigano não é tradição, cigano é uma nação dentro de outra nação meu homem do céu. Se quer religião tem liberdade, se quer Iemanjá vai, se quer frequentar o centro espírita ele vai, se quer ir em uma igreja católica ele vai, a gente não tem religião definida, é liberdade.

Narrador: “E é assim, como cidadãos do mundo, de coração e almas livres, e mantendo o pé na estrada que *Calóns* de Santa Catarina seguem sua vida, percorrendo caminhos intermináveis para continuar sendo o que sempre foram: ciganos, brasileiros, nômades do sul do país.

5 - Os ciganos em São Paulo: As linhas do futuro e a herança do passado.

Narrador: “Em São Paulo o antigo e o novo estão de mãos dadas, o futuro e a herança dos séculos passados caminham lado a lado. A cidade aberta e cosmopolita é um eldorado para quem vem de todos os cantos do Brasil. Uma terra de esperanças, desigualdade, oportunidades e contrastes, o coração financeiro do país. No centro o Viaduto do Chá, em frente à prefeitura, é um bom retrato dessa cidade única, a atração turística já serviu de cenário para filmes, novelas, programas e propagandas. Entre o

asfalto da avenida e o parapeito de aço disputam espaço os pedestres com pressa, carros engarrafados e toda sorte de gente vendendo algo, ambulantes, artistas, esotéricos, e ciganas analfabetas, por alguns poucos trocados leem o destino nas mãos estendidas. A pouco mais de 30 km dali, na periferia de Embu das Artes, há quase quatro anos mora uma comunidade de ciganos que ainda sobrevive à moda antiga. De barba, chapéu de feltro, botas de couro, camisa amarela e dentes de ouro, o capitão do acampamento, Francisco Soares ou simplesmente Chiquinho, mantém a vida nômade, tradição de criar cavalos e fazer rolos, como são chamados os negócios que garantem o sustento da família.”

Francisco Soares (Chiquinho): “Faz muito tempo que eu conheço aqui, sabe o que é... Tapicirica da Serra, Branca flor o Embú, já tem mais de 14 anos que conheço aqui. Já faz uns três anos que to aqui, sai só uns cinco méis pra fora depois voltei. A região aqui de São Marco, Bangu. Então a gente pego veio o pra cá e acostumo aqui mesmo, São Paulo, já comercei. Mexe com rolo de cavalo, vendo porco, vende vaca, e os outros vende marqui vende cordaozim. Então cada um trabalha com um tipo, mexe com cavalo, porco, boi, faz negocio, compra a charretinha veia vende aqui vende ali. Então faz negocio assim.”

Narrador: “De longe, do alto do vale, é possível ver lá embaixo as dez barracas de lona preta, azul e laranja decoradas com panos coloridos, cobertores empilhados, eletrodomésticos e panelas reluzentes expostas na frente da casa, cavalos e vacas pastam pelos montes ao redor. Cachorros, porcos e galinhas andam entre as tendas e varais. As crianças brincam em meio aos tufo de mato, e os homens e mulheres conversam sentados em cadeiras de plástico. Cada barraca paga R\$70,00 reais por mês para permanecer no terreno, com direito a água e eletricidade. No domicilio coletivo tudo é permanentemente improvisado, o emaranhado de fios expostos, os baldes de água cobertos com panos de prato e o banheiro no canto afastado do lote. Mas, a aparente paz esta com os dias contados, este será o ultimo natal do grupo na área. No fim do ano os ciganos terão deixar o espaço para dar lugar a um hipermercado. A imagem impressiona quem se aproxima as obras de aterro e drenagem para a construção do empreendimento na parte de cima, põe em risco o acampamento lá da parte de baixo. Do alto os caminhões despejam areia e pedra na parede da encosta de aproximadamente 50 metros, no chão já deslizaram pedaços de rocha, galhos e também

muita terra. A dona do terreno, Maria do Socorro, vive no lado oposto do declive em uma casa de alvenaria sem pintura. Mesmo longe da área de risco ela teme pela segurança dos inquilinos.”

Maria do Socorro: “Essa obra tem já uns oito meses, é mais isso ai é do hipermercado, não é minha. Daí eles vão construir um hipermercado. Eu to preocupada porque pode desliza né? Ai se deslizar mata os cigano tudo. Eles pediram pra eles trazer as barraca pra frente. Eles não tão querendo mudar as barraca pra frente, tão insistindo em ficar lá.”

Narrador: “Os donos do lote trabalham com um deposito de material de construção. Com as vacas que pastam, os não-ciganos, chamados de brasileiros pela comunidade *Calón*, reforçam o orçamento com a venda de leite e queijo na cidade. A filha da proprietária Regiane Rodrigues expõe o choque cultural com os vizinhos. Mas admite, que apesar do preconceito inicial, a relação é cordial e respeitosa”.

Regiane Rodrigues: “Eles tem um líder e todos obedecem esse líder. Assim se o líder falar é isso é isso, é aquilo é aquilo. Todo mundo obedece. Uma convivência muito boa. As nossas crianças e as crianças deles brincam junto, convivem muito bem. Não tem problema.

A pessoa tende a ter um preconceito com o que não conhece né? A gente também quando eles vieram aqui agente ficou assim... Nossa, meu deus e agora? Deixa porta trancada? a janela trancada?; mas não. Não tivemos problemas. Deixa a porta aberta, ninguém mexe em nada, respeitam bem o espaço da gente.”

Narrador: “O líder do acampamento já tem um novo pouso em vista, desta vez uma casa com quintal para abrigar o resto da família. Ele pretende embalar os pertences e deixar o terreno no inicio de 2011. Chiquinho explica que o capitão tem a função de garantir a segurança do grupo, guiar a família e estabelecer as regras do acampamento. Entre as suas responsabilidades, também esta a estabelecer a política de boa vizinhança com as autoridades locais.”

Francisco Soares (Chiquinho): “Aqui quem comanda essa área aqui, quem comanda essa família aqui é eu. Ai, sempre eu comando a família. Cada grupo de cigano tem um

chefe que comanda. A resposta pra rapaziada não fazer bagunça. Eles têm que obedecer. Então é isso, obedece faz tudo certo. Sabe que não pode dar dor de cabeça pó dia de amanhã pro seu responsável, pro capitão. Senão pro dia de amanhã da dor de cabeça.”

Narrador: “Com seus enfeites e vestidos em cores e tons vibrantes as mulheres chamam atenção de quem passa, e dão vida ao acampamento. Além de cuidar das crianças e da casa, elas são especialistas na *buena-dicha*, antiga arte de interpretar as linhas da mão. De saia comprida cor de laranja e casaco vermelho Adriana Jorge leva o filho enganchado no colo, e diz que aprendeu o ofício ainda jovem, ela conta um pouco da sua rotina marcada pela desconfiança e pelo preconceito.”

Adriana Jorge: “Com minha mãe, daí isso vem de tradição por tradição. Daí se vai aprendendo assim ler a mão. Todo dia nois vai na cidade ler a mão. É ali mermo perto do Lago 13, nois sai daqui oito horas ou oito e meia. Ai nois fica lá até três hora. Tem muita gente que lê, mas tem muita gente que não lê, que ignora, gnora de nois, num gosta né, num credita. Já tem muita gente que credita, nois já tem o ponto fixo de ficar, ai nois fica lá. O que tiver marcando a mão a gente conta, o que não tiver marcando a gente num conta. Diz da vida da pessoa, diz muita coisa. Cinco real.”

Narrador: “Enquanto dá a entrevista, Adriana abre um sorriso e mostra seus dentes de ouro. Em seguida o repórter curioso pede que a cigana revele sua sina. Debaixo de uma tenda ela estende a palma de uma mão na outra o gravador ligado registra a voz cantada com as boas novas.”

Adriana Jorge: “Oia! Tu tem a tua vida muito cumprida. Tu tem teu coração muito amoroso. Tu vai durar muitos ano de vida. Um pouco nervoso, pensativo, amolado, aborrecido, mas num estante passa. Amigo dos teus amigo, poucos amigo você acha. Marca aqui uma linha de casado um de solteiro, casado ou solteiro?”

Repórter: “Casado”!

Adriana Jorge: “Casamento de esposa, de gosto e de prazer. Marca aqui na parma da tua mão. Ela te ama, ela te gosta ela não te troca por ninguém não. Ta marcando aqui, que nesse emprego que você trabalha tem muito zoio grande quanto contra tua sorte e

quanto a tua felicidade. Ta marcando aqui na palma da tua mão que não tem nada de ruim pra se passar, companha a tua sorte a tua felicidade, tu vai ser muito feliz, tu vai te uma surpresa prô cê passa.”

Repórter: “Uma surpresa boa?”

Adriana Jorge: “É, uma surpresa boa. Se vai fica muito contente, muito satisfeito, tem nada de ruim procê passar. Você vai cê feliz.”

Narrador: “Acostumados a ler a sorte dos outros, os ciganos tem o destino traçado desde cedo. No geral os casamentos são acertados pela família quando os futuros noivos ainda são crianças ou adolescentes. As meninas e rapazes se casam cedo entre os 14 e 16 anos. As regras ancestrais parecem anacrônicas, fora do tempo ou do espaço, na São Paulo dos dias de hoje, mas continuam atuais no acampamento cigano de Embu. Os pais devem aprovar o casamento, a moça tem que ser virgem, antes das núpcias nada de carinhos, beijos ou abraços. Orgulhoso o capitão Chiquinho entregou a filha Luana Soares de 14 anos para viver com Igor soares, seu genro de 15 anos. A festa aberta aos amigos durou três dias.”

Francisco Soares (Chiquinho): “Ai combinemo. Deu tudo certo, e casou. Vêm um bucado lá de Vargem Grande, vêm um policiamento amigo meu, vêm tenente o cabo conhecido meu, os amigo daqui, que nois é bem conhecido aqui.”

Cigano vem bastante também, (inaudível) um bucado lá de Jabuticabal.

Só que nois fizemo bem feito né, se não... Fizemo bem arrumado, fizemo um barracão bem caprichado. Teve chopp pra todo mundo tomar. Teve um almoço, carne assada. Teve o baile a noite inteira. Então começou dia 18 foi parar dia 21. A turma tomando se divertindo. Ai dispois saiu o casamento. Teve bolo de noivado. É bonito teve bastante fogos. Teve mais de cem, umas duzentas pessoa.”

Narrador: “Logo depois da festa de casamento, a filha se mudou para viver com o noivo para Guarulhos no bairro dos Pimentas. Devido às obras do hipermercado o acampamento cigano perdeu o espaço e alguns integrantes da família tiveram que se mudar para uma invasão em um morro a poucos quilômetros do terreno original. Nossa

reportagem foi conferir, e conversou com o *Calón* Renato Nogueira, responsável pelas sete barracas montadas no lugar.”

Renato Nogueira: “Tava lá em baixo, tava lá embaixo e passei pra riba, é por causa que aquelas terra tava enterrando e não tava cabendo ninguém. Foi por isso que passemos pra riba. Não pediram licença não, foram chegando e metendo a maquina, aí ficamos com medo e viemos pra cá.”

Narrador: “Mesmo com as dificuldades, Renato Nogueira não maldiz seu destino ou reclama da vida precária que leva em Embu. A antiga paixão de criar e vender cavalos ainda corre no sangue, permanece no imaginário e garante o pão de cada dia. Mas se na idade média os ciganos abasteciam os nobres em mercados e feiras, hoje o público é formado por carroceiros, fretistas e catadores de lixo.”

Renato Nogueira: “Mió, pra negocio é mió. Comercio com cavalo é mio pá sai, o animal aqui é bom. Ai depende o que traz o que sai, a gente traz 15 vende traz 20 vende o que traz. Agente vai ali pra Campo Limpo, nois busca ali no campo limpo, nois compra lá e traz pra cá, da pra tira um lucrim bem já.”

Narrador: “Com uma doença sem diagnóstico na perna, Renato caminha com dificuldades, com a ajuda de muletas. Mas desistiu de procurar atendimento médico, ele justifica que os ciganos encontram resistência para marcar consultas nos postos de saúde, pois não tem endereço fixo nem documentos de identidade ou carteira de trabalho. No mesmo acampamento um menino de nove anos com hipertensão e problema nos rins também necessita de cuidados especiais. Ingrid Ramanush vice-presidente da embaixada cigana, ONG criada para representar a cultura cigana no Brasil, acompanha o caso desde quando a família do pequeno *Calón* vivia em Campo Limpo, distrito da Zona Sul da capital. Ingrid que faz parte do clã *Sinti* explica que os hospitais públicos não estão preparados para lidar com os ciganos nômades que moram em acampamentos. Segundo ela, somente quando o caso da criança se agravou eles conseguiram uma vaga no pronto socorro.”

Ingrid Ramanush: “E agora a criança tá fazendo hemodiálise, e vai fazer um transplante. Segundo o que ela me falou né? Mas assim, precisou chegar numa situação crítica para conseguir o atendimento, porque posto de saúde fica logo a cima do

acampamento não atende”. A última vez que estivemos no acampamento, eles estavam com a receita médica com os medicamentos para ser retirados no SUS. Eles iam lá no posto sempre falavam que não tinham. Ai eu peguei a receita e disse: deixa eu ir lá tentar. Ai cheguei no posto apresentei meu RG e a receita e eles me deram o medicamento, então da para perceber que é o preconceito mesmo. Vê que é cigano, já fala.. ah! Não tem. Vai embora. Principalmente pelo fato também, deles não terem também um documento.”

Narrador: “Outro problema grave nos acampamentos é o analfabetismo. Segundo o senso do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE, cerca de dez por cento da população nacional não sabe ler nem escrever. Mas, entre os ciganos a situação é bem pior, a secretaria especial de direitos humanos estima que ate noventa por cento deles sejam analfabetos. Em Embu, adultos e crianças não frequentam a escola. Ingrid Ramanush reconhece que os ciganos nômades têm dificuldades de matricular seus filhos no colégio, ela lembra que mesmo quando a inscrição é possível, as crianças são discriminadas nas salas de aula.”

Ingrid Ramanush: “Muitas vezes o que eles comentam com agente é que a escola fala que não tem vagas, que não da para colocar. Mas, quando consegue colocar a criança cigana na escola, ai tem aquela coisa né? Que é comum até nas escolas, de ficar tirando sarro um do outro, pela pessoa ser diferente, e acaba não conseguindo continuar porque a perseguição fica muito grande das próprias crianças. O modo de viver a cultura é bem diferente né?”

Narrador: “Há dezenas de outros acampamentos ciganos como estes espalhados por São Paulo. Distante cerca de 50 km de Embu, em São Bernardo do Campo, no ABC paulista, os *Calóns* também estão abandonados à própria sorte. Há oito anos estalados no jardim Silvina, as margens da rodovia Anchieta, os moradores estão prontos para levantarem as tendas coloridas e voltar para estrada. Será a primeira mudança sem o velho líder, Capitão Oripe que morreu no final de 2009. Segundo a tradição a comunidade fez uma fogueira e queimou todas as lembranças do antigo chefe, como sua tenda e também suas roupas, pelo resto da vida a viúva Otelina Mendez ficara de luto. A prefeitura pediu a desocupação do lote em que eles estão há tanto tempo. Em troca ofereceu ajuda no aluguel de um novo terreno. O ambiente que era antes embalado por som de forró e por churrascos nos fins de semana, agora é incerto,

precário. As tendas agora dividem espaço com trastes e entulhos despejados. Entre as barracas as crianças convivem com cachorros, mosquitos e o esgoto a céu aberto. Em meio a esse cenário, de vestido azul e rendas cor de rosa, adornada com pulseiras, anel e colar a cigana Luana Ferreira diz que as mulheres que ainda restam no acampamento se dedicam a ler a sorte pelas ruas. Com apenas treze anos, Luana revela que nunca frequentou a escola, e não tem esperança de uma vida melhor no novo endereço sem o avô.”

Luana Ferreira: “Nois tem o dom desde pequeno, nois aprende desde pequeno já. Foi com a minha avó, com a minha mãe. Da pra ver se tem alguma coisa de ruim, se alguma pessoa gosta dela, essas coisa. Depende se só for pra ler a mão é mais barato, cinco reias, agora é ruim se tiver alguns trabalho no nome dela ai é mais caro. Na Merechal (Marechal), em Diadema, em Santrandré (Santo André). Um pouco respeita, um pouco não, tem alguns que confia e algum que não. Cigano não prende a Lê e escreve não, muié não. Que cigano não vai na escola desde pequeno ele nunca foi na escola assim não. Eu já acostumei já, pra mim tanto faz, nois já viaja muito já. Nois paramo aqui, amanhã não vai ser. Cada dia que passa é pior, sente mais falta.”

Narrador: “O mundo masculino é diferente, Mauro Soares de 16 anos, explica que os ciganos vivem de pequenas transações, nas quais negociam de tudo como, carros, ferramentas e aparelhos de som, fazem escambo e revendem mercadorias compradas no centro de São Paulo. Também vendem animais como cachorros e passarinhos.”

Mauro Soares: “Nois faz rolo. Compra marquise vende marquise, vende furadeira,entendeu? Corrente. De vez em quando faz rolo de carro também, pega marquise sai vendendo no meio da rua, assim também, pro lado de Santo André, assim. Sai de perto assim pra vender, ai volta pra trás de volta quando vende alguma coisa. Na Sé, na Vinte e Cinco de Março sai pra compra lá: marquise, furadeira, lixadeira, e nois vende no meio da rua assim, por encomenda. Correntinha de prata também se compra pra vender. As mulhé vai lá, pro centro, lê a mão. Todas ela, desde quando as menina tem uns cinco, seis ano, bem pequenininha já aprendeu a lê mão, lê sorte. Ai toda cigana já sabe lê mão desde pequena, mas só as mulher, os homens não.”

Locutor: “No início de 2010 as mulheres do acampamento voltaram a se enfeitar, com vestidos novos, colares e pingentes para festa de casamento de Mauro e Chiara Bolsanelo. Os jovens inovaram ao tentar escrever o próprio destino, os dois se conheceram e decidiram se casar pela internet, mas receberam a benção dos pais para celebrarem a união. O matrimônio acabou poucos meses depois, diz Mauro Soares, ele garante que quando tiver filhos espera manter vivas muitas das regras de seus ancestrais.”

Mauro Soares: “Do jeito que nois viveu a vida, quando era pequeno, ele vai viver também do mesmo jeito. Ensina a fazer rolo tudo, comete coisa errada nem nada, começa a fazer rolo desde pequeno ele já. Tudo que nós faz aqui também vai te que fazer quando fica mais grande. Fui casado já, mas não deu certo, separei já, ela era cigana morava lá na Bahia, pai e minha mãe foram ela lá na Bahia. Busca ela pra mora aqui comigo aqui, ai não deu certo, ai separamo de volta.”

Narrador: “O cigano que *Calón* Daniel Rolin coordenador de projetos da associação de preservação da cultura cigana de São Paulo é ourives e conhecia o velho capitão de barbas brancas e e muleta. A morte de Oripe provocou em Daniel um mal presságio, para ele a tendência do acampamento de São Bernado é desaparecer.”

Daniel Rolin: “O acampamento ta fadado ao fim mesmo, a evaporar ali do local pelo seguinte: o local em si vai trazer muita tristeza pros ciganos, então automaticamente eles vão querer sair dali já. Parar de sentir tristeza, aquela falta que eles sentiam do que ali já não ta mais presente, e a consequência de ele também não estar mais ali é aquela parte de cuidar, de proteger, de interagir, porque assim as autoridades policiais, as civis, ali já quando tinha alguma coisa ali, relativo ao acampamento eles já iam direto procurar aquela pessoa. O responsável pelo acampamento, e uma vez que aquela pessoa já faleceu, eles não reconhecem o outro como a liderança, como o responsável. Acabou.”

Narrador: “Para tentar romper o preconceito e amenizar as dificuldades vividas pelos ciganos Nicholas Ramanush do clã *Sinti* criou e preside a embaixada cigana do Brasil. A ONG faz trabalhos sociais com comunidades de *Calóns* que estão acampadas, entre eles projetos de alfabetização e a distribuição de alimentos. Nicholas explica um pouco o trabalho da instituição.”

Nicholas Ramanush: “Nada mais é do que uma ONG que foi instituída, segundo o estatuto, com a intenção de resgatar, manter e difundir a nossa cultura. Então não é apenas resgatar e manter é como se fosse algo arqueológico, ou seja, um fóssil não, difundir. Justamente para que as novas gerações possam aproveitarem também o que é da nossa cultura, e pra que, os não-ciganos tendo acesso a nossa cultura, em fim essa possibilidade ajude a desmistificar e desmitificar alguns mitos que foram criados a respeito do que seja cigano, e criaram ai um preconceito que é complicado. Por exemplo: Tem gente ai que sem conhecer cigano detesta cigano, e diz que todo cigano é ladrão, que não presta que rouba crianças essa coisa toda. Tudo isso que nós fazemos, nós fazemos por ideal e em nome da cultura, pelo amor a nossa cultura, pra manter a cultura viva.”

Narrador: “Para valorizar os costumes de seus antepassados e acabar com a desconfiança mutua que existe entre *Calóns* e *gajons*, ou seja, entre ciganos e não-ciganos ele aposta na cultura. Recentemente Nicholas publicou o livro *Palavras Ciganas*, um vocabulário e gramática de *Romanis*, *Sinti* o idioma de seu clã, também organiza em escolas e parques públicos, o evento, “*A Rota dos Ciganos*”, com uma palestra interativa que esclarece as duvidas e curiosidades do público. O ponto alto são as apresentações de danças e músicas tradicionais, onde também canta versões de canções famosas traduzidas para o *Romaní*. Nicholas mostra uma de suas composições chamada *Lati Díli*. Nicholas Ramanush é sedentário, como são chamados aqueles que têm residência fixa e mora numa confortável casa em Santana - tradicional bairro na zona norte de São Paulo. Ele explica que diferentemente dos ciganos que estão em acampamentos precários, à comunidade dos clãs *Rom* e *Sinti*, que vivem em bairros nobres de São Paulo e mantém uma tenda no fundo da casa. Nicholas revela que costuma usar a barraca no quintal quando recebe amigos ciganos ou quer vivenciar na pratica suas raízes”.

Nicholas Ramanush: “É até engraçado a historia dessa casa, porque quando agente resolveu comprar a casa, para muitos a casa tem que ter banheiro grande, uma sala grande, para nos não, tinha que ter um quintal.. grande. Justamente para comportar as nossas necessidades já de tradição, que é justamente eventualmente uma fogueira, muitas reuniões que é o que nos fazemos com nossos amigos e outros ciganos e tal, realizados ao redor da fogueira. Aonde possamos levantar uma tenda para, um dia mais

gostoso ao invés de dormir dentro de casa, dormi dentro da tenda. E essa casa quando nos adquirimos buscamos exatamente isso, que fosse confortável, bem localizada, mas que principalmente tivesse um quintal bastante grande. E obvio não falta uma fogueira acesa, um bom papo, o violão, um bom vinho e bastante musica e dança, que é o que na realidade alimenta nosso espírito no dia-a-dia.”

Narrador: “O presidente da Associação da Preservação da Cultura Cigana do Estado de São Paulo, Farde Estephanovichil, da etnia *Rom*, também mora com a família em uma casa tradicional e trabalha em um bem estalado escritório no bairro de Vila Mariana, próximo a Avenida Paulista. Estudante de direito, Farde tem planos de fazer um concurso público para delegado de policia, mas, o sangue negociante ainda corre nas veias. Ex-vendedor de carros atualmente é dono do jornal, “*Mais Você*”, uma publicação que circula em alguns bairros da capital. Farde explica que muitos ciganos *Rons* são ricos comerciantes e moram em verdadeiras mansões em condomínios de luxo em bairros nobres, como o Alphaville em São Paulo, e Taquaral em Campinas/SP.”

Farde Estefanoviquil: “Uma concentração dos ciganos *Rom*, em Campinas, de ricos maior é lá? É. Principalmente no bairro do Taquaral ali. Hoje nós temos lá, mais ou menos catalogados, quase 2.000 famílias de ciganos *Rons*, e acho que entre 60% a 70% da comunidade cigana *Rom* em Campinas, hoje, são evangélicos não são mais católicos tá? Em *Romanés*, todinho o culto ministrado em nosso idioma, agora se a gente falar em condição de vida. É lógico que tem ciganos lá que tem um patrimônio maravilhoso. Mansões, carros importados, vivem em casas altamente de luxo. Se ele teve oportunidade no trabalho, um resultado positivo e hoje tem a possibilidade de ter esse luxo todo, parabéns. Tem ciganos *Rom* em Campinas que tem casas espetaculares, que já tive oportunidade de em várias e que, no fundo tem uma barraca e que recebem as visitas na barraca. Onde se faz o chá, em fim... tapete persa.”

Narrador: “Mesmo bem sucedidos profissionalmente, muitos ciganos preservam a cultura dentro de casa, mas preferem não revelar em publico as suas origens. É o caso de Manuel Georgyicovic, também da etnia *Ron*, filho de uma família de criadores de cavalos em Belgrado na antiga Iugoslávia, ele lamenta que ainda haja discriminação nos dias de hoje, e diz que o idioma falado pelo grupo, é usado para se proteger da intolerância.”

Manuel Georgyivic: “Ninguém praticamente sabe que eu sou cigano. Oh! Eu só digo que sou cigano quando eu já tenho um ambiente com a pessoa, depois que a pessoa já tem um conhecimento comigo, já fez transação comigo, já fez comercialização, já conviveu comigo. Mas a maioria dos ciganos em si, que são mais ciganos, arraigados, que levam na íntegra aquela posição de cigano, eles não querem nem saber. Eles falam mesmo, conversam entre si porque? É a forma de se expressar, a forma de se entender mais fácil no seu próprio dialeto, essa é nossa tradição de cigano também, nos temos as nossas armas, nosso dialeto é uma delas.”

Narrador: “Habitados com a desinformação sobre sua cultura e expostos a um cotidiano de intolerância, os ciganos de São Paulo também reclamam de abusos na abordagem policial, e citam como exemplo o caso da menina cigana que foi separada da mãe em Jundiaí, interior paulista a 58 km da capital. O episódio gravado por uma equipe de TV ganhou os noticiários e virou assunto nacional. As imagens de desespero correram o mundo, e mostraram a menina de um ano e dois meses chorando ao ser arrancada a força dos braços da mãe, Dervana Dias. Após uma denúncia anônima na vara da criança e juventude, a guarda civil levou a criança a um abrigo por ordem justiça, a acusação foi que a menina era usada para pedir esmolas, e sensibilizar as pessoas no centro da cidade. A ação truculenta foi criticada por especialistas, como psicólogos e pedagogos, e mobilizou representantes de entidades, como a Ordem dos Advogados do Brasil. O ex-secretário de promoção e defesa dos direitos humanos, Perli Cipriano disse que o caso revela o despreparo das autoridades para lidar com a situação, e a falta de conhecimento sobre a cultura cigana.”

Perli Cipriano: “Vimos em São Paulo, bem recente, quando a cigana estava nas praças lendo a mão, como elas fazem em todas as partes do mundo, é um elemento cultural, o juiz recebeu uma denúncia de que a cigana estava explorando seu filho. O conselho tutelar que também estava despreparado concordou com a medida. A guarda municipal foi na praça pública, à força, tomou a criança, a mãe chorando desesperada, eles arrastaram a força essa criança e entraram em um carro dirigido por dois guardas municipais e a criança sentada no colo diante do volante.”

Narrador: “A menina chorou muito no abrigo em que foi levada após a separação, depois de conversar com os pais, Dervana Jirdri e Dias o juiz Jeferson Toreli decidiu

entregar a criança de volta para a família. A mãe negou exploração infantil e explicou que ganhava a vida com leitura de mãos, durante a audiência de conciliação, em frente ao fórum de Jundiaí dezenas de ciganos, e integrantes de organizações não-governamentais ligadas ao tema, acompanhou o desenrolar caso. Todos estavam dispostos a dormir na praça até que a menina fosse liberada. A poucos metros uma base da polícia militar, e uma viatura fazia a segurança do local. O cigano *Calón* Daniel Rolin disse que os excessos policiais são comuns, para ele a atuação das autoridades foi uma sucessão de erros. Mas mesmo assim, o triste episódio serviu para quebrar o silêncio, mobilizar a sociedade e colocar lado a lado, *Calóns* e *gajons*, ciganos e não-ciganos.”

Daniel Rolin: “Quem cometeu o erro ali? A cigana que tava ganhando o pão de cada dia dela com o filho no colo porque não tinha onde deixar ou essa policial que fez tudo isso? Em contra partida fiquei muito feliz, com a sociedade, a reação que ela teve. A Ordem dos Advogados do Brasil tomou partido, acionou ali a promotoria pública local para saber o que tava acontecendo, os meios de comunicação, as pessoas esqueceram que era uma cigana, e viram a mãe que tava sendo invadida, agredida. Fico Feliz, muito emocionado com isso, eles esqueceram estereótipo dos ciganos e pensaram no ser humano.”

EPISÓDIO nº 6: “Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo dos ciganos”

Narrador: “É muito pouco provável que elas se conheçam, talvez já tenham se visto pelas andanças nas estradas à busca de um lugar para ficar, mas guardam histórias parecidas. Em agosto poucos quilômetros separavam uma da outra, não se sabe se ainda estão no mesmo lugar, vida de cigano é complicada e de vez em quando é preciso recolher as barracas e as panelas totalmente areadas e sair pelo o mundo a busca de outro pouso.”

...

Narrador: “Vanusa tem quarenta anos, o rosto engana parece ser um pouco mais velha, carrega as marcas deixadas pela vida embaixo do sol. Cristiane tem vinte e oito, também traz as feições mal tratadas. Em comum tem o fato de terem deixado para trás a rotina com a família, em casas de alvenaria para seguir junto com os ciganos.”

...

Narrador: “Há vinte e três anos, quando era uma mocinha de dezessete, um acampamento cigano montou suas tendas perto da casa da Vanusa Figueiredo, isso no interior do estado do Espírito Santo. A moça se encantou com um dos ciganos, decidiu que iria embora com ele e foi isso que fez, apesar da desaprovação da família.”

Vanusa: “Conheci, agradei, a minha família não permitiu, quando teve um dia que eu fui viajar para ir embora, passei no acampamento, ai lá eu já queria ficar mesmo e eles acabaram me convencendo, e eu fiquei, mas contra minha família.”

...

Narrador: “Com Cristiane do Carmo Ferreira a história não foi muito diferente, há seis anos saiu da casa dos pais, com a mãe deixou a filha mais velha, se apaixonou por um cigano e com ele tomou outro rumo na vida.”

Cristiane do Carmo Ferreira: “É uma vida mais pé no chão, antes era muito salto, era sapato para combinar com o terno, tinha que vigiar o mocacinte, hoje em dia não tem nada disso, só que você tem um grupo de amigas que você pode sentar para conversar da sua vida, ela também tem as histórias dela, e no mundo corrido lá fora não tem isso.”

...

Narrador: “No começo a mudança foi muito sentida, afinal não deve ser nada fácil abandonar o conforto proporcionado por um teto, e por uma situação humilde, mas com uma certa segurança. A possibilidade de um animal entrar barraca a dentro aterrorizava a moça Vanusa.”

Vanusa: “Era bem difícil, era cavalo, andava no sião assim de lado, era muito complicado pra mim. Ai de vagarzinho a cigana sempre conversando comigo, me explicando, aí eu fui aprendendo a lidar. No começo eu estranhei, porque deitava no

chão, eu ficava assustada, acordava com medo de cobra, de lagarto, sapo, morria de medo. E foi indo, conversando, brincando, passei, mas era muito difícil no começo.”

...

Narrador: “Isso sem falar nas constantes mudanças. O grupo do qual Vanusa passou a fazer parte é de ciganos *Calóns*, são nômades, vivem em barracas, foram muitas as trocas de endereço, o sonho da mulher é que uma hora consigam se estabilizar em um lugar e lá criar os seus filhos.”

Vanusa: “Porque agente dependia de outras pessoas para ficar no lugar, tinha que pedir alguém, o dono de propriedade, era muito animal, tinha gente que dava um dia, outro dia não dava. Daí a gente estava cansado, andava o dia todo de cavalo, vamos supor a gente saía agora nove horas da manhã, quando chegava na faixa de duas horas da tarde a gente continuava andando a cavalo no sol quente. Quando ficava era três dias só que eu posso dá, aí ia nós de novo, passa três dias tudo de novo. Aquilo era cansativo.”

...

Narrador: “O pai da Cristiane era líder comunitário em uma cidade no Espírito Santo, foi assassinado a três anos, foram treze tiros, o matador queria ter a certeza que o homem que organizava a comunidade não ficaria vivo. Provavelmente foi com o pai que a moça Cristiane se inspirou para explicar porque continua a viver com os ciganos. Porque como diz ela mesma trocou o salto alto pelo pé descalço.”

Cristiane do Carmo Ferreira: “É um povo simples, mas é um povo que tem carinho um pelo outro, a solidariedade entre eles é muito grande. Você na barraca dá um grito de dor e tem a vizinha que te escuta e vem te atender, já tem um outro vizinho que está ali junto. E você numa casa não, se depender de você dentro de uma casa passar fome, você chega passar sem saber se quer que está doente, se saiu pra onde foi, aqui quando saio, estou indo ali e tal, e a gente sabe que a barraca vai estar sozinha, e aí já passa a olhar pelas coisas de quem está ali. Quando chega alguém que a gente sabe que não é cigano, já fica dois três querendo saber quem é, se pode ajudar, estando junto. Isso no mundo lá fora não tem.”

...

Narrador: “Vanusa Figueiredo vive, ou pelo menos vivia em agosto, em um acampamento no distrito de Praia Grande, no município de Fundão, lá no Espírito Santo. Estão por lá há dois anos, são umas trinta barracas com cerca de duzentas pessoas. A vida parece ser bem organizada o terreiro é limpo, em muitas barracas há carros estacionados na porta. Não, está errado, os carros ficam numa espécie de garagem, que por sua vez, divide espaço com o quarto dos moradores da barraca, ou seja, quarto e garagem são no mesmo lugar.”

...

Narrador: “Cristiane do Carmo Ferreira estava há três meses na beira de uma estrada, na cidade de Serra. O acampamento era muito menor, apenas dez barracas e cerca de cinquenta moradores. São visivelmente mais pobres. A Cristiane contou que a renda mensal de cada família quase nunca chega a um salário mínimo apenas. As mulheres ciganas estão trajadas com vestidos longos, mas rotos. As crianças andam descalças pelo chão de terra batida.”

...

Narrador: “No acampamento da Vanusa os vestidos tem jeito de novos, a criançada carrega aquele jeito de meninos de roça, mas todos com os pés calçados, mesmo com chinelos das mais simples. No acampamento de Vanusa há um líder ou um chefe, é uma tradição dos ciganos, a função é ocupada por Marcos Soares Quirino, que tem trinta e quatro anos. Ele conta que herdou do pai a função de liderar aquela comunidade.”

Marcos Soares Quirino: “O líder da comunidade era meu pai, ele cansou de ser o líder passou para mim, agora eu sou o líder, que todo mundo respeita, o que eu falo aqui eles vão obedecer. Vamos supor assim, tem um problema aqui de uma pessoa que quer entrar aqui, tem que pedir ao líder para vir para cá. Outro cigano de outro acampamento, aí ele quer vir para aqui, ele vai ter que falar comigo pra vir acampar aqui. Se for uma pessoa que é de procedência boa, que tem bom caráter, aí agente deixa vir, se não for não vem para cá.”

...

Narrador: “Já no grupo onde vive a Cristiane não há um chefe, logo de cara vão avisando quem tem chefe é índio. E eles são ciganos não índios. Mas há uma espécie de

porta-voz do grupo que por sinal também tem também o nome de Marcos, Marcos Lourival e é seis anos mais velho que o xará que vive em Praia Grande. Parece, no entanto, ter mais idade do que declara. Marcos Lourival explicou porque decidiram abolir a figura do chefe do grupo.”

Marcos Lourival: “Antigamente tinha quando a gente vivia lá para o lado de São Francisco e Montanha. Porque lá era mais complicado sabe? Porque lá tinha o chefe mesmo. E aqui já não tem, aqui cada um manda. Qualquer montinho que tiver umas barracas é ele quem manda.”

...

Narrador: “O fato de os dois terem ganhado o nome de Marcos não é a única semelhança entre os dois homens do Espírito Santo. Tanto um como o outro, esquentaram por bem pouco tempo os bancos escolares. Chega a ser emocionante ouvir de Marcos Lorival que as letras, as palavras e as frases são para ele o desconhecido.”

Marcos Lorival: “Eu sou analfabeto, ele está bem ali, esses meninos também são, porque são mais ou menos esses novinhos aqui, só os meninos que estão na escola, nós que somos adulto não sabemos nada, vive na roça.”

...

Narrador: “O Marcos Soares Quirino tem um pouco mais de instrução, mas explica que não pode alongar o tempo na escola porque a família vivia mudando de cidade e aí era uma dificuldade ser aceito nos colégios, ainda mais nos públicos, onde as vagas são por demais disputadas.”

Marcos Soares Quirino: “Nós adultos estudamos pouco, nós não parávamos em um lugar, nós ficávamos mudando, sempre mudando de lugar. No máximo ficávamos em um lugar uma semana ou quinze dias. Nós andávamos muito de animal, depois paramos de andar de animal porque ficamos mais quietos no lugar. Então ficava mais difícil para nós estudarmos, agora não, agora as crianças estão estudando.”

...

Narrador: “Como afirmou Marcos Quirino, hoje os ciganos desses dois grupos do Espírito Santo perceberam que ter ou não ter educação formal faz uma enorme diferença

na vida. Um esforço é para que os filhos possam ter a oportunidade de encontrar nas letras um futuro mais tranquilo. Pelo menos na questão profissional. Segundo Marco Lourival todos os meninos do acampamento que estão em idade escolar, se encontram com as professoras pelo menos cinco vezes por semana.”

Marco Lourival: “Vão todos para escola, não falta na escola, um dia que falta a gente pega no pé deles para ir para escola.”

...

Narrador: “E com um misto de vergonha e de orgulho conta que são os meninos estudados que tem ensinado para ele e para os outros ciganos e ciganas analfabetos, o que está, por exemplo, escrito nas placas.”

Marco Lourival: “A gente pega eles para compreender mais o lugar que agente vai, eles ensinam a gente mais. Ensina. A gente pergunta pra eles, em vez de pergunta para os outros. Óh! O que está dizendo naquela placa ali? Como se chama o nome daquele carro ali? Eles sabem tudo. O nome da placa e tudo sabem. É assim que é bom.”

...

Narrador: “A falta de instrução, de acordo com Marcos Quirino, foi determinante para que os ciganos tenham escolhido o comércio, ou a barganha, ou melhor, a '*breganha*' como meio de vida. E deixa bem claro que nisso eles são muito bons.”

Marco Lourival: “Olha o estudo é principalmente a coisa melhor que tem, cigano que arruma emprego fica difícil de arruma. Então porque cigano vive negociando? Ele sabe mais do negócio, se eu for dar a *brega* em você, você vai levar a manta comigo. Você não vai levar vantagem comigo não. Sou sabido no negócio. Agora por quê? Deus deu essa sabedoria. O nosso antigo não teve essa mentalidade de parar para dar estudo.”

...

Narrador: “Para escola vai Dione Rodrigues Gomes, de doze anos, e que é uma das crianças do acampamento liderado por Marcos Quirino. Está no terceiro ano e fala que prefere morar em barraca do que em casa de alvenaria. Afinal de contas segundo ele as casas são assustadoras.”

Dione Rodrigues Gomes: “Eu tenho medo de casa, quando eu vou no corredor eu tenho medo de coisas assim ruim.”

...

Narrador: “O menino Dione vive aflito com a possibilidade de terem de deixar o terreno onde vivem há dois anos. Não quer mudar de jeito nenhum porque teme ser reprovado na escola. Além do mais, reclama que as transferências de colégio prejudicam o desempenho nas aulas. Aliás, diga-se de passagem com o que já aprendeu ele está ensinando o pai, que não teve a mesma oportunidade de ser alfabetizado.”

Dione Rodrigues Gomes: “Meu pai só sabe assinar, minha mãe ajuda ele a assinar o nome dele, eu ajudo ele a aprender a escrever as letras. Também no trabalho quando agente crescer, agente pode trabalhar.”

...

Narrador: “La pelos lados de Marcos Lourival vive o menino Fabrício de Jesus, dez anos de vida e segundo ano na escola, ao contrário do sonho de muitos de virar advogado, médico ou engenheiro quando crescer, Fabrício tem outras ambições quer estudar para trabalhar em supermercados. Quer ser empacotador de compras. Jura que não costuma faltar as aulas, mas quando toca o sinal e aquela criançada ganha a rua, é nos terreiros do acampamento que ele se diverte.”

Fabrício de Jesus: “Lá pode fazer qualquer coisa, é muito bom, eu gosto muito do pique-pega, do pique-bóia, do pique se esconde.”

...

Narrador: “O desejo do menino Fabrício pode parecer, pelo menos a primeira vista, dos mais acanhados. Mas ter um emprego para esses ciganos pode ser a diferença entre o pobre e o miserável. A miséria por sinal eles já conhecem, e bem. Alessandra de Souza, de trinta e dois anos, é vizinha do Fabrício. Difícil, é com essa palavra que ela define a vida dos ciganos, considera que integram um povo invisível, são brasileiros, que pelo menos para essa jovem senhora, não existem para o governo. E a presença do Estado faz falta, só dá para viver porque as contas não andam sendo pagas.”

Alessandra de Souza: “Difícil né, meu Deus do céu? É difícil a vida, não é só a do cigano, mas é difícil, agente tem que... Os homem vai e troca, põem 20, 30 por semana agente tem que ir lá compra aquele básico pra viver né. Agente aqui não está pagando energia não, água também não está pagando não, e ainda está bom, mas tem lugar que agente paga. E tem pouco lugar agora pra gente ficar, ate nós ter que sair do lugar. Porque aqui na serra aqui, só tem aqui, Barro Branco e Porto Canoa pra ficar.”

...

Narrador: “O pouco dinheiro que Alessandra recebe vem do Bolsa Família, e a moça estava apreensiva porque o filho, por conta de uma catapora, tinha perdido algumas aulas, e para agravar a situação o pequeno não havia recebido atestado médico para justificar as ausências.”

Alessandra de Souza: “Eu fui levar o menino com catapora ontem e eles nem atenderam, nem atestado eles não me deram, lá no Caiatum. Aí eu voltei com ele para trás, pra ir até lá na escola conversa pra eles não ficarem dando falta para ele, senão a bolsa família dele atrapalha.”

...

Narrador: “Saúde é um diferencial entre esses dois grupos de ciganos. Os de Praia Grande na cidade de Fundão têm assegurado acesso ao médico. O secretário de saúde do município, Saulo Falqueto, conta que um belo dia foi abordado pelos ciganos que reclamavam dos problemas que enfrentavam ao ter que ir ao posto de saúde. A dona Vanusa, por exemplo, contou que assim como acontece de vez em quando em lojas, na hora de irem ao médico também enfrentavam olhares preconceituosos.”

Vanusa: “É, dependendo do lugar, algum comércio, outra hora num local público, dentro de loja assim, eles não falam nada, tratam agente bem, mas agente sente pelo olhar que imaginam qualquer coisa.”

...

Narrador: “O secretário de saúde de Fundão, Saulo Falqueto, tomou nota das reclamações dos ciganos e foi atrás de um jeito para assegurar o atendimento médico hospitalar para aqueles brasileiros, com o apoio da prefeitura e do Ministério da Saúde conseguiu que o médico fosse até os ciganos.”

Saulo Falqueto: “Nós cadastramos todas as famílias, botamos um agente de saúde, estendemos a área dele até o acampamento dos ciganos, ele é responsável por aquela área. Foi realizado, a princípio, um mini-mutirão, não chegou a ser um mutirão, levamos médico, assistente social, enfermeira, a médica assumiu aquilo ali como área, território dela também, que antes eram atendidos na hora que ia na unidade, mas não faziam visitas naquilo ali. Hoje a população cigana faz parte da programação do PSF, tem o dia de visita no acampamento.”

...

Narrador: “O secretário disse que nas primeiras visitas foram diagnosticados casos de diabetes e hipertensão. Outra preocupação dos médicos é com a saúde das mulheres. A iniciação sexual das ciganas acontece muito cedo, daí a importância, segundo Saulo Falqueto, de visitas constantes aos médicos, aliás, médicas, pois as ciganas preferem se tratar com mulheres.”

...

Narrador: “Uma das pacientes do posto de saúde de Praia Grande é a Leila Amaral Oliveira, de vinte e quatro anos e mãe de dois filhos. Leila é casada com Marcos Soares Quirino, aliás, ela sabia desde os cinco anos que iria trocar laços de matrimônio com o Marcos. Jura, porém que casou por amor, não foi obrigada pela família, escolheu Marcos como seu legítimo esposo.”

Leila Amaral Oliveira: “Desde cinco anos foi falado, aí a gente foi se criando junto, apanhando amor. Nós ajustamos nove anos, a gente ajustou casamento, aí quando eu tive 12 anos fui casar com ele, mas é porque eu já gostava dele, que se eu não gostasse não casava. Assim as meninas daqui também. Minha mãe me perguntava, meus irmãos me perguntavam se eu queria casar com ele, eu quero porque eu gosto dele.”

...

Narrador: “Leila é cigana e de origem cigana. Não é brasileira casada com cigano. É bom explicar que as regras dos ciganos permitem que homens casem com as brasileiras, como eles se referem aos não ciganos, mas se as mulheres tomarem essa decisão tem que deixar o acampamento.”

...

Narrador: “Marcos Lourival contou que pelo menos no local onde ele vive, estão cada vez mais frequentes as uniões de ciganos com brasileiras e a explicação é simples, falta mulher cigana.”

Marcos Lourival: “Cigana tem muito pouco, aqui em geral no acampamento tem umas cem ciganas só. Em geral. Só aqui no município. Mas que é legítimo mesmo é os homens, na parte das mulheres é muito pouco.”

...

Narrador: “Essa liberdade de escolha não é uma regra entre os ciganos. Outros de acampamentos em Goiás, Bahia e Santa Catarina, por exemplo, contaram que são os pais ou líderes que formam os casais. Essa é a tradição, dar a elas a possibilidade de escolha é uma modernidade.”

...

Narrador: “Ao mesmo tempo em que afirmam ter abolido o costume de decidir pelas mulheres quem serão seus maridos, esses ciganos do Espírito Santo fazem questão de que elas tragam no corpo roupas coloridas. Marcos Quirino percebe que muitas vezes os não ciganos se perguntam por que aquilo, mas considera importante preservar essa tradição.”

Marcos Quirino: “Geralmente as pessoas olham os ciganos assim, acho que ficam pensando assim: porque que eles ficam usam essas roupas? Eles pensam na mente deles, nos não. Nós mantemos as mulheres com esse tipo de roupa porque nós gostamos de manter a tradição cigana. Nos podíamos mandar bem usar uma saia longa, mas gostamos de manter a tradição cigana.”

...

Narrador: “Cristiane do Carmo Ferreira explica como deve ser usada essa roupa.”

Cristiane do Carmo Ferreira: “A cigana em si não mostra o joelho, para ela é super normal mostrar os seios mas não mostra o joelho.”

...

Narrador: “Outra característica dos ciganos que é preservada nesses dois acampamentos no Espírito Santo é o ouro. O metal cintila em anéis, pulseiras, colares e nos dentes. Mas a quantidade de ouro no corpo varia de acordo com a condição sócia financeira dos ciganos.”

...

Narrador: “No acampamento de Marcos Quirino quase todos os adultos carregavam peças de ouro. Já os vizinhos de Marcos Lourival são mais econômicos nesse enfeite. Marcos Quirino não sabe ao certo qual é a relação entre os ciganos e o ouro. Na verdade segundo ele o que interessa mesmo é a beleza do metal precioso.”

Marcos Quirino: “Nós gostamos de ouro. A antiguidade falava que ouro chamava sorte, mas acho que era antiguidade que falava isso. Mas nós gostamos de usar ouro.”

...

Narrador: “Outra tradição dos *Calóns*, deste grupo de ciganos, é o fato de não sentarem moradia em lugar algum. Cigano, diz a literatura, gosta de mudar, gosta de andar pelo mundo, mas é esse um costume que os dois grupos do Espírito Santo querem transgredir.”

...

Narrador: “O sonho é ficar quieto no mesmo lugar. O acampamento de Marcos Quirino está há dois anos no mesmo endereço. A área é emprestada, mas o dono avisa que se precisar do terreno que está a venda, os ciganos terão que desarmar as barracas.”

Marcos Quirino: “Quando eu vim arrumar lugar pra nós ficar aqui, alugar aqui, com doutor Renan, sujeito muito bom, até nem cobrou de nós para ficar aqui, tem dois anos que nós estamos aqui, falamos com ele e ele autorizou nós para ficarmos aqui, aí ele falou assim ó: vocês ficam lá, vou deixar vocês seis meses ficar lá, conforme seja o procedimento, se os vizinhos não reclamarem, vocês podem ir ficado, podem ir usando a área. Na hora que eu for vender e precisar da área, vocês desocupam, eu falei muito bem, estamos aqui há dois anos, os vizinhos tudo aqui, se precisar de baixo assinado para ficar aqui eles continuam, que sempre gostam de nós, que nós não fazem por onde para os vizinhos reclamarem de nós.”

Narrador: “O desejo de estabilidade é compartilhado com Marcos Lourival.”

Marcos Lourival: “Nós precisa ficar em um local, ter onde ficar, e que o pessoal manda nós embora do lugar, eles pensam que cigano é invasor, sabe? Eles falam que cigano é invasor, tem hora que eles acham que é deles mesmo e querem mandar agente embora. Se agente tivesse um lote mesmo, a gente ficava aqui tudo para sempre, nós não saíamos.”

...

Narrador: “E para a surpresa dos que tem medo de ciganos ou que receiam se aproximar dessas pessoas, Marcos Lourival fala que na verdade são eles que temem os que vem de fora. Além disso, conta que na maioria das vezes são bem recebidos quando chegam a um novo local.”

Marcos Lourival: “Recebe bem, porque não mexe com casa de ninguém, não mexe com família de ninguém. Nós tem medo quando chega uma pessoa ou a *brigada*, nós temos muito medo. Quando vem uma pessoa, nós temos muito medo, quando chega uma pessoa né? Tem muitas pessoas, de rua, a gente tem muito medo deles.”

...

Narrador: “Pois é, os ciganos do Espírito Santo querem ter um lugar para morar, esse povo que por séculos viveu à margem da sociedade brasileira tem agora uma reivindicação: querem, como explica Marcos Quirino, que o poder público, o Estado reserve áreas para que possam montar os seus acampamentos.”

Marcos Quirino: “Se eles arrumassem uma área só para ciganos ficar quieto. Porque nós não queremos mais mudar de lugar. Que nem aqui que nós temos população tudo conhecida, com essa gente que sabe quem a gente é, então aqui é uma área particular, se o dono falar para a gente sair nós não temos outra área para a gente ir. Ficar em outra cidade, Aracruz, Linhares... Mas deixar aqui que já temos amizades a dois anos aqui para traz.”

...

Narrador: “Marcos Lourival faz eco a reivindicação e até propõe uma negociação com o Estado. Não precisa ser uma área para sempre não, uma hora os ciganos irão para outro lugar.”

Marcos Lourival: “Era bom de ter uma área para ciganos, para ciganos ficarem, uma área né? Achava assim, uma ano para ficar, ao menos um ano para o cigano ficar, não digo para morar, para ficar dois meses anos, dois anos, três anos, cinco anos.”

...

Narrador: “Mas até agora não existe no Governo Federal nenhum estudo para criar áreas de assentamentos para os ciganos. Algumas prefeituras até pensam nessa possibilidade, mas não se trata de uma política pública de consenso. Como a maioria dos ciganos é nômade, eles não têm uma relação com a terra, como os indígenas e quilombolas, que ocupam as terras há séculos, pelo menos são assim que pensa o governo.”

...

Narrador: “Em doze de outubro o país comemora o dia de Nossa Senhora de Aparecida, a padroeira do Brasil é considerada por esses brasileiros do Espírito Santo, como a santa padroeira dos ciganos.”

...

Narrador: “Marcos Quirino conta inclusive que eles participam das festas na igreja.”

Marcos Quirino: “Tudo católico, nós vamos na igreja. Não vamos assim todos os dias, mas de vez em quando vamos na igreja. Essa santa aí pode ser de outro tipo de cigano, outro cigano, pode ser de São Paulo, nós somos fiéis a Nossa Senhora de Aparecida, todo ano nós fazemos festa aqui de Nossa Senhora de Aparecida, nós somos patrocinados pela festa, nós ajuda a festa.”

...

Narrador: “Talvez esses dois grupos ciganos do Espírito Santo possam se encontrar nestas festas e se conhecer. Talvez seja a oportunidade de se organizarem e assim ganhar mais força para sentarem à mesa de negociações com os representantes do Estado. Talvez nessa festa eles não tenham que fugir de olhares de censura, os meninos

não ouçam, como acontece com alguma frequência, que são sujos. Porque para os ignorantes, ciganos não tomam banho. Pode ser que a prefeitura de Serra copie a do município de Fundão e passe a proporcionar a esses brasileiros um atendimento mínimo de saúde.”

...

Narrador: “E nós por aqui podemos dar voz aos ciganos, e pedir em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo dos ciganos que eles encontrem um lugar ao sol.”

EPISÓDIO nº 7: “Os ciganos da terra do descobrimento”

Zanata cantando na língua *Calón*

...

Zanata traduzindo o canto para o português: “Essa cidade não dá para nós ficarmos, a toda polícia quer nos pegar, não fomos nós que cometemos esse delito, o delegado quer prender os ciganos, corre cigano, a polícia toda está indo para ai, nós ciganos temos direito de fica aqui, os não ciganos querem nos tirar daqui, Deus olhe por nós ciganos, o que vai fazer se prender nossos filhos? Não tenho a quem recorrer mato, ou morro.”

Narrador: “Zanata Dantas de trinta e sete anos é um dos líderes ciganos no sul da Bahia, a região abriga cerca de trezentas comunidades, três em Porto Seguro e cada uma com mais ou menos cento e cinquenta pessoas. Os versos cantados por Zanata na língua cigana refletem bem a realidade vivenciada por boa parte dessas pessoas. O jovem João Paulo de Almeida Cruz de vinte e dois anos já sentiu na pele a discriminação contra o seu povo.”

João: “A maioria pensa ser o cigano ladrão, não trabalha, sofre muito discriminação entendeu? Nós temos uma visão que não é isso ai, que a maioria do pessoal pensa.”

Narrador: “Zanata tem duas explicações para o surgimento desse preconceito, a primeira razão na avaliação dele é que antigamente alguns ciganos se envolviam com pequenos delitos, o que teria feito com que todo povo fosse marginalizado.”

Zanata: “A discriminação do cigano nasce mais pelo pequeno delito que ocorre. As vezes vem aqui um cigano, e vende gato por lebre ai as pessoas generalizam, acha que todo cigano faz isso. Então todas as portas todas que estavam semiabertas se fecham.”

Narrador: “Outra razão para os olhares atravessados sobre os ciganos é o envolvimento com o misticismo, como a leitura das mãos, por exemplo, uma prática muitas vezes confundida com bruxaria.”

Zanata: “Já nasceu a discriminação da parte do misticismo, pessoal tinha o cigano como um místico, um bruxo. Então se agregava todas as coisas ruins junto ali. Com essa discriminação toda está difícil de quebrar essa barreira, e levar o conhecimento do que é o cigano, que a sociedade cigana é uma nação dentro de outra nação.

Narrador: “E essa nação tem um pedido a todos os outros brasileiros: acabar com a discriminação. Seria bom fazer como quer a Paulinha de Almeida, de quinze anos, por um fim no preconceito com um simples pedido do presidente da república.”

Paulinha: “É falar com o povo, com os brasileiro também, para parar de racismo contra os ciganos, porque tem muito racismo contra os ciganos, eu sou cigana, sou cigana brasileira, mas sou cigana”

...

Narrador: “A boa notícia para a cigana e brasileira Paulinha é que o preconceito contra os ciganos do sul da Bahia diminuiu. A família do seu Noca Dantas, por exemplo, vive no extremo sul do estado pelo menos há quatro décadas. Na maior parte desse tempo seu Noca esposa e os filhos perambularam pelos municípios da região, pulando de galho em galho, de acampamento em acampamento. O nomadismo foi uma saída para evitar as consequências mais graves da discriminação, quando a coisa apertava e a polícia invadia o acampamento, era hora então de levantar as barracas e se mudar para outra

freguesia. Hoje a família do seu Noca festeja os oito anos de fixação em Porto Seguro e revela uma pequena, mas importante mudança na forma como a população encara a presença deles na localidade. É o que nos conta um dos filhos do patriarca, Fabio Dantas de trinta e um anos.”

Fabio: “Antes era mais difícil, tinha muito preconceito, ninguém vendia para a gente fiado, não tinha um lugar para a gente comprar um crédito, e hoje graças a Deus conquistou isso. A gente compra em qualquer lugar que a gente chega a gente compra, entendeu? E antes a gente não tinha isso, não davam oportunidade para a gente. E hoje graças a Deus a gente têm. Aqui em Porto Seguro todo mundo conhece a gente.”

...

Narrador: “Ser conhecido na cidade e ter a confiança dos comerciantes locais são mesmo um grande progresso para a família Dantas, sinal de que a vida está mudando e para melhor. E não foram apenas os moradores de Porto Seguro que começaram a ver os ciganos com outros olhos eles também mudaram de postura. Se antes os insultos eram respondidos com socos e pontapés os ciganos aprenderam a ignorar aqueles que não sabem lidar com as diferenças. Não isso Fabio?”

Fabio: “Trocava tapa no meio da rua, apanhava, batia por causa disso aí, e assim ia seguindo. Mas depois de um certo tempo o pessoal falava para a gente sair, pegava e saía e dava as costas. Foi modificando, hoje em dia tem criança da gente na escola aqui, eles não falam mais isso aí, e antigamente falavam muito.”

...

Narrador: “Além das relações mais amistosas com a população de Porto Seguro os ciganos do seu Noca conseguiram melhorar as instalações do acampamento nos oito anos de fixação. E as melhorias são visíveis, acostumados a viver em barracas de lona, sujeitos aos contratemplos provocados pelas tempestades e vendavais, esses ciganos resolveram construir barracas de alvenaria. Essa definição pode parecer estranha a primeira vista, mas é que as casas de cimento e tijolos seguem, na sua grande maioria, o mesmo padrão que as antigas barracas, não que as lonas tenham sido extintas, ainda há moradias feitas com o material, como explica Zanata.”

Zanata: “Tem barracos, tem tipo galpão, de quem já está sedentário mesmo, então mudou um pouco a estrutura. Acampamento mesmo, barraca, era quando se viajava mais, tinha facilidade para se locomover. Levar, armar num canto, mudar. Mas agora está mais sedentário, mais fixo, então resolveram construir galpões, com esses estilos que estão aqui, alguns que tem condições melhores fazem sua casinha.”

Narrador: “Mas o fato de terem casas não significa que eles se isolaram uns dos outros, de jeito nenhum. As habitações são todas erguidas no mesmo terreno sem nenhum tipo de muro fazendo separação e cada um pode entrar na casa ao lado sem pedir licença ou se fazer anunciar. O espírito de grupo e a vida coletiva ainda prevalece entre os ciganos da Bahia. A economia do lugar é basicamente de compra e venda de mercadorias. Cada casa ou barraca é responsável pelo seu próprio sustento não há dinheiro coletivo mas ninguém passa necessidades. O que um come o outro também come. Zanata lembra que antigamente os ciganos da Bahia viviam do comércio de animais que aos poucos foi substituído pela compra e venda de carros usados.”

Zanata: “No princípio mexia com tropas, cigano tropeiro, mexia com animal, as coisas foram modificando. Hoje comércio de carros usados, mais o comércio em si, comprar, vender está mais ligado a isso aí.”

Narrador: “O comércio de veículos é a atividade de quase todos os ciganos que moram em Porto Seguro. É o caso de João Paulo Cruz, de vinte e dois anos.”

João: “De vez em quando sai para trabalhar né? Cigano faz negócio e tal, nós somos tipo comerciantes, vende carro e tal, faz cobrança.”

...

Narrador: “A possibilidade de erguer suas casas, permanecer mais tempo no mesmo lugar e ser visto pelos outros com um olhar menos desarmado só foi possível porque os ciganos passaram a reconhecer que são cidadãos e que tem direitos como qualquer outra pessoa. Zanata esclarece que ao se dar conta disso, os ciganos do sul da Bahia passaram a buscar a proteção legal no lugar de resolver os problemas no tapa.”

Zanata: “Eles não tinha quem recorrer quem vai dar apoio para um pessoal (*que nem nós?*)? Então eles partiam para resolver os problemas deles eles mesmo, partiam para a violência e tal, então gerava bastante conflito. Então hoje já estamos com estrutura, já temos a quem recorrer, se uma autoridade fazer qualquer delito com os ciganos, arbitrariedade, existe o centro de referência em Brasília, o Ministério Público, existem vários outros mecanismo que o cigano pode recorrer, e em discriminação e várias outras áreas. Então isso ai é um passo muito importante para o cigano e para sociedade.”

...

Narrador: “Além do governo e do Ministério Público a Igreja teve um papel fundamental nessa mudança de postura dos ciganos de Porto Seguro. Mas não foi fácil se aproximar desse pessoal, sempre muito desconfiado, por conta de uma história milenar de preconceito e discriminação. Mérito para Dom Edson, bispo de Eunápoles, cidade do extremo sul bahiano, distante sessenta e dois quilômetros de Porto Seguro, que não desistiu. E o primeiro passo foi conquistar a confiança e a amizade dos ciganos.”

Dom Edson: “O grande trabalho é fazer amizade com eles e mostrar para a sociedade não cigana, que o cigano também é um povo, e como povo tem seu jeito, seus costumes, suas tradições que o fazem diferente. Tem sua cultura própria, mas são brasileiros, estão no Brasil há muitos anos, vivem na lei brasileira. Então a nossa missão como Igreja é mais quebrar essas arestas do preconceito.”

...

Narrador: “Dom Édison, integrante da Pastoral Nômade da igreja católica explica que a quebra dessas arestas passa necessariamente por duas importantes ações. Uma delas é fazer com que os ciganos conheçam seus direitos, e a outra é colocar os pequenos na escola.”

Dom Edson: “Eles poderão se colocar no meio dos brasileiros, como eles chamam os não- ciganos, como? Primeiro colocando os filhos na escola e acompanhar suas tradições. Segundo, também seus direitos, que a maioria não conhece seus direitos. Nesse convívio nós fomos descobrindo que tinha muitos ciganos que já tinham muitos universitário que tinham vergonha de se apresentar como ciganos.”

...

Narrador: “Dom Édson explica que essa vergonha de se declarar ciganos nas escolas e universidades tem uma razão de ser. O que é um direito de todos, a educação, não é moleza para os ciganos. No início muitas escolas públicas do sul da Bahia negaram matrícula para os pequenos brasileiros ao se darem conta que se tratavam de ciganos.”

Dom Edson: “Sempre tem a rejeição, quando descobrem que são ciganos, está cheio, a matrícula foi encerrada, e eles tem consciência da rejeição. Então botam em escolas particulares e ainda com muito cuidado.”

Narrador: “Ciganos em escolas particulares? É isso mesmo. Os ciganos são o espelho do restante da sociedade. Os grupos são grandes, espalhados por todo o Brasil, e apresentam diferentes níveis de educação, cultura, organização e condição financeira. Assim alguns ciganos com poder aquisitivo mais alto optam por colocar os seus filhos em escolas pagas. A busca por escolas se tornou uma questão de honra para os ciganos da Bahia. Com uma população adulta quase que totalmente analfabeta eles decidiram mudar esse quadro. As crianças passaram a ser incentivadas a ficar na escola como diz o cigano João Paulo Cruz.”

João: “Educação é uma das melhores coisas que um pai pode dar a um filho, é a educação né? Que ali você nunca vai perder a educação. O estudo, antes (...) agora não, que tá mais evoluído do que antigamente. Porque era dificilmente que ele estudasse para arrumar um trabalho, porque ele era muito discriminado. Um exemplo, se ele fosse formado e fosse trabalhar em um lugar e soubessem que ele era cigano ai já ficava com aquela má impressão. Geralmente é isso ai saia, era o preconceito, a fama.”

Narrador: “Paulo ainda é de uma geração que estudou pouco, ele mesmo não terminou sequer o ensino fundamental, largou a escola cedo para trabalhar no comércio, na compra e venda de mercadorias e se casar. O casamento não deu certo, ele se separou, voltou para casa dos pais, e hoje sente na pele que a falta de estudo o prejudicou muito. A opção pelo comércio se deu justamente por causa disso. Sem qualificação os ciganos não conseguem emprego em nenhum outro lugar, foi o que aconteceu com Fabio Dantas de trinta e um anos.”

Fabio: “Não tem como porque não tem estudo. Hoje em dia para o pessoal ter um emprego tem que ter estudo e quase nenhum de nós tem. Na época não tinha, a gente não ficava em nenhum lugar, tipo o que a gente está hoje. Hoje a gente mora aqui há oito anos, e antes a gente não ficava em lugar nenhum. Estudei até a quarta série.”

...

Narrador: “A migração com certeza atrapalhou a frequência às aulas. Como estar todos os dias em sala de aula se a mudança de residência era frequente e constante? Fixados em um mesmo acampamento, a história é diferente, mas aí vem outro problema, a discriminação, a violência que atinge muitas escolas públicas pelo Brasil a fora fica mais grave quando o aluno em questão é um cigano. Que o diga Vitor Marques da Cruz, de dezesseis anos, que ainda está na quinta série. Ele quer ser advogado para defender os direitos dos ciganos, mas o atraso escolar e a agressividade de alguns colegas, como o próprio Vitor relata a seguir, quase o fizeram desistir das aulas.”

Victor: “Lá na escola todo mundo sai no tapa. Teve um cara que começou a dar chute no cigano, aí a professora coordenadora deixou ele vim bater, mas só que ele não veio me bater, ficou me xingando, aí a professora não gostou e ele falou que ia me pegar na rua. Aí eu falei para ele assim: por quê você não vem brigar aqui na rua? Ele falou assim: depois eu te pego. Ele tem muito preconceito contra o cigano, ele fica falando mal do cigano, que o cigano é ladrão e aquilo, aquilo outro, eu fico com vergonha, abaixo a cabeça.”

Narrador: “Hoje o Vitor só vai à escola na companhia dos primos, não quer se meter em confusão e acabar agredido, alias o povo cigano não gosta de provocação, mexeu com um, mexeu com todos. Os problemas com a motivação na escola são reais, mas não generalizados. Prova disso é o cigano César de Almeida Cruz, de dezesseis anos, que decidiu trilhar um novo caminho, ele está no primeiro ano do ensino médio e tem um sonho que alimenta desde bem pequeno: virar engenheiro civil.”

César: “Meu pai sempre me incentivou a estudar, e também eu sempre fui fuçar nos estudos e é um sonho meu se formar engenheiro civil, desde criancinha.”

Narrador: “César defende as tradições ciganas e garante que mesmo depois de formado em engenharia não vai deixar de viver nos acampamentos nem pensa em abandonar as

tradições, mas quem sabe ele possa desenvolver um modelo mais resistente de barraca que sofra menos com as tempestades e ventanias. César está ciente que tem um longo caminho pela frente e está se esforçando para ter um bom desempenho na escola, mas lamenta que o ensino em Porto Seguro peque pela qualidade.”

César: “Escola aqui é não tem aquela qualidade toda de uma escola federal, mas dá para aprender a estudar, sem ter dificuldade nos ensino. Eu sou um dos melhores alunos da minha sala, até agora não tirei nenhuma nota vermelha na escola.”

...

Narrador: “O líder cigano Zanata não estudou, mas reconhece o valor da escola para dar ao seu povo a possibilidade de uma profissão e um futuro melhor, longe da rotina nem sempre segura do comércio de carros. Afinal a renda mensal fica totalmente na dependência das vendas de automóveis, quando não vende, dinheiro não entra.”

Zanata: “Onde eu domino, eu sempre bato na tecla: estudar, estudar, estudar. Então, pelo menos para os homens né?”

Narrador: “Pela tradição da cultura cigana a vida das meninas é bem diferente da dos garotos, elas são criadas desde cedo para se casar logo aos quatorze, quinze, dezesseis anos no máximo. Prometidas em noivado muito novas, algumas ainda no ventre das mães, as meninas ciganas só podem estudar até a quinta ou sexta séries. É o caso da Cíntia Dantas, ela tem vinte e quatro anos, Cíntia é casada, tem três filhos e abandonou a escola na sexta série para formalizar o compromisso com o noivo. Perguntamos à Cíntia se ela não gostaria de ter ficado mais tempo na escola. Ouça só o que ela respondeu.”

Cíntia: “Não que a gente estuda mesmo só para saber o principal para casar. Não tem jeito, se não, não ia ser cigana, ia ser outra pessoa, a gente já nasce para isso.”

Narrador: “A naturalidade com que Cíntia fala sobre o assunto é a regra no acampamento dos ciganos de Porto Seguro. As mulheres não levam em conta a possibilidade de continuar estudando simplesmente porque não faz parte da tradição delas. As mais velhas nem questionam isso. Já com as mais novas a coisa é um pouquinho diferente. Vejamos o caso da Priscila Dantas, de dezesseis anos, que na verdade se chama Mirelle, mas prefere Priscila que foi o apelido dado pelo tio. Enfim, a

Priscila é noiva de um cigano de Eunápoles que tem dezoito anos, apesar de acha-lo feio ela vai se casar dentro em breve, afinal é o costume, mas bem que ela gostaria de ter estudado um pouco mais, para como ela mesmo diz, aprender como é a vida lá fora.”

Mirelle: “Porque é nois temos a tradição, a gente estuda até a quinta série, sexta série, ai depois nós paramos, porque a gente fica noiva, nois não temo querer não. Para aprender mais um pouco como é que é a vida lá fora.”

Narrador: “Para o cigano Zanata o desejo de Priscila poderia ser atendido se houvesse um ensino diferenciado dentro dos acampamentos.”

Zanata: “A ideia é também de fazer um trabalho entre as mulheres. Não que ela vá para o colégio, mas que venha um ensino diferenciado para elas, mas a educação é uma coisa que tem que ser investida.”

...

Narrador: “A reivindicação já foi encaminhada ao Ministério da Educação que está analisando o pedido. Há uma explicação cultural para que as meninas se afastem cedo para se casar. No casamento cigano a mulher é virgem. Tem que ser, antes do casamento não há namoro, um beijinho nem um abraço, nada disso. Por isso as meninas são afastadas da vida social, ficando mais nos acampamentos, não podem sair desacompanhadas de um adulto, a intenção é evitar qualquer envolvimento amoroso, e as tentações que podem surgir no convívio com os não-ciganos. A educação não é proibida para elas mas as aulas teriam que ser dadas nos acampamentos. Segundo o líder Zanata esse cuidado especial com as ciganas é para preservar as famílias, e evitar desentendimentos com outros grupos de ciganos e com a população local.”

Zanata: “A filha do fulano de tal foi vista falando com sicrano, então isso ai já gera um conflito, então, partindo por esses princípios, por isso que elas se mantêm fechadas, preservando isso, entendeu? Assim como tem a escola diferenciada para o índio e para outras etnias, respeitando essa cultura nossa, que possa se ter esse ensino pros ciganos, partindo desses princípios, é mais em preservação da família.”

...

Narrador: “ O casamento precoce está enraizado na cultura cigana. Adriana de Almeida Dantas tem dezesseis anos e está casada há seis meses, ela conta como foi a festa do seu casório em Porto Seguro.”

Adriana: “Minha festa de casamento foi boa. A festa é um mês antes, de festa assim. Faz um barracão bem grande, tem comida, tem bebida, é toda a noite. Marca a data e ai um mês antes faz festa, até chega o dia do casamento, a gente gosta dessa vida assim, é bom, nossa tradição é assim.”

...

Narrador: “ Mesmo com um mês inteirinho de comemorações não dá para negar que as ciganas tem uma natureza infantil quando se casam. O dia a dia da Paulinha de quinze anos, que ainda não se casou, e nem está prometida a nenhum cigano, mostra isso.”

Paulinha: “Trabalhar, e ai quando nós fomos aceitos nós vamos conversar,e brincar. Pular corda, amarelinha, nós ficamo brincando de adedonha, é assim, brincadeira de criança mesmo. Eu sou criança.”

Narrador: “A criança Paulinha e os demais ciganos de Porto Seguro abraçaram uma reivindicação comum a quase todos os ciganos do Brasil, a criação de espaços nas cidades onde eles possam acampar livremente. É verdade que eles hoje estão se fixando em terrenos próprios, comprados ou cedidos pelas prefeituras, mas a prática do comércio ainda os faz viajar. Marcelo Dantas que preside a Associação de Ciganos do Sul da Bahia defende a criação desses espaços.”

Marcelo: “Porque o ciganos chega aqui e leva cinco méis ai quer ir embora de novo, ai ele não quer comprar, ai tem que ter uma área exclusiva para ele, chegar, acampar, e depois ir embora de novo, voltar. Igual em Curitiba, tem uma área pra cigano acampar, em Curitiba tem hora certa para o cigano acampar, com infraestrutura, banheiro, tem tudo.”

Narrador: “Marcelo explica que um dos objetivos da Associação de Ciganos do Sul da Bahia é criar essas áreas, mas a organização é recente, está apenas engatinhando, e ainda não teve nenhuma atuação prática.”

Marcelo: “Não ainda não usei lá não, não fizemos nada ainda, é nova. É para conseguir moradia pros ciganos, para os ciganos ficar quieto e acampar, ter moradia, água, luz, esse negócio.”

Narrador: “Ronaldo Dantas, um dos líderes do acampamento de Porto Seguro, sonha com o dia em que as áreas estarão definidas em todo o Brasil, com a devida infraestrutura instalada.”

Ronaldo: “Eu tenho fé que isso vai acontecer um dia, de a gente conseguir, juntamente com o Governo, eles ajudarem a ter uma visão para esse lado, de ele conceder o espaço adequado pros os ciganos, de determinado habitante, que tenha espaço para o cigano, que se faça um espaço com infraestrutura, para não ter tanta dificuldade de ganhar o pão de cada dia. Então eles chegar aqui, o grupo deles, como são todos uma família, aqui minha família, por exemplo, que somos cinco, se a gente for viver de aluguel, porque a renda da gente é muito pouca, se a gente chegar em Vitória e for pagar um aluguel, simplesmente não vai poder sobreviver.”

Narrador: “E Ronaldo nem espera que a área tenha grandes instalações basta ter o básico, afinal os ciganos já estão acostumados a uma vida de privações.”

Ronaldo: “Como já somos ciganos, já nos adaptamos a viver a vida precária, viver de baixo de uma barraca, dormir sem segurança nenhuma, não ter medo dessas coisas, então já estamos acostumados, já , já vem já dessa tradição.”

...

Narrador: “O bispo de Eunápoles, Dom Édison, exalta o que ele considera uma das mais importantes características dos ciganos, a preservação de valores, como a família, a vida em comunidade, e o respeito aos mais velhos.”

Dom Edson: “Esse valores, hoje a sociedade está até perdendo, a dimensão da família, dimensão dos pais para com os filhos, os valores que eles dão aos velhos, velho como sendo a sabedoria, a biblioteca ambulante do grupo.”

...

Narrador: “Alias os ciganos nunca abandonam seus velhos. O respeito aos idosos, segundo Zanata Dantas, é uma das marcas mais profundas na cultura deles. Em Porto

Seguro os velhos ciganos são assistidos pela família, até o último suspiro, e nenhum deles vai para asilos ou instituições do gênero.”

Zanata: “Existe uma preocupação do cigano, que eles são muito conservadores, nessa parte. Eles nunca abandonam os velhos, eles são bastante acolhedores, são respeitados por toda a comunidade e por todos os ciganos e comunidades de ciganos. Quando fala de seu fulano de tal, todos respeitam. Se precisar de alguma coisa e ele cair em alguma doença e não tiver jeito, condições de ele se cuidar a sociedade toda se comove e junta todos e ajudam de alguma forma. Sempre é amparado, nesse caso aí, isso é uma coisa que eles se preocupam muito.”

...

Narrador: “Com o reconhecimento dos seus direitos os ciganos de Porto Seguro começaram a lutar por conquistas e melhorias, a criação da associação é um primeiro passo nesse sentido. E descobriram que a educação pode ser uma arma fundamental para percorrer esse caminho. Assim a palavra de ordem para os jovens ciganos do sul da Bahia é estudar.

...

Zanata cantando na língua *Calón*

...

EPISÓDIO nº 8 : A terra prometida: Os ciganos de Sousa.

Narrador: “Durante 40 anos Moisés liderou seu povo na fuga da escravidão no Egito pelos caminhos tortuosos do deserto, milhares de judeus depositaram nele a sua esperança de libertação, e somente depois de muita dor e sofrimento aquele povo conseguiu finalmente alcançar a terra prometida e vislumbrar um futuro melhor.

Para mais de 400 famílias de ciganos *Calón* uma cidade no alto sertão da Paraíba também podia ser considerada uma terra prometida. Era La para Sousa um município de 6.000 habitantes, o terceiro maior em território no estado que os ciganos ainda nômades sempre voltavam e se instalavam até resolverem partir para uma nova caminhada. A dona Dolores de 78 anos, ainda lembra as andanças ali no estado da Paraíba, mas não esquece que Sousa era o porto seguro para os ciganos.”

Dona Dolores: “Nós vivia pelo mundo andando, sempre aqui na Paraíba, nós passava um mês num canto um mês noutra, dois mês noutra, o lugar que nós se a pegava pra passar mais, cinco ou seis mês era aqui em Sousa mesmo.”

Narrador: “O Pedro Maia de 83 anos, era quem liderava o grupo nômade na Paraíba, era o responsável por fazer os contatos com as autoridades em cada cidade paraibana em que os ciganos chegavam para não ter problema.”

Pedro Maia: “Chegava numa cidade o chefe, eu, era por direito não podia dispensar, ia falar com as autoridade, o delegado, o prefeito, com juiz de direito. Ai nois ficava ali né, se arranchava como era o nome, nois se arranchava ali, ai ia trocar animar, cavalo, burro, jumento, ler *buena-dicha*, ler a mão.”

Narrador: “ Se Souza era considerada uma terra segura para aquele povo nômade, um dos grandes responsáveis por isso era Antonio Marques da Silva Marís, prefeito da cidade entre 1963 e 1969 que sempre foi considerado amigo dos ciganos abrindo as portas do município para aqueles caminhantes. O reconhecimento em relação à contribuição de Marís é muito forte. Um dos cantores da comunidade cigana de Sousa, Antonio Marís de 42 anos, carrega no seu nome a homenagem ao ex-prefeito e ex-governador.”

Antonio Marís: “O nome Antonio Marques da Silva Marís foi em homenagem ao governador, de saudosa memória Antonio Marques da Silva Marís, sou afilhado dele, afilhado de batismo, era uma pessoa muito querida dos ciganos, até hoje é querido, foi embora fisicamente mas a memória eternizou no meio cigano e por isso o nome.”

Narrador: “Quando chegou ao governo do estado na década de 80, Marís deu uma contribuição mais forte para o que foi o estabelecimento definitivo dos ciganos em Sousa. Ele trabalhou nas negociações para que fosse definido um terreno onde os ciganos pudessem se instalar, a área foi batizada de Rancho, pois os ciganos sempre arranchavam naquele lugar, era o ano de 1982, a dona Dolores recorda das primeiras casinhas do Rancho, todas de taipa.”

Dona Dolores: “Isso aqui era uns campo. Comecemo a fazer umas casinha de taipa, depois o governador Antonio Marís instalou essas casinha de tijolo pra nois piquinininha, e os cigano foram negociando, trabalhando e crescendo essas casinha porque o pouco por que tinha deles os filho era muito e dormia do lado de fora.”

Narrador: “Para Moisés e seu povo deus prometeu uma terra fértil onde ia correr leite e mel e ninguém mais passaria necessidades, mas a terra dos ciganos em Souza não é como a terra prometida de Moisés, o que corre no sertão da Paraíba é o esgoto a céu aberto, assim tais como as dez pragas que deus mandou aos egípcios que impediam a fuga de Moises, ou os dez mandamentos que ele enviou para que Moisés passassem a seu povo, os ciganos calón também precisam de muitas respostas e vivem os seus problemas, vamos chamar aqui dos dez desafios dos *Calóns* de Sousa.”

Narradora: “Primeiro desafio: A localização do bairro cigano.”

Narrador: “Se há um conceito de discriminação, um bom exemplo é a localização do Rancho dos ciganos na cidade de Sousa. Olha só! A cidade é cortada pela BR 230 de um lado da estrada fica o Centro Municipal, todo o comercio da cidade, as maiores impressas e os maiores estabelecimentos da cidade, como as igrejas, a prefeitura, os clubes. Do outro lado da rodovia a situação é completamente diferente, ali está a Colônia Penal Agrícola, o lixão, e no meio dos dois, o Rancho cigano. A cigana Fernanda Alcântara tem certeza que essa localização prejudica a integração entre ciganos e os demais habitantes da cidade.”

Fernanda Alcântara: “Dificulta um pouco a comunicação assim, pra gente ir pra rua comprar alguma coisa é muito ruim e a discriminação é muito grande porque a partir das quatro horas da tarde se você não vier, não tiver uma pessoa assim conhecida mesmo, ninguém vem aqui, ninguém, mototaxi, taxista, ninguém vem, isso acontece com todo mundo. Você chama: olhe, você deixa até o Presídio? Ele diz não, eu não posso ir. É assim, se você não tiver uma pessoa conhecida você vem a pé, e é muito distante.”

Narrador: “O prefeito da cidade de Sousa Fabio Tairone sabe dessa situação de marginalização extrema, mas está convencido de que a solução não é trazer os ciganos para a cidade, mas de levar a cidade até eles.”

Prefeito de Souza Fábio Tairone: “Com a urbanização da comunidade, que é o que nós sonhamos e pretendemos realizar, vai se instituir uma nova época ai, você trazendo o cigano para a cidade ou levando a cidade para dentro do cigano.”

Narrador: “Levar a cidade até os ciganos é realmente uma das tarefas mais complicadas, isso nos leva ao nosso segundo desafio.”

Narradora: “Segundo Desafio: a desconfiança dos moradores de Souza.”

Narrador: “Embora já estejam fixados há 28 anos o preconceito em relação aos ciganos ainda é forte na cidade de Souza, o correio, por exemplo, não entrega correspondências na área do Rancho, e como já vimos a partir de determinado horário os mototaxistas e taxistas não levam ninguém ao Rancho. O Cícero Romão Batista, batizado em homenagem ao padre Cícero, tem 17 anos e está fazendo cursinho pré-vestibular na cidade, todo santo dia sofre com o precário sistema de transporte.”

Cícero Romão Batista: “É o seguinte, a gente faz cursinho pré-vestibular, ai a gente vinha a pés. Ai foi quando a gente foi lá no ponto. Cêis mora aonde? Nois somo cigano, lá no Rancho dos cigano. Rapaz não da certo não! Ai eu disse: Eu dou R\$4,00 pra vocês me deixar.”

Narrador: “E o preço normal é?”

Cícero Romão Batista: “R\$ 2,00. Ai foi e ele disse que não dava certo não. Eu disse: Então deixe só nois lá no Presídio, e de lá nois vai a pé. Ele disse: Não da certo não, vou lhe deixar lá não! E não foi só um não, foi um bucado que tinha lá.

Narrador: “O professor de historia João Bosco, nascido em Sousa, também cresceu em meio a historias mal contadas sobre os ciganos do Rancho. Estudou, conheceu os ciganos e se apaixonou por aquela comunidade. Mas sabe que não é fácil contagiar

outros corações com a sua própria paixão. Ele até tentou em um dia das crianças levar seus estudantes até o Rancho.”

Professor João Bosco: “Eu decidi que ia fazer o dia da criança na comunidade cigana. Na própria escola já houve uma rejeição, pais de alunos ligando para a diretoria da escola, dizendo que o filho dele, ou filha dele, não ia nas viagens loucas, do professor louco de historia, que não ia confiar o filho dele, ou a filha dela, comigo no meio dos ciganos.”

Narrador: “Mas, basta um dia de convivência com os ciganos para quebrar a ideia de perigo. Os ciganos prezam pelo acolhimento, gostam de contar suas historias, mostrar suas musicas e claro oferecer um belo cafezinho. O que na verdade pode assustar um visitante no Rancho é a mais absoluta falta de infraestrutura urbana daquele lugar, esse é o nosso terceiro desafio.”

Narradora: “Terceiro desafio: A falta de estrutura.”

Narrador: “São cerca de 450 famílias ou 1200 habitante, as casas são pequenas embora possam abrigar até 8 ou 9 pessoas, a metade das casas é de alvenaria, mas as outras ainda são de barro ou de taipa como eles costumam chamar. O esgoto corre a céu aberto, não existe calçamento e a água não está sempre disponível. O Pedro Bernardone de 23 anos nasceu no Rancho, vive no Rancho, de que maneira heim Pedro?”

Pedro Bernardone: “Muito precariamente, sem estrutura, casas de barro, de taipa, alguns casa de palha, ai é esgoto a céu aberto, próximo a um lixão, a fedentina, muitos casos de doenças contagiosas aqui, de vírus, essas coisas, com as crianças.”

Narrador: “Não há escola próxima, e o posto de saúde que fica no Rancho, atende não só os ciganos, mas toda a população pobre que mora nas proximidades, ou seja, está sempre sobrecarregado. Até um tempo atrás isso não era um problema. De acordo com o Tita, apelido de outro Cícero Romão Batista, esse já com 50 anos, só de ouvir a palavra hospital os ciganos se arrepiavam.”

Tita: “Hospital, se falasse no hospital pra um cigano, vixiiii Nossa Senhora, era mesmo que pegar ele e amarrar de cabeça para baixo.”

Narrador: “Esse sentimento vem da época em que os ciganos viviam nas andanças, Francisco Soares Figueiredo, o coronel, conta que no mato era difícil pegar doença.”

Francisco Soares Figueiredo: “Cigano não morria, cigano só morria de 90 ano pra lá. O cigano fumava, ele bebia café, ele passava 3 a 4 dias de fome, ele dormia no chão quente, tomava água quente da lagoa, fazia o escambal, mas nunca teve doenças perigosas como hoje ta acontecendo, como hoje eu vejo no meio da comunidade cigana.”

Narrador: “E porque essas doenças perigosas agora estão no meio da comunidade cigana, é que o acesso a um serviço público de saúde de qualidade passou a ser uma reivindicação dos ciganos de Sousa e não é só isso anseiam por uma boa escola, um bom calçamento, bem e até o mínimo, uma boa água.

Já que às vezes é necessário que as mulheres da comunidade caminhem até um outro bairro pra pegar água e trazer os baldes cheios em suas cabeças. Bom, o problema da água, por exemplo pode ser reflexo de nosso quarto desafio.”

Narradora: “Quarto desafio: A escassez de recursos para o nordeste brasileiro.”

Narrador: “A frase é batida, tantas vezes repetida, mas Euclides da Cunha soube com maestria resumir o estado de espírito daqueles que vivem no sertão, “o sertanejo é antes de tudo um forte”. Se levarmos em consideração as dificuldades dos ciganos, que não deixam de ser sertanejos podemos verificar quanta força acumulada possui esse grupo. O nordeste e principalmente o sertão nordestino, ainda sofre com a falta de investimentos. O prefeito sousense Fabio Tairone da os números dessa desigualdade.”

Prefeito Fabio Tairone: “Obviamente que não só os ciganos como todo sertanejo sofre mais a falta de recurso, pra você ter uma ideia a Paraíba é um dos estados mais pobres do Brasil, um estado que está descolado do avanço que passa hoje Pernambuco, o avanço que tem hoje o Rio Grande do Norte, o avanço que tem o Ceara. A Paraíba ta

estática em relação a isso. Nós, a Paraíba tem um PIB discriminatório, 80% das riquezas paraibanas estão de Campina para o litoral. Pra ser mais específico 82% do PIB paraibano é litoral e Campina Grande e 18% é de Campina pra trás.”

Narrador: “Essa falta de dinheiro reflete também na comunidade cigana, Marcilane Alcântara de 24 anos, diz que uma consequência importante é a falta de trabalho.”

Marcilane Alcântara: “É tem isso também né? Agente já sofre com essa precariedade de emprego que não é como nas cidades maiores, nas cidades grandes que tem uma demanda muito maior no contrato de funcionários.”

Narrador: “Emprego, mercado de trabalho, algo para fazer, hora do quinto desafio dos ciganos de Souza.”

Narradora: “Quinto desafio: A falta de emprego.”

Narrador: “Vamos ouvir esse desafio pelas vozes dos próprios ciganos de Sousa.”

Cigana: “Nois temos uma ruma de rapaz tudo atrás de emprego, e não tem um que ninguém de emprego, porque tudo discrimina cigano.”

Cigano I: “Tem meus colega que pega serviço e me inclui, porque quando a sociedade sabe que eu sou um cigano eles não dão oportunidade.”

Cigano II: “Lhe digo com sinceridade era um meio de vida do cigano, lia a mão, troca, compra cavalos, até isso acabou-se.”

Cigano III: “Porque primeiro de que tudo, agente ta desempregados, nós não temos fonte de renda nenhuma, a gente vive de pequenos negócios, e as condições financeiras são muito pequenas.”

Narrador: “É unanime os ciganos têm um desafio quando a questão é emprego, e é duplo, primeiro conseguir o emprego e depois ser discriminado nele, o Pedro Bernardone sabe muito bem na pele o que é isso.”

Pedro Bernardone: “Fui admitido para trabalhar em uma certa empresa aí, e passei por vários estágios, coloquei o currículo no primeiro estagio, depois fiz uma prova qualificativa, passei na prova, fiz a entrevista, fiz a entrevista coletiva e a individual, fiz outra prova de capacitação passei, fiz teste com o dono da empresa passei, fui admitido para trabalhar, até então eles não me reconheceram como cigano, tudo normal, fui trabalhar, comecei a trabalhar, trabalhei 20 dias, tudo bem. um dia um amigo meu chegou na loja, um conhecido meu da escola, do futebol que a gente pratica muito esporte aqui, ai começou a conversar comigo, e ai como que tá a comunidade cigana e tal? Tá tudo bem. Um dos gerentes da loja tava escutando a conversa, quando meu amigo saiu ele me chamou no cantinho. Oh! vem cá, tu é cigano? Eu disse: Sou cigano. Tá bom. No outro dia 6:00hs da manhã ele me ligou, ai eu pensei, era no dia do pagamento, ai eu pensei que ia receber alguma coisa, gratificação ai fui lá. Ai ele chegou pra mim e disse que eles tinham se enganado, me contrataram porque o movimento da empresa tinha aumentando, mas que na verdade não tinha acontecido isso, o movimento na empresa diminui muito e não tava mais precisando do meu serviço, mas posteriormente se houvesse outra vaga o primeiro a ser chamado seria eu. Só que no outro dia, eu inocentemente fui lá fazer umas compras e encontrei um funcionário novo, e o funcionário não me conhecia. Ai eu perguntei: Tá começando a trabalhar agora? Ele disse: Foi entrei no lugar de um cigano que saiu, cigano saiu ontem e eu fui contratado agora. Ah foi? O cigano era eu. E era você? Saiu por quê? Eu disse: Não sei, disseram que não tavam precisando mais do meu serviço.”

Narrador: “É a prova de que não adianta apenas a mudança econômica, mas a transformação da mentalidade. A solução para que venha a qualificação e assim a possibilidade de emprego e também uma possível integração com a cidade poderia ter chegado no dia 6 de agosto de 2009, o dia da inauguração do CCDI, o Centro *Calón* de Desenvolvimento Integral, o principal ator do sexto desafio dos ciganos sousenses.”

Narradora: “Sexto desafio: a inatividade do Centro *Calón*.”

Narrador: “Em meio ao esgoto a céu aberto, as casas de taipa, e a paisagem seca, um prédio se destaca no rancho cigano, paredes brancas e azuis, cobertura em telha estilo colonial, por dentro são quatro salas amplas, dois banheiros e uma cantina, tudo isso com um objetivo, ser um local de desenvolvimento integral dos ciganos *Calóns*. Na

inauguração do Centro em agosto de 2009. O palanque estava cheio de políticos, os ciganos mesmo ficaram em segundo plano, como nos fala o professor João Bosco, um dos organizadores daquele evento que foi pensado para ser uma festa cigana, mas ...”

Professor João Bosco: “Não foi uma festa cigana, foi um palanque político, os ciganos eram apenas coadjuvantes, nessa historia, o que menos importava naquele dia na verdade eram os ciganos.”

Narrador: “Ivoneete Carvalho, diretora de programas da Subsecretaria de Políticas para Comunidades Tradicionais da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade, aponta qual é o objetivo do CCDI.”

Ivoneete Carvalho: “É que se construiu esse Centro de Referência para ter um espaço que dialogasse com as famílias ciganas de Sousa na Paraíba, que há uma grande concentração de famílias ciganas naquela cidade.”

Narrador: “Mas o dialogo entre o poder publico, e os ciganos de Souza, parece, pelo menos por enquanto, estar acontecendo em idiomas diferentes. O Centro está parado, as salas vazias, a manutenção do local sai do bolso dos ciganos, mas especificamente do bolso do Francisco Coronel, o pai do Pedro Bernardone.”

Pedro Bernardone: “Meu pai ta pagando a energia do Centro, infelizmente eu acho que ele vai deixar de pagar por que não tem condições, vai ser cortada porque havia um aviso de corte porque ta um atraso no papel muito alto. A água muito dificilmente chega aqui, agente deu um jeito de instalar a água aqui, mas dificilmente chega água aqui. A limpeza é voluntária a gente faz a limpeza voluntária, não faz todos os dias porque o material de limpeza, a gente não tem todos os dias pra fazer, mas quando a gente arruma a gente faz a limpeza, mantém o centro limpinho, organizadozinho com o que tem.”

Narrador: “É na verdade o que tem é muito pouco, alguns livros, uma imagem de Santa Sara e cadeiras de plástico, algumas delas quebradas. No Centro que sem estrutura não pode ser utilizado adequadamente pelos ciganos, acabou por gerar certa

revolta na comunidade. São muitos depoimentos pedindo providências para o funcionamento pleno daquelas quatro salas ali disponíveis, afinal como diz o Tita.”

Tita: “A prova tá aí, o assentado ta construído. Aí, se entrar lá dentro só tem retrato.”

Narrador: “Mas os ciganos mais jovens enxergam no Centro um importante instrumento para o desenvolvimento da comunidade, ideias e projetos para fazê-lo funcionar já estão nascendo. A Marcilane, defensora da educação entre os ciganos, quer ver o Centro como instrumento do aprendizado.”

Marcilane Alcântara: “É o projeto que agente queria pro Centro *Calón*, era de um projeto que ele priorize a educação, porque é por meio da educação que agente vai se inserir na sociedade, e vai fazer com que esse preconceito que ainda existe contra os povos ciganos, ele diminua.”

Narrador: “Há também a ideia de criação de uma companhia de dança cigana e uma cooperativa de arte. Bom... faltam recursos, mas o Centro *Calón* também pode ser utilizado para vencer outro desafio do cigano sousense, o sétimo.”

Narradora: “Sétimo desafio: a perda das tradições.”

Narrador: “Buena-dicha, o idioma e algumas das tradições ciganas encontram dificuldade para se manterem vivas na comunidade cigana de Sousa. As necessidades fundamentais acabam por deixar de lado a preocupação com a manutenção da cultura. Sobre a leitura de mão, por exemplo, a dona Dolores tem uma opinião formada.”

Dona Dolores: “O povo também, já tão meio escaldado, já num credita mais nisso.”

Narrador: “Mas não é só a descrença na leitura de mãos que praticamente acabou com essa atividade em Sousa, o conhecimento não foi repassado. Para o Francisco Coronel o Centro *Calón* pode funcionar como um instrumento de resgate da cultura cigana, já que de acordo com ele ta tudo se acabando.”

Francisco Coronel: “Na construção desse Centro de resgate da cultura cigana, ele já diz, esse foi uma construção para resgatar a cultura que tá se extinguindo assustadoramente. E a construção desse Centro aí foi justamente, para que nois pudesse colocar pessoas capacitadas, para que nois pudesse ensinar, por exemplo, nosso idioma. Ele tá se acabando, a *buena-dicha* tá se acabando, mas nos temos gente capaz de conseguir arresgatar essas coisas.”

Narrador: “Existem sim ações que devem ser de resgate, mas algo também necessário à comunidade *Calón* é a publicidade, claro a publicidade, ali no meio de tantas dificuldades está um celeiro de artistas, chegamos ao oitavo desafio.”

Narradora: “Oitavo desafio: a busca pelo reconhecimento do talento cigano.”

Narrador: “Messias tem três anos, desconfiado, sai de sua casa e fica com os olhos fixos no chão. Não quer olhar esse pessoal diferente segurando gravador, bloco de papel e caneta, porém, quando Tita começa a tocar o violão o menino deixa a vergonha de lado e solta a voz.”

Messias(cantando): “Quando o vento assopra a bananera, ela geme, chora de dor, e que vive abandonada a coitada, sem carinho, sem amor.”

Narrador: “Três anos, e Messias é apenas uma semente, um futuro, no presente são dezenas de dançarinos, cantores, violonistas, como explicar essa incrível capacidade dos ciganos do Rancho de produzir talentos musicais. Bem, a Marcilane sabe o porque disso.”

Marcilane Alcântara: “O sangue cigano. A gente é rico culturalmente, a gente tem muita facilidade, eu vejo assim, como muita facilidade em aprender as coisas. Meu irmão, ele não tem nem um ano, vamo dizer, que toca violão, mas vamo dizer que qualquer solo que você pedir pra ele fazer, ele vai fazer pra você o solo. O Tita, ele não foi a escola, não sabe ler, não sabe escrever, mas se ele escutar uma musica, ele pega de ouvido então ele sabe marcá a musica. Então a gente tem músicos natos, cantores natos, dançarinos perfeitos.”

Narrador: “Por tanto esses artistas precisam de publicidade, mostrar ao mundo seus dons e suas capacidades. Pode ser na cidade de Sousa, em um programa de radio ou quem sabe para outro país pela internet. Internet? Bem, não é todo cigano que vê a internet com bons olhos. Outro desafio.”

Narradora: “Nono desafio: a integração com a tecnologia.”

Narrador: “Os ciganos mais tradicionais de Sousa tomaram alguns choques nos últimos 30 anos, primeiro o fim do nomadismo, depois as casas de alvenaria e agora chega a tal de internet. O Pedro Bernardone com seus 23 anos, conta até fazendo um pouco de graça, o susto causado pela rede mundial de computadores.”

Pedro Bernardone: “Foi quase como um choque pra cigano foi a internet, assustou, assustou, assustou muito o cigano por causa da quantidade de informação que agente consegue, eles perguntam assim como que ele sabe que eu to aqui em Sousa porque ele ta em outro país, ai cigano é assim, ai ele ficou com como se fosse assim com um pouco de medo, de receio da internet, mas já tão se acostumando, eles costumavam dizer que a internet era o diabo.”

Narrador: “Os jovens já entenderam que a internet é uma poderosa aliada na busca não só de informações mais também de direitos. E o advento das redes sociais cria mais uma possibilidade de expor o que realmente são os ciganos com um alcance imediato a milhares de pessoas. Mas mesmo nas redes sociais ainda encontra-se a sombra do preconceito, o Cícero Romão que todo mundo no Rancho chama de Bob já sofreu preconceito digital.”

Cícero Romão: “Porque às vezes quando agente ta conversando no Orkut, quando sabe que é cigano sai. Tá entendendo? Inclusive teve até uma menina que eu tava conversando com ela. Ela disse: Você é cigano e eu disse sou, ai ela foi lá e disse comigo não tem papo você tá sendo excluído agora.”

Narrador: “Mas os ciganos não desanimam não é uma exclusão que vai excluir a possibilidade de tantas inclusões. O próprio Bob criou comunidades no Orkut sobre o Rancho, sobre o Centro. E sabe que isso é importante. A tradição pode se aliar a

modernidade, para ser mais um meio de transformação da vida para melhor. Chegamos aqui ao ultimo desafio dos ciganos *Calóns* de Sousa, o futuro.”

Narrador: “Décimo desafio.”

Narradora: “As ações para o futuro.”

Narrador: “A opinião sobre o futuro é um ponto divergente entre os ciganos de Sousa. Alguns acreditam que a vida vai melhorar e a cultura vai acabar. Outros, que com o aumento de conhecimento, a cultura voltará ainda mais forte. Com a palavra a Marcilane, 24 anos, cigana, com muito orgulho, como sempre gosta de frisar, cursando o ultimo período do curso de pedagogia. Sempre defensora da educação e da preservação da cultura cigana. Ela diz o que imagina para o rancho cigano em 2030.”

Marcilane Alcântara: “Nossa! O que é que eu imagino? Imagino tantas coisas.”

Narrador: “Boas?”

Marcilane Alcântara: “Boas. Coisas boas! Assim como eu digo sempre. No meu vocabulário não existe a palavra desistir. Jamais, desistir jamais, então assim: o que eu imagino? Imagino uma comunidade cigana com esgotamento, com saneamento, que eu chamo de estrutura. Tudo bem organizado, as casas bem organizadas, para se construir o bairro cigano de Sousa. Que vai servir como ponto turístico pra cidade.”

Narrador: “Os desafios estão colocados e o povo cigano de Sousa se mostra disposto a encará-los. Moises passou por maus bocados durante a sua peregrinação, teve que enfrentar a descrença de quem o seguia, assim como muitos ciganos sousenses andam descrentes com as possibilidades de melhoras de vida. No momento mais critico da jornada Moises teve que dividir o mar ao meio para que seu povo pudesse atravessar aquele pedaço do caminho. O preconceito com os ciganos pode ser vencido a cada dia com a busca de conhecimento e maior integração do rancho cigano com a cidade de Sousa, assim o mar do preconceito pode não só partir ao meio, mas quem sabe secar.”

EPISÓDIO nº 9. Na terra dos romeiros. A comunidade *Calón* em Trindade de Goiás.

Descrição da festa

Narrador: “Todos os anos, sempre no mês de julho, milhares de peregrinos colocam o pé na estrada, para em romaria atravessar quilômetros e quilômetros de cerrado, até chegar a Trindade, pequena cidade na região central de Goiás, a cerca de 20 quilômetros da capital, Goiânia. Uma tradição de 170 anos. O ponto de encontro de todas estas pessoas é a imponente basílica do Divino Pai Eterno, santuário religioso, onde os romeiros expressão sua fé e devoção a Deus. São nove dias de orações e cerimônias coroados com uma grande festa, na qual não faltam comida, bebida e muita música sertaneja.”

Narrador: “Nesse período as ruas e praças de Trindade ficam tomadas por moradores e visitantes. No meio de todo o burburinho um grupo prá lá de animado chama a atenção, é o Rancho dos ciganos onde se reúne as centenas de famílias *Calóns* residentes na cidade. Como conta Divanildo Alves da Silva, músico cigano que em dupla com o irmão, garante o arrasta-pé no chão de terra batida.”

Divanildo Alves da Silva: “Vem cigano de todo lugar nesse rancho nosso. Aqui nois é tudo familiar ai o que acontece agente procura fazer tudo por nossa conta da gente mesmo, prá ter mais liberdade com a família. Entendeu com é que é? Sempre nessa multidão de gente ai, às vezes falta até respeito. Quantas vezes a pessoa tá até com a namorada, ai o cara vai e mexe, num respeita nem a pessoa que tá junto com a pessoa. Entendeu como é que é? Então para evitar assim, encrensa, alguma coisa a gente faz um rancho só com a família ninguém vai ter coisa errada um com o outro. Vai até 5:00hs ou 6:00hs da manhã todo dia.”

Narrador: “Filho de pai e mãe ciganos Divanildo canta e toca vilão desde os dez anos de idade. Aprendeu sozinho observando os parentes mais velhos e os artistas locais. Em meio ao repertório repleto de músicas sertanejas ele costuma surpreender a plateia com com uma composição cantada no dialeto *Calón*.”

Divanildo: “É só pra, uma coisa diferente né? A gente canta uma música cigana ai, a pessoa vai falar: mas que música é essa que eu nunca ouvi? Eu acho muito engraçado, fazer uma música na língua cigana (canta).”

Narrador: “Toni Lima de Carvalho, outro cigano local, mora no município vizinho de Goianápolis, mas frisa que participar da romaria do Divino Pai Eterno é uma tradição seguida à risca pelos ciganos *Calón* de toda a região.”

Toni Lima de Carvalho: “Nois não perde um ano, se perder um ano, da festa da trindade é mesma coisa de você ta perdendo 10 anos de vida. Desde pequeno nois ciganos, todo ano nois vêm para a festa do Divino Pai Eterno, é todo! E não é só nois da Trindade não, é todos, nois aluga quintal ai, e arma a barraca nos fundo dos quintal e fica de dia, de noite nois ta na festa, ta na novena.”

Narrador: “A história dos ciganos de Trindade vem de longe. Grupos de *Calóns* que costumavam transitar pela região aos poucos foram se fixando nesse lugar de povo pacato e gente hospitaleira. Hoje eles se concentram principalmente no bairro Vila do Pai Eterno. E apesar de boa parte reclamar do preconceito e da falta de oportunidade de emprego a maioria se sente plenamente integrada ao dia a dia da população local. Alguns até já ocupam cargos na administração pública, como é o caso de Marcondes Soares Costa, atual secretário de igualdade racial do município. Ele explica que nasceu também na goiana Itauçú, e que desde criança vinha com a família participar da romaria no mês de julho. Segundo Marcondes, hoje são mais de 2.000 famílias vivendo cidade. Mais de duas mil famílias. Meu avô, cê entende? Que era chefe dos cigano, do Rio de Janeiro, da mata do Rio, veio criança prá cá, ai conviveu aqui em Catalão, estado de Goiás, cê entende? Lá cresceu aqui de família cê entende? Ai eles vinha prá cá na festa, eles vinha e voltava, vinha e voltava. Por ele ser um chefe cigano, ele tinha muita amizade com o governo daqui que era o Dr Pedro Ludovico Teixeira, cê entende? Os dois era muito amigo, cê entende? E ele tinha aquela força por ele ser a comunidade grande o líder dos cigano, da comunidade. Ai conhecemo aqui, ai veio embora pra aqui. Achou bom, esse pessoal sempre muito humilde e gosta muito de nois, e nois tamos vivendo até hoje aqui.”

Narrador: “Marcondes diz que o processo de adaptação dos ciganos em Trindade exigiu algumas mudanças de costumes, inclusive no modo de se vestir.”

Marcondes: “Mulher antigamente usava aquela roupona, cê entende? Devido ao preconceito que tinha muito, cê entende? Via aquelas muié de roupona se era uma, duas, três ciganas dizia: Ih! Que ciganera. Mas não é, só três só. E ai por ser muito perseguido, por preconceito, ai mudou muito os traje das cigana. Num é mais aquele traje de antigamente aquelas roupona. Agora usa uma roupa mais social sabe? Misturou um pouquinho com os brasileiros, que o cigano não tá como antigamente cê entende? [...] passa uma cigana aqui, eu conheço porque sou cigano, mas se passar dois, três aqui ocês num conhece, pois mudou muito o estilo, cê entende? Mas o dioma continua, tudo continua, a tradição continua.”

Narrador: “Sobre o trabalho a frente da Secretaria de Igualdade Racial, Marcondes relata que seu principal desafio é contribuir para uma convivência harmônica entre os diferentes segmentos da população.”

Marcondes: “Pessoa que é racista entende? Que às vezes não gosta do preto vai falar do preto, não pode. A gente tem que estar junto dar conselho. Prá cigano mesmo, cê entende? Às vezes quer falar mal, cê num deve fazer isso a lei mudou muito né com antigamente não. Tem que respeitar todo mundo. Se você é preto porque eu não vou respeitar você? Você é o mesmo ser humano. Eu sou cigano, você não pode falar de mim que sou cigano, não. Cê num vai falar uma palavra assim debochente, isso é até crime, bota aqui bota nois. Tinha um policial que era assim arrogante. Ai eu falei com o prefeito, nois foi no comandante deu uma puxada de frei nele, agora ele tá quieto. Tinha dois, tinha um sargento e um soldado cê entende? Que num gostava de cigano. Eu disse assim: Cês tem que gostar, também ninguém gosta de policial.”

Narrador: “Como manda a boa tradição cigana, os *Calóns* residentes em Trindade, têm nos pequenos negócios e na venda de produtos o seu principal ganha pão. Os homens em geral comercializam ferramentas nas cidades vizinhas e, também costumam viajar para fazer dinheiro em outras regiões do país. Já as mulheres, ajudam no orçamento doméstico vendendo tecidos e roupa de cama. É o que explica Juarez Batista de Moura, delegado da Associação de Desenvolvimento da Comunidade Cigana de Goiás.”

Juarez Batista: “Nois, cê vê essas confecçãozinha aqui? A gente pega as coisa de confecção, a gente vende ferramenta, maquina de fazer, de cortar madeira... é... é furadeira ferramenta essas coisa entendeu? Vende casa em casa vende em porta, vende em Minas, vende em São Paulo, vende na Bahia, vende no Ceará, vende de todo lado, nois tá vendendo. Só o que a gente sabe fazer.”

Narrador: “Toni Carvalho acrescenta que no verão os *Calón* de Trindade costumam seguir para as praias do Rio Grande do Sul, com o objetivo de vender suas confecções aos turistas em férias. Nessas ocasiões, a viagem é feita em família com homens, mulheres e crianças trabalhando em conjunto.”

Ciganos I: “Nóis vai prá praia nois fica três quatro mês lá, nois vende enxoval né? Roupas, enxoval, mai nois vai assim, em comunidade, uns cinco seis ônibus.”

Narrador: “Todas as manhãs, Dona esmeralda, esposa de Juarez, deixa sua casa na Vila do Pai Eterno para vender roupa de cama pelas ruas de Trindade e vizinhança. Ela diz que a renda que consegue com esse serviço é boa, suficiente para manter a geladeira cheia e as contas em dia. Porém, reclama que para exercer a atividade, precisa disfarçar sua condição de cigana.”

Esmeralda: “Ai, por exemplo, eu tenho a minha roupa cumprida, bonita. Ai agente tem que i mais assim, oh! Tá vendo? Por que ai quando agente ta com o carrinho, eles falam, você é cigana? Agente ta com um brinco, um cordãozinho, e ai eles falam você é cigana? Pelo meu sotaque. É, mais você parece cigana, por que o tipo do rosto, do cabelo. Ai eles falam, não você é cigana, pode fala que você é cigana. Ai eu falo, não. só cigana não. Porque ai se agente fala, eles não compra de nois né? Se eu fala que é cigana, ai parece que eles foge da conversa, perde o interesse, foge dali, parece que eles acha que tem defeito o trabalho da gente. Eu acho que eles pensa assim, por causa de nois cê cigana, nois vende produto de segunda qualidade, e é boa qualidade. É algodão fio 30, a gente fala, abre pra elas, e , elas fala não, não quer.”

Narrador: “Esmeralda observa que não é só no trabalho que os ciganos são discriminados, segundo ela também no acesso nos serviços públicos básicos, com na rede de saúde, por exemplo, os calóns ainda sentem na pele, essa dura realidade.”

Esmeralda: “Nois tem que ser mais bem recebido nos hospital que nois não samo, ser bem atendido e nada. Nois samo apavorado, eles sabe que nois samo apavorado. Nois quer que atendi mais rápido, nois tem medo que morra né? Alguns né? Que faz falta de mais. Eles qué que espera, nois num quer que espera. Nois não tem plano nenhum nois paga particular. Cigano nenhum tem plano. Plano de saúde que eu falo, e ai a gente chega no hospital a gente é muito mau recebido, as muié já começa a xingar, maltratar a gente e lá começa a grosseria da gente, minha, minha mesmo. Quantas vez eu já fui nos hospital, já briguei, maltratei, até no postim de saúde principalmente. Remédio assim é muito difícil, remédio que meu esposo toma que é muito caro, eu não tenho condições de tá comprando né? E tem que tá ganhando e...é muito difícil tá lutando por isso e é isso que eu te falo.”

Narrador: “Numa tarde de sol forte, na praça enfrente a basílica do Pai Eterno, encontramos Dona Neroína Izabel oferecendo toalhas de mesa aos poucos visitantes que passavam pelo local. Ela é uma *gajin*, ou seja, não nasceu cigana, mas há trinta e quatro anos se casou com um *Calón* e assimilou o modo de vida do marido. Foi o suficiente para também ela passar a ser alvo da discriminação.”

Neroína Isabel: “Meu filho, os cigano, as pessoas tem tanto preconceito com ciganos, se você chega em algum lugar, em uma porta, as pessoas já dizem, ah! é uma cigana. Então é difícil. As pessoas acham que agente tá ali é pra pedir, é pra querer qualquer coisa na marra, e não é bem assim. São pessoas normais, como outra qualquer. Hoje tá bem amenizado. Mas antes era difícil.”

Narrador: “Dona Neroína lembra que no inicio teve dificuldades de se adaptar aos costumes ciganos, principalmente porque quando casou, a família morava em acampamento, diferente de hoje que ela e o marido têm residência fixa em Trindade, mas ela relata que o esforço valeu a pena.”

Neroína Isabel: “Sim, foi difícil. Claro que sim, e a gente não vivia como vevi hoje, vivia de barraca, cozinava no chão, buscava água na cabeça, buscava lenha no mato. Era difícil, mas consegui, hoje eu tenho minha casa, criei meus filhos dentro de casa. Hoje a gente vive uma vida comum, como vocês.”

Narrador: “Assim como os mais experientes, as novas gerações de ciganos em Trindade levantam a voz contra o preconceito. Tatiane Feitosa trabalha na confecção de roupas de cama com uma equipe formada basicamente por moças ciganas, como ela. Juntas chegam a produzir até duzentas peças por dia. Tatiane afirma que além da confecção muitas *calíns*, como são chamadas as mulheres de seu grupo, trabalham em salões de beleza de Trindade, como cabeleireiras e manicures. Contudo, reclamam que é sempre difícil para elas conseguir uma boa oportunidade de trabalho.”

Tatiane: “Não, não valorizam os ciganos. Nós somos muito humilhados. Muito morador chega em nois e diz que cigano é isso que cigano é aquilo. Cigano é ladrão, cigano é traficante, cigano é isso, mas num é nada disso. Nois somo muito humilhados na frente deles sabe? Eles não valoriza nois como eles até a gente, agente for trabalhar, arranjar um serviço, se falar que é cigano a gente não consegui sabe? Arranjar um serviço fora sem ser um parente da gente. A gente não consegui serviço porque eles pergunta: Que raça que você é? Cigana. Eles discriminiza, não quer, não aceita.”

Narrador: “Leandro soares de Moura, que é filho de Juarez e Esmeralda, concorda com Tatiane.”

Leandro Soares de Moura: “Hoje tem maior oportunidade, de serviço, vamos supor de motorista para alguma coisa. Tem muita gente nossa nois somo estudado, tem curso de computação. Que teve esforço de vontade de fazer. Entrar dentro de uma prefeitura, uma secretaria, uma pessoa que entrar num curso de digitação. Hoje em dia, nós ciganos somos de peito aberto, qualquer serviço que mandar hoje - pra mostrar que nós ciganos temos capacidade, entendeu? Que não é... Fala assim: Ué eu vou dá emprego prá cigano? Pra que, eles não tem a qualificação e a oportunidade pra poder trabalhar aqui. Então nois queremos fazer isso, mostrar pro povo que a gente tem capacidade de ser uma pessoa igual a todo mundo. Não só porque nois pode carregar mala nas costas e trabalhar no sol-à-sol. Nós fazemo isso, eu faço isso, minha mãe faz, meu pai faz. Então nois queremos quebrar esse preconceito, disso que fala que cigano não trabalha, cigano não faz nada. Nois queremos tirar esse nome do nosso currículo, de à toa.”

Narrador: “Aos vinte e cinco anos, Leandro é primeiro secretário da Associação de Desenvolvimento da Comunidade Cigana de Goiás. Ele explica que o objetivo da entidade é assegurar melhores condições de vida e mais respeito para os *Calóns*.”

Leandro: “A gente fez a Comunidade na intenção de combater o preconceito que nois tava convivendo aqui, entre policia essas coisa. Nois criando essa comunidade foi onde aconteceu assim, nois, nois teve uma presença. Que nois num era considerado uma habitação no estado, nois era discriminado, nois era preso, tudo quanto era carro que aparecia na coisa era preso pela policia, então você saia você era abordado três, quatro vez por policial pra saber se você tava usando droga, armamento alguma coisa, era desse jeito. Quando não tinha nada eles inventava: Isso é busca de rotina, mas isso era porque era ciganos. Eles paravam cinco seis blitz nessa vila do Pai Eterno pra saber de cigano. Nois criou essa Comunidade e melhorou cem por cento a nossa vida, até em termo de responsabilidade, de emprego, de serviço. Isso tudim foi o que aconteceu. Com nossa carteira da Comunidade cigana, nois tá sendo visto com olhos diferente entendeu? Por isso é que agora a gente tá tendo orgulho de ser cigano. A gente trabalha bem certim, policiamento vem, para a gente, aborda a gente. A gente mostra a carteira, identifica cigano ele deixa a gente trabalhar certim. É isso que a gente tá querendo, quer melhorias pra nois entendeu? A gente quer ser bem visto pela população. A gente não quer ser visto como antigamente. Que antigamente o povo pegava e via cigano esse é tudo povo malandro. Na boca do povo cigano é ladrão, cigano é isso cigano é aquilo, cigano não faz nada. A gente quer ser bem visto na boca do povo entendeu?”

Narrador: “Juarez de Moura concorda que os ciganos de Trindade ainda sofrem com o preconceito e a discriminação, mas recorda que em tempos passados, quando ainda viviam em barracas, viajando de um lado para outro no interior do país a situação era bem pior.”

Juarez de Moura “Nois sofria de mais cê sabe como é que nois tinha que fazer? Nois tinha que pousar no meio do mato. Chegava num lugar, às vezes chegava à noite, nois ia acampar, já vinha a polícia e falava: Oh! Cês não pode ficar aqui. Fazia nois desarmar e diz: Ai oh! Vou dar duas horas pra cês desmanchar o acampamento e ir embora. E ali ficava com a viatura ali oh! E enquanto nois não desarmava ia embora, eles num saia, entendeu? Ai nois tinha que tornar a levantar acampamento, cassar um lugar . chegava

num lugar assim oh! Pedia uma água pra nois tomar o vizinho assim não dava cê entendeu? Tinha muitos lugares onde a gente não era bem visto. Era muitos lugares, em Goiás, em Minas, São Paulo e todo lugar, o cigano era mau visto demais da conta. Até hoje ainda tem preconceito.”

Narrador: “Outro integrante da velha-guarda dos ciganos de Trindade, seu Antonio, traz na memória os tempos difíceis da vida nômade. Para ele a vida melhorou nos últimos anos, principalmente pela chance de enfim ter um lugar prá chamar de seu.”

Antonio: “ Nossa senhora, andamos em barraca muitos ano. Sofremo dos outro botar soldado em nois, judiava de nois a toa, sem precisão. Agora, graças a Deus não, agora nois tá com a vida boa. A vida era uma vida assim, de medo. Pousava aqui, amanhã sumia um trem, falava que era nois. Nois sofria sem merecer.”

Narrador “Porém, quando perguntamos se no fundo do coração ele preferia mesmo viver numa casa de alvenaria ou numa barraca, como fazia os antepassados, seu Antonio é categórico em responder.”

Antonio “O sono na barraca é bom demais, gostoso. A barraca, nois sempre fomos criados juntos, nascemos na barraca, eu fui nascido e criado na barraca. Nem doença não tem. [...] pra mim é melhor a barraca, pra mim é melhor barraca cê dorme um sonão eu não gosto de casa não, eu moro em casa, como diz o ditado, chegou o tempo da gente ficar quieto.”

Narrador “Ao declarar seu amor pela vida em barraca, seu Antonio olha emocionada para a mãe, dona Rosário, aos cem anos ela é a matriarca dos ciganos de Trindade. E cheia de vida, costuma caminhar todo fim de tarde pelas ruas da vila do Pai Eterno. Passa de casa em casa recebendo o carinho e o respeito de um cem numero de filhos, sobrinhos, netos, bisnetos e tataranetos. Dona Rosário, fala com saudades do tempo de acampamento.”

Dona Rosário “Era mió, meu comê era mio no chão. Comê gostoso, numas panela boa, panela de ferro, agora panela de alumínio, num presta. Eu sei fazer macarronada, arroz, carne, frango, café bão . Sei fazer café que o sr nunca bebeu. Eu tinha vinte pessoa

dentro da minha casa, comendo e bebendo. Eu dava conta, fazia uma panela assim oh! Comia... comia, prá traz era mió, era mais alegria. Que eu tinha meu marido, eu tinha alegria, agora eu tenho tristeza, não tenho meu marido. Mas eu tenho cem ano.”

Narrador: “Apesar do saudosismo que ainda sobrevive no coração dos mais antigos, a maior parte dos ciganos de Trindade, já se habituou ao conforto de ter um endereço fixo para criar os filhos e manter a família. O *Calón* Nilvando Alves Luzia é um exemplo disso. Ele exalta as vantagens de morar num lugar tranquilo, onde segundo ele, a criminalidade e a violência urbana não tem vez.”

Nilvando Alves Luzia: “Graças a Deus na nossa comunidade cigana, não existe esses negocio de assalto, violência, estuprador, drogado. Nois comunidade cigana não entra. Não entra não porque sabe que a maioria é muié de cigano, que eles têm aquela fama de brabo né? Mas nois não somo brabo, graças a Deus. Nós somo brabo na nossa razão. Isso é todo mundo né? E, eles na nossa casa aqui não entra não. Podexá porta aberta, e a vizinhança que sabe que os cigano são os morador, pode procurar eles que eles tão muito satisfeito de morar com nois.”

Narrador: “A enfermeira Silsa Paula da Silva é testemunha dessa convivência. Silsa que não é cigana preside a Associação da vila do Pai Eterno. Ela mora a vinte anos no local, e se diz satisfeita de ser vizinha dos *Calóns*.”

Silsa Paula: “A experiência de conviver junto com eles aqui no setor é muito boa. Eu não tenho nada que reclamar não. Eu sou enfermeira, trabalho na comunidade toda junto com eles. Se eles tem o que falar de mim, eu não tenho nada que falar deles. É ótimo, gosto muito deles, eu tenho amizade, conheço quase todos. As festas deles são ótimas, então não acho muita diferença não, da minha convivência com eles não.”

Narrador: “Outra moradora não-cigana do bairro, Maria Célia dos Santos, tem a mesma opinião.”

Maria Célia dos Santos: “Fui criada junto com eles. Admiro muito eles porque é todo mundo unido, então a gente aprende muito com eles. Considero como minha família, então num tem diferença não.”

Narrador: “Mesmo tendo abandonado a vida em acampamentos, os ciganos de Trindade fazem questão de manter vivas, muitas das tradições que herdaram de seus antepassados. Uma delas diz respeito ao casamento entre seus membros. Em geral, os jovens se casam bem novos. As meninas com treze, quatorze anos, os rapazes com dezesseis ou dezessete. Com isso é comum que pessoas na faixa dos trinta serem avós, bem como terem bisnetos antes de chegar aos sessenta anos. Um costume secular que os *Calóns* goianos preservam em relação aos casamentos, são as grandes festas promovidas nessas ocasiões. Tudo custeado pelo pai da noiva é bom que se diga. Juarez de Moura lembra com orgulho da super produção que preparou para o matrimônio da filha.”

Juarez de Moura: “A minha menina casou aqui. Eu fiz um barracão aqui e aluguei um clube lá embaixo. Ai fiz duas festa uma aqui e outra lá embaixo. Foi cinco dias de festa direto. Ali era de madrugada, até o dia amanhecer. É fuguete. Nois soltemo dois mil fuguete . Ai foi festa mesmo. O povo ficou mesmo enjoado ao redor mais não tem jeito, é a tradição. Ai o povo vinha em mim eu dia: Vem pra cá, vem comer mais nois aqui. Ai ficava até tarde .”

Narrador: “Sua esposa Esmeralda defende o modelo cigano de casamento. Ela considera importante que a família continue dando a palavra final sobre a união dos casais.”

Esmeralda: “Tem vinte seis ano que sou casada com ele e nunca vi ele pra mim casar com ele. Depois de dezessete dia que meu pai arranjou ele pra mim casar com ele eu casei. Tô até hoje . Se for pra casar de novo eu caso com ele. A nossa tradição é essa pronto, não tem jeito. Porque se eu ver que o rapaz não vai prestar pra ela, que não vai dar certo, família com família, vai desunir, então a gente não deixa. Tem que ser com aquela família que vai dar certo. Num existe esse negocio de separar, no meio de nois, pra fazer bagunça. A gente não gosta disso, nois não aceitamos ”.

Narrador “A virgindade da noiva é outra questão de honra para os *Calóns*. Como lembra Helena Soares da Costa, casada com o primo Eurípedes desde os quatorze e que aos trinta e quatro, já é avó de um garotinho.”

Helena Soares da Costa: “Nois tem que casar, a moça virgem né? Nois tem que ser moça virgem pra casar porque senão, nois não pode casar. Não pode namorar pra casar.”

Narrador: “Eurípedes Socorro Soares, o marido de Helena, é responsável por manter outra tradição importante entre os ciganos de Trindade, a novena em homenagem ao Bom Jesus da Lapa. Segundo Eurípedes, a celebração já acontece há mais de trinta anos. Sendo dezesseis edições, só no quintal de sua casa.”

Eurípedes Socorro: “Nois faz ela faz muito tempo já. Já vem fazendo ela, já vem passando de família e família. Começou num problema que um primo meu tinha, de um problema, muito sério de leucemia, ai pedi por ele, ai fui valido, ai nois vem fazendo a festa de muito tempo, nois vem fazendo ela quase dezesseis ano. A gente entrega os votos da gente. Quando dá nove dias a gente entrega as promessa da gente, porque quando as pessoas tá assim doente, tá necessitado ai a promessa é cumprida, ai entrega, pro Bom Jesus da Lapa.”

Narrador: “No altar imagens de santos de devoção se misturam a fotografias de membros da comunidade para quem os fieis pedem bênçãos especiais.”

Eurípedes: “Tem Divino Pai Eterno, Bom Jesus da Lapa, Nossa Senhora da Abadia, Nossa Senhora Aparecida, Santa Experdita, Divino Espírito Santo, São Sebastião, Nossa Senhora das cabeça, Rosa Mística, Sagrada Famia, Santa Luzia, qui tem vario santo, que a gente tem assim... um acerto muito viva com eles, ai como se ta vendo aqui uma riqueza pra nois, pra nois é uma cultura que nois ama muito.”

Narrador: “Após nove dias de preces e orações, chega a hora da festa, dezenas de pessoas participam dos preparativos, trabalhando com capricho para que nada fique fora do lugar. A noite musica, dança, alem de muita comida e bebida, fazem a alegria da multidão de ciganos que lota o quintal de Eurípedes.”

Eurípedes: “Todo ano eu faço uma festa muito grande aqui, mato vaca, dô comida po povo, musica, som, ouvi. O povo canta, toca, bebe, faz de tudo, qui vai té o dia amanhecê, junta aqui (inaudível) 500 pessoa, 600 pessoa, aqui tem veis que nem cabe isso aqui, toda nossa população aqui.”

Narrador: “Costumes como modelo de casamento e as festas religiosas estão preservados, mas algumas tradições ciganas vão ficando aos poucos para trás, desde que as famílias *Calóns* fixaram residência em trindade. É o caso, por exemplo, da prática de leitura da sorte, a buena-dicha, segundo Helena da Costa hoje em dia não é mais tão comum as jovens *calíns* da cidade desenvolverem esse talento.”

Helena da Costa: “Tem ainda né, tipo, eu não sei né, lê a sorte, mas, as mais velha. Eu não aprendi porque, a minha mãe, ela não tinha essa vocação, quem tinha era a minha avô, então, quando a minha avô morreu, eu ainda era pequena. Eu não participei, assim, de nada dessas coisas. Mas, a minha bisavô, na verdade ela era uma curandeira muito grande. Vinha gente de todo quanto lugar, pra tratar com ela, pra fazer remédio caseiro, oração e tudo. Pela sua mão, ela te contava a sua vida; minha bisavô.”

Narrador: “Dona Neroina, aquela *gajin* casada a mais de trinta anos com um cigano, diz que a língua *Calón* é outra tradição que tem sido difícil de se manter entre os ciganos mais jovens. Ela que aprendeu o dialeto antes do casamento. Observa que seus filhos não conhecem a fundo as palavras do vocabulário original do pai.”

Dona Neroina: “Algumas, nem todas eles sabem. Muito difícil pronunciar a língua cigana. É muito difícil. É uma língua particular, então muitas pessoas, dessas mais novas agora, já não sabe mais, o idioma cigano como eu sei. Eu não sou e sei. Eu aprendi naturalmente, *lachon, fideli, gajon, gajín, raiá, duveli*, essas são as palavras mais pronunciadas significa, morador, moradira, Deus, muito bom e almoça e janta.”

Narrador: “A *calín* Esmeralda ressalta que atualmente, a nova geração de trindade tem batalhado por uma vida diferente procurando estudar e exercer um novo papel social bem ao contrario de seu tempo, quando era raro uma cigana aprender a ler e escrever.”

Esmeralda: “Num estudei, num deu tempo porque eu trabaiei pra zelá da minha mãe dos meus pais muito novinha, casei também muito novinha, também trabaiano com meu marido muito novim, muito pobre, tive que trabalha também, pronto. E tô nessa vida te hoje nunca parei. Antigamente na minha época num tinha nenhuma estudando e agora ta tudo estudando, nossa sinhora tudo estudando querendo forma, trabalha, num que nossa vida não, de jeito niu anda de chinelinho pra baxo pra cima, não, elas que

anda bem arrumada de sapatim, uniformim, prefeitura essas coisa, escola, tu acha que quer? Jamais.”

Narrador: “O filho Leandro concorda e afirma que os ciganos de Trindade ao mesmo tempo em que desejam preservar as suas tradições lutam para garantir uma vida melhor do que a que tiveram seus pais e avôs.”

Leandro: “Essa tradição nossa agente que leva pros neto bisneto até mais pra frente, com melhorias e melhorias e mais pra frente.”

Narrador: “Seja da antiga, ou da nova geração os *Calóns* de Trindade mantém forte respeito por suas raízes e pela historia de seus antepassados, mas eles sabem que uma vida melhor no futuro depende de conquistarem cada vez mais o direito de exercer sua cidadania, como povo cigano e como brasileiros. Para isso lutam contra a discriminação e o preconceito com que ainda são obrigados a conviver, e buscam um lugar ao sol na terra dos romeiros.”

EPISÓDIO nº 10: “Ordem e Progresso. Políticas públicas para os ciganos.”

Cigana A: “Tem muito racismo contra cigano, eu sou cigana, sou cigana brasileira, sou mais cigana.”

Cigano A: “Nós somos uma nação dentro da nação.”

Cigano B: “Eu sou cigano, mas tem pessoa que fala que cigano não é brasileiro, nós somos todos brasileiros.”

Cigano C: “Porque cigano é igual a todo brasileiro, tem que ter o mesmo direito que todo povo brasileiro, todas as pessoas.”

...

Narrador: Os depoimentos que você acabou de ouvir mostram como os ciganos se veem. Eles sabem que são brasileiros, mas não se enxergam como cidadãos do país, com

direitos como qualquer outra pessoa. Isso acontece porque desde seu descobrimento, em 1500, o Brasil ignorou a existência dos ciganos, não que as autoridades não soubessem da presença deles, mas simplesmente desprezaram as necessidades desse povo por mais de cinco séculos. É o que afirma Bartolomeu Martins Lima representante do Ministério da Saúde no estado do Espírito Santo.

Bartolomeu Martins Lima: “Não é que não existisse, mas é que era ignorada as necessidades desses grupos. Ignorava-se. Não se parou para pensar, não se deu a devida atenção, então na época. Mas é uma situação que o Estado, através das políticas de saúde, está procurando, o Estado brasileiro, procurando dar uma resolução, dentro da possibilidade, colocando isso... Veja bem Malvas, colocar isso dentro do Plano Nacional de Saúde, isso não ocorreu hoje.”

Narrador: “A partir de 2003 o Governo Federal resolveu parar de fingir que os ciganos não existiam e começou a pensar em políticas públicas para essa parcela da população. O manto da ordem e do progresso começou a partir daí a salvaguardar os direitos dos brasileiros ciganos, ou dos ciganos brasileiros, como preferir. O Governo elegeu a saúde primeira política pública para o povo cigano e o Espírito Santo foi escolhido como modelo.”

Bartolomeu Martins Lima: “De 2003 pra cá houve uma mudança na condução dessa política, é possível dizer que nos últimos sete anos nos tivemos uma ação e uma atenção mais intensificada. Nesse Governo houve um avanço maior sim.”

...

Narrador: “Um dos primeiros desafios, segundo Ana Maria Costa, diretora do departamento de apoio à gestão participativa do Ministério da Saúde, foi convencer os prefeitos a fazerem o atendimento médico. É que muitos ciganos vivem em trânsito, morando em acampamentos, sem endereço fixo e não podem ser computados como moradores do município, impossibilitando os repasses dos recursos do Sistema Único de Saúde.”

...

Ana Maria Costa: “Em relação à saúde é vítima de uma exclusão crônica. Se tomamos o caso dos ciganos que vivem, são nômades, que vivem em diversos espaços territoriais, essa condição já os retira, já os extrai, da condição de residente de um município. E a

população residente do município, licenciada pelo IBGE, é a base de cálculos do repasse de recursos em saúde para aquele município, portanto por esse raciocínio linear, dessa forma, a população cigana já está excluída.”

...

Narrador: “Mesmo com a resistência inicial dos prefeitos, por causa dos não repasses do SUS, o Ministério da Saúde começou a fazer um cadastro de todas as famílias ciganas no estado do Espírito Santo.”

Ana Maria Costa: “O Espírito Santo, na coisa da saúde, tem feito um trabalho muito interessante de mapeamento das comunidades ciganas e mais do que mapeamento, de atendimento imediato das necessidades. Aquela população, que antes passava por invisível, que as pessoas não reconheciam, não via, não percebiam, passa a ser de repente objeto da ação pública de saúde. E como isso tem trazido inovações e ao mesmo tempo impacto sobre a própria questão da saúde, por exemplo.”

...

Narrador: “Uma das mais importantes inovações, como conta Bartolomeu Martins Lima, foi a inclusão dos ciganos no Plano Nacional de Saúde para o período de 2008 a 2011.”

Bartolomeu Martins Lima: “O Ministério da Saúde incluiu no Plano Nacional de Saúde 2008/2011 e a atenção à população no estado de vulnerabilidade, situação vulnerável. E dentre esses, vamos dizer assim, tem os ciganos, os quilombolas, os sem-terras, então isso já faz parte do Plano Nacional de Saúde que vai até dois mil e onze.”

...

Narrador: “A prefeitura de Fundão, cidade com pouco mais de dezesseis mil habitantes, a cinquenta e quatro quilômetros da capital capixaba Vitória, resolveu apoiar a iniciativa, como disse o prefeito municipal Marcos Moraes.”

Marcos Moraes: “Muita dificuldade assim, de muitas pessoas frequentar o posto de saúde, talvez o atendimento ao cigano ficar, ficar um atendimento mal, então nos decidimos em trazer o pessoal do posto de saúde até as barracas ciganas para dar uma atenção mais especial aos ciganos.”

...

Narrador: “A prefeitura de Fundão começou então a cadastrar todos os ciganos que vivem em Praia Grande, um distrito da cidade. A partir disso, o secretário de saúde Saulo Faucheto levou atendimento médico para dentro dos acampamentos.”

Saulo Faucheto: “Nós cadastramos todas as famílias, botamos um agente de saúde, estendemos a área dele até o acampamento cigano, ele é responsável por aquela área. Foi realizado a princípio um mini-mutirão, levamos médico, assistente social, enfermeiro. Medica do PSF já fez vários atendimentos no dia, passaram por uma triagem previamente, os pacientes foram todos, aferimos a pressão de todo mundo, verificamos leucemia capilar de todo mundo, identificamos muitos ciganos hipertensos, que não sabiam que eram hipertensos, diabético. Então já fizemos o cartão do hiper-dia, já estamos realizando o hiperdia local dentro do acampamento cigano. A médica assumiu aquilo ali como área, território dela também.”

...

Narrador: “Isso foi necessário porque os ciganos não são uma população que frequenta os consultórios médicos com muita assiduidade, prova disso é a afirmação do líder do acampamento de Praia Grande Marcos Lourival.”

Marcos Lourival: “Cigano num vai no médico quando está sentindo uma dor ou está com algum problema.”

...

Narrador: “Ana Maria Costa do Ministério da Saúde logo percebeu essa cultura do cigano de não ir ao médico.”

Ana Maria Costa: “Eles não são pessoas que frequentam quotidianamente o serviço, salvo nas situações de emergência, e quando é emergência, a emergência deles é mais ainda, porque eles têm pressa porque tão de passagem, porque vão pegar a estrada. Então eles não podem, por exemplo, eles dizem pra gente, 'a gente não pode precisar de um oculista e demorar quatro meses'. O oculista pra eles tem que ser para agora, porque a vida deles é uma vida ágil, digamos assim, territorialmente.”

...

Narrador: “Além dessa urgência no atendimento há outras especificidades, como disse Ana Maria Costa.”

Ana Maria Costa: “Uma mulher cigana não pode ser tocada por um homem nem para examina-la, qualquer especialidade, ela não pode ser tocada. Uma mulher cigana que venha ao serviço de saúde ela só pode ser examinada e atendida por uma mulher, não pode ser por uma outra pessoa.”

...

Narrador: “É Ana Maria, os ciganos de Porto Seguro se ressentem de não serem respeitados nesse aspecto. Ao contrário do Espírito Santo, na Bahia ainda não existe atendimento médico nos acampamentos, e muitas mulheres ciganas, quando exigem ser atendidas por uma médica, acabam voltando para casa sem fazer a consulta. O líder cigano Zanata Dantas reconhece que não há discriminação nos postos de saúde de Porto Seguro, os ciganos são atendidos como qualquer outro cidadão. O problema está apenas nessa questão das mulheres.”

Zanata Dantas: “Uma família mais conservadora, eu acho que a mulher teria que ser atendida por uma médica mulher. Então é nessa parte que os ciganos têm a parte de reivindicar. Mas em relação a saúde eles não têm nenhuma discriminação assim de ser atendido, por ser cigano, ser índio, ser negro, não, até agora não houve, já houve alguns casos isolados, mas coisas que não se leva muito a sério.”

...

Narrador: “O governo sabe dessas especificidades, mas ainda está engatinhando no sentido de conseguir um atendimento de qualidade respeitando as diferenças. É o que afirma a diretora de programas para as comunidades tradicionais da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, SEPPIR, Ivonete Carvalho.”

Ivonete Carvalho: “É um processo em construção, nos temos de fato uma gestão sensível, mas agente tem muitos passos ainda a dar em relação a isso, que é, ir aos poucos moldando esse modelo de políticas públicas de forma que ele dialogue com especificidades de cada público, respeitando sua especificidade cultural. Esse exemplo da questão cigana também se repete, por exemplo, na questão indígena. Nós temos questões muito sérias, como a questão, por exemplo, de os hospitais não permitirem que fiquem acompanhantes, e os indígenas, as mulheres indígenas em especial, elas não ficam sós. Querem ficar acompanhadas dos seus filhos, não se separam dos seus filhos, é uma questão cultural da mulher indígena.”

...

Narrador: “Em Fundão, no Espírito Santo não há essa preocupação e as mulheres ciganas podem ser atendidas por qualquer profissional, seja ele homem ou mulher. Mas por via das dúvidas, a Secretaria de Saúde do município designou a médica Raquel Pimentel para cuidar do acampamento.

Especialista em clínica médica a doutora Raquel disse que o atendimento segue uma demanda livre, ou seja, quando a equipe chega ao local, os ciganos é que tem a iniciativa de organizar as filas e de ser consultados. Ninguém é obrigado a fazer nada.”

Raquel Pimentel: “A gente tenta fazer mais é assim, resultado de exames, saúde da mulher, agente não tem ginecologista aqui, não vem, mas agente agenda lá para o posto. Hipertensos, diabéticos que aqui tem bastante, remédios controlados. Então agente faz de uma forma mais abrangente e os atendimentos mais específicos, agente tem que está encaminhando para o posto.”

Narrador: “Essa liberdade de os ciganos serem atendidos sem nenhum tipo de pressão, foi fundamental para que as equipes médicas pudessem chegar aos acampamentos. O secretário de saúde de Fundão Saulo Faucheto explica que tudo é feito respeitando as lideranças ciganas e a cultura local.”

Saulo Faucheto: “Sempre respeitando o líder, sempre pedindo se a gente pode entrar se a gente pode até fazer o atendimento médico. Sempre chega, se identifica, pede a eles, hoje eles já tão com uma parceria boa com a gente, tranquilos, tanto é que agora no último mutirão da dengue que teve foi bem. Passamos todas as barracas, tinha barracas que nem os ciganos estavam lá, eles acompanhavam para a gente poder entrar, para não dizer que aconteceu nada, respeitando bastante a cultura deles.”

...

Narrador: “A enfermeira Elisangela de Souza já sabe pela experiência de meses atendendo as mulheres ciganas que elas preferem as consultas no acampamento ao invés de terem que se deslocar até o posto de saúde, mas às vezes não dá para fugir, e aí a Unidade de Saúde de Fundão escolhe um dia da semana para atender exclusivamente os ciganos do distrito de Praia Grande.”

Elisangela de Souza: “A gente já fez o atendimento num dia da semana especificamente para atender o acampamento lá no espaço físico, para a gente aproveitar os aparatos que a gente tem para fazer uma avaliação mais apurada. Mas a

gente faz o atendimento aqui, e eles gostam mais do atendimento aqui, mas agente também faz, força eles um pouquinho para eles irem no posto por quê? Exames né? Intervenções que precisam ser feitas, a gente faz acompanhamento das gestantes, faz consultas de pré-natal na saúde da mulher, a gente faz lá no posto.”

...

Narrador: “E o atendimento médico, feito em Fundão, pela prefeitura em parceria com o Ministério da Saúde, tem aprovação dos ciganos, não é mesmo dona Vanusa?”

Vanusa: “Porque a gente tem tudo certo, tem a medicação, tem a médica, a própria médica doutora, vem pergunta, pergunta se a gente está precisando de alguma coisa, alguma medicação, exame de sangue, quando a gente precisa de alguma delas da um jeito lá e faz para a gente. Então é muita vantagem pra nós.”

...

Narrador: “Boa parte dos acampamentos espalhados pelo Brasil conta com água e luz elétrica. Alguns pagam taxas pelo uso desses serviços, outros são isentos. O maior problema é o esgoto, a maioria não conta com o sistema de captação de dejetos e quando as fossas transbordam o esgoto corre a céu aberto ameaçando a saúde de todos, é mais um desafio para o poder público resolver.”

...

Narrador: “Mas nem só de saúde vivem os ciganos, eles precisam de muito mais atenção por parte do Estado. Um exemplo disso é a educação, os ciganos que ainda são nômades tem uma dificuldade enorme em frequentar as aulas. As mudanças constantes de endereço não seguem os calendários das escolas e trocar de colégio a cada cinco ou seis meses é um desestímulo para qualquer estudante. Além disso, em algumas comunidades ciganas, as meninas não podem ir a escola depois de chegar à adolescência, isso é para evitar que elas se envolvam, com os não-ciganos. A tradição desse povo segue a cartilha de que as meninas devem se casar cedo e ainda virgens, mas uma alternativa que pode aumentar o tempo de estudo das meninas seria a possibilidade de se ter aulas nos próprios acampamentos. Já os garotos que tem total liberdade para estudar querem ter direito a um programa de cotas nas universidades federais, seguindo o mesmo modelo que algumas instituições já adotam para negros e índios. Esse é o pedido de Cesar Dantas, de dezesseis anos. O cigano de Porto Seguro pretende se formar em engenharia civil.”

Cesar Dantas: “Porque não tem condição de bancar uma universidade federal, ai seria bom né? Se um governante que pense em todo o povo brasileiro, em geral. Acho que sim, podia fazer.”

...

Narrador: “Zanata Dantas, também de Porto Seguro, pede ao Governo Federal que invista na qualificação dos ciganos, com cursos técnicos e de formação profissional. Isso para que eles tenham oportunidade de empregos que hoje se restringem basicamente ao comércio, especialmente a compra e venda de carros.”

Zanata Dantas: “É importante que o governo toma conhecimento disso e faça um trabalho voltado a isso, uma capacitação de renda, colocar oficinas que profissionalize, que possa profissionalizar os ciganos, jovens ciganos, que possa mostrar o que sabe fazer. Existe muitos ciganos joelheiro profissional, que na área de joalheria eles são muito bons, na mecânica, construção civil e demais outros.”

...

Narrador: “As demandas na área de educação já foram encaminhadas ao Governo e a diretora de programas para as comunidades tradicionais da SEPPIR Ivonete Carvalho garantiu que o Ministério da Educação está estudando uma forma de atender aos ciganos.”

Ivonete Carvalho: “Existe um diálogo no Ministério da Educação, nós estamos dialogando junto a SECAD que é a Secretaria de Diversidade e Identidade do MEC e que está inclusive trabalhando numa proposta. Já está investindo na formação de um curso para capacitar professores a trabalharem com escolas ciganas onde tenham alunos ciganos e também estudando uma proposta para incorporar essa demanda que é as crianças estarem sempre, de forma itinerante. Então está se estudando uma possibilidade. Não existe ainda uma proposta finalizada em relação a isso porque isso é um desafio, tem todo um mecanismo que precisa ser trabalhado, tem o Conselho Nacional de Educação. Então o que eu posso afirmar é que já existe uma movimentação para que isso aconteça.”

...

Narrador: “Da para perceber que tudo que envolve assegurar aos ciganos direitos básicos como saúde e educação é muito novo e está apenas engatinhando. E uma das instituições que mais tem ajudado os ciganos a lutar por esses direitos é a Pastoral dos

Nômades. O diretor executivo da pastoral padre Wallace afirmou que esse serviço prestado pela Igreja Católica tem como objetivo aproximar os ciganos do restante da sociedade e quebrar as barreiras do preconceito.”

Padre Wallace: “Ainda existe um preconceito muito grande, por exemplo, a polícia, a polícia não respeita muito os ciganos. Entra no acampamento da tiro, mata cachorro, se tiver criança não está nem aí, chega lá desrespeita, não tem mandato de prisão quando tem prisão. Só porque o cara está no terreno tem que sair dali da cidade, tem cidade que proíbe o cigano de acampar. É só você chegar num lugar e falar: 'olha, eu quero arrumar um emprego. Ah tudo bem, mas eu sou cigano.' Não sei se você vai conseguir aquele emprego. As pessoas tem muito medo, não conhecem o lado bom dos ciganos também.”

...

Narrador: “Mas não é fácil conscientizar os ciganos sobre os seus direitos, muitos não conhecem as leis e não se acham em condições de reivindicar o que quer que seja, atitude que o padre Wallace considera um erro.”

Padre Wallace: “Nasceu aqui, mora aqui, é um cidadão brasileiro, apesar de ter os direitos negados. Hoje até eu penso que já diminuiu bem, por exemplo, a questão da documentação. Antigamente era muito difícil, por exemplo, nascia, o cigano tem fama de ladrão de criança. Nascia uma criança no acampamento o cigano ia levar pra registrar, o que o dono do cartório ia achar? Era roubado. Aí não registrava. Aí os cigano já não se importavam já não levavam, então tinha essa coisa toda assim que dificultava.”

...

Narrador: “Em maio de 2006 os ciganos ganharam um dia só deles por iniciativa da SEPPIR e da Secretaria de Direitos Humanos o presidente Inácio Lula da Silva decretou a data de vinte e quatro de maio como dia nacional dos ciganos. É mais uma oportunidade para discutir a situação do povo cigano no Brasil. As necessidades e as políticas públicas que precisam ser implementadas, para que os ciganos exerçam a cidadania em toda sua plenitude. O ministro da igualdade racial Eloi Ferreira de Araújo lembra que no dia vinte e quatro de maio de 2010 os ciganos ganharam de presente uma mobilização para conseguirem tirar o registro civil.”

Eloi Ferreira de Araújo: “Na SEPPIR nós temos algumas ações, ações que representam um pouco do que o governo tem buscado realizar. Nesse dia 24 de maio o ministro da Secretaria de Direitos Humanos fez o lançamento da grande mobilização nacional que dá continuidade ao registro civil. Nós temos hoje que cada dez crianças nascidas, nós temos o registro, que para nove temos uma que não possui esse registro civil, essa uma que não possui, ou que se identifica que pode ser ou cigana, indígena ou quilombola, ou que estão em áreas ribeirinhas, populações mais distantes. Mas a população cigana é identificada nessa falta do registro civil. Então o Governo lançou no dia vinte e quatro de maio essa ampla mobilização pelo registro civil. Essa mobilização objetiva incluir, alcançar, chegar a esses segmentos, que ainda estão afastados dessa possibilidade, desse direito que lhes dá a cidadania que é o registro civil. Para ingressarem nas escolas, para serem cidadãos de fato, precisam do registro civil.”

...

Narrador: “Outra mudança importante foi a portaria do Ministério da Saúde que assegurou a todos os ciganos, nômades ou sedentários, o direito ao cartão do Sistema Único de Saúde.”

Ivonete Carvalho: “A portaria que criou o cartão do Sistema Único de Saúde especifica o direito do cigano de ter acesso ao cartão. Isso foi uma grande vitória, porque também o cartão, a base dele era ser para a população residente.”

...

Narrador: Ivonete Carvalho da SEPPIR disse que foi graças a esse trabalho de inclusão que saiu do papel uma ideia histórica: a criação de um centro de referência de cultura cigana, em Souza na Paraíba, onde está uma das maiores concentrações de cigano em todo o país.”

Ivonete Carvalho: “A SEPPIR articulou em parceria com a Eletrobrás a criação do centro *Calón* de desenvolvimento integral, um centro de referência cigano que está na região nordeste. E esse centro *Calón* está situado na cidade de Souza na Paraíba, é uma obra que envolve em torno de trezentos metros quadrados de obra construída, teve um orçamento de duzentos e trinta e sete mil reais e que se construiu esse centro de referência para ter um espaço que dialogasse com as famílias ciganas de Souza na Paraíba. Que há uma grande concentração de famílias ciganas naquela cidade. Passam de seiscentas famílias. Então esse centro ele hoje está dialogando, está lá instalada uma biblioteca nesse centro de referência. Nós estamos dialogando com o Ministério das

Comunicações para a inclusão de instalação de um centro de inclusão digital, um telecentro. Através do MINC nos estamos construindo a instalação de um Cine mais cultura. Enfim, algumas ações no sentido de fazer com que este espaço interaja com a comunidade cigana e possa absorver toda demanda social e cultural dessa comunidade de forma a dar uma resposta para esta comunidade historicamente discriminada.”

...

Narrador: “Mas os ciganos de Souza cobram o funcionamento efetivo do centro de referência. Antônio Marques Maris de quarenta e dois anos, reconhece a importância da iniciativa de criação do centro, no entanto ele pede apoio das esferas governamentais para que o local tenha uma utilidade real.”

Antonio Marques Maris: “Foi uma iniciativa histórica para o cigano. Porque jamais o cigano teve uma iniciativa dessas. Mas é o seguinte, esse centro só a estrutura física não vai adiantar nada no meio do cigano. Como realmente está só a estrutura física, nos não temos apoio de governo municipal, apoio dos governos, nós não temos.”

...

Narrador: “O cigano Francisco Soares de cinquenta e quatro anos, conhecido como coronel, lembra que o centro de referência foi criado para resgatar a cultura cigana e reclama que até agora nada foi feito nesse sentido.”

Francisco Soares: “Na construção desse Centro de resgate a cultura cigana, ele já diz, essa foi uma construção para resgatar a cultura que está se extinguindo assustadoramente. E a construção desse centro aí foi justamente para que a gente pudesse colocar pessoas capacitadas para que pudesse ensinar. Por exemplo, o nosso idioma ele está se acabando, é a *buena-dicha*, está se acabando, mas nós temos gente capaz de conseguir resgatar essas coisas.”

...

Narrador: “Para Francisco Figueiredo de trinta e cinco anos o centro de referência é apenas um elefante branco.”

Francisco Figueiredo: “Você vê aqui, nós temos um prédio tão grande, tão bonito, mas no tempo que vieram inaugura disseram que iam ajudar, ia abrir as portas. Mas até agora você vê lá, é um elefante branco mesmo.”

...

Narrador: “O secretário de políticas públicas para comunidades tradicionais da SEPIIR Alexandro Reis reconhece que ainda falta muito a ser feito para que o centro de referência funcione de verdade. Mas ele pede um pouco de paciência e lembra que a

própria estrutura da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial é nova, tem apenas sete anos.”

Alexandro Reis: “Primeiro a SEPPIR é uma estrutura relativamente nova no ambiente da política pública. E a história administrativa política do Brasil é uma história de não haver transversalidade, de não haver articulação entre as instituições. Isso gera um problema, o Brasil está avançado neste processo de democracia, nós precisamos avançar no processo de participação de políticas públicas, de empoderamento dessas comunidades mais vulneráveis.”

...

Narrador: “O ministro da Igualdade Racial também espera que os trabalhos no centro de referência de Souza possam avançar sem interrupções.”

Ministro da Igualdade Racial: “Que consigamos avançar, no sentido de dar ao centro de referência cigano lá em Souza na Paraíba uma presença, uma constância nas políticas e no desenvolvimento, nas ações dele, que até agora sofreram uma interrupção que nós não acolhemos essa interrupção e estamos buscando superar para que aquelas comunidades lá tenham seus direitos assegurados de fluírem dos bens que são disponibilizados naquele município lá em Souza na Paraíba.”

...

Narrador: “Em parceria com o Ministério da Cultura a Secretaria Especial de Promoção da Igualdade Racial também lançou o prêmio Culturas Ciganas que já promoveu oficinas em sete estados, Bahia, Pernambuco, Santa Catarina, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Rio Grande do Norte. Diretora da SEPPIR, Ivonete Carvalho lembra que o prêmio de, *Cultura Ciganas* tem o objetivo de selecionar e premiar iniciativas de fortalecimento das expressões culturais dos povos ciganos.”

Ivonete Carvalho: “O Ministério da Cultura, através da Secretaria de Diversidade e Identidade, que é o prêmio Cultura Cigana, nós assinamos um termo de cooperação, foi firmado com o Ministério da Cultura para realizar esse prêmio em 2010. Mais de trinta projetos foram encaminhados de diversos pontos do Brasil para serem analisados e aprovados com recursos tanto do Ministério da Cultura como da nossa secretaria, da SEPPIR. Esse prêmio visa isso, a divulgação das manifestações culturais, da preservação da identidade, de pesquisa, da preservação da identidade e da cultura cigana no Brasil.”

...

Narrador: “Aos poucos os ciganos vão se organizando para cobrar ações do poder público em sua defesa e vão conseguindo mudar a forma como as pessoas os veem. Não é dona Vanusa?”

Vanusa: “Mas antigamente nem água eles não davam para gente, eles não gostavam de dar. Aí nos voltava para trás e ia em outro lugar, aquele que gostava de cigano dava. Já teve vizinho que já brigaram um com o outro por causa de cigano, e assim ia, aí foi devagarzinho acostumando.”

...

Narrador: “Em relação às políticas públicas o Brasil descobriu os ciganos recentemente. Em sete anos algumas ações muito importantes foram tomadas. E a situação começa a ficar em ordem, não há como negar. Como também não há como negar que existe um longo progresso pela frente.”

ANEXO B - Carta de Brasília

Nós, representantes das comunidades ciganas, reunidos na 1ª Semana Nacional dos Povos Ciganos, em 22 de maio de 2013, durante a Conferência Livre de Cultura, apresentamos as propostas abaixo para subsidiar as políticas públicas de cultura para o segmento:

- Oferta de oficinas de qualificação artística para jovens com as manifestações ciganas – músicas, dança etc.
- Promoção de editais com inscrições para pessoas jurídicas e pessoas físicas, com certificado de veracidade emitido pelas associações.
- Meios de garantia de que as produções culturais/acadêmicas que bebem na fonte da cultura cigana retornem com algum benefício para estas comunidades.
- Garantir que os espaços públicos para as comunidades ciganas não sejam somente nas periferias das cidades.
- Elaborar uma Carta da Ministra da Cultura a todos os municípios, ressaltando a importância da cultura cigana e o apoio a este povo.
- Que a cultura cigana torne-se Patrimônio imaterial.
- Auxiliar para que o Museu itinerante Cigano torne-se ponto de cultura.
- Garantir cotas para as minorias étnico-culturais nos editais do MinC.
- Garantir que representantes indicados pelas associações dos povos ciganos participem dos processos dos prêmios ou outras ações – participar da elaboração, das comissões, consultorias etc.
- Que seja elaborada uma política de apoio aos Artistas de Rua.
- Que o MinC busque o conhecimento, o reconhecimento e o incentivo da produção cultural dos povos ciganos em todos os seus segmentos.
- Facilitar a apresentação de projetos para participar de editais através de oficinas – consultores – agentes culturais – inscrição oral.
- Que os formulários do Ministério da Cultura identifiquem se a proposta é de cultura cigana, nos moldes das culturas afro e indígena.
- Disponibilizar os produtos feitos pelos premiados dos editais de cultura cigana já lançados e publicar o registro desses prêmios.
- Emitir o certificado para os classificados nos prêmios de cultura cigana das edições anteriores.

- Aumentar o valor líquido do prêmio de culturas ciganas.
- Apoiar a criação de cooperativas culturais -ciganas nos estados, valorizando a produção e a venda porta a porta pela comunidade cigana, com matéria-prima de baixo custo, inclusive doada pela Receita Federal.
- Facilitar a abertura de linha de crédito para os produtores e empreendedores culturais ciganos.
- Que o MinC apóie as promoções de identidade cultural original cigana nas escolas.

Brasília, 22 de maio de 2013.

ANEXO C - Guia Cigano

POLÍTICAS PÚBLICAS PARA POVOS CIGANOS

A Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Social (SEPPIR), por meio da Secretaria de Políticas para Comunidades Tradicionais (SECOMT), tem intensificado o diálogo com parceiros do Governo Federal para atendimento de políticas públicas específicas que garantam os direitos humanos, sociais e culturais dos povos ciganos. Os principais parceiros dessa ação são: Ministério da Cultura (MinC), Secretaria de Direitos Humanos (SDH), Secretaria de Políticas para as Mulheres (SPM), Ministério da Justiça (MJ) e Ministério do Meio Ambiente (MMA). As principais demandas apresentadas pelos povos ciganos estão voltadas para as áreas de educação, saúde, registro civil, segurança, direitos humanos, transferência de renda e inclusão produtiva. Principais Decretos relacionados à promoção dos povos ciganos: Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007: institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais; Decreto de 25 de maio de 2006, que institui o Dia Nacional do Cigano, a ser comemorado no dia 24 de maio de cada ano. Destaca-se que a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República e a Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República apoiarão as medidas a serem adotadas para comemoração do Dia Nacional do Cigano.

EIXO 1. DIREITOS HUMANOS

1.1 Documentação Básica e Registro civil – Mobilização Nacional

A Mobilização Nacional faz parte do Compromisso Nacional pela Erradicação do Sub-registro Civil de Nascimento e ampliação do acesso à Documentação. A certidão de nascimento é o primeiro passo para o pleno exercício da cidadania no País. É gratuita e indispensável. Sem o documento, os cidadãos e as cidadãs ficam privados de seus direitos fundamentais, sem acesso aos benefícios sociais e, quando adultos, não podem, por exemplo, obter a carteira de identidade, CPF e outros documentos. Quem deve requerer: todo nascido vivo na República Federativa do Brasil, que ainda não tenha documentação de registro civil e demais documentos civis.

a. Certidão de Nascimento - sem a certidão de nascimento, uma pessoa, oficialmente, não tem nome, sobrenome e nacionalidade. Só com a certidão é possível fazer matrícula escolar, realizar casamento civil, registrar filhos/as, participar dos programas sociais do Governo Federal como o Bolsa Família, Luz para Todos, entre outros. Onde requerer: no cartório de registro civil de pessoas naturais do lugar onde a pessoa nasceu ou reside, nas maternidades que ofereçam esse serviço aos ali recém-nascidos ou nos mutirões. Documentos necessários para o registro: se os pais são casados, apenas um deles precisa comparecer ao cartório e apresentar:

- a via da Declaração de Nascido Vivo (DNV), fornecida pelo hospital ou maternidade; e
- Certidão de casamento; e
- um documento de identificação.

Se os pais não são casados, o pai deve comparecer ao cartório, acompanhado ou não da mãe, com:

- a via da Declaração de Nascido Vivo (DNV), fornecida pelo hospital ou maternidade; e
- um documento de identificação.

b. Registro Civil (RG) - o interessado deve encaminhar-se à Secretaria Estadual de Segurança Pública ou outros órgãos credenciados no estado, munido dos seguintes documentos:

- Certidão de nascimento ou casamento originais; e
- duas fotos 3x4

Em alguns estados a emissão é gratuita.

c. Cadastro de Pessoa Física – CPF: é um documento obrigatório para abrir contas em bancos e obter crédito e requerer benefícios previdenciários. Para requerer é preciso certidão de nascimento ou carteira de identidade original. Maiores de 18 anos devem apresentar também o título de eleitor. Onde requerer: os órgãos emissores do CPF são os bancos (Banco do Brasil ou Caixa Econômica Federal), as agências dos Correios e órgãos públicos autorizados. Para emissão é cobrada uma taxa de R\$ 5,70.

d. Carteira de Trabalho e Previdência Social – CTPS: a carteira de trabalho é obrigatória para comprovar a relação de trabalho assalariado. Vale ainda como documento de identificação e é sempre emitida gratuitamente. Só maiores de 14 anos podem obter a CTPS. Documentos necessários: para tirar a carteira de trabalho (CTPS), é necessário apresentar a certidão de nascimento ou carteira de identidade original, CPF e duas fotos

3x4. Onde requerer: a CTPS é emitida nas Superintendências Regionais do Trabalho e nas Agências de Atendimento ao Trabalhador. Os Mutirões de emissão de documento:

- Os órgãos públicos podem organizar mutirões para emissão de documentos. A Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH) pode ser acionada para apoiar a realização de mutirões.

- A Prefeitura deve inicialmente identificar as pessoas sem certidão de nascimento e sem documentação em seu município.

- A busca ativa de pessoas pode ser feita por meio de visita domiciliar, realização de reuniões com líderes comunitários, associações, igrejas, entidades, movimentos sociais, cartórios e com outros agentes municipais e gestores de programas sociais locais, sejam governamentais ou de organizações sociais privadas;

- Identificadas quem são e onde estão as pessoas sem certidão de nascimento e sem documentação básica, já é possível organizar um mutirão para garantir o acesso dos que precisam de documentação aos órgãos emissores.

1.2 Capacitação de Defensores Públicos para Direitos das Comunidades Tradicionais

A SEPPIR e a Defensoria Pública da União (DPU) firmaram Acordo de Cooperação, em 2012, que visa fortalecer e ampliar a atuação da DPU junto às comunidades tradicionais, incluindo quilombos, povos de matriz africana e povos ciganos. A parceria entre a SEPPIR e a DPU tem por objetivo o fortalecimento da atuação dos Defensores Públicos nas questões referentes à defesa e promoção dos direitos desses povos e comunidades, cuja vulnerabilidade exige um esforço diferenciado na defesa e promoção dos seus direitos. Como funciona: é promovido pela SEPPIR e DPU. As atividades de formação já foram realizadas no estado do Maranhão, de 20 a 24 de agosto de 2012, para defensores de toda a região nordeste. Estão previstos para 2013 mais 2 (dois) cursos, um na região Norte e um na região Sudeste. A capacitação é fundamental para qualificar a atuação dos defensores públicos em defesa dos direitos das comunidades tradicionais.

1.3 Direitos Humanos, Segurança nos Acampamentos, Mediação de Conflitos

A Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos atende e dá sequência a denúncias, reclamações e sugestões dos cidadãos. Funciona como um instrumento ágil e direto, de conhecimento da realidade de vida das pessoas.

1.4 Centro de Referência de Direitos Humanos

A concepção dos Centros de Referência em Direitos Humanos surgiu a partir de experiências realizadas por órgãos públicos e organizações não-governamentais que possibilitaram o acesso da população de baixa renda a serviços essenciais como, por exemplo, assistência jurídica e documentação civil básica. Assim, os Centros de Referência em Direitos Humanos atuam como mecanismos de defesa, promoção e acesso à justiça e estimulam o debate sobre cidadania influenciando positivamente na conquista dos direitos individuais e coletivos. Os resultados exitosos alcançados com esses projetos apoiados pela Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH) fundamentaram a criação dessa ação específica. Os Centros de Referência em Direitos Humanos deverão ser uma Casa de Direitos, de convivência entre pessoas. Um espaço físico onde são implementadas ações que visam à defesa e promoção dos Direitos Humanos. As equipes envolvidas nos Centros de Referência em Direitos Humanos têm como ponto de partida atividades que visam à humanização, à emancipação do ser humano, à transformação social, construindo realidades mais justas e igualitárias. Qualquer denúncia de violação de direitos dos povos ciganos pode ser feita por meio do Disque 100 - Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos.

Objetivos:

a. Mobilizar, em torno de uma unidade física baseada no desenho universal de acessibilidade, instituições governamentais, não governamentais e particulares com o objetivo de gerar conhecimento, propor políticas públicas e desenvolver ações de Promoção e Defesa dos Direitos Humanos de modo a efetivar o Programa Nacional de Direitos Humanos 3 – PNDH-3.

b. Desenvolver capacidades e o exercício da cidadania.

Os Centros de Referência, ao implementar ações que tem como base a cultura dos Direitos Humanos, como direitos adquiridos que devem ser assegurados plenamente na linha de dar condições para que as pessoas, em todas as fases da sua vida, possam estar resguardadas e desenvolver suas potencialidades humanas e sociais, pretendem levar as pessoas encontrarem projetos de vida, visões de mundo, praticar sociabilidades

diferentes daquelas apontadas naturalmente pela vida cotidiana. Essas ações devem apontar valores e linguagens capazes de atrair àqueles que são o público alvo, para uma realidade marcada pela autoestima, pertencimento, dignidade e valorização individual e coletiva. Quem tem direito: ciganos, pessoas em vulnerabilidade social e econômica, atores de governos públicos, educadores e profissionais do sistema educacional, beneficiários de programas sociais, lideranças em Direitos Humanos e movimentos sociais, egressos do sistema prisional, profissionais do sexo, refugiados ambientais, vítimas de xenofobia, vítimas de conflitos agrários, pessoas em sofrimento psíquico, população carcerária e familiares, proteção a testemunha, ou seja, todas as vítimas do preconceito, da discriminação, intolerância, desrespeito, abusos e maus tratos, negligência e abandono. Quem pode implementar: Administração Pública Federal, Estadual, Distrito Federal, Municipal, Entidade Privada sem fins Lucrativos e Instituições Federais de Ensino.

EIXO 2: POLÍTICAS SOCIAIS E DE INFRAESTRUTURA

2.1 Busca Ativa – CadÚnico

O Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal (CadÚnico) é um instrumento que identifica e caracteriza as famílias de baixa renda, entendidas como aquelas que têm:

- Renda mensal de até meio salário mínimo por pessoa ou
- Renda mensal total de até três salários mínimos.

A partir de 2011, as informações contidas na versão 7 do Cadastro Único para Programas Sociais também podem ser utilizadas pelos governos estaduais e municipais para obter o diagnóstico socioeconômico das famílias cadastradas, possibilitando o desenvolvimento de políticas sociais locais. Famílias com renda superior a meio salário mínimo por pessoa também podem ser cadastradas, desde que sua inserção esteja vinculada à inclusão e/ou permanência em programas sociais implementados pelo poder público nas três esferas do Governo. No momento da entrevista para o cadastramento o Responsável Familiar (RF) deve ter no mínimo 16 anos, e apresentar obrigatoriamente CPF ou título de eleitor. Povos ciganos: o primeiro passo para se fazer a inclusão no Cadastro Único ou a atualização dos dados cadastrais das famílias ciganas é realizar um diagnóstico das comunidades ciganas no município. Um dos problemas mais comuns

entre as famílias ciganas é a falta de documentação civil, acarretando necessariamente uma ação inicial de identificação. Para essas ações, pode-se contar com as Coordenações Estaduais do Cadastro Único, vinculadas, na maioria dos casos, às Secretarias Estaduais de Assistência Social, e às Secretarias de Estado de Direitos Humanos e Cidadania. Para isso, no âmbito municipal, é importante contar com as parcerias da Assistência Social e do Conselho Municipal de Promoção da Igualdade Racial, nos municípios em que houver essa entidade. É possível também entrar em contato com as associações representativas e com as entidades de apoio aos ciganos que atuam em cada estado. Quem pode participar: famílias de baixa renda são aquelas com renda familiar mensal por pessoa de até meio salário mínimo e as que possuam renda familiar mensal de até três salários mínimos. Onde se cadastrar: o cadastramento é feito pelo setor responsável pela gestão do Programa Bolsa Família no município ou por setor específico do CadÚnico designado pelo Gestor Municipal (Secretarias de Assistência Social). Para começar a receber o benefício, a família precisa aguardar que o sistema analise as informações do Cadastro Único.

2.3 Programa Bolsa Família

A gestão do Bolsa Família é descentralizada e compartilhada entre a União, estados, Distrito Federal e municípios. É um programa de transferência direta de renda que beneficia, em todo País, famílias em situação de pobreza (renda familiar per capita de R\$ 70,01 a R\$ 140,00) e de extrema pobreza (renda familiar per capita de até R\$ 70,00). Podem fazer parte do Programa Bolsa Família as famílias com renda mensal de até R\$ 140 (cento e quarenta reais) por pessoa devidamente cadastrada no Cadastro Único para Programas Sociais (CadÚnico). A renda da família é calculada a partir da soma do dinheiro que todas as pessoas da casa ganham por mês (como salários e aposentadorias). Esse valor deve ser dividido pelo número de pessoas que vivem na casa, obtendo assim a renda por pessoa da família. As famílias que possuem renda mensal entre R\$ 70,01 e R\$ 140,00, só ingressam no Programa se possuírem crianças ou adolescentes de 0 a 17 anos. Já as famílias com renda mensal de até R\$ 70,00 por pessoa, podem participar do Bolsa Família qualquer que seja a idade dos membros da família. Quem pode participar: os Estados, os Municípios e Distrito Federal (como gestores locais) e famílias em situação de pobreza ou extrema pobreza (como beneficiários). Como participar: a seleção das famílias para o Programa Bolsa Família

(PBF) é feita com base nas informações registradas pelo município no Cadastro Único para Programas Sociais (CadÚnico), que é instrumento de coleta de dados que tem como objetivo identificar todas as famílias de baixa renda existentes no Brasil.

Benefícios:

- Os valores pagos pelo Programa Bolsa Família variam de R\$22,00 (vinte e dois reais) a R\$200,00 (duzentos reais), de acordo com a renda mensal por pessoa da família e com o número de crianças e adolescentes de até 15 anos e de jovens de 16 e 17 anos.

- O Programa Bolsa Família tem três tipos de benefícios: o Básico, o Variável e o Variável Vinculado ao Adolescente.

- O Benefício Básico, de R\$ 68 (sessenta e oito reais), é pago às famílias consideradas extremamente pobres, aquelas com renda mensal de até R\$ 70 (setenta reais) por pessoa (pago às famílias mesmo que elas não tenham crianças, adolescentes ou jovens).

- O Benefício Variável, de R\$ 22,00 (vinte e dois reais), é pago às famílias pobres, aquelas com renda mensal de até R\$ 140,00 (cento e quarenta reais) por pessoa, desde que tenham crianças e adolescentes de até 15 anos.

Cada família pode receber até três benefícios variáveis, ou seja, até R\$ 66,00 (sessenta e seis reais).

- O Benefício Variável Vinculado ao Adolescente (BVJ), de R\$ 33,00 (trinta e três reais), é pago a todas as famílias do Programa que tenham adolescentes de 16 e 17 anos frequentando a escola. Cada família pode receber até dois benefícios variáveis vinculados ao adolescente, ou seja, até R\$ 66,00 (sessenta e seis reais).

3.4 Minha Casa Minha Vida

O Programa Minha Casa, Minha Vida – Entidades, foi criado pelo Governo Federal, em 2009, com objetivo de tornar a moradia acessível às famílias organizadas por meio de cooperativas habitacionais, associações e demais entidades privadas sem fins lucrativos. O programa, ligado à Secretaria Nacional de Habitação do Ministério das Cidades, é dirigido a famílias de renda familiar mensal bruta de até R\$ 1.600,00 e estimula o cooperativismo e a participação da população como protagonista na solução dos seus problemas habitacionais. O PMCMV-E funciona por meio da concessão de financiamentos a beneficiários organizados de forma associativa por uma Entidade

Organizadora (EO) ou diretamente a uma Entidade Organizadora, com recursos provenientes do Orçamento Geral da União (OGU) aportados ao Fundo de Desenvolvimento Social (FDS). O programa pode ter contrapartida complementar de Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, por intermédio do aporte de recursos financeiros, bens e/ou serviços economicamente mensuráveis, necessários à composição do investimento a ser realizado. O Programa garante recursos para:

- Compra de material de construção
- Reforma de moradias de povos e comunidades tradicionais. Quem está nessa parceria: o Ministério das Cidades, responsável por estabelecer as condições operacionais do Programa e avaliar os resultados obtidos na aplicação dos recursos e a Caixa Econômica Federal, agente operador e financeiro, é quem libera os recursos. Quem pode participar: podem ser beneficiárias do programa pessoas físicas com renda familiar bruta mensal máxima de R\$ 1.600,00, organizadas de forma associativa por uma Entidade Organizadora habilitada pelo Ministério das Cidades (cooperativas, associações e demais entidades da sociedade civil, sem fins lucrativos). Pré-requisito do beneficiário:

- ser indicado pela Entidade Organizadora;
- apresentar capacidade civil – maioridade ou menor emancipado com 16 anos completos;
- apresentar regularidade do CPF na Receita Federal;
- ser brasileiro nato ou naturalizado;
- se estrangeiro, ter visto permanente no País.

O que é Entidade Organizadora? Pode ser representada por cooperativa, associação, sindicato ou Poder Público (estado, município e Distrito Federal).

3.5 Tarifa Social – Programa Luz para Todos

A Tarifa Social de Energia Elétrica, reformulada pela Lei nº 12.212/10 e regulamentada pelo Decreto nº 7.583/11, estabelece que para ter acesso ao desconto na conta de luz é necessário que a família esteja inscrita no Cadastro Único para Programas Sociais e que possua renda familiar por pessoa de 3 até meio salário mínimo. O desconto varia entre 10 e 65% de acordo com a faixa de consumo. As famílias inscritas no Cadastro Único com renda mensal de até 3 salários mínimos, mas que tenham entre seus membros pessoas em tratamento de saúde que necessitam usar continuamente

aparelhos com elevado consumo de energia, também têm direito ao desconto. Quem pode participar: famílias inscritas no CadÚnico para programas sociais com renda familiar por pessoa até meio salário mínimo. Como participar: o desconto é concedido com base nas informações inseridas no Cadastro Único. Base Legal: Lei nº 12.212/2010, e Decreto nº 7.583/2011.

3.6 Direito à Educação Itinerante

O Ministério da Educação, considerando a Agenda Territorial de Desenvolvimento Integrado de Alfabetização e Educação de Jovens e Adultos, compreendendo a articulação entre as políticas de elevação da escolaridade e os Programas de Educação Profissional e Tecnológica (PRONATEC) e Bolsa Família (PBF), no âmbito das metas do Plano Brasil sem Miséria, busca fomentar políticas públicas que valorizem a etnia cigana. O Conselho Nacional de Educação (CNE), por meio da Câmara de Educação Básica, definiu a Resolução nº 3, de 16 de maio de 2012, sobre diretrizes para o atendimento de educação escolar para populações em situação de itinerância. As crianças, adolescentes e jovens em situação de itinerância deverão ter garantido o direito à matrícula em escola pública, gratuita, com qualidade social e que garanta a liberdade de consciência e de crença. Quem pode participar: crianças, adolescentes e jovens em situação de itinerância. Como participar: os sistemas de ensino, por meio de seus estabelecimentos públicos ou privados de Educação Básica deverão assegurar a matrícula de estudante em situação de itinerância sem a imposição de qualquer forma de embaraço, preconceito e/ou qualquer forma de discriminação, pois se trata de direito fundamental, mediante autodeclaração ou declaração do responsável.

Atenção! A instituição de educação que receber matrícula de estudante em situação de itinerância deverá comunicar o fato à Secretaria de Educação ou a seu órgão regional imediato.

3.7 Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego – Pronatec

O Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC) é uma iniciativa do Ministério da Educação (MEC) que visa a ampliar a oferta de vagas na educação profissional brasileira e melhorar as condições de inserção no mundo do trabalho. O PRONATEC/Brasil Sem Miséria é uma das modalidades do Programa. Ao

prever o atendimento prioritário aos beneficiários de programas federais de transferência de renda, como o Programa Bolsa Família e o Benefício de Proteção Continuada (BPC), o PRONATEC alinha-se ao esforço de superação da extrema pobreza do Plano Brasil Sem Miséria. Essa linha de atuação do programa é voltada ao público do programa Bolsa Família e aos inscritos no Cadastro Único de Programas Sociais (CadÚnico).

O PRONATEC atenderá prioritariamente:

- Pessoas inscritas no Cadastro Único: chamado de PRONATEC/Brasil Sem Miséria. É implementado em parceria do MDS – Ministério do Desenvolvimento Social com as Secretarias Estaduais e Municipais de Assistência Social.

- Estudantes do ensino médio da rede pública: sob responsabilidade do MEC – Ministério da Educação, em parceria com as Secretarias Estaduais de Educação.

- Beneficiários do Seguro-Desemprego: sob responsabilidade do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). Entre as instituições que ofertam cursos do PRONATEC, estão:

- Institutos Federais de Ciência e Tecnologia (IFs);
- Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) e;
- Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC).
- Rede estadual de educação profissional e tecnológica (dos estados que aderiram).

Atenção!

- O Pronatec não oferece benefício financeiro aos participantes;
- O candidato interessado nos cursos Pronatec/BSM que não esteja cadastrado no CadÚnico, mas que tenha o perfil para cadastramento, poderá participar dos cursos do Pronatec/BSM;

- Adolescentes de 16 e 17 anos não poderão se matricular em cursos de qualificação relacionados a atividades econômicas vedadas a menores de 18 anos – Decreto 6.481/2008;

- A prioridade na inscrição do Pronatec/BSM é dada aos cidadãos em situação de extrema pobreza (renda familiar por pessoa de até R\$ 70,00), aos beneficiários do Bolsa Família e do benefício de proteção continuada. Quem pode participar: jovens a partir de 16 anos de idade, e que estejam cadastrados ou em processo de cadastramento no CadÚnico. Como participar: a pessoa interessada deve dirigir-se à Secretaria Municipal de Assistência Social ou nos Centros de Referência de Assistência Social -

CRAS ou Centros de Referência Especializada de Assistência Social (CREAS). São documentos necessários: o Cadastro para Pessoas Físicas (CPF). A Unidade Ofertante não poderá exigir do candidato a comprovação de inscrição no Cadastro Único nem o cartão do Programa Bolsa Família. Essa comprovação é de responsabilidade exclusiva da Prefeitura. Comprovantes de escolaridade e de residência são desejáveis, mas não são obrigatórios, podendo o estudante confirmar a matrícula mesmo não apresentando esses documentos. A Unidade Ofertante não pode exigir que o estudante custeie fotos 3x4 e cópias de documentos. Gestor local: a oferta do PRONATEC em nível municipal depende da adesão da Prefeitura, a ser firmada no Formulário eletrônico de Adesão ao PRONATEC/BSM.

3.8 Direito à Saúde e Programa Saúde da Família – PSF

Todo cidadão brasileiro tem direito ao acesso universal à saúde, o que quer dizer que todos hospitais públicos e conveniados do Sistema Único de Saúde (SUS) não poderão negar atendimento a qualquer pessoa, seja esta de qualquer etnia, classe social, sexo, cor, religião, idade e localidade do país. O Ministério da Saúde preocupa-se em garantir atendimento à saúde de toda população brasileira, refletidas no acesso da população a serviços de qualidade, com equidade e em tempo adequado ao atendimento das necessidades de saúde, aprimorando a política de atenção básica e a atenção especializada, articulado com o SUS, baseado no cuidado integral, observando as práticas de saúde e as medicinas tradicionais, com controle social, garantindo o respeito às especificidades culturais, implementação de ações de saneamento básico e saúde ambiental, de forma sustentável, para a promoção da saúde e redução das desigualdades sociais, com ênfase no Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). A estratégia de Saúde da Família é um projeto dinamizador do SUS, condicionada pela evolução histórica e organização do sistema de saúde no Brasil. A Saúde da Família como estratégia estruturante dos sistemas municipais de saúde tem provocado um importante movimento com o intuito de reordenar o modelo de atenção no SUS. Busca maior racionalidade na utilização dos demais níveis assistenciais e tem produzido resultados positivos nos principais indicadores de saúde das populações assistidas às equipes saúde da família. Quem pode participar: Estados, Municípios e o Distrito Federal (como gestores locais), população em geral (como beneficiários). Como participar: o Departamento de Atenção Básica (DAB), estrutura vinculada à Secretaria de Atenção à

Saúde, no Ministério da Saúde, tem a missão institucional de operacionalizar essa política no âmbito da gestão federal do SUS. A execução dessa política é compartilhada por estados, distrito federal e municípios.

O Cartão SUS é um documento projetado para facilitar o acesso à rede de atendimento do Sistema Único de Saúde (SUS) e conter dados sobre quando e onde o paciente foi atendido, quais serviços foram prestados e por qual profissional e quais procedimentos foram realizados. O documento fornecido gratuitamente facilita o acesso à rede de atendimento do Sistema Único de Saúde. Cartão para Cidadão em Situação Especial: cigano, estrangeiro, índio, apenado e população de fronteira. Base Legal: Portaria 940, de 04 de setembro de 2012.

3.9 Programa Saúde Bucal – PSB/Brasil Sorridente

O Brasil Sorridente é uma política do Governo Federal com o objetivo de ampliar o atendimento e melhorar as condições de saúde bucal da população brasileira. As principais linhas de ação do Brasil Sorridente são a reorganização da Atenção Básica em saúde bucal (principalmente por meio da estratégia Saúde da Família), a ampliação e qualificação da Atenção Especializada (através, principalmente, da implantação de Centros de Especialidades Odontológicas e Laboratórios Regionais de Próteses Dentárias) e a viabilização da adição de flúor nas estações de tratamento de águas de abastecimento público. Quem pode participar: Municípios (como gestores) e toda a população brasileira (como beneficiários). Como participar: o gestor municipal interessado em implantar a equipe de saúde bucal deverá apresentar proposta ao Conselho Municipal de Saúde e, se aprovada, encaminhar à Comissão Intergestores Bipartite (CIB) do respectivo Estado. O município deverá possuir equipe de Saúde da Família implantada, bem como materiais e equipamentos adequados ao elenco de ações programadas, de forma a garantir a resolutividade da Atenção Primária à Saúde.

3.10 Rede de Assistência – SUAS

Os Benefícios Assistenciais integram a política de assistência social e se configuram como direito do cidadão e dever do Poder Público. São prestados de forma articulada às seguranças afiançadas pela Política de Assistência Social, por meio da inclusão dos beneficiários e de suas famílias nos serviços socioassistenciais e de outras

políticas setoriais, ampliando a proteção social e promovendo a superação das situações de vulnerabilidade e risco social. Os Benefícios Assistenciais se dividem em duas modalidades direcionadas a públicos específicos: o Benefício de Prestação Continuada da Assistência Social (BPC) e os Benefícios Eventuais. O BPC garante a transferência mensal de 1 (um) salário mínimo vigente ao idoso, com idade de 65 anos ou mais, e à pessoa com deficiência, de qualquer idade, com impedimentos de longo prazo, de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas. Em ambos os casos, devem comprovar não possuir meios de prover a própria manutenção, nem tê-la provida por sua família. Os Benefícios Eventuais caracterizam-se por seu caráter suplementar e provisório, prestados aos cidadãos e às famílias em virtude de nascimento, morte, situações de vulnerabilidade temporária e de calamidade pública. Quem pode participar: o acesso aos Benefícios Assistenciais é um direito do cidadão. Deve ser concedido primando-se pelo respeito à dignidade dos indivíduos que deles necessitem. De quem é a responsabilidade: todo o recurso financeiro do BPC provém do orçamento da Seguridade Social, sendo administrado pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) e repassado ao Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), por meio do Fundo Nacional de Assistência Social - FNAS. A prestação, o financiamento e a execução dos benefícios eventuais são de competência dos municípios e do Distrito Federal, com responsabilidade de co-financiamento pelos estados. Onde buscar os serviços: o Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) é a porta de entrada para os serviços assistenciais, basta o usuário procurar o CRAS mais próximo e o financiamento dos benefícios eventuais é de competência dos municípios e do Distrito Federal, com responsabilidade de co-financiamento pelos estados.

3.11 Prêmio Culturas Ciganas

A busca pela implantação de políticas públicas de cultura para o segmento cigano motivou a Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural (SID/MinC) a criar, em 2007, a primeira edição deste concurso. O Ministério da Cultura, o Ministério da Saúde, a Secretaria de Promoção de Políticas para a Igualdade Racial, a Secretaria dos Direitos Humanos e a Pastoral dos Nômades do Brasil lançaram em 2010 a 2ª edição do Prêmio Culturas Ciganas, fruto do trabalho conjunto do Governo Federal e

dos protagonistas das expressões tradicionais destes povos, tão importantes para a formação cultural do Brasil. Essa ação, assim como as outras desenvolvidas pela SID/MinC, está em sintonia com a Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais, da UNESCO, promulgada no Brasil pelo Decreto-Lei nº 6.177, de 1º de agosto de 2007. Ela integra o Programa Identidade e Diversidade Cultural – Brasil Plural e resulta das propostas do Grupo de Trabalho para as Culturas Ciganas, criado em janeiro de 2006 pelo Ministério da Cultura, assim como das diretrizes propostas pelo Grupo de Trabalho Interministerial Cigano coordenado pela SEPPIR. O que é o Prêmio?

É um concurso público que premia iniciativas culturais de indivíduos ou grupos ciganos de todo o Brasil, como reconhecimento por sua contribuição ao fortalecimento das expressões culturais tradicionais de seus povos. Iniciativas culturais são entendidas, aqui, como trabalhos individuais ou coletivos que fortaleçam as expressões culturais ciganas, contribuindo para a continuidade e a manutenção das identidades dos diferentes clãs e povos ciganos presentes no Brasil, nas seguintes áreas de abrangência:

1. Rituais e festas tradicionais;
2. Expressões artísticas;
3. Mitos, histórias e outras narrativas orais;
4. Religiosidade;
5. Processos tradicionais de transmissão de conhecimentos;
6. Medicina tradicional;
7. Alimentação e culinária tradicional;
8. Artesanato;
9. Pinturas, desenhos, grafismos e outras formas de expressão plástica;
10. Escritos, estudos, pesquisas e outras produções intelectuais aplicadas a iniciativas culturais;
11. Produção audiovisual; e
12. Outras formas de expressão.

Quem pode concorrer ao Prêmio?

Pessoas Físicas: indivíduos pertencentes a qualquer clã ou etnia cigana, dedicados às expressões culturais ciganas, com reconhecimento das comunidades onde vivem e atuam. Instituições: coletivos organizados como pessoa jurídica de direito privado, nacionais, sem fins econômicos, inscritas há 03 (três) anos ou mais no Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ), contados a partir da data de publicação do edital.

Por exemplo, associações, organizações não governamentais, fundações e outras entidades do gênero, formadas predominantemente por ciganos, envolvidas em ações de fomento e difusão das expressões culturais ciganas. Grupos Informais: coletivos de qualquer natureza, sem registro como pessoa jurídica, representados por uma liderança escolhida dentre os membros do grupo e apresentada pela Carta de Apoio, formados predominantemente por ciganos, organizados segundo suas tradições e envolvidos em ações de fomento e difusão das expressões culturais ciganas.

3.12 Pontos de Cultura

O programa promove o estímulo às iniciativas culturais da sociedade civil já existentes, por meio da consecução de convênios celebrados após a realização de chamada pública. A prioridade do programa são os convênios com governos estaduais e municipais, além do Distrito Federal, para fomento e conformação de redes de pontos de cultura em seus territórios. Atualmente, as redes estaduais abrangem 25 estados e o Distrito Federal. Já as redes municipais estão implementadas, ou em estágio de implementação, em 56 municípios. Objetivo: os projetos a serem selecionados deverão partir de iniciativas culturais e funcionar como instrumento de pulsão e articulação de ações já existentes nas comunidades, contribuindo para a inclusão social e a construção da cidadania, seja por meio da geração de emprego e renda ou do fortalecimento das identidades culturais. Como se tornar um ponto de cultura: para se tornar um Ponto de Cultura, os responsáveis pela entidade devem participar do edital de divulgação da Rede de Pontos de Cultura do seu estado ou município, enviando projeto para análise da comissão de avaliação, composta por autoridades governamentais e personalidades culturais. Como criar uma rede de pontos de cultura: os governos estaduais e os governos municipais interessados devem, por meio de documento oficial, solicitar a criação da rede de Pontos de Cultura ao Ministério da Cultura, indicando o número de Pontos a serem selecionados (uma rede é constituída por, no mínimo, quatro Pontos). É necessário ainda dispor de contrapartida financeira mínima de um terço do valor total do convênio a ser firmado. Quem pode participar: pessoa jurídica de direito privado sem fins lucrativos, que sejam de natureza cultural como associações, sindicatos, cooperativas, fundações privadas, escolas caracterizadas como comunitárias e suas associações de pais e mestres, ou organizações tituladas como organizações da sociedade civil de interesse público (Oscips) e Organizações Sociais (OS), sediadas e

com atuação comprovada na área cultural de, no mínimo, três anos em seu respectivo estado e/ou município. Como participar: o cadastramento será realizado em órgão ou entidade concedente ou nas unidades cadastradoras do Sistema de Cadastro Unificado de Fornecedores (Sicaf).

EIXO 4: ACESSO À TERRA

4.1 Regularização Fundiária – SPU

A Secretaria do Patrimônio da União (SPU) tem como objetivo conhecer, zelar e garantir que cada imóvel da União cumpra sua função socioambiental em harmonia com a função arrecadadora, em apoio aos programas estratégicos para a Nação. Constatado o exercício de posse para fins de moradia em bens entregues a órgãos ou entidades da administração pública federal e havendo interesse público na utilização destes bens para fins de implantação de programa ou ações de regularização fundiária ou para titulação em áreas ocupadas por comunidades tradicionais, a Secretaria do Patrimônio da União fica autorizada a reaver o imóvel por meio de ato de cancelamento da entrega, destinando o imóvel para a finalidade que motivou a medida, ressalvados os bens imóveis da União que estejam sob a administração do Ministério da Defesa e dos Comandos da Marinha, do Exército e da Aeronáutica. Essa ação bem se exemplifica no caso da ocupação de um terreno proveniente da extinta Rede Ferroviária Federal S/A (RFFSA), pela comunidade cigana Guiemos Calons, que teve fundamentada sua defesa no artigo 1º, I, da Portaria nº 232/2005 (regimento interno da SPU), na Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010 e na Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, estabelecida pelo Decreto 6.040, de 07 de fevereiro de 2007. É importante notar que garantir as condições para a realização de acampamentos ciganos em todo o território nacional é uma das ações do Programa Nacional de Direitos Humanos 3 (PNDH-3). Esse Programa entrou em vigor por meio do Decreto nº 7.037, de 21 de Dezembro de 2009, atualizado pelo Decreto nº 7.177, de 12 de maio de 2010. A ação referente a acampamentos ciganos compõe o Eixo Orientador III – Universalizar Direitos em um Contexto de Desigualdades, Objetivo Estratégico III – Garantia do acesso à terra e à moradia para a população de baixa renda e grupos sociais vulnerabilizados. Base Legal: Lei 9636, de 15 de maio de 1998; Lei 11.481/2007; Lei 11.952/2009.

SECRETARIA DE POLÍTICAS DE PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL

SECRETARIA DE POLÍTICAS PARA COMUNIDADES TRADICIONAIS

Esplanada dos Ministérios, Bloco A, 9 andar.

CEP: 70.054-906 – Brasília / DF

Telefone: (61) 2025-7093 / 7100 / 7092. Fax: (61) 2025-7054

www.seppir.gov.br

